

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS



Ciências
ULisboa

Observação e Descrição de Elementos Naturais ao Longo das Viagens dos Descobrimentos

“ Documento Definitivo ”

Doutoramento em História e Filosofia das Ciências

Cristina Isabel de Caré Picanço

Tese orientada por:

Henrique José Sampaio Soares de Sousa Leitão

Documento especialmente elaborado para a obtenção do grau de doutor

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE CIÊNCIAS



**Ciências
ULisboa**

Observação e Descrição de Elementos Naturais ao Longo das Viagens dos Descobrimentos

Doutoramento em História e Filosofia das Ciências

Cristina Isabel de Caré Picanço

Tese orientada por:

Henrique José Sampaio Soares de Sousa Leitão

Júri:

Presidente:

- Professora Doutora Maria Fernanda Adão dos Santos Fernandes de Oliveira, Professora Auxiliar e Subdiretora da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Vogais:

- Doutor Antonio Sánchez Martínez, Profesor Ayudante Doctor, Facultad de Filosofía Y Letras da Universidad Autónoma de Madrid (Espanha);
- Doutora Cristina Maria Ribeiro da Silva Brito, Professora Auxiliar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;
- Doutora Ana Cristina Ribeiro Marques Roque, Investigadora Auxiliar, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- Doutor Henrique José Sampaio Soares de Sousa Leitão, Investigador Principal, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (Orientador);
- Doutora Ana Margarida Neto Aurélio Duarte Rodrigues, Professora Auxiliar, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
- Doutor Francisco Maria de Sousa de Macedo Malta Romeiras, Investigador Doutorado (equiparado a Investigador Júnior), Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Documento especialmente elaborado para a obtenção do grau de doutor

Fundação para a Ciência e Tecnologia SFRH/BD/72559/2010

2019

Pai, à tua memória.

*“Valeu a pena?
Tudo vale a pena
se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
tem de passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
mas nele é que espelhou o céu.”*

Fernando Pessoa, Mar Português in *Mensagem*.

Tábua de Matérias

| | |
|--|-----|
| Agradecimentos | 1 |
| Resumo | 3 |
| Abstract | 5 |
| 1- Introdução | 7 |
| 2- O mar e as navegações portuguesas | 11 |
| 3- O conhecimento da natureza | 33 |
| 3.1- Cultura popular | 36 |
| 3.2- Clássicos de referência | 46 |
| 3.2.1- Aristóteles e a <i>Historia animalium</i> | 46 |
| 3.2.2- Plínio e a <i>Naturalis historia</i> | 49 |
| 3.2.3- <i>Physiologus</i> , Isidoro de Sevilha e os Bestiários | 51 |
| 3.2.4- <i>Hortus sanitatis</i> | 56 |
| 3.2.5- Duarte Pacheco Pereira e o <i>Esmeraldo de Situ Orbis</i> | 59 |
| 3.2.6- Belon, Rondelet e a ictiologia moderna | 62 |
| 3.2.7- Gessner e a <i>Historiae animalium</i> | 65 |
| 4- A observação e o medo de animais marinhos | 69 |
| 5- Observação e descrição de elementos naturais nos diários de viagens | 77 |
| 5.1- Animais em textos literários | 81 |
| 5.2- Animais como imagem: representação em mapas | 83 |
| 5.3- Elementos naturais como sinais | 97 |
| 5.3.1- As aves | 98 |
| 5.3.2- Peixes e tartarugas | 120 |
| 5.3.3- Mamíferos marinhos | 123 |
| 5.3.4- Sargaço, imundices de terra e outros sinais | 140 |

| | |
|--|-----|
| 5.3.5- Caranguejos, borboletas, cobras e a chegada à Índia | 152 |
| 5.4- Animais como alimento | 162 |
| 5.5- Elementos naturais como estrutura biológica | 171 |
| 5.6- Animais monstruosos | 180 |
| 6- Relatos posteriores: viagens atribuladas | 183 |
| 6.1- Descrições nos <i>Comentarios</i> de Silva Y Figueroa | 183 |
| 6.2- Descrições em contexto de naufrágio | 211 |
| 7- Natureza e localidade | 231 |
| 8- Considerações finais | 253 |
| 9- Bibliografia | 259 |
| 9.1- Fontes | 259 |
| 9.2- Estudos | 264 |
| Anexo | 275 |

Índice de Figuras

| | |
|---|-----|
| 1- Mapa representativo da carreira da Índia | 17 |
| 2- Gravura que antecede o capítulo dos peixes de <i>Hortus sanitatis</i> | 58 |
| 3- Representações de animais presentes na obra <i>De aquatilibus</i> de Belon | 63 |
| 4- Representações de animais presentes na obra <i>Libri de Piscibus Marinis</i> de Rondelet | 64 |
| 5- Representações de animais presentes na obra <i>Historiae animalium</i> de Gessner | 67 |
| 6- Gravura representativa de um zífio na <i>Historiae animalium</i> | 68 |
| 7- Perfil de costa presente num diário de bordo de 1608 | 83 |
| 8- Carta marina de Olaus Magnus | 87 |
| 9- Mapa-mundo incluído na obra de Sebastian Münster, com destaque para alguns animais marinhos | 89 |
| 10- Folha com representação de animais marinhos e terrestres de Münster | 90 |
| 11- Mapa da costa africana da autoria de Gastaldi | 92 |
| 12- Mapa mundo da autoria de Giovanni Camocio | 93 |
| 13- Representação de uma sereia em <i>Hortus sanitatis</i> | 94 |
| 14- Mapa-mundo da autoria de Abraham Ortelius | 95 |
| 15- Imagem de marca de Aldo Manuzio | 207 |

Agradecimentos

Este trabalho é o culminar de uma longa e atribulada viagem, com muitas arribadas e navegação por águas mais agitadas. O naufrágio, por vezes eminente, foi evitado com a colaboração de uma série de pessoas que tiveram um papel fundamental neste percurso. Muitas mais houve que, embora não mencionadas aqui, não estão esquecidas. A todas elas, o meu sincero agradecimento.

Ao Professor Henrique Leitão, pelo interesse e entusiasmo mostrado desde o início e a cada conversa. Foi o capitão-mor desta viagem, mostrando a importância de todas as pequenas conquistas e descobertas, de todos os sinais quem nem sempre soube interpretar ao primeiro contacto.

Ao CIUHCT enquanto instituição e membros integrantes, pelo acolhimento e momentos partilhados, pela inspiração.

À Cristina Brito por me ter indicado esta viagem. Pelo exemplo, pela persistência, pela amizade, pelas palavras, pelas partilhas, pela capacidade de concretização.

À Escola de Mar e Associação para as Ciências do Mar enquanto instituições e pessoas. Por todos os bons momentos, pelo crescimento. Narezinha não se apague! A sua luz e boa disposição foram fundamentais em tantos momentos. Tantas histórias e boas recordações...a atualizar! Inês, a visão assertiva das situações. Pela amizade, sempre. Pelos conselhos e pela determinação. Vera, Nina, pelas conversas, ajudas, partilhas.

Aos “Amigos da Patuscada”, pelo convívio, pelas gargalhadas, pelos brindes, pelos momentos não combinados que aliviaram tensões. Pelos “só porque sim”. À mana do coração pela sintonia e por todos os momentos.

Ao “Gang da Hora de Almoço”, o original SB e os que se “ajuntaram” por onde fomos espalhar charme, por todos os bons momentos, pelas conversas, pelo carregar de baterias.

Ao meu trio. Rita, companheira assídua de treino, de café, de boa disposição, pelos objetivos partilhados. Pelas palavras e pelos silêncios. “Boss Master chef” Luis pelas palavras amigas, pelos cafés, pelas gargalhadas, pela cumplicidade. Pela visão, desafios, inspiração e motivação constantes. Pelos sins e pelos nãoos, pela boa energia e por toda a transformação, pelos “Inspira, expira e não pira”.

À Família, presentes e estrelas, por torcerem sempre para que tudo corresse bem, pelo apoio, pelos sinais.

À Ti Bé pelos telefonemas, pela compreensão, pelos desabafos, pelos pequenos-almoços, pelos 300 km de amizade, sempre.

À eterna Professora Elisabete por tudo! Por ser também a amiga, o exemplo de força nas adversidades, a mãe do coração, o sorriso em todas as ocasiões.

Ao meu restante quarteto fantástico, Filipe, Ricardo, Catarina, amores e amora da vida! Por estarem lá, pelas emoções, pelas privações, pelos sorrisos, por tudo e por nada. Pelo vai, estamos cá!

A todos os que, mesmo sem o nome referido aqui, tiveram um papel fundamental numa ou noutra etapa desta viagem. E são tantos mais!

Obrigada, de coração.

Resumo

Esta tese procura trazer um contributo ao conhecimento da ciência europeia dos séculos XV-XVII. Estuda-se nesta dissertação as descrições de elementos naturais observados durante as viagens portuguesas de longa distância realizadas nesses séculos, essencialmente na chamada Carreira da Índia. Por elementos naturais entendem-se mamíferos marinhos ou peixes, aves ou borboletas, ou mesmo detritos vegetais arrastados por correntes marítimas e que eram frequentemente mencionados nos vários documentos analisados.

Este trabalho teve por objetivo adicionar novos dados aos estudos sobre a história científica no período da expansão marítima europeia, mais especificamente o tentar compreender as circunstâncias e a natureza do ato de observar durante estas viagens. Este processo era muito complexo e compreendê-lo exige analisar as condições em que as observações eram feitas, por quem e com que propósitos. Para tal, foram utilizados como fontes diários da autoria dos pilotos destas viagens, numa leitura feita com uma abordagem diferente e no contexto próprio da história da ciência.

O nosso estudo mostrou como estas observações estavam determinadas pelas condições de localidade em que eram levadas a cabo. As descrições e referências aos diferentes elementos naturais surgem subordinadas às exigências mais urgentes da navegação: a necessidade de saber a posição no mar – por isso procuravam aves, mamíferos marinhos ou imundices de terra que funcionavam como sinais característicos de determinados locais. Era também importante saber o tempo com que se poderia contar – procuravam aves pousadas ou borboletas que vinham trazidas pelos ventos e trovoadas de terra. E ainda, porque a alimentação era uma necessidade básica diária e comum a todos os que iam embarcados – referiam peixes e os locais onde eles existiam em abundância.

Verificou-se uma acentuada disparidade entre os relatos daqueles que efetivamente navegavam, quando comparados com os relatos dos que ficavam em terra ou escreviam *a posteriori*, mostrando a importância da experiência existencial.

Palavras-Chave: Animais como sinais, Animais marinhos, Descobrimentos portugueses, Diários de viagens, História natural, Mapas, Observação da natureza.

Abstract

The goal of this thesis is to contribute to the knowledge of European science in the 15th-17th centuries. In this dissertation, we study the descriptions of natural elements observed during the Portuguese long-distance voyages carried out in these centuries, essentially in the so-called Carreira da Índia. By natural elements we refer to the marine mammals or fish, birds or butterflies, or even vegetable debris carried by sea currents, which were often mentioned in the various documents that we analyzed.

The aim of this work was to add new data to studies on scientific history at the time of European maritime expansion, more specifically to try to understand the circumstances and the nature of the act of observing during these voyages. This process was very complex and understanding it required the analysis of the conditions under which observations were made, by whom and for what purposes. Thus, we used the diaries of the pilots of these trips as sources, approached in a different way and in the context of the history of science.

Our study showed how these observations were determined by the local conditions in which they were carried out. The descriptions and references to the different natural elements were subordinated to the most urgent requirements of navigation: the need to know the position at sea – that is why they looked for birds, marine mammals or land scum (*imundices da terra*) that worked as characteristic signs of certain places; it was also important to know about the weather – so, they looked for birds or butterflies that were brought by the winds and thunderstorms on land; and of course food was a basic daily necessity common to all who went on board – hence the reference to fish and to the places where they existed in abundance.

There was a marked disparity between the accounts of those who actually navigated compared to the reports of those who stayed in a cabinet or who wrote an *a posteriori* account of events, showing the importance of the existential experience.

Key words: Animals as signs, Marine animals, Portuguese discoveries, logbooks, Natural history, Maps, Observation of nature.

1 – Introdução

Desde os tempos mais remotos que Portugal tem uma estreita ligação com o mar. Seja devido à pesca, ao empreendimento baleeiro ou às grandes navegações. Mas olhando para trás nesta história de tradição marítima, são as chamadas viagens dos Descobrimentos que se destacam, sendo também um dos temas mais estudado na historiografia portuguesa.

O trabalho desenvolvido neste projeto teve como principal objetivo estudar a evolução da descrição e do conhecimento dos elementos naturais marinhos observados e descritos nos relatos das expedições portuguesas nos séculos XV e XVII. Por elementos naturais marinhos entendem-se todos os animais, algas ou restos vegetais arrastados por ventos e correntes e que eram referidos nos documentos analisados. Pretendeu-se analisar o modo como o conhecimento científico desta realidade natural foi sendo construído ao longo destes séculos, tentando perceber como eram descritos os elementos naturais avistados e quais os argumentos mais importantes utilizados nesta descrição. Quais os elementos naturais que os pilotos referiam nos seus diários? Os animais descritos tinham valor comercial? Que utilização era dada a estes elementos observados? A descrição era simples ou detalhada? A que aspetos era dedicada mais atenção? A monstruosidade, a existir, era devida a quê?

Para este estudo foram utilizados documentos que contêm descrições acerca das grandes viagens efetuadas na época dos Descobrimentos, maioritariamente referentes às viagens realizadas para o Oriente – a chamada Carreira da Índia. Estes materiais são abundantes e bem conhecidos, mas o objetivo do nosso trabalho foi analisá-los a partir de um ponto de vista distinto, um ponto de vista de interesse para a história da ciência.

A presente tese está organizada da seguinte forma: depois desta introdução, no capítulo 2 é feita uma contextualização do tema e da problemática que levou à investigação. É analisada a ligação portuguesa ao mar, assim como o modo de observar e descrever a natureza.

O capítulo 3 é dedicado ao conhecimento da natureza entre os séculos XV e XVII e às fontes de informação disponíveis à época. Fontes consideradas de cultura popular ou fontes de autores clássicos, obras consideradas de referência, estas últimas mais acessíveis a estratos sociais mais cultos. Com este capítulo procurámos explicar o que seria, presumivelmente, o mundo mental da época, eventualmente de alguns marinheiros também, que iria condicionar a observação e posterior descrição dos elementos naturais observados durante as viagens.

Como é evidente, o processo de observação da natureza estava condicionado, como acontece atualmente, por juízos pré-concebidos e por expectativas acerca do que se poderia encontrar. Além disso, estas pressuposições e expectativas podiam até adquirir uma outra dimensão quando estas observações eram feitas num meio desconhecido e por vezes inóspito, que acentuava fatores psicológicos, como por exemplo, o medo, tema que é aqui abordado no capítulo 4.

Os capítulos 5 e 6 dizem respeito à análise dos documentos e ao modo como neles era feita a descrição de elementos naturais. No capítulo 5 é dada especial atenção aos diários de bordo, não deixando de referir o que estava escrito em alguns textos literários ou representado em mapas. Alguns relatos realizados posteriormente às viagens foram também analisados no capítulo 6, com o objetivo de tentar apurar se existiam diferenças entre o discurso dos embarcados e dos que não embarcavam. Aquando da existência de diferenças, seriam as mesmas devidas às condições das viagens ou aos próprios sujeitos que faziam essa mesma descrição? Através dos relatos efetuados em contexto de naufrágio, essencialmente os que pertencem à História Trágico-Marítima, procuramos também analisar se os elementos naturais referidos eram idênticos aos que eram descritos nos diários de viagens que tinham chegado a bom porto.

Os capítulos 7 e 8 são dedicados à discussão e posteriores conclusões. Tentamos mostrar, do ponto de vista da história da ciência, o valor destes documentos e a importância do enriquecimento do discurso histórico com relatos que têm sido pouco usados. Na verdade, esta documentação, embora alvo de pouca atenção desta perspetiva, revela uma riqueza e um conjunto de informações que nos parecem imprescindíveis de estudar para quem pretenda analisar, em detalhe, o modo como a natureza – neste caso em ambiente marinho – era observada e descrita por quem realmente viajava.

Foram analisados essencialmente três tipos de documentos, que permitiram revelar um pouco sobre o modo como era vista a natureza. A natureza observada por diferentes olhos e condicionada pelas circunstâncias da viagem. Foram analisados os diários de bordo, relatos e relações de viagem escritos por pilotos, homens geralmente com pouca instrução, mas com mais ou menos experiência de navegação. Outro tipo de documento analisado foram Os *Comentários* de Silva Y Figueroa, homem culto e

com interesse pela natureza, embaixador ao serviço da coroa espanhola, numa viagem com um experiente piloto português. Por fim foram também estudados relatos de naufrágios feitos posteriormente às viagens, geralmente da autoria de boticários ou padres. De um modo geral, todas as fontes analisadas continham informação transmitida com um objetivo muito preciso e definido. Têm também a particularidade de essa informação ter sido recolhida por observadores que não são geralmente considerados nas análises historiográficas. Na maior parte dos relatos da autoria de pilotos, a descrição do que se via durante a viagem é simples e direta. Aves, peixes, alguns mamíferos marinhos, algas e muitas imundices de terra como folhas, ramos ou troncos de árvores são observados diariamente e referidos sem espanto nos diários que escreviam. Muitas vezes não há características adicionais que permitam identificar com precisão o elemento observado, não porque o sujeito que fazia as descrições não tivesse capacidade para tal, mas porque simplesmente não era isso que se pretendia. Nas páginas destes diários não há lugar para monstros, gigantes ou animais maravilhosos. Os animais referidos são factuais, resultam de observações reais feitas por quem realmente navegava e não criados num gabinete.

A observação da natureza, por quem aparentemente não tinha essa função é importante para perceber como era feita a aquisição de conhecimento sobre o mundo natural e como é que este circulava posteriormente. Os pilotos queriam descobrir elementos que os ajudassem na difícil tarefa de navegar num elemento instável e com instrumentos que nem sempre eram os mais precisos. Daí referirem os elementos que eram característicos de determinados locais ou que os ajudavam a identificar a proximidade de terra. Estes homens, quase que negligenciados nas análises historiográficas até então, passam a ter um papel muito importante na descrição e confirmação dos elementos naturais observados nestas viagens. São atores silenciosos, numa história onde não procuravam audiência nem protagonismo – que não o de serem considerados bons pilotos – apenas fazer as viagens com os mínimos percalços. Indicadores das paragens onde estavam ou pensavam estar, como previsão do tempo ou como fonte de alimento, a função destes elementos era a de serem úteis à navegação e à sua tripulação. As anotações serviam depois para melhorar as viagens que se seguiam, num complemento aos instrumentos náuticos utilizados e às cartas de navegação que iam a bordo, de modo a facilitar a navegação não só a pilotos menos experientes, como na preparação de viagens com mais rigor.

Nos restantes documentos analisados, são também várias as referências a um sem número de elementos naturais. Independentemente de se tratar de uma ave pousada ou em voo, de um tronco a flutuar ou de um mamífero marinho, todos são referidos com mais ou menos pormenor, sendo também a sua utilidade a razão principal da sua referência nestes textos. Diários referentes a viagens de sucesso ou crónicas de naufrágios, em comum têm a descrição de vários elementos naturais ao longo da narrativa. Sendo por imposição do reino para darem conta dos sinais que

encontrassem, por vontade própria do autor ou como forma de informar instituições religiosas de tudo o que se passava durante as viagens. Neste caso particular, o que pudesse servir de alimento em terras desconhecidas era também descrito ao pormenor.

O que é novidade nesta abordagem é que estas observações eram feitas, não por naturalistas ou homens nomeados para essa função específica, mas inicialmente por pilotos e marinheiros que liam os céus e os mares para se orientarem. Neste processo, recolhiam informação sobre vários elementos naturais existentes em diversas zonas mais ou menos conhecidas. Surpreendente também é que a informação recolhida por estes homens ia contra muitos dos mitos existentes, chegando a questionar as autoridades clássicas. Apesar desta contradição, a informação destes homens continuava a ser digna de crédito, acompanhando todas as mudanças que o mundo estava a presenciar. A experiência, mais que a posição social, passava a ser um critério de validação da informação acerca do que estava distante. A antiga tradição de obtenção de informação através de clássicos começava a ser substituída, num reajuste dos tradicionais modos de conferir credibilidade ao saber sobre o mundo natural. Os monstros, esses, estão praticamente ausentes nos relatos diários que os pilotos faziam da sua jornada. Onde estavam as sereias que enfeitiçavam os pilotos com o seu cântico? E os terríveis monstros do tamanho de ilhas que partiam embarcações a meio? Circulavam um pouco por todo o mundo, mas não nos relatos destes homens! Parece quase um contracenso face às histórias e lendas de criaturas fabulosas que se encontravam no mar e que se perpetuaram na historiografia ao longo do tempo. Colocados lado a lado, os relatos feitos pelos pilotos parecem ser referentes à navegação em mares completamente distintos dos que eram navegados pelos autores de histórias incríveis e lendas com animais monstruosos – muitos dos quais nunca saídos de uma secretária de um gabinete.

Este trabalho pretende ser uma abordagem nova ao estudo das descrições destes animais, tema novo no contexto científico português. Espera-se que estes primeiros passos possam tornar possível uma melhor compreensão dos animais marinhos que surgiam nos relatos de viagens portuguesas e que eram realmente observados. O facto de não ser frequente a referência a monstros neste tipo de fontes, não contradiz estudos onde estas criaturas parecem existir. Mostra sim, que é necessária uma reflexão acerca do papel dado ao monstruoso nestas viagens. Consoante as fontes estudadas, o público-alvo destas mesmas fontes e os objetivos de quem as redigia, assim poderiam existir relatos envolvendo ou não seres fabulosos. Se no mesmo barco estivessem naturalistas, marinheiros ou padres, certamente que um mesmo episódio e uma mesma observação seriam narrados de forma diferente por cada um dos observadores. Uns relatos teriam componentes mais ou menos fantasiosos, dependendo do objetivo de quem as faria e do público a que a descrição se destinasse.

2 – O Mar e as Navegações Portuguesas

As viagens marítimas portuguesas do século XV possibilitaram a descoberta de novos mundos, trazendo consigo a problemática questão do novo e do diferente para a cultura europeia. Com as descrições definidas pelos que tinham observado as novidades pela primeira vez com os próprios olhos, qual seria a melhor maneira de partilhar este novo conhecimento, estas novas experiências com os outros? Isto envolvia necessariamente o definir de novas estratégias, de novos modelos ou implicava a reformulação de alguns dos deixados pelo legado da antiguidade clássica.¹

A investigação no campo da história da expansão europeia não é nova e engloba uma série de questões e problemáticas. Durante o processo expansionista desencadeou-se uma reviravolta no modo como o mundo era entendido até então, mostrando o quão significativo foram as consequências deixadas pelos europeus nas terras por onde viajaram.²

Nos séculos XVI e XVII, a natureza e as suas representações naturalísticas eram recolhidas, estudadas, vendidas e consumidas um pouco por toda a Europa. A descrição da natureza tornou-se uma moda desejada, difícil de obter e procurada por príncipes e eruditos para os seus gabinetes de curiosidades.³ A descoberta de novos mundos possibilitou não só o contacto com novas realidades naturais, como também a abertura de novas rotas comerciais e novas vantagens mercantis. Surgiram assim vários interesses na compilação, tradução e publicação de novos trabalhos, que aproximaram os homens do conhecimento e das letras. Cartógrafos, geógrafos, teólogos, historiadores, filósofos, mas também médicos e botânicos passaram a

¹ Lopes. M.S. (2016). *Writing New Worlds. The cultural Dynamics of Curiosity in Early Modern Europe*, p.xx.

² Lopes. M.S. (2016), p.249.

³ Smith & Findlen (2002). *Commerce and the representation of nature in art and science*, p.9.

dedicar-se à publicação de textos relacionados com as viagens marítimas, que tinham uma grande aceitação por parte de um público variado.⁴

A experiência ganha na exploração e no contacto com outras culturas destornou cada vez mais as fontes clássicas como autoridade do conhecimento. Os produtos naturais do Novo Mundo estavam ausentes nas fontes clássicas⁵, que deixaram assim de ser a verdade absoluta sobre o mundo natural, como até então. A experiência ultramarina portuguesa acabou por desafiar o conceito clássico do mundo, tornando visível o quanto estas autoridades tinham “falhado” na correta descrição do mesmo.⁶ No entanto, muitas histórias fabulosas continuavam a chegar a vários pontos da Europa, dando conta dos seres que eram supostamente encontrados nas novas terras descobertas. A terra dos prodígios e das fábulas que a Índia representava nos tempos medievais, não desapareceu da mente dos círculos europeus imediatamente após a chegada da nova informação recolhida no século XVI. A crença na existência de raças monstruosas é encontrada numa série de culturas desde os tempos antigos, sobrevivendo estes estereótipos até aos tempos modernos.⁷ Ao contrário do que se poderia pensar, as viagens portuguesas deram novas asas a concepções imaginárias de uma terra exuberante na Ásia distante.⁸

Várias construções “naturalísticas” tinham o seu lugar nos gabinetes de curiosidades que fascinavam os colecionadores do início da era moderna. Dragões voadores, peixes-águias e outros híbridos da imaginação, emergiram das páginas dos bestiários medievais e dos tesouros maravilhosos das igrejas para encher museus renascentistas.⁹ As provas da existência destas construções era palpável, visível e inteiramente natural, como o famoso corno do fictício unicórnio que várias lendas alimentou, que não era mais que o dente de um verdadeiro narval¹⁰, o que fazia com que um maior número de pessoas acreditasse na sua real existência. A curiosidade e a busca por lucro eram insaciáveis, crescendo a passos largos a publicação de folhetos e obras que davam conta da existência de seres fantásticos, em terras distantes ou no mar.

E o que diziam aqueles que, sem formação erudita, foram chamados a navegar para terras distantes? Que palavra tinham os pilotos e os marinheiros que integravam as tripulações das inúmeras viagens feitas principalmente entre o Reino e a Índia nos

⁴ Lopes. M.S. (2016), p.11.

⁵ Barrera, A. (2002). *Local herbs, global medicines. Commerce, knowledge, and commodities in Spanish America*, p.164.

⁶ Lopes. M.S. (2016), p.115.

⁷ Burke, P. (2004). *Frontiers of the monstrous. Perceiving national characters in Early Modern Europe*, p.27.

⁸ Lopes. M.S. (2016), p.171.

⁹ Findlen, P. (2002). *Inventing nature. Commerce, art, and science in the Early Modern cabinet of curiosities*, p.307.

¹⁰ Findlen, P. (2002), p.308.

relatos das suas viagens? Corroboravam a informação que preenchia as páginas de obras de história natural, de literatura de viagens e de folhetos que eram lidos e representados de modo a abranger uma grande audiência?

O trabalho desenvolvido neste projeto teve como principal objetivo estudar a evolução da descrição e do conhecimento dos elementos naturais marinhos observados nos relatos das expedições portuguesas feitos maioritariamente por pilotos, no período compreendido entre os séculos XV e XVII. Pretendeu-se analisar o modo como o conhecimento científico desta realidade foi sendo construído ao longo destes séculos, tentando perceber como eram descritos os elementos naturais avistados e quais os argumentos mais importantes utilizados nesta descrição. Quais os elementos naturais que os pilotos referiam nos seus diários? Os animais descritos tinham valor comercial? Que utilização era dada a estes elementos observados? Teria sido o aparecimento das lendas devido ao facto das observações serem novas e não haver termo de comparação, numa tentativa de racionalização das coisas? Há realmente seres monstruosos encontrados e descritos por estes homens durante as suas viagens?

Desde sempre que o mar de glória ou de desgraça esteve intimamente ligado ao evoluir do país, sem que nem sempre lhe tenha sido dado o devido valor. Durante muito tempo, foi transmitida a ideia de que Portugal não teria tido um papel preponderante nos períodos das chamadas grandes revoluções científicas. Não se reconheciam grandes génios portugueses que tivessem deixado marcada uma teoria que mudasse a visão do mundo. Um dos momentos mais marcantes da história de Portugal – os Descobrimentos Marítimos - foi reconhecido como uma época marcante e decisiva, mas ainda assim não na sua plenitude.

As viagens marítimas em si têm uma longa história e por muito estudado que esteja o tema da expansão marítima portuguesa e dos consequentes descobrimentos efetuados, não se poderia prosseguir este estudo sem fazer uma referência a todo este empreendimento. O contributo de Portugal nesta época foi muito para além do descobrimento de novas terras. O conceito do mundo antes do início dos Descobrimentos era muito diferente daquele que viria a ser posteriormente, onde as suas fronteiras se estendiam pouco mais além da Europa até à Ásia Menor.¹¹

Para lá dos limites do conhecido, tudo era possível de existir e acontecer, alimentando-se hipóteses fantásticas da existência de seres maravilhosos em terra e monstruosos no mar. O medo e as dificuldades de navegação impediam a exploração do oceano até Gil Eanes ter dobrado o Cabo Bojador com sucesso. A partir daqui, abriu-se uma porta que permitiu compreender a verdadeira dimensão e configuração do mundo, porta esta que não mais se fechou. A exploração mais profunda do Atlântico aconteceu também quando as questões essenciais de posicionamento no mar, conhecimento de

¹¹ Sousa, G. (2013). *História da Medicina Portuguesa Durante a Expansão*, p.9.

ventos e marés e evolução da construção naval foram sendo ultrapassadas.¹² Para se poderem afastar de costa e explorarem toda uma oportunidade de comércio que estava para além do grande oceano até então desconhecido, foi necessário desenvolver métodos de calcular o posicionamento no mar quando não se tinham pontos terrestres de referência. As técnicas de navegação desenvolvidas no Mediterrâneo não eram adequadas para viagens em que passavam muitos dias sem avistar terra firme. Ao se afastarem de costa, outros problemas tinham de ser contornados. Era necessário saber lidar com os ventos e com as correntes marítimas mais fortes, tirando partido desses elementos para ajudar à navegação. Para tal, também as embarcações utilizadas teriam de ser mais robustas para resistir às intempéries e com melhores condições para receber uma tripulação maior e com mais carga, consequência também de passarem mais tempo a navegar. A destreza dos pilotos foi também um fator determinante para o domínio português sobre as rotas oceânicas até então inacessíveis. A experiência e o conhecimento destes homens, fruto de vários anos de serviço no mar, marcavam a diferença entre realizar a viagem em segurança ou perder tudo.¹³

Mas se na época destas navegações os melhores e mais experientes pilotos eram preferidos para realizar as grandes e mais importantes viagens, o seu papel na historiografia nem sempre foi reconhecido, ou pelo menos com o merecido valor. Os grandes navegadores foram vangloriados pelas suas descobertas, mas todo o trabalho de diversos atores que possibilitaram essas conquistas não teve o mesmo reconhecimento. Estas viagens marítimas possibilitaram que, não só novos povos e culturas fossem descobertos, mas que a ligação ao mar se fosse estreitando. Exigiram a inovação tecnológica e a criação de novas instituições e cargos que até então não existiam. Estes cargos foram essenciais na mediação da transferência de informação entre níveis mais eruditos da sociedade e os que pertenciam a estratos sociais mais desfavorecidos, mas com um papel fundamental em todo este processo. Quando as abordagens historiográficas mais tradicionais foram sendo abandonadas, estes novos atores que articulavam a informação entre eruditos e iliterados, começaram a ter lugar na história dos grandes acontecimentos e a possibilidade de estudos aumentou. Foi esta mudança na visão historiográfica que possibilitou estudos como o que aqui se apresenta. É possível verificar que atores menos instruídos, como pilotos e marinheiros, tiveram um papel fundamental nas viagens marítimas realizadas entre os séculos XV e XVII. O seu olhar para a natureza resultou em fontes de informação muito valiosas. Se os nomes e os feitos dos grandes navegadores são aqueles que se destacam na história dos Descobrimentos desde os primeiros ciclos de instrução, a visão e a informação registada pelos seus pilotos e marinheiros, por padres,

¹² Gonçalves, A. (2016). Atlântico. *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Vol.1, p.138.

¹³ Collins, E. (2016). Pilotos e pilotagem. *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Vol.2, p.830.

mercadores ou soldados ou por anónimos que iam embarcados não é menos importante ou merecedora de estudos. Foi esta nova visão sobre a ciência desenvolvida nesta época que revelou uma realidade mais rica em informação e intervenientes do que anteriormente se pensava ser.¹⁴

Este mar navegado pelos portugueses foi tendo diferentes significados ao longo dos séculos, assim como o mundo natural em geral foi sendo interpretado com mais ou menos interesse e curiosidade. Na Idade Média, devido a ser pouco explorado, o mar era sobretudo um mundo do imaginário e do fantástico, “habitado” por monstros e uma série de criaturas fabulosas. As narrativas das viagens deste período são caracterizadas por descreverem e representarem as paisagens, os animais e os povos, sem estabelecer uma fronteira entre o que hoje consideramos o real e o imaginário. A partir do século XV o oceano começou a ser percorrido regularmente, passando a haver uma acumulação progressiva de conhecimentos sobre a sua realidade natural.

O interesse especial da Europa do início da era moderna por plantas e animais raros como naturalia deve ser entendido em parte num contexto de moda pelo colecionismo, que afetou grande parte da sociedade europeia durante esses séculos. A maior parte das coleções de naturalia pertenciam a príncipes, imperadores e a grandes círculos da aristocracia. Também membros da aristocracia mais baixa, profissionais burgueses e comerciantes, em particular os boticários, assim como muitos artesãos, tinham as suas coleções particulares. Tal como as experiências de alquimia ou as observações astronómicas dos cientistas da corte, as naturalia raras formavam parte do que se pode chamar de ciência especulativa, um domínio onde um interesse científico, no seu sentido mais amplo, coincidiu com a necessidade de exibição.¹⁵ O mar passou a ser o local onde muitas das criaturas mais raras e desconhecidas habitavam, sem que a maioria pudesse ser exibida a terceiros. Assim, eram as histórias fantásticas sobre estes seres que preenchiam este vazio natural e aguçavam a curiosidade de muita gente, ao mesmo tempo que enalteciam a coragem de quem ousava enfrentar tão perigoso cenário.

Entre 1415 e 1600, Portugal estabeleceu o primeiro império marítimo à escala global, criando bases para a navegação transoceânica de longo curso e permitindo uma consolidação da expansão europeia. Como consequência deste desenvolvimento de técnicas de navegação, as representações cartográficas passaram a ser mais frequentes e acentuou-se a circulação de homens e produtos, tecnologias e ideias, num processo contínuo e sem fim.¹⁶ Ao desvendarem um mundo até então desconhecido, os navegadores e marinheiros portugueses foram também responsáveis por informar sobre povos, fauna, flora ou mesmo fenómenos naturais sobre os quais

¹⁴ Leitão, H.S. (2016). *Os Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, p.IV.

¹⁵ Egmond, F. (2010). *Precious nature: rare Naturalia as collector's items and gifts in Early Modern Europe*, p.62.

¹⁶ Domingues, F.C. (2016a). *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Vol. 1, p.5.

ninguém ainda tinha ouvido falar. O contacto da Europa com este mundo novo e extra europeu despoletou reflexões de origem filosófica e teológica, não só pela diversidade animal existente, como também pelo seu exotismo em alguns casos.¹⁷ Os Descobrimentos foram uma verdadeira revolução geográfica que alterou a relação do homem com o planeta, podendo mesmo ser considerado o início do fenómeno de globalização. Apesar disto, a contribuição da ciência e da tecnologia ibéricas do século XVI nas mais diversas áreas não tem sido incluída no seu todo na maioria dos relatos acerca da chamada Revolução Científica.¹⁸ Durante muito tempo a ciência imperial portuguesa foi reduzida à ciência náutica, onde os estudos centrados nas inovações técnicas e científicas davam vantagem aos feitos dos navegadores portugueses. Esta tradição náutica era assim consequência direta da expansão marítima portuguesa.¹⁹ Por isso, adquiriu uma dimensão científica para além da navegação global e consequente expansão lusófona, mas onde a geografia, a farmacologia, a botânica ou a medicina também cresciam.²⁰ A chamada Era dos Descobrimentos foi uma época de expansão não só geográfica, mas também científica, onde a vanguarda do novo conhecimento foi manifestada desde cedo pelos cartógrafos, que de forma meticulosa reconstruíram o planeta com representações à escala. Depois da observação e da descrição das descobertas, os mapas permitiram difundir, ampliar e ajudar a compreender o novo.²¹

A viagem anual entre Lisboa e o Oriente e o posterior regresso, é comumente considerada como a grande consequência dos Descobrimentos, não só pelo feito em si, mas por todos os aspetos técnicos, humanos e comerciais que envolveu. A Carreira da Índia foi o nome pela qual ficou conhecida esta rota estabelecida através das navegações anuais que decorreram entre Portugal e a Ásia pela Rota do Cabo, entre os séculos XVI e XVIII. Após a viagem de exploração de Vasco da Gama, que decorreu entre os anos de 1497 e 1499, os portugueses deram início a uma ligação marítima regular com a Índia, essencialmente para fins comerciais. Com algumas alterações, as naus partiam de Lisboa em direção a Goa preferencialmente no mês de março, podendo ocorrer saídas mais tardias até maio, mas que poderiam condicionar todo o decorrer da viagem, por chegarem ao Oceano Índico demasiado tarde para aproveitar a monção de Sudoeste. A rota seguia até às Ilhas de Cabo Verde, contornando o anticiclone do Atlântico Sul e aproximando-se da costa brasileira, seguindo depois em direção ao Cabo da Boa Esperança, cuja altura da passagem condicionava se a viagem se fazia “por dentro” ou “por fora”. Assim, caso o mesmo fosse dobrado até meio de julho, a opção era a viagem por dentro do Canal de Moçambique, tendo especial

¹⁷ Fonseca, L.F. (2016). Fauna Exótica. *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Vol.1, p.388.

¹⁸ Cañizares-Esguerra, J. (2004). *Iberian science in the renaissance: ignored how much longer?* p.86.

¹⁹ Fontes da Costa & Leitão (2009). *Portuguese imperial science, 1450-1800: a historiographical review*, p.37.

²⁰ Walker, T. (2009). *Acquisition and circulation of medical knowledge within the early modern Portuguese colonial empire*, p.247.

²¹ Sánchez, A. (2013). *La espada, la cruz y el Padrón*, p.90.

atenção aos baixos da Índia. No caso de a chegada a este cabo ser mais tardia, a opção era a de realizar a viagem por fora da Ilha de S. Lourenço. Se a articulação entre a partida de Lisboa, a navegação atlântica e a monção certa no Índico não fosse devidamente conjugada, corriam o risco de perder a viagem.²² Aquando do regresso, as partidas de Goa ocorriam preferencialmente em dezembro ou janeiro, para aproveitar a monção de inverno, passando pelo Canal de Moçambique (mais cedo) ou fazendo a derrota por fora (partidas mais tardias). Após passarem o Cabo da Boa Esperança, tomavam a direção das Ilhas de Santa Helena e de Ascensão, seguido de Cabo Verde e iniciando depois a volta pelo largo que os levava aos Açores e finalmente a Lisboa.²³

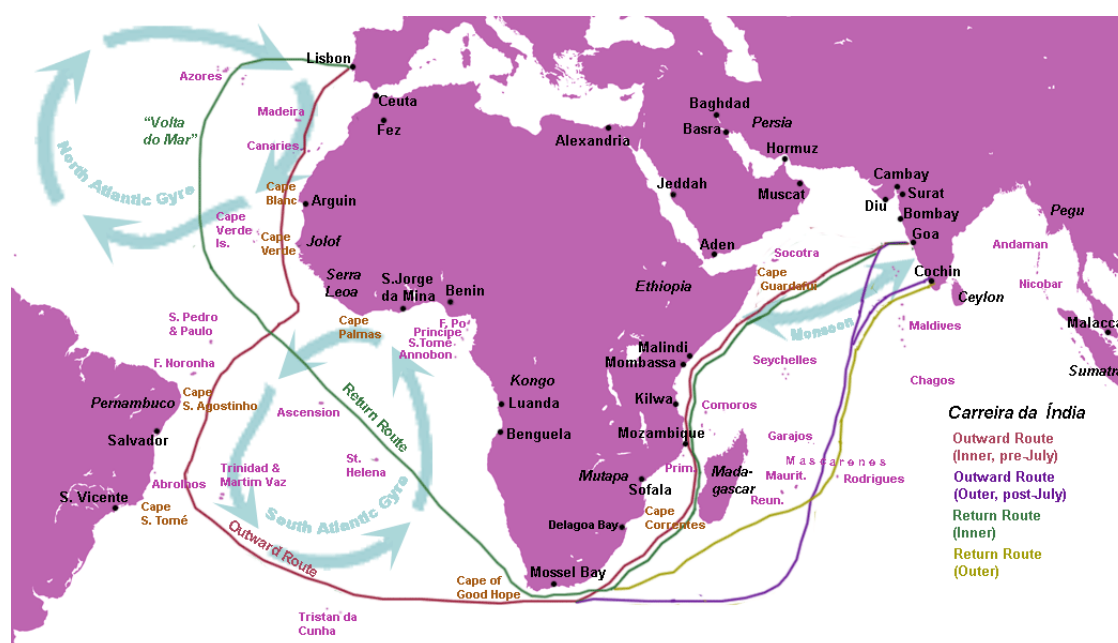


Figura 1 – Mapa representativo da Carreira da Índia, com as possíveis rotas de ida e volta.²⁴

A chegada da torna viagem ocorria geralmente no verão, cerca de ano e meio a contar da data da partida de Lisboa, no caso de não ocorrerem atrasos. Eram viagens longas e arriscadas, com condições muito instáveis e variáveis, que alternavam entre os dias

²² Domingues & Guerreiro (1988). *A vida a bordo na Carreira da Índia (século XVI)*, p.193.

²³ Albuquerque, L. (1978). *Escalas da Carreira da Índia*, p.5.

²⁴ Imagem retirada de:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Carreira_da_%C3%8Dndia#/media/File:Map_of_Portuguese_Carreira_da_India.gif

bonançosos e os de tempestade, entre as calmarias tropicais e os frios austrais, entre ventos e correntes favoráveis ou contrários.²⁵

Chegar à Índia era sempre algo incerto, não só pela extensão da rota em si, mas por todos os constrangimentos inerentes à vida a bordo. As condições de higiene e alojamento, o condicionamento de carga, a alimentação, a proteção face ao frio e ao calor e as possíveis e frequentes doenças que ocorriam a bordo, para não falar da monotonia de tanto tempo a bordo.²⁶ Uma nau de partida para a Índia levava a bordo cerca de 150 tripulantes, mais uns tantos soldados e outros contactos do capitão, num total que se situava entre os 500 e os 1000 homens.²⁷

Estas viagens não decorriam continuamente, existindo escalas que foram diminuindo ao longo dos tempos, quer devido ao aumento do conhecimento náutico da carreira, quer da capacidade de carga dos navios utilizados.²⁸ A utilização da Rota do Cabo pelos ingleses e holandeses foi também um fator que fez diminuir estas paragens. Nas palavras de Luís Albuquerque, a diminuição de escalas era possível também porque:

*“os regimentos aconselhavam em geral que as naus passassem à vista de certas ilhas, cabos ou outros pontos da costa facilmente identificáveis pelas conhecenças, o que permitia aos navegadores confirmar ou corrigir os pontos que levavam marcados nas suas cartas de bordo. E os diários mostram que, de facto, assim se fazia na prática”.*²⁹

A importância decisiva do período das grandes viagens marítimas de exploração e reconhecimento do espaço atlântico na história de Portugal, justifica que este assunto sempre tenha merecido uma atenção particular da historiografia nacional.³⁰ No entanto, há aspetos muito importantes e igualmente decisivos para a correta interpretação do que se passava a bordo das embarcações que não foram devidamente estudados e compreendidos. Muitas obras foram escritas sobre o que era observado nos oceanos atravessados durante as viagens dos Descobrimentos Portugueses, com histórias maravilhosas e seres fantásticos, sendo que muitas foram escritas por pessoas que não haviam sequer embarcado. O que era observado e descrito *in loco* por quem realmente viajava, raramente corroborava as observações monstruosas descritas nessas obras escritas por quem muitas vezes nunca tinha entrado num barco, o que fazia toda a diferença. Tal como o padre D. Gonçalo da Silveira escrevia de Cochim em 1557 sobre a vida a bordo:

²⁵ Domingues & Guerreiro, (1988), p.195.

²⁶ Domingues & Guerreiro (1988), p.188.

²⁷ Domingues & Guerreiro (1988), p.198.

²⁸ Albuquerque, L. (1978), p.5.

²⁹ Albuquerque, L. (1978), p.5.

³⁰ Domingues & Guerreiro (1988), p.186.

*“assi como a morte não a pinta senão quem morre, nem se pode ser pintada senão vendo quem esta morrendo, assi o trago que passam os que navegam de Portugal a India, não o pode contar senão quem o passa nem o pode entender senão quem o ve passar”.*³¹

Tendo em conta o seu sucesso, a aposta nesta rota resultou num maior número de documentos com inúmera informação sobre vários aspetos destas viagens, o que se traduz também nos documentos analisados neste trabalho. Os roteiros náuticos produzidos para esta rota estavam diretamente relacionados com o conhecimento da época, sendo um espelho fiel das preocupações dos seus autores, normalmente os pilotos das embarcações.³² Por este motivo, apesar destes documentos terem um estilo característico e onde um conjunto de informações deveriam constar, a referência aos elementos naturais que eram observados durante as viagens poderiam estar mais ou menos presentes. Esta presença ou ausência de informação estava dependente da importância que lhe era dada pelos diferentes autores.

Existe uma grande produção de trabalhos relacionados com assuntos náuticos, sejam eles técnicos, históricos ou mesmo guias, assim como outro material mais informal como livros de viagem, descrições geográficas, roteiros e correspondência entre missionários. Apesar desta abundância e variedade, a maior parte destes documentos nunca integraram uma grande narrativa da ciência do período, tendo sido só analisados parcialmente.³³ No entanto a produção dos manuais e dos diários de bordo pelos navegadores portugueses dos séculos XV e XVI constituem um importante contributo para se perceber a transição entre a Idade Média e a modernidade³⁴, sendo estas fontes o foco principal deste trabalho.

Algum material já foi estudado no que se refere à presença histórica de algumas espécies de animais marinhos no Oceano Atlântico, nomeadamente mamíferos marinhos, bem como à sua importância na história da história natural.³⁵ O estudo e a comparação das ilustrações científicas do mundo natural, muitas delas classificadas como obras de arte, está também em desenvolvimento³⁶, mas no contexto de história da ciência pouco foi analisado no que se refere à observação e posterior descrição das espécies animais nas expedições portuguesas. Durante as viagens efetuadas nos séculos XV a XVII muitos elementos naturais foram certamente observados por quem

³¹ Domingues & Guerreiro (1988), p.187.

³² Matos, J.S. (2016). Roteiros. *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Vol.2, p.919.

³³ Fontes da Costa & Leitão (2009), p.40.

³⁴ Almeida, O.T. (2009). *Science during the Portuguese maritime discoveries: A telling case of interaction between experimenters and theoreticians*, p.78.

³⁵ Para mais informação, consultar o trabalho Brito, C. (2009). *Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os séculos XV e XVIII: a evolução da ciência e do conhecimento*.

³⁶ Egmond, F. (2007). *Curious Fish: connections between some sixteenth-century watercolours and prints*, p.269.

cruzava os mares e oceanos diariamente e ao longo de vários anos, pelo que estes marinheiros foram ganhando experiência no processo de observação no mar. Uns compreenderiam melhor aquilo que observavam, quer devido à informação prévia que tinham, quer pelo tempo que passavam em observação. Mas nem todos registavam ou transmitiam a outros do mesmo modo o que observavam, nem os motivos pelo qual o faziam, quando o faziam.

Nos estudos realizados que abordaram de algum modo a observação do meio natural durante as viagens marítimas portuguesas, foi dada ênfase a opiniões e naturalistas de gabinete ou a homens embarcados eruditos ou com ligações eclesiásticas. Muitas das suas opiniões acerca dos pilotos que tinham em mãos o destino das naus até à Índia e posterior regresso não eram as mais abonatórias. Na maioria das vezes, estes pilotos eram descritos como homens rudes e sem instrução, que tinham obtido o cargo por outros critérios que não o mérito.³⁷ Aos pilotos raramente foi dada voz na construção desta história, sendo os olhos mais experientes a observar o mar e os seus sinais como auxiliares na árdua tarefa de levar uma nau pela Carreira da Índia. O que era valorizado era a opinião de quem sabia ler e escrever.

A curiosidade, elemento presente e essencial na descrição dos animais e que podia, por si só, ser motivo de interesse para se registar as observações feitas no mar, representou diferentes valores ao longo dos tempos. Para os pensadores cristãos podia ser vista como fonte de perigo para a alma e objeto de desconfiança, tendo também associação negativa com o infantil e o feminino.³⁸ Um tema que suscitava muita curiosidade e interesse era a descrição de monstros e criaturas diferentes. Ao desafiarem os limites da identidade humana, os monstros denotavam física ou moralmente estados desviantes da natureza, tanto na tradição popular como na medicina tradicional.³⁹

Antes dos naturalistas conhecerem os grandes animais marinhos que habitavam os mares, muitos foram os encontros de pescadores e marinheiros com estes seres, alguns deles misteriosos e desconhecidos, que originaram lendas e mitos que alimentaram gerações sucessivas de homens no mar. O povo imaginava monstros e criaturas fabulosas a viver nos oceanos. As viagens por mares nunca dantes navegados levaram os homens ao encontro de uma natureza inóspita, colocando-os face a

³⁷ Na análise que Domingues e Guerreiro fazem da vida a bordo na Carreira da Índia, (ver Domingues & Guerreiro (1988)) os testemunhos utilizados são maioritariamente de missivas de padres e sacerdotes que relatavam a ordens religiosas o que tinham passado nas viagens. Também nos comentários de Silva Y Figueroa, analisados neste trabalho, é possível perceber a sua opinião sobre os pilotos e homens de mar em geral (para mais informação ver *Comentarios de D. Garcia de Silva y Figueroa de la embajada que parte del rey de España Don Felipe III, hizo al Rey Xa Abas de Persia*. 1903-1905).

³⁸ Fontes da Costa, P. (2002). *The culture of curiosity at the Royal Society in the first half of the eighteenth century*, p.147.

³⁹ Park & Daston (1981). *Unnatural conceptions: the study of monsters in sixteenth- and seventeenth-century France and England*, p.22.

ambientes diferentes e singulares, enfrentando com curiosidade a fauna e a flora encontradas.⁴⁰ O interesse pelos monstros não apareceu somente no período moderno. A sua existência e as suas histórias sempre assombraram a imaginação humana, mesmo na antiguidade clássica e na Idade Média, sendo fonte de interesse por parte de um público muito variado. Nesta altura os monstros estavam associados a locais longínquos e inexplorados, como a Ásia e a África⁴¹, pelo que a possibilidade de navegar até esses locais potenciava a criação de criaturas fabulosas. O termo monstro surge a partir do século XV, não necessariamente relacionado com uma criatura mítica medieval, resultante do imaginário coletivo, mas mais associado ao vislumbre de animais reais, de criaturas enormes e assustadoras, que até então tinham permanecido um verdadeiro mistério.⁴²

Os gregos foram responsáveis pela ideia que os ocidentais tinham da Índia, a terra das maravilhas, personificando os seus medos nas diversas personagens como os sátiros, os centauros e as sereias, ou racionalizando-os de forma não religiosa, com a criação de raças de monstros e animais que imaginavam viver a grande distância. Plínio e a sua *Historia naturalis* (77 d.C.) foi a maior fonte de conhecimento medieval acerca de monstros.⁴³ Na literatura geográfica medieval, muitas vezes o conhecimento exato era substituído por histórias imaginárias de curiosidades e maravilhas, como forma de atrair um maior número de interessados.⁴⁴

A inclusão de descrições de criaturas maravilhosas ao longo da narrativa acerca do Oriente convencia as pessoas da existência destas maravilhas em partes distantes do mundo, nomeadamente na Índia. Era também utilizado como prova da existência dos antípodas, por quem defendia esta teoria na Idade Média.⁴⁵ Atualmente seria interessante perceber se estas criaturas seriam fruto da imaginação dos autores, que ao verem espécies novas se baseavam nas descrições antigas para as relatar, criando assim novas criaturas. É uma análise que terá de ser feita tendo sempre em atenção a contextualização da época e do pensamento predominante.

A alusão a monstros marinhos surgia por vezes nas crónicas portuguesas dos Descobrimentos Atlânticos, sendo mais frequente nas descrições de naufragos entre os séculos XV e XVII, sob forma de encontro com seres estranhos e que afetavam as pessoas.⁴⁶ No caso das ilustrações dos mapas-mundo do século XV, os monstros

⁴⁰ Brito, C. (2006a). *Monstra Marina: Seres estranhos e desconhecidos nas viagens portuguesas de expansão e descoberta pelo oceano Atlântico*, p.85.

⁴¹ Park & Daston (1981), p.23.

⁴² Brito, C. (2006a), p.85.

⁴³ No ponto 3.2.2 deste trabalho é feita uma breve análise a alguma da informação contida nesta obra de referência.

⁴⁴ Wittkower, R. (1942). *Marvels of the east. A study in the history of monsters*, p.167.

⁴⁵ Wittkower, R. (1942), p.181.

⁴⁶ Brito, C. (2006a), p.90.

marinhos poderiam funcionar como um registo gráfico que era referido na literatura, da possível geografia destas criaturas, como um indicador de alguns perigos ou como elemento decorativo para animar a imagem do mundo, evidenciando assim os elementos artísticos dos cartógrafos. Uma grande quantidade de mapas contém iconografia referente a grandes baleias. Não se pode dizer que estas fossem seres desconhecidos de quem as reproduzia nestas telas, pois já Aristóteles fazia descrições precisas e com uma ideia muito clara do que seria este animal.⁴⁷ Não eram, no entanto, mapas da autoria de cartógrafos portugueses ou que acompanhassem os pilotos das viagens para Oriente, como instrumento de orientação.

Até ao século XVI a Índia era vista como a terra das raças fabulosas, mas a partir daqui a perspetiva começou a mudar. Estas maravilhas começaram a perder a sua ligação a esta terra e a serem localizadas noutros locais do mundo, devido também às constantes viagens portuguesas e ao aumento do conhecimento geográfico. Os relatos das viagens acabavam por ser uma mistura de observações sólidas e da tradição fabulosa, influenciadas por aquilo que os viajantes esperavam ou temiam encontrar nos novos locais. A imaginação era alimentada desde cedo com histórias de maravilhas e milagres e por isso alguns dos que viajavam poderiam acreditar neles, fazendo descrições de raças fabulosas. Com a chegada à Índia, e a constatação que, nem durante a viagem, nem em terra, estes “monstros” existiam, o paraíso foi assim deslocado deste local para o interior de África.⁴⁸

Ao longo dos tempos os monstros foram tendo diferentes conotações, dependendo não só dos autores que os descreviam, mas de todo um contexto de época que não pode ser descurado. Inicialmente com um cariz mais religioso e negativo, as abordagens foram mudando até se começar a interpretá-los de um modo mais “biológico”, à luz de teorias que incorporavam conceitos de embriologia, genética e anatomia. Para conseguir compreender o surgimento destas criaturas, temos de conseguir colocar-nos no contexto e modo de pensar das diferentes épocas, não podendo fazer a análise à luz dos conhecimentos de geografia, biologia, anatomia ou mesmo genética atuais, o que não faria sentido.⁴⁹

Para que a informação chegasse a todos de uma forma mais homegénea, a imagem mental que cada um fazia a partir do que observava ou ouvia, passou a estar representada de igual forma para todos, através de desenhos e gravuras. O interesse global pelas imagens nas páginas dos livros remonta ao século XIV⁵⁰, mas a história

⁴⁷ Brito, C. (2010). *Baleias e monstros, iconografia e repetições na história da história natural: representações visuais de animais marinhos na época medieval e renascentista*, p.10.

⁴⁸ Wittkower, R. (1942), p.197.

⁴⁹ Richards, E. (1994). *A political anatomy of monsters, hopeful and otherwise. Teratogeny, transcendentalism and evolutionary theorizing*.

⁵⁰ Hall, B. (1996). *The didactic and the elegant: some thoughts on scientific and technological illustrations in the middle ages and renaissance*, p.29.

moderna da ilustração científica propriamente dita começou no século XVI, com a introdução de textos científicos acompanhados de ilustrações impressas. Durante este século coexistiram na Europa vários dispositivos jornalísticos impressos que alimentavam a curiosidade pública acerca das novidades que aconteciam além-mar⁵¹, onde as ilustrações mais ou menos fidedignas marcavam presença. Há no entanto uma pré-história da ilustração na ciência que começou na antiguidade, quando os egípcios ilustravam papiros e os gregos do século V a.C. ilustravam os seus trabalhos literários e possivelmente os mais “científicos”.⁵²

Com a revolução científica, modificou-se a própria estrutura da ciência, a sua forma e o modo de descrever os acontecimentos. As ciências naturais e não apenas a matemática, a astronomia ou a medicina, passaram a ser foco de interesse crescente. O aparecimento da imprensa foi um marco importante que permitiu uma muito maior divulgação destes assuntos, alcançando um público mais amplo e por vezes até pouco instruído⁵³ e trazendo para a Europa informação acerca dos novos mundos.⁵⁴ No final do século XVI surgiram livros com textos e imagens consideradas ilustrações científicas no sentido usual do termo. Muitas vezes as imagens estavam confinadas ao frontispício desses livros, devido essencialmente ao elevado custo do processo de impressão.⁵⁵ Os tipógrafos dos séculos XVI e XVII eram, na maior parte dos casos, pequenos empresários interessados em produzir um produto que se vendesse bem no mercado, a otimizarem os lucros e a minimizarem os seus custos de produção. As ilustrações eram uma parte dispendiosa dos livros, pelo que algumas placas eram reutilizadas noutras obras, mesmo sem ligação entre texto e imagem. A credibilidade das imagens científicas era assim atormentada pela motivação comercial dos impressores em reutilizar placas e ao modo improvisado como intercalavam as imagens e os textos. Este tipo de ilustração só poderia ser totalmente credível apelando à autoridade contextual da ciência institucionalizada.⁵⁶

No naturalismo renascentista, os artistas acreditavam que as ilustrações originais eram desenhadas a partir da natureza, sendo observações em primeira mão do elemento em questão, pelo que entendiam que podiam copiá-las como tal. Muitas das descrições e desenhos de animais marinhos eram conseguidos através de animais arrojados, feitas *in loco*, mas contendo informação referente a animais em avançado estado de decomposição e por conseguinte, muito alterados morfologicamente. No

⁵¹ Brito & Costa (2016). *Baleias em circulação: Uso de imagens na produção e transferência de conhecimentos de história natural marinha em Portugal do século XVIII*, p.34.

⁵² Topper, D. (1996). *Towards an epistemology of scientific illustration*, p.220.

⁵³ Leitão, H.S. (2004). *O livro científico dos séculos XV e XVI: Ciências físico-matemáticas na Biblioteca Nacional*, p.15-53.

⁵⁴ Borges de Macedo, J. (1975). *Livros impressos em Portugal no século XVI: Interesse e formas de mentalidade*, p.183-221.

⁵⁵ Topper, D. (1996), p.221.

⁵⁶ Hall, B. (1996), p.37.

caso específico das grandes baleias, em várias representações estas encontram-se com órgãos internos, como a língua ou o pénis, no exterior do corpo, o que não acontece durante a vida do animal, indicando não uma característica da sua biologia, mas sim uma condição da sua morte. A decomposição avançada destes animais provoca um inchaço geral do corpo do animal devido à acumulação de gases, pelo que também muitas vezes são representados com tamanho exagerado, resultando em descrições erradas das suas características exteriores.⁵⁷ Mas para quem observa o animal e posteriormente as gravuras que o representam, pode não ser essa a interpretação que faz. Nas imagens dos animais do Novo Mundo, a veracidade era sujeita a várias questões e a sua autoridade dependia maioritariamente da credibilidade do autor da imagem.⁵⁸ Era normalmente aceite que as pinturas eram sempre o original da representação, mas através de estudos comparativos de imagens é possível ver que nem sempre foi assim, que também estas pinturas poderiam ser cópias.⁵⁹

O desenvolvimento de aspetos iconográficos resulta da tentativa da interpretação da imagem de acordo com um contexto cultural, social, económico, histórico ou natural específico. Nos séculos XVI e XVII a ilustração científica nas obras europeias é assumida como uma realidade, constituindo parte integrante e obrigatória de todos os compêndios de história natural, misturando observações reais com conhecimentos lendários pré-estabelecidos.⁶⁰ Apesar deste acesso mais facilitado das imagens, a sua interpretação continuaria, como até agora, a ser muito subjetiva.

As imagens eram também uma fonte de transmissão do mundo fantástico distante. Era constante a representação das maravilhas nos mapas-mundo, com as diferentes raças a habitarem regiões específicas do globo. Todas estas fontes visuais, juntamente com a transmissão literária, impressionaram as mentes e influenciaram várias personalidades do pensamento medieval.⁶¹ Muitas vezes eram criadas imagens “compostas” através de partes de animais e de descrições textuais em livros. No caso dos animais marinhos muito raros ou de grandes dimensões, os desenhos feitos a bordo durante algumas viagens eram muito importantes.⁶² Para além destes animais nem sempre serem avistados, quando o eram, muitas das vezes só mostravam uma parte do corpo, sendo também impossível transportá-los para fazerem parte de um qualquer gabinete de curiosidades. Os estudos das ilustrações em publicações ou em coleções particulares são muito importantes, pois permitem a recolha de informação acerca das próprias

⁵⁷ Brito & Costa (2016), p.38.

⁵⁸ Hall, B. (1996), p.37.

⁵⁹ Egmond, F. (2007), p.268.

⁶⁰ Brito, C. (2010), p.19.

⁶¹ Wittkower, R. (1942), p.176.

⁶² Kusakawa, S. (2010). *The Sources of Gessner's Pictures for the Historia animalium*, p.310.

coleções, perceber as relações existentes entre os artistas, estudiosos, coletores e patronos, assim como estudar a própria história da representação visual.⁶³

As imagens são também um objeto de estudo importante para tentar perceber o modo como era visto e interpretado o mundo observado. Com a época dos Descobrimentos, algumas publicações começaram a ser acompanhadas por imagens e mapas, pois os autores sentiram a necessidade de transmitir ao leitor a imagem da nova realidade. Muitas destas imagens eram resultado do que os autores já tinham lido ou já conheciam anteriormente, ou das descrições indiretas de outras pessoas. As imagens eram muito importantes não só no aspeto científico, mas também como modo de transmitir informação geral e conhecimentos sociais e culturais. A representação visual era facilmente compreendida e assimilada por todos, o que não acontecia com a palavra escrita, apenas acessível a uns quantos. Assim, recorrem a uma linguagem visual já existente, misturando-a com as novas representações gráficas, surgindo deste modo uma nova iconografia, criando uma série de instrumentos para fazer a comunicação e disseminação científica elaborados em mais de dois séculos de viagens marítimas. A ilustração zoológica propriamente dita, só se tornou possível na Europa com o advento da imprensa, conjugada com o interesse naturalista crescente durante o Renascimento.⁶⁴ No entanto, desde que surgiram as primeiras descrições naturalistas, surgiram igualmente as tentativas de representação visual da natureza e dos seus elementos. As imagens são veículos de transmissão de ideias, não sendo meramente decorativas, nem simples formas passivas de elucidação dos textos, desempenhando um papel próprio.⁶⁵

Os desenhos da fauna ganham nesta altura especial importância, mas depois da primeira representação permanecem durante muito tempo praticamente inalterados. Os grandes animais marinhos fossem eles mamíferos, tartarugas, aves ou peixes, desde cedo estiveram presentes na iconografia do mundo natural. Nos gabinetes de curiosidades existentes na época, não existiam exemplares dos grandes animais marinhos, pelo que o gesto de trazer e guardar a natureza, neste caso, era substituído pelas gravuras, pinturas e desenhos dos mesmos. No entanto, as referências visuais destes animais estavam limitadas a um número reduzido de espécies, comparado com a riqueza e diversidade botânica, animal terrestre e mineral a que os exploradores tinham acesso no decurso das viagens. A transferência dos objetos e das curiosidades era também um modo de fazer ciência nesta altura.⁶⁶

Os animais e as suas representações pictóricas na história sempre despertaram menos interesse nos historiadores culturais, da ciência e da arte quando comparados com as plantas. Isto aconteceu, não só devido à grande utilização das plantas na medicina

⁶³ Egmond, F. (2007), p.263.

⁶⁴ Guadalix, M. (1998). *Coleccion iconográfica Van Berkheij, Siglo XVIII, Los dibujos zoológicos*, p.27.

⁶⁵ Leitão, H.S. (2004), p.33.

⁶⁶ Janeira et al (2005). A cartografia portuguesa mapeando a natureza brasileira. *Episteme*.

tradicional, como também devido às dificuldades inerentes ao transporte e manutenção dos grandes animais, já aqui referido. Mas o interesse especial por animais marinhos passou a ser maior quando o contacto com eles também passou a ser mais frequente.

No que diz respeito à história natural, uma das grandes mudanças prendeu-se com o desejo de organizar e dominar o espaço, dando-se mais atenção às paisagens, plantas, animais e geografia. Os gabinetes de curiosidades e as coleções de animais exóticos vivos começam a ser essenciais, não só como forma de entretenimento, mas como manifestação física da riqueza de um império e das suas ligações políticas.⁶⁷ Príncipes e aristocratas no topo da elite europeia contornavam as dificuldades e os custos da época para enviarem aos seus colegas elementos naturais exóticos e raros, tendo como contrapartida o seu apoio. A própria D. Catarina de Áustria, rainha de Portugal durante as expedições portuguesas à Ásia (1525-57), estava muito bem posicionada para ter acesso ao que era exótico vindo da Ásia e de África. Estabeleceu uma boa rede de contactos e trocas, sendo a sua coleção de animais vivos muito famosa na época, tendo também uma função simbólica e económica muito grande.⁶⁸

Para os primeiros naturalistas a utilizarem as imagens como apoio à descrição do que viam na natureza, qualquer animal que habitasse o meio marinho era considerado e classificado como peixe. A obra de 1551 *História Natural dos Estranhos Peixes Marinhos* de Belon, naturalista considerado fundador da ictiologia, foi o primeiro livro impresso dedicado aos “peixes”⁶⁹, mas muitas descrições foram feitas em livros não dedicados, que importa analisar. Os animais marinhos eram frequentemente descritos misturando observações reais com representações resultantes da ciência da época, agrupando-se por vezes um conjunto bizarro de características anatómicas de vários animais num mesmo animal ficcional.⁷⁰ No caso das representações visuais de animais mais pequenos, estas eram feitas com o animal seco ou logo a seguir a ser capturado⁷¹, o que também poderia alterar a sua aparência face ao animal vivo. Estas criaturas marinhas poderiam assim ser representações de animais verdadeiros fruto de observações distorcidas ou de incorreções no desenho, resultando de más interpretações da realidade ou de alterações propositadas para salientar a monstruosidade do animal.⁷²

⁶⁷ Brien, R.P. (2007). *From Brazil to Europa: The zoological drawing of Albert Eckhout and George Marcgraf*, p.275.

⁶⁸ Egmond, F. (2010), p.49.

⁶⁹ Brito, C. (2010), p.21.

⁷⁰ Brito, C. (2006a), p.89.

⁷¹ Brien, R.P. (2007), p.285.

⁷² Brito, C. (2006a), p.89.

As referências existentes de autores e documentos portugueses fornecem um suporte muito valioso para se estudar as mudanças ocorridas entre a Idade Média e a modernidade. Muita desta documentação existente já foi analisada, mas não sob o ponto de vista dos objetivos do trabalho que aqui se propõe. Com exceção da botânica, só recentemente se começaram a fazer pequenos ensaios na área da zoologia, ao contrário, p.e, do que acontece no caso espanhol.⁷³ As viagens reais e imaginárias da Idade Média e do Renascimento influenciaram a literatura e a ciência, com todos os testemunhos oculares a conferirem autoridade e veracidade aos acontecimentos descritos. Foi a navegação e a exploração de regiões desconhecidas que levou os viajantes e os marinheiros ao encontro dos grandes animais marinhos, reais ou fruto da imaginação, mas que permitiram o início do estudo da história natural dos mares e do novo mundo.⁷⁴

Como já foi referido, no contexto português, existem muitos livros de viagens, diários de bordo e correspondência trocada entre missionários naturalistas e o reino. No entanto, esta documentação só foi analisada parcialmente ou noutro contexto e nunca na tentativa de perceber a evolução das descrições das espécies animais nas expedições portuguesas. O facto de muitos destes documentos não serem impressos na altura, contribuiu para que os Descobrimentos Portugueses tivessem um impacto pouco significativo na cultura e na ciência europeia. Mas esta realidade começa aos poucos a mudar. A transmissão das novidades e do conhecimento era essencialmente oral e mais manuscrita que impressa, sendo também de divulgação reduzida.⁷⁵ Um trabalho recente que utiliza alguma destas fontes foi o desenvolvido por Cristina Brito⁷⁶ sobre a presença de mamíferos marinhos nas viagens marítimas portuguesas no Atlântico e as suas ligações económicas, sociais, culturais e científicas com as pessoas. Esta investigadora analisou as informações disponíveis (essencialmente sobre baleação) desde a antiguidade clássica até aos tempos modernos, numa vertente mais chegada à história ambiental que à história da ciência. Constituiu assim o primeiro passo para o estudo da contribuição portuguesa no estudo dos mamíferos marinhos existentes no período dos Descobrimentos no Oceano Atlântico. No entanto, outros animais marinhos, outros elementos naturais e outros locais de ocorrência dos mesmos não foram abordados, ficando também por estudar a evolução da descrição destes animais durante os séculos XV ao XVII, aspeto inovador do estudo que nos propomos.

⁷³ Asúa & French (2005). *A new world of animals: early modern europeans on the creatures of Iberian America*.

⁷⁴ Brito, C. (2006a), p.96.

⁷⁵ Brito, C. (2009), p.38.

⁷⁶ Para mais informação sobre a temática, consultar o trabalho desta autora, nomeadamente Brito, C. (2009) e Brito, C. (2010).

No caso particular deste trabalho, a biologia e a história aparecem juntas, numa relação essencial para a exploração de assuntos complexos e transversais a estas duas áreas do saber. A biologia fornece-nos algumas ferramentas importantes na compreensão de várias características anatómicas, fisiológicas e mesmo comportamentais dos animais observados, permitindo que se chegue por vezes à identificação da espécie. Através da história tentámos perceber o porquê de certas referências, as diferenças entre contextos de descrição e mesmo a evolução destas mesmas descrições.

O principal objetivo desta investigação foi o de estudar a evolução da descrição e do conhecimento de vários elementos naturais, essencialmente animais marinhos, nos relatos das expedições portuguesas, no período compreendido entre os séculos XV e XVII, tendo por referência principal os relatos de viagens feitos maioritariamente por pilotos. A comunicação das perceções visuais tem alguns problemas associados, nomeadamente a dificuldade em descrever a outros algo que estes nunca viram.⁷⁷ E esta descrição e posterior comunicação está em estreita associação aos preconceitos existentes em cada um, pelo que tem uma componente subjetiva muito vincada. Tendo estes aspetos em linha de conta, pretendeu-se analisar o modo como estes homens contribuíram para a construção do conhecimento científico desta realidade ao longo destes séculos, tentando perceber como eram descritos os novos animais avistados e quais os argumentos mais importantes utilizados na descrição destes e de outros elementos naturais observados. O que levava estes homens a descreverem o que observavam, principalmente os animais marinhos? Seria por terem algum valor comercial? E que utilização lhes era dada? O aparecimento das lendas seria devido ao facto das observações serem novas e não haver termo de comparação, numa tentativa de racionalização das coisas? É também fundamental perceber como foi evoluindo a descrição do mundo natural ao longo do tempo e se quando se deu a alteração dos relatos manuscritos para os impressos, houve alteração do discurso descritivo.

Os documentos analisados estão diretamente ligados ao tema das viagens efetuadas na época dos Descobrimentos, maioritariamente referentes às viagens realizadas no âmbito da chamada Carreira da Índia e da autoria de pilotos portugueses. Documentos que incluem no seu título as indicações de diários de bordo, roteiros, relações de viagens ou livros de marinharia, impressos, foram analisados na procura de informação relevante que nos ajudasse a responder às questões aqui colocadas. As designações de “diários” ou “roteiros” foram dadas pelos seus autores, não tendo necessariamente o mesmo significado com que os entendemos atualmente. Alguns autores,

⁷⁷ Asúa & French (2005).

nomeadamente Barradas de Carvalho e João Rocha Pinto, são da opinião que não existiram diários de bordo durante grande parte dos séculos XV e XVI.⁷⁸

Independentemente de terem ou não existido os diários tal como são entendidos atualmente, existe um conjunto de textos da autoria dos pilotos das naus que descreviam grande parte da rotina diária da arte de navegar e do que era observado durante a viagem. Posteriormente, a informação recolhida ao longo dos anos era compilada nos chamados “roteiros”, que consistiam em livros técnicos de ajuda à navegação, onde era possível encontrar informação referente a correntes, ventos ou sinais que melhor identificavam determinado local ao longo da rota.

Num registo diferente, foram também analisados documentos que davam conta de viagens mais conturbadas que tinham culminado em naufrágio. Estes relatos foram escritos *a posteriori* e por autores muito diferentes dos anteriores, sendo normalmente missivas escritas por pessoas mais instruídas, muitas vezes padres ou boticários. Por estas razões, também o objetivo do seu conteúdo era diferente, não deixando de conter informação sobre o mundo natural observado, permitindo por isso estabelecer uma comparação entre autores de relatos. São as descrições efetuadas por homens eruditos muito diferentes das realizadas pelos pilotos e marinheiros? E essa diferença, a existir, é devida à condição do sujeito ou estará mais relacionada com o contexto da viagem?

Foram estes documentos que aqui se analisaram e que forneceram informação para responder (ou não) às questões colocadas. Como mudou a maneira de ver o mundo natural em Portugal ou por observadores portugueses ao longo destes séculos? Que critérios eram utilizados para validar as observações e os relatos? O autor do relato tentou obter informação local sobre o que foi observado? São questões muito importantes cujas possíveis respostas esperamos obter com este estudo, ou pelo menos começar a delinear-las.

O número de fontes que se referem a vários aspetos da vida a bordo das embarcações que realizaram estas viagens é restrito, quando comparadas com o material disponível para este período em questão. No entanto, é possível que se encontre informação valiosa em vários outros documentos, como relatos de viajantes estrangeiros, relatos de naufrágios ou cartas particulares e oficiais, nomeadamente as cartas dos padres jesuítas que iam em missão à Índia e que enviavam ao reino notícias de como corria a viagem.⁷⁹

Um aspeto muito importante que não pode ser descurado na análise destes documentos é o contexto que se vivia a bordo e que condicionava desde logo o ato de

⁷⁸ Para mais informação acerca destes estudos consultar Pinto, J.R. (1988), *Houve diários de bordo durante os séculos XV e XVI*, p.393 e 416 mais precisamente.

⁷⁹ Domingues & Guerreiro, (1988), p.7.

observar, que era totalmente diferente do existente em terra firme e principalmente dentro de um gabinete. A observação a bordo era influenciada, desde o primeiro instante, por quem era recrutado para embarcar. Quer a nível qualitativo, quer quantitativo, um dos grandes problemas das viagens constantes para Oriente era a falta de homens qualificados para servirem nas tripulações.⁸⁰ Durante o tempo em que a Carreira da Índia funcionou, partiam de Lisboa entre 5 a 15 navios por ano, numa média de 8 embarcações anuais, com cerca de 300 homens embarcados por navio. Atendendo ao ritmo intenso de recrutamento para darem resposta às armadas que se constituíam anualmente, os critérios de seleção de pessoal foram diminuindo e por conseguinte a formação técnica para assegurar as funções a bordo foi ficando cada vez mais deficiente.⁸¹ Este problema não era restrito dos marinheiros, pois também se verificava em relação a cargos de maior responsabilidade, como capitães, pilotos ou contra-mestres. Se a nomeação do cargo de capitão-mor funcionava como uma espécie de título honorífico monopolizado pela nobreza, em relação aos pilotos o cuidado na sua seleção e formação tinha de ser redobrado, pois era sobre ele que recaíam as responsabilidades do sucesso ou insucesso da viagem.⁸²

Naus carregadas de homens e mercadoria, uma plataforma instável que os transportava através do mar, que a cada viagem ia deixando de ser tão desconhecido, mas que se mantinha sempre incerto. Estes homens, maioritariamente com um nível de instrução muito reduzido, tinham um grande sentido de orientação, potenciado também pela experiência que iam adquirindo ao longo das várias viagens realizadas. Era esta conjugação de experiência de navegação, aliada à necessidade, que condicionava o modo como cada sujeito fazia a observação dos elementos naturais que ocorriam durante o período que estavam em viagem. As condições meteorológicas que se faziam sentir durante as viagens também eram muito importantes. Se por um lado podiam facilitar ou dificultar a observação de certos elementos, por outro poderiam fazer com que a observação, principalmente dos elementos indicadores de determinados locais em terra, fosse mais ou menos desejada, de modo a confirmar a proximidade a terra. Não se trata portanto de um ato simples e abstrato e independente da localidade, pelo contrário. Por muito que as novidades observadas durante estas viagens se tornassem globais de forma mais ou menos célere, o contexto da sua observação era muito local e subjetiva, não podendo ser negligenciado nesta análise.

Numa primeira fase deste trabalho pretendeu-se definir concretamente o corpus a investigar. Foi uma fase de muita pesquisa, leitura e levantamento da bibliografia relevante para o estudo, baseada também em literatura secundária de apoio. Com

⁸⁰ Guinote, P. (2003). *Ascensão e declínio da Carreira da Índia*.

⁸¹ Guinote, P. (2003).

⁸² Guinote, P. (2003).

base nos documentos disponíveis, foram selecionados para análise documentos impressos referentes à descrição de viagens efetuadas por pilotos portugueses, maioritariamente para a Índia – diários e roteiros - realizadas entre os séculos XV e XVII. Com a análise destes documentos, tentou-se perceber quais os fatores que influenciaram a descrição dos elementos naturais por estes homens, assim como a evolução da mesma ao longo do período em estudo. Por conterem informação pertinente, embora recolhida num contexto diferente, os relatos de naufrágios, essencialmente os incluídos na História-Trágico Marítima, foram também incluídos na análise. Por fim, num registo diferente, mas igualmente rico em informação, foi analisado o texto *Comentários* de Silva Y Figueroa, por ser um registo feito a bordo de uma armada portuguesa, com um piloto português reconhecido e experiente, mas efetuado por um homem letrado e sem funções de navegação.

Numa segunda fase, procedeu-se à análise detalhada dos episódios e relatos relevantes, contextualizando os mesmos de acordo com os objetivos da investigação. Foi dada especial importância aos argumentos utilizados na altura para fazer a descrição dos animais marinhos e de outros elementos naturais observados, assim como aos critérios de validação utilizados. Durante as leituras foi sendo notório que os pilotos valorizavam a descrição de outros elementos naturais observados durante as viagens que não os grandes animais marinhos. Aves, peixes, caranguejos e restos vegetais arrastados pelas correntes, aos quais davam o nome de “imundices de terra” foram por esse motivo incluídos na análise deste trabalho, pela importante informação que forneciam a estes homens.

Os viajantes a partir do século XV, ao viverem as mais diversas experiências em locais desconhecidos e apesar dos avanços científicos que marcaram a época, não estavam livres de julgamentos pré-concebidos, não conseguindo romper com a longa tradição de narrativas de viagens no período medieval. Os marinheiros, os pilotos e outros que iam a bordo das embarcações, escreveram os seus relatos, ou memorizaram as suas histórias, e muita desta informação chegou a Portugal aquando do seu regresso do mar, espalhando-se pelo país e também pela Europa. Este conhecimento correu pela Europa, mas não quer dizer que tivesse chegando da mesma forma a todas as pessoas.⁸³

A leitura destes documentos ajuda a esclarecer muitas questões acerca da real prática de pilotagem da época. Apesar de não terem instrução, estes pilotos e marinheiros tinham o destino de centenas de vidas nas mãos e conseguiam, na maioria das vezes, chegar a bom porto sem grandes percalços.

⁸³ Leitão, H.S. (2004), p.15-53.

A análise aos compêndios de história natural não foi feita com um intuito comparativo com estes relatos, pois são realidades muito distantes. Foi feita de modo a perceber como as correntes biológicas ou de filosofia natural que estavam enraizadas entre os mais eruditos, podiam influenciar, ser complementadas ou contrariadas pelas observações efetuadas por pessoas de estratos sociais menos instruídos, mas com uma grande experiência no terreno.

Pretendeu-se assim uma abordagem nova ao estudo das descrições destes animais, tema novo no contexto científico português, onde se espera que este adicionamento ao trabalho já feito por outros, possa tornar possível uma melhor compreensão dos animais marinhos que surgiam nos relatos de viagens portuguesas. Toda esta investigação foi compilada na tese que agora se apresenta, tendo já partes da mesma sido apresentadas ao longo dos anos do projeto em conferências nacionais e internacionais.

De modo a facilitar a compreensão das citações transcritas por parte do leitor, foram feitas modernizações simples às mesmas, que não alteraram o sentido das afirmações. Assim, foram alteradas essencialmente abreviaturas ou algumas letras de modo a possibilitar uma leitura mais próxima do português atual.

3 – O Conhecimento da Natureza

O interesse dos homens pela natureza sempre esteve presente desde a antiguidade, com destaque para a civilização grega, que se distinguia por tentar explicá-la através de causas naturais. Deve-se a Homero a utilização de imagens e símbolos na poesia grega e, mais tarde, na latina.⁸⁴ Devemos ter em mente que, no mundo antigo, o conceito de Natureza era muito amplo, designando não só todos os seres vivos, mas também a força que ordenava e estruturava os elementos no Universo, pelo que a cosmologia ou a astronomia eram também ciências que se dedicavam ao estudo da natureza.⁸⁵ A Natureza, na aceção medieval, era a criação de Deus, o reflexo do mundo celeste, e por conseguinte, sagrada.⁸⁶

As figuras míticas influenciaram a construção do imaginário sobre os seres que habitavam os oceanos desconhecidos. São muitas as divindades marítimas existentes em várias culturas⁸⁷, muitas delas com um corpo de monstro marinho e que são acompanhadas por outro tipo de animais marinhos fabulosos ou reais, onde a sereia é uma das mais conhecidas.⁸⁸ Nas epopeias hominianas surge pela primeira vez a associação de animais a comportamentos e sentimentos humanos.⁸⁹ Se atualmente o maravilhoso é visto como um atributo, uma qualidade capaz de causar admiração, para o homem medieval a perspetiva era diferente. Na Idade Média muitos dos conhecimentos transmitidos continham informação nova misturada com noções extravagantes e estranhas, particularmente no que dizia respeito às ciências naturais. Aqui, além de observações reais, a imaginação do homem aliada à curiosidade natural pelo maravilhoso dava lugar a uma série de monstros que foram desaparecendo gradualmente.⁹⁰ As criações imagéticas fantasiosas utilizavam os bestiários como

⁸⁴ Gonçalves, M.I.R. (2002). Animais, imagens e símbolos nos poemas Greco-latinos, p.11.

⁸⁵ Vieira, A. T. (2010). *O conceito de natureza em Plínio o velho*, p.60.

⁸⁶ Silvério, C. (2002). O tópico dos animais nas memórias cronísticas sobre os reis da Dinastia de Borgonha, p.160.

⁸⁷ Tomás, J. (2013). Ensaio sobre o imaginário marítimo dos portugueses, p.12.

⁸⁸ Tomás, J. (2013), p.13.

⁸⁹ Gonçalves, M.I.R. (2002), p.11.

⁹⁰ Wright, T. (1845). *The fabulous natural history of the Middle Ages*, p.3.

veículo de significados múltiplos.⁹¹ O fantástico seduzia o homem, mas consoante se ia recolhendo mais informação sobre os mares e oceanos, o medo ia dando lugar à curiosidade.⁹²

A partir do século XV o império português passa a ser maioritariamente um império marítimo, sendo a navegação fundamental para a sua manutenção e promoção. Pode-se dizer que as novidades sobre o mundo estavam em constante movimento, sendo este império permanentemente atravessado por comerciantes, missionários, soldados e todo o tipo de viajantes que de maneiras mais ou menos informais recolhiam e trocavam informação acerca da Natureza⁹³, tarefas estas que envolviam várias pessoas de vários estratos da sociedade.⁹⁴ Muitas das novidades sobre plantas exóticas e novos animais chegavam das Índias, de África, da Ásia ou das Américas, quando os navegadores portugueses aí se foram fixando. Mas muitas chegavam da própria Europa periférica, que era pouco conhecida dos naturalistas, numa constatação das limitações do saber antigo. Era constante a preocupação em comparar as novas espécies encontradas com as já conhecidas. No entanto, perante o desconhecido muitas vezes inexplicável, surgia o maravilhoso que envolvia interpretações fantasiosas, também influenciado pelo contacto com tribos e populações locais dos novos mundos descobertos, das suas crenças e lendas, principalmente relativas a seres que habitavam as matas e as águas.⁹⁵ A maioria das novas espécies por eles descritas eram relacionadas com temas bem conhecidos, mas as exóticas dominavam o imaginário dos séculos XVI e XVII, levantando uma questão fundamental para o nosso entendimento da história natural da era moderna: como é que os praticantes desta ciência, na qual a experiência pessoal passou a prevalecer face ao conhecimento definido, julgavam a veracidade ou a falsidade da experiência de outro?

Os homens que constituíam a tripulação responsável pelas grandes viagens da carreira da Índia não tinham a preocupação nem os conhecimentos de história natural que lhes permitisse descrever meticulosamente os animais que encontravam ao longo da rota seguida. Nem era isso que se pretendia. O seu objetivo era o de registar os sinais indicadores do local onde se encontravam. Nesta altura circulavam algumas obras de história natural, prevalecendo muitas vezes o conhecimento que vinha das obras clássicas da antiguidade, tidas como inspiração e autoridade. Mas os naturalistas não eram os únicos atores neste teatro de recolha e perceção da natureza; os

⁹¹ Braga, M.M. (2002). O Bestiário nos cadeirais de corô do Convento de Santa Cruz de Coimbra e da Sé do Funchal, p.101.

⁹² Tomás, J. (2013), p.47.

⁹³ Fontes da Costa & Leitão (2009), p.36.

⁹⁴ Leitão, H. (2013). *Um mundo novo e uma nova ciência*, p.28.

⁹⁵ Camenietzki & Zeron, (2000), *Quem conta um conto aumenta um ponto: o mito do Ipupiara, a natureza americana e as narrativas da colonização do Brasil*, p.111.

conhecimentos de zoologia asiática dos portugueses dependiam também de relatos de governantes, pilotos, missionários ou mercadores.⁹⁶

As viagens marítimas pelo Atlântico foram uma das fontes de conhecimento científico mais inovadora e produtiva não só para as ciências naturais, como também para assuntos relacionados com geografia ou cartografia náutica.⁹⁷ A exploração de novos territórios deu lugar a registos do novo, do exótico e do utilitário, baseados na observação das novas plantas e animais.⁹⁸ Alguns textos portugueses do século XVI refletiam ainda a situação de desconhecimento que se vivia no país em relação à fauna extra-europeia, com referências a animais e a seres fantásticos que existiam na Ásia. No entanto, o contacto direto dos portugueses com o mundo oriental suscitou ao longo dos séculos XV a XVII uma grande produção de textos, nos quais homens com experiência ultramarina tentavam dar conta das novidades zoológicas com que se deparavam nas suas viagens pelo e até ao continente asiático, dando muito ênfase à experiência e testemunho visual.⁹⁹ Mas muitas destas valiosas fontes de informação originais sobre medicina e história natural nunca chegaram a ser publicadas ou quando o foram, podem ter sido destruídas por causas naturais¹⁰⁰, não tendo chegado aos nossos dias.

O conhecimento de fauna asiática que os portugueses tinham na época que antecedeu os Descobrimentos derivava não só de histórias orais transmitidas por marinheiros e viajantes de várias nacionalidades, mas maioritariamente de fontes livrescas. Ao longo dos séculos a exploração dos mares aumentou e com ela o conhecimento da biodiversidade marinha e oceânica. Este conhecimento e o registo das suas observações ficaram gravados nas páginas dos livros de história natural. As bibliotecas portuguesas da Idade Média continham obras eclesiásticas marcadas por uma espiritualidade popular e sentimental, que deram origem a lendas e contos.¹⁰¹ Vários clássicos da antiguidade, escritos em latim, continuavam a ser utilizados como referência e autoridade do mundo natural do Renascimento. Obras como a *Historia animalium* de Aristóteles ou *Naturalis historia* de Plínio, exerciam a sua influência, constituindo uma das ferramentas dos naturalistas, servindo como repositório onde se buscava o curioso, o necessário e o útil.

Apesar da variedade de informação disponível sobre o mundo natural, nem toda estava acessível a todos os estratos sociais. A maioria das obras circulavam num círculo

⁹⁶ Fontes da Costa & Leitão (2009), p.48.

⁹⁷ Canizares-Esguerra, J. (2001), *How to write the History of the New World*.

⁹⁸ Brito, C. (2012), *Portuguese sealing and whaling activities as contributions to understand Early Northeast Atlantic environmental history of marine mammals*, p.207.

⁹⁹ Daston & Park, (2001), *Wonders and the order of nature*, p.63.

¹⁰⁰ Fontes da Costa, P. e Leitão, H.S. (2009), p.44.

¹⁰¹ Tomás, J. (2013), p.22.

mais culto e erudito, não se sabendo concretamente o que e como chegavam a um meio mais popular. Na recolha da informação acerca do novo mundo descoberto várias dúvidas começaram a surgir. Como descrever o novo mundo, o que continha? Seria como o nosso? Há também uma série de problemas que se levantam sobre a autoridade de quem fazia essa descrição. As descrições feitas por um piloto seriam tão credíveis como as de alguém letrado que nunca tinha viajado, mas que tinha acesso aos clássicos? Poderia uma pessoa sem treino em história natural, como era a grande maioria da tripulação nas viagens dos Descobrimentos, descrever adequadamente a fauna e flora, ou uma testemunha treinada fá-lo-ia melhor?¹⁰²

São estas mudanças que aqui tentamos perceber, sendo fundamental fazer uma viagem breve pelas fontes de informação conhecidas disponíveis à altura. Está publicado um vasto conjunto de obras referentes à época dos Descobrimentos e da expansão, que transmitem conteúdos essencialmente de natureza histórica mas onde é possível encontrar informação sobre as viagens realizadas – a chamada literatura de viagens.¹⁰³ Apesar de englobados nesta classificação, as fontes narrativas são muito vastas, abordando temáticas mais gerais ou mais específicas que englobam a literatura de cordel, biografias, histórias de naufrágios ou livros náuticos.

3.1 – Cultura Popular

É muito difícil perceber o que influenciou a mentalidade dos navegadores intervenientes nos Descobrimentos. Com exceção do piloto, do capitão e de alguns religiosos que iam a bordo das naus que percorreram os mares nas suas descobertas, muito poucos eram os que tinham alguma literacia, mesmo que mínima. Independentemente disso, a imaginação destes homens estaria possivelmente repleta de histórias presentes na cultura popular ao longo de séculos e que foram transmitidas de boca em boca. Os autores populares do século XVI foram muito importantes, pois permitiram que a cultura saísse fora das muralhas da corte e abrangesse um público mais variado, fosse através da chamada literatura de cordel, de peças teatrais ou de obras literárias.

Na Idade Média começam a surgir um pouco por toda a Europa as “relações de sucesso”, documentos que narravam acontecimentos reais ou inventados, que tinham

¹⁰² Portuondo, M.M. (2009), *Cosmography at the Casa, Consejo, and Corte during the century of Discovery*, p.58.

¹⁰³ Garcia, J.M. (2016). Literatura de Viagens. *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Vol.2, p.645.

como principais objetivos proporcionar entretenimento aos leitores, ao mesmo tempo que os informavam sobre os assuntos mais variados.¹⁰⁴ Os relatos medievais de viagens intercalavam com alguma frequência notícias da observação sobre a realidade presente ao longo dos percursos, com aspectos mais transcendentais, maravilhosos ou fantásticos que os viajantes encontravam, desafiavam ou venciam.¹⁰⁵ Esta forma literária oferecia uma visão da concepção do mundo e da realidade nesta época, constituindo também uma fonte para compreender aspectos diversos da cultura medieval.¹⁰⁶

A literatura de viagens na Idade Média era fértil em “*mirabilia*” que, ao produzir um conjunto de representações sobre as terras mais distantes, sobretudo sobre o Oriente, revelava a dicotomia entre o real e o imaginário.¹⁰⁷ São várias as obras de literatura ou cultura popular ou mesmo peças de teatro que podem ter servido de fontes de ideias e lendas sobre o que era distante e desconhecido de muitos, nomeadamente sobre vários animais marinhos.

Para o imaginário medieval, o oceano era o lugar da fronteira entre a vida real e o outro mundo, o cenário por excelência do maravilhoso. Daí advinha o medo de navegar pelas suas águas e percorrer as suas rotas mais distantes, onde marcava presença o perigo e a morte.¹⁰⁸ Se ainda hoje algumas destas histórias maravilhosas são comentadas e reeditadas, é possível que circulassem na altura, com mais ou menos pormenores e que influenciassem aqueles que partiam rumo à descoberta do desconhecido. As viagens efetuadas por Marco Polo ou Jean de Mandeville nos séculos XIII e XIV respetivamente, são certamente exemplos desses registos, apesar da controvérsia sobre se os autores destas histórias teriam experimentado na primeira pessoa tudo aquilo que contaram, ou se teriam sido meros autores de compilações de histórias de viagens realizadas por terceiros.

O *Livro das Maravilhas: a descrição do mundo* por Marco Polo, foi escrito em 1298 por Rusticiano de Pisa, seu companheiro de prisão, com base nos relatos do próprio Marco Polo e foi revelado em manuscrito em Veneza. A obra é constituída por vários livros compostos por centenas de pequenos capítulos onde são relatados episódios da viagem à Ásia, maioritariamente sobre o Império Mongol durante os 26 anos que lá passou.¹⁰⁹ Não se sabendo a veracidade de tudo o que relata, a sua popularidade fez com que tivesse várias reedições ao longo dos séculos, inclusivamente com algumas delas a distorcer partes da história. Apesar disso, no século XVII estas crónicas

¹⁰⁴ Ramos, A. M. (2008), *Os monstros na literatura de cordel portuguesa do século XVIII*, p.18.

¹⁰⁵ Lopes, P. (2006), *Os livros de viagens medievais*, p.4.

¹⁰⁶ Lopes, P. (2006), p.1.

¹⁰⁷ Nascimento, R.S.N. (2014). *Narrativas e literatura de viagens na Idade Média*, p.114.

¹⁰⁸ Lopes, P.E.C. (2012). *A noite no imaginário marítimo Português do final da Idade Média*, p.14.

¹⁰⁹ Nascimento. R.S.N. (2014), p.117.

continuavam a estar presentes na lista de trabalhos publicados pela Europa fora.¹¹⁰ As *Viagens de Jean de Mandeville* foi um dos livros mais populares na Europa no final do século XIV e nos séculos XV e XVI, sucesso que justifica os cerca de 250 manuscritos conhecidos em várias línguas, assim como as 80 edições realizadas a partir do final do século XV.¹¹¹ Esta obra acaba por ser uma composição de narrativas, roteiros e crónicas já conhecidas, da autoria de um pseudo-viajante peregrino, que tinha por objetivo descrever o Oriente conhecido e imaginado,¹¹² combinando um relato de peregrinação à Terra Santa com um livro de maravilhas da Ásia.¹¹³ Para se ter uma ideia do alcance destas histórias, estas viagens tiveram um lugar de destaque na literatura medieval, sendo o que se pode considerar um “*best-seller*” desta época, o que colocou o seu autor em oitavo lugar do ranking da lista dos autores mais populares da época.¹¹⁴ Foi um trabalho citado posteriormente por vários autores e vários deles consideravam-no mesmo uma autoridade a referir tanto na descrição do mundo desconhecido, como na construção de mapas.¹¹⁵ Do século XV em diante e após o surgimento da impressão, estas histórias foram amplamente difundidas em várias línguas, mesmo não integrando a totalidade do corpo original ou tendo algumas variações. Quando faltava a informação em primeira mão, as viagens imaginárias saciavam a sede de notícias dos leitores, que assimilavam rapidamente estes relatos e os incorporavam noutros conhecidos e verídicos, dando lugar a uma complexa união entre os dados reais e os imaginários, entre a atualidade e a tradição.¹¹⁶

A partir do século XVI surge também a *literatura de cordel*,¹¹⁷ um género literário popular com origem em relatos em forma de rima, em verso e/ou em prosa, que foram impressos até ao terceiro quartel do século XX e que devem o seu nome à forma como eram vendidos, pendurados em cordéis.¹¹⁸ Apesar dos elevados níveis de iliteracia nesta época, os editores destes folhetos tentavam manter uma relação entre a oralidade e a escrita,¹¹⁹ já que muitos destes folhetos eram lidos em voz alta para uma audiência maior, pelo que o número de “leitores” seria bastante superior. Os que não sabiam ler tornavam-se depois transmissores da informação, que por ser muito variada chegava a um público heterogéneo e com interesses e poder económico

¹¹⁰ Lopes, M.S. (2016), p.66.

¹¹¹ França, S.S.L. (2015), *De um “falsário” a outro, de patranhas viageiras a legados críveis (século XV)*, p.96.

¹¹² Nascimento, R.S.N. (2014), p.119.

¹¹³ Lopes, P. (2006), p.6.; Van Duzer, C. (2006), *From Odysseus to Robinson Crusoe: A survey of Early Western island literature*, p.148.

¹¹⁴ Mruk, W. (2000), p.105.

¹¹⁵ Mruk, W. (2000), *The travels of Sir John Mandeville as one of the sources forming images of the Holy Land in Europe of the end of the Middle Ages and the beginning of Modern Times*, p.102.

¹¹⁶ Lopes, M.S. (2016), p.6.

¹¹⁷ Apesar de atualmente se utilizar a expressão “literatura de cordel” maioritariamente para se referir a textos com fraca qualidade literária, não era este o caso à época. Para um estudo mais abrangente deste tipo de literatura, consultar, p.e., o trabalho de Nogueira, C. (2002), *A literatura de cordel portuguesa*.

¹¹⁸ Nogueira, C. (2002), p. 196.

¹¹⁹ Nogueira, C. (2002), p.198.

diversificado.¹²⁰ O facto de estes folhetos serem vendidos a um preço mais baixo, quando comparados com os livros, aumentava também o seu público-alvo. Apesar de existirem diversas coleções de folhetos portugueses compiladas por várias bibliotecas nacionais, estas dizem respeito a publicações mais recentes. Isto deve-se ao facto de, para que o preço de venda fosse mais baixo, também a qualidade e a capacidade de conservação eram necessariamente menores, sendo que muitos deles eram deitados fora ou destinados a outros usos.¹²¹

Os relatos de viagens marítimas, de peregrinações ou de aventuras combinavam diferentes temáticas, com folhetos relativos a viagens ou a naufrágios por vezes a descreverem contactos com animais monstruosos.¹²² Nas narrativas de viagens, a novidade desempenhava um papel de relevo e necessário para a mesma ser aceite pelo leitor como um testemunho credível. Por si só, a viagem teria uma conotação maravilhosa por simbolizar uma partida para o desconhecido e para a aventura com riscos inerentes. Nestas viagens, o encontro com monstros funcionava como um elemento de reforço da autenticidade do relato efetuado, mesmo quando narrado através de testemunhas consideradas fiáveis e não em primeira mão.¹²³ Várias são as lendas conhecidas que eram transmitidas através deste meio, tendo várias delas chegado aos nossos dias, com mais ou menos alterações.

Um dos exemplos das lendas que foram sendo transmitidas ao longo dos tempos tem como personagem central as sereias. De todos os seres fantásticos e monstruosos que habitavam as águas, pelo menos as do imaginário de muitos navegantes, as sereias são, sem dúvida, as mais emblemáticas. Tanto é, que ainda hoje fazem parte da imaginação infantil e popular um pouco por todo o mundo. Aprofundar as questões relacionadas com a sua origem, história e lendas associadas seria, por si só, um tema de estudo. No entanto, dada a sua importância e presença no imaginário medieval que foi transmitido para as viagens dos Descobrimentos, não poderíamos deixar de falar um pouco mais sobre estes seres.

Quando pensamos nestes seres míticos, a imagem que nos surge é sempre a de um corpo com aparência metade mulher, metade peixe, mas na época da Grécia Clássica as sereias teriam o corpo com a aparência de pássaros, com rosto e seios de mulher,¹²⁴ dotadas de um canto sedutor que exercia uma atração fatal sobre quem o escutava.¹²⁵ Esta dualidade de representação torna estes seres ainda mais inigmáticos, existindo também diferentes filiações e significados para a sua existência, interessando para a temática aqui abordada o que diz respeito à sua representação como mulher-peixe.

¹²⁰ Nogueira, C. (2002), p.208.

¹²¹ Nogueira, C. (2002), p.199.

¹²² Ramos, A. M. (2008), p.101.

¹²³ Ramos, A. M. (2008), p.115.

¹²⁴ Brasey, É. (2002), *Sereias e ondinas*, p.30.

¹²⁵ Peinado, L.R. (2009), *Las Sirenas*, p.51.

A palavra *Sereia* deriva do grego *sirèn* e *seirazein*, que significa “prender com uma corda” ou do latim *siren*, que evoluiu para *serena*, numa associação ao suposto canto doce e melodioso destes seres, que atraía os marinheiros e os fazia lançarem-se ao mar, na esperança de ficarem mais perto da música deliciosa e fatal.¹²⁶ Apesar de ao longo dos séculos ter sido questionada por vários autores a existência destes seres, é frequente a referência a sereias em bestiários medievais ou em obras consideradas de história natural, mesmo quando os autores duvidavam da sua existência.

Assim, as sereias desde cedo foram consideradas seres sedutores e ambíguos, que tanto poderiam estar associados aos perigos do mar como à luxúria e à tentação,¹²⁷ anunciando tempestades e possíveis naufrágios, e normalmente repudiadas pela religião cristã. No entanto, determinadas culturas davam um significado mais positivo a estes seres, chegando mesmo a venerá-las. A lenda das sereias nasce da relação com o perigo a que as travessias marítimas estavam sujeitas, principalmente junto das ilhas na costa de Itália, onde supostamente habitavam. Segundo esta mesma lenda, neste local, os naufrágios e perigos de morte eram causados porque os barcos se aproximavam das ilhas atraídos pelo canto sedutor das sereias. No entanto, rapidamente as sereias foram associadas a uma série de outros perigos a que os navegadores estavam expostos aquando das suas viagens.¹²⁸

A mais conhecida aparição de sereias é relatada por Homero na sua *Odisseia*, onde o herói Ulisses estava ciente de que o canto destes seres seria fatal para quem o ouvisse, salvando-se ao colocar cera nos ouvidos dos seus marinheiros e amarrando-se ao mastro do seu navio, resistindo à tentação de se aproximar das ilhas. Foi assim o primeiro homem a ouvir o belo canto das sereias e a escapar ileso ao trágico fim de naufrágio.

De um modo geral, a partir do Renascimento as sereias começam a ser consideradas guardiãs do mar, sendo a sua presença frequente, por exemplo, em mapas e proas de navios.¹²⁹ Atualmente a referência a estes seres está essencialmente associado ao universo infantil, através de histórias e animações que acabam por ir beber um pouco a todas as culturas ancestrais.

E nos relatos analisados neste trabalho, há a referência a sereias? Os homens que realmente viajavam, que tinham a experiência factual de percorrer o mar mais ou menos conhecido, mas sempre imprevisível, fazem referência explícita à observação de sereias ou de algum outro ser mitológico? No corpo documental que foi analisado, não. No entanto, sendo a referência às sereias frequente e duradoura ao longo dos tempos, embora noutro tipo de documentação, é legítimo questionar se estes seres

¹²⁶ Brasey, É. (2002), p.16 e 34.

¹²⁷ Peinado, L.R. (2009), p.51-52.

¹²⁸ Peinado, L.R. (2009), p.57.

¹²⁹ Brasey, É. (2002), p.49.

terão realmente existido ou de onde terá partido esta “construção”. Estudos de iconografia e biológicos apontam para que a origem biológica das sereias esteja na observação de manatins ou dugongos, cuja cabeça articulada e membros anteriores lembrando braços teriam semelhança humana.¹³⁰ Estes mamíferos marinhos reais pertencem atualmente à ordem Sirenia.

Dentro da cultura popular, também as representações teatrais terão sido um importante meio de transmissão de ideias sobre o oceano desconhecido, como no caso, p.e., de Gil Vicente (1465-1536). As peças deste autor, além de circularem sob a forma de literatura de cordel, eram representadas em locais públicos fora da corte, abrangendo mais uma vez um público muito diversificado e de vários estratos sociais.¹³¹ Vários autos deste dramaturgo português dos séculos XV/XVI perpetuaram-se até aos dias de hoje, chegando alguns a integrar os programas curriculares nacionais.¹³²

A temática dos Descobrimentos é abordada no *Auto da Índia* (1509), que tendo o adultério como foco da intriga, refere também o perigo das viagens rumo ao Oriente e a possibilidade de quem embarcasse poder não regressar com vida:

“E nós cem léguas d’aqui

Saltou tanto sudoeste,

Sudoeste e oes-sudoeste

*Que nunca tal tormenta vi.”*¹³³

Os ventos e as tempestades dantescas eram uma realidade nas viagens marítimas e muitas das histórias que se contavam, com mais ou menos fantasia, relacionavam essas tempestades ou prognósticos de más viagens com o avistamento de seres monstruosos.

Uma das obras mais conhecidas de todos os tempos de um autor português – *Os Lusíadas* – tem na viagem de Vasco da Gama e consequente descoberta do caminho marítimo para a Índia o seu foco central. A obra, publicada pela primeira vez em 1572, é composta por dez cantos, ao longo dos quais Luís Vaz de Camões (1524-79) glorifica o povo português, o herói da narrativa. Aqui são descritos acontecimentos reais e outros imaginários e populares, enaltecendo sempre a grandeza dos lusitanos e a sua

¹³⁰ Flor, M.A.F. (2011), *Los monstrous en el Nuevo mundo*, p.42.

¹³¹ Nogueira, C. (2002), p.205.

¹³² *O Auto da Barca do Inferno* (1516) é o primeiro de três e o mais conhecido dos autos que compõem a Trilogia das Barcas, juntamente com o *Auto da Barca do purgatório* (1518) e com o *Auto da Barca da Glória* (1519).

¹³³ Vicente, G. (1509). *Auto da Índia*, p.19.

vocação para os grandes feitos, o que pode ser um elemento chave para justificar o sucesso desta obra até aos dias de hoje. Por esse motivo, faremos aqui uma breve análise desta narrativa.

Embora não seja esta a obra que nos vem à memória quando falamos em animais marinhos, a verdade é que a descrição de vários elementos naturais está presente ao longo de toda a narrativa, como alguns autores já tinham referido.¹³⁴ No entanto, não é objetivo principal deste trabalho analisar exaustivamente a referência a animais marinhos reais ou fantasiosos nesta obra, mas antes tentar perceber como é que as descrições destes mesmos elementos ao longo desta narrativa poderão de alguma maneira ter influenciado o imaginário dos marinheiros portugueses desta época.

No que diz respeito aos animais marinhos, durante esta viagem à Índia, Camões faz referência a focas:

“E, por mandado seu, buscando andamos

A terra oriental que o Indo rega;

Por ele o mar remoto navegamos.

Que só dos feios focas se navega.”¹³⁵

Aves:

“Eis mil nadantes aves, pelo argento

Da furiosa Tétis inquieta;

Abrindo as pandas asas vão ao vento,

Para onde Alcides pôs a extrema meta.”¹³⁶

“Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam

De vária cor que pinta o roxo fruto;

As aves variadas, que ali saltam,

De verde noz tomando seu tributo.”¹³⁷

¹³⁴ Para mais informação acerca desta temática, consultar os trabalhos de Osório, B. (1906), *A fauna dos Lusíadas*; Frade, (1972), *Os animais e seus produtos n’Os Lusíadas* e Brito, C., (2006c), *Referências a mamíferos marinhos n’Os Lusíadas: A realidade biológica e o mundo natural na base da narrativa épica*. A versão utilizada neste estudo foi Camões, L. (1984). *Os Lusíadas*, primeiro volume das obras completas. Círculo de Leitores, 490 pp.

¹³⁵ Camões, L. (1984), p.47, canto I, 52.

¹³⁶ Camões, L. (1984), p.164, canto IV, 49.

E golfinhos (delfins):

*“As alciónias aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas águas lhe causaram.
Os delfins namorados, entretanto,
Lá nas covas marítimas entraram,
Fugindo à tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.”¹³⁸*

Já os elementos mitológicos e fantásticos, como os deuses, as nereidas e tritões ou as famosas sereias são referidos mais frequentemente:

*“Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus Semideuses, e encareçam,
Fingindo magas Circes, Polifemos,
Sirenas que co’o canto os adormeçam;
Dêem-lhe mais navegar à vela e remos
Os cícones e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dêem-lhe perder nas águas o piloto.”¹³⁹*

Neste caso há a alusão à célebre lenda de que o canto das sereias enfeitiçava os marinheiros que o ouvissem, levando assim ao naufrágio das embarcações. Também as monstruosas criaturas fruto do cruzamento de espécies diferentes têm lugar nesta narrativa:

*“Olha o reino Arracão: olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram,*

¹³⁷ Camões, L. (1984), p.389, canto X, 133.

¹³⁸ Camões, L. (1984), p.243, canto VI, 243.

¹³⁹ Camões, L. (1984), p.213, canto V, 88.

- Monstros filhos do feio ajuntamento

*Dua mulher e um cão, que sós se acharam;*¹⁴⁰

Ao longo do canto V é relatado o episódio épico do Adamastor, o mítico gigante que representa as forças da natureza e que impede a passagem do Cabo das Tormentas. A descrição é tão grandiosa e tenebrosa, que as suas “palavras” estariam certamente na mente de muitos dos que embarcaram posteriormente:

“- Eu sou aquele oculto e grande cabo

A quem chamais vós outros Tormentório,

Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,

Plínio, e quantos passaram fui notório.

Aqui toda a africana costa acabo

Neste meu nunca visto promontório,

Que para o Pólo Antárctico se estende,

*A quem a vossa ousadia tanto ofende.”*¹⁴¹

Nesta viagem, Vasco da Gama conseguiu superar pela primeira vez esta terrível ameaça, mas isso não significava que a mesma deixasse de existir. Muitas das tempestades que aconteciam durante as viagens eram também associadas às iras de deuses marinhos:

“Agora sobre as nuvens os subiam

As ondas de Neptuno furibundo,

Agora a ver parece que deciam

Às íntimas entranhas do Profundo;

Noto, Austro, Bóreas, Áquilo queriam

Arruinar a máquina do mundo;

A noite negra e feia se alumia

¹⁴⁰ Camões, L. (1984), p.385, canto X, 122.

¹⁴¹ Camões, L. (1984), p.200, canto V, 50.

Co'os raios em que o Pólo todo ardia.”¹⁴²

Como já foi referido, a primeira edição desta obra foi já na segunda metade do século XVI, o que não significa que as histórias aqui narradas não povoassem o imaginário dos marinheiros um século antes, transmitidas por outras vias, nomeadamente a tradição oral. Apesar do seu conteúdo fantástico e mitológico, esta obra, como outras de carácter literário, poderá também ser uma ferramenta útil no estudo da fauna e flora dos séculos passados, que em muitos casos não será de acordo com o que conhecemos hoje.

Embora um pouco mais tardios, os sermões do Padre António Vieira, religioso pertencente à Companhia de Jesus, muito influente no século XVII, tiveram uma grande disseminação pela sociedade de então. Num dos seus discursos mais conhecidos atualmente, o *Sermão de Santo António aos Peixes*, há a referência a mamíferos marinhos. Apesar de datado da segunda metade do século XVII, acaba por ser um exemplo do tipo de discurso que era pregado nestas alturas e que podia influenciar aqueles que embarcavam sobre o que poderiam ou não encontrar pelo caminho. Segundo as suas palavras, era no mar que habitavam os grandes seres, os primeiros a serem criados por Deus:

“Que comparação têm em número as espécies das aves e as dos animais terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza o elefante com a baleia? Por isso Moisés, cronista da Criação, calando os nomes de todos os animais, só a ela nomeou pelo seu: Creavit Deus cete grandia. E os três músicos da fornalha de Babilónia o cantaram também como singular entre todos: Benedicite, cete, et omnia quoe moventur in aquis, Domino**. Estes e outros louvores, estas e outras excelências de vossa geração e grandeza vos pudera dizer, ó peixes (...).”*¹⁴³

As baleias, conhecidas de todos os que andavam no mar, são aqui o exemplo dado, mas poderia ser sinal de que, se Deus criou aquele ser, poderia ter criado tantos outros monstros marinhos de igual ou maior dimensão, ainda desconhecidos dos viajantes. Aqui a ideia de monstruosidade que o Padre Vieira está a transmitir é associada à grande dimensão que as baleias poderiam ter, maiores que os elefantes terrestres. No entanto, a utilização da palavra “monstro” poderá não ter a mesma interpretação por todos aqueles que lerem ou ouvirem este relato.

¹⁴² Camões, L. (1984), p.243, canto VI, 243.

¹⁴³ Vieira, A. (1997), onde: *”Deus criou os monstros marinhos” e **”Monstros e animais marinhos, bendizei o Senhor”, *Sermão de Santo António aos peixes*, p.14.

3.2 – Clássicos de Referência

3.2.1 – Aristóteles e a *Historia animalium*

Aristóteles é o grande expoente da antiguidade clássica no que respeita ao conhecimento em primeira mão dos animais e o primeiro autor a expor de forma ordenada esse conhecimento.¹⁴⁴ A sua obra *Historia animalium* (séc. IV a.C.) contém uma extraordinária compilação de alargadas descrições anatómicas de animais, assim como do seu desenvolvimento e comportamento. O objetivo deste autor era o de estabelecer relações entre as características dos vários animais, onde a metodologia comparativa constitui o principal critério de distinção e agrupamento dos animais:¹⁴⁵

*“Os animais podem ser vivíparos, ovíparos ou larvíparos. Vivíparos são, por exemplo, o homem, o cavalo, a foca e todos os outros que têm pelo; entre os animais aquáticos são-no também os cetáceos, caso do golfinho, e os chamados seláceos (raias e tubarões). Entre os animais aquáticos, uns têm uma fenda em vez de guelras, como o golfinho e a baleia, outros têm as guelras a descoberto, caso dos seláceos (...).”*¹⁴⁶

*“De facto, praticamente em todos os animais que pertencem a géneros distintos, a maioria das partes é também especificamente diversa; uns têm apenas uma semelhança por analogia e são genericamente diversos, outros são genericamente semelhantes mas especificamente diversos. Há muitas partes que pertencem a certos animais e não a outros.”*¹⁴⁷

O espectro de informação que Aristóteles dispunha era muito alargado, contemplando também um amplo espaço geográfico na análise da natureza e dos comportamentos dos diversos grupos animais.¹⁴⁸ Desde as suas características físicas, aos modos de locomoção, reprodução e respiração, passando por características de anatomia interna, todos estes tópicos indicam uma observação atenta dos animais em causa e do seu habitat:

¹⁴⁴ Grudger, E. W. (1934), *The Five Great Naturalists of the Sixteenth Century: Belon, Rondelet, Salviani, Gesner and Aldrovandi: A Chapter in the History of Ichthyology*, p.24.

¹⁴⁵ Aristóteles, (2006), *História dos Animais I*, p. 43.

¹⁴⁶ Aristóteles, (2006), p. 60, livro I.

¹⁴⁷ Aristóteles, (2006), p. 87, livro II.

¹⁴⁸ Aristóteles, (2006), p. 28.

“Dos animais marinhos, uns vivem no alto mar, outros, no litoral, outros ainda, nas rochas.”¹⁴⁹

“Quanto à posição, em todos os animais que possuam estes órgãos (coração e fígado) ela é a mesma.”¹⁵⁰

O autor tinha noção da dificuldade que era observar o interior dos animais e das alterações que este sofria após a morte dos espécimes, compreendendo a falha que os seus antecessores cometiam neste campo:

“Como a natureza do sangue e dos vasos sanguíneos parece constituir um princípio vital, é pelo seu estudo que se deve começar, tanto mais que alguns dos nossos predecessores não trataram bem esta matéria. A razão desta ignorância está na dificuldade de observação. De facto, nos animais já mortos, a natureza dos vasos principais deixa de ser perceptível (...). Nos animais vivos não é possível observar o funcionamento destas partes, porque são, por natureza, internas.”¹⁵¹

Na parte dedicada aos animais aquáticos, refere frequentemente peixes como atuns e tubarões, assim como o golfinho e a foca, possivelmente animais com os quais estava mais familiarizado e a que tinha dedicado mais tempo de observação:

“Todos os animais com leite produzem-no nas mamas. Todos os que são vivíparos interior ou exteriormente as têm, caso de todos os que têm pelos, como o homem e o cavalo, ou os cetáceos, como o golfinho, a toninha e a baleia; todos estes têm também mamas e leite.”¹⁵²

Apesar de todas estas diferenças entre peixes, golfinhos e baleias que Aristóteles referia e que mais tarde outros naturalistas confirmaram, só com Lineu, já no século XVIII, é que as baleias e os outros cetáceos deixaram de ser considerados uns “peixes grandes” e passam a estar agrupados com os restantes mamíferos.¹⁵³

Aristóteles demonstrava o seu respeito por informações recolhidas junto de comunidades próximas da realidade animal, como os pescadores. Estes mereciam o seu crédito quer se tratasse de informação respeitante ao comportamento da fauna marinha, quer acerca de animais invulgares. A existência destes seres era assim reforçada através do testemunho de quem diretamente lidava com eles.¹⁵⁴

¹⁴⁹ Aristóteles, (2006), p. 57, livro I.

¹⁵⁰ Aristóteles, (2006), p. 112, livro II.

¹⁵¹ Aristóteles, (2006), p. 127, livro III.

¹⁵² Aristóteles, (2006), p. 154, livro III.

¹⁵³ Brito, C. (2009), p.225; Romero, A. (2012), *When whales became mammals: the scientific journey of cetaceans from fish to mammals in the History of Science*, p.25.

¹⁵⁴ Aristóteles, (2006), p. 18.

“Todos os peixes, menos os seláceos que são achatados, acasalam pondo-se de lado, ventre contra ventre (...). Há quem diga ter visto também alguns seláceos a acasalarem por trás, como os cães (...).”¹⁵⁵

“Há ainda, no mar, certos animais invulgares que é difícil, pela própria raridade com que aparecem, classificar num género determinado. Houve já pescadores, gente com experiência, que disseram ter visto no mar animais parecidos com tancos de madeira, negros, arredondados e de uma grossura uniforme: outros parecidos com escudos, de cor avermelhada e com barbatanas numerosas; outros ainda, pela forma e pelo tamanho, idênticos a um órgão sexual masculino, salvo que, em vez de testículos, apresentavam duas barbatanas. Dizem os tais pescadores que este último veio uma vez agarrado a uma cana com muitos anzóis.”¹⁵⁶

Esta é, aliás, a única referência nesta obra a animais marinhos “invulgares”, tendo-lhe sido transmitida e não fruto da sua própria experiência de observação. Para o autor, os monstros e os outros erros da natureza destruíam a sua ordem.¹⁵⁷ Nesta obra o autor recorre por vezes à utilização de imagens ou esquemas que servem de auxiliares à descrição verbal que é apresentada aos leitores:

“(...) observemos o que acaba de ser dito a partir desta gravura.”¹⁵⁸

Devido ao seu vasto estudo dedicado aos animais, pelas suas observações científicas diretas e pelas dissecações efetuadas, as descrições feitas por Aristóteles nesta sua obra foram incomparáveis durante séculos, razão pela qual muita da terminologia zoológica se baseia nos seus escritos.¹⁵⁹

¹⁵⁵ Aristóteles, (2006), p. 206, livro V.

¹⁵⁶ Aristóteles, (2006), p. 184.

¹⁵⁷ Daston e Park, (2001), p.291.

¹⁵⁸ Aristóteles, (2006), p. 124.

¹⁵⁹ Leonhard, K. (2007), *Shell collecting. On 17th century conchology, curiosity cabinets and still life painting*, p.180.

3.2.2 – Plínio e a *Naturalis historia*

Um outro grande trabalho de referência foi a *Naturalis historia* de Plínio (séc. I), que pretendeu abranger todo o conhecimento antigo relacionado com a natureza. Segundo o autor, esta obra foi a primeira enciclopédia da antiguidade, tendo-se tornado um modelo para as enciclopédias posteriores. Devido a esta inovação, foi também interpretado como uma invenção romana, com o objetivo de compilar informação sobre o Império.¹⁶⁰ Esta obra consiste em trinta e sete livros onde são abordadas questões em campos tão diversos como botânica, geografia, pintura ou arquitetura, com quatro volumes dedicados à zoologia, num verdadeiro “inventário do mundo”. O público-alvo desta obra era variado, sendo mais dirigido a uma elite erudita do que a um leitor mais leigo,¹⁶¹ onde os grandes animais marinhos não foram esquecidos:

*“Capítulo II – Razão pela qual há no mar tão grandes criaturas: há nestes lugares animais enormes, uns maiores que na terra (...)”*¹⁶²

Apesar de se basear no trabalho de vários autores para a composição da sua obra, entre eles Aristóteles, o seu estilo é muito distinto deste último. As informações que constam da obra de Plínio resultam de conhecimentos transmitidos, da compilação do que existia em obras anteriores e da observação feita por outros, mais do que da sua própria experiência. Para este autor, quantas mais pessoas divulgassem um facto, mais verídico ele se tornava, enfatizando assim a tradição em detrimento da inovação.¹⁶³ O nome de Aristóteles aparece várias vezes no discurso, fosse para concordar ou para discordar das suas afirmações:

*“Capítulo XXIII – Sobre a lampreia: (...) o macho deste tipo, Aristóteles chama Myrus (...).”*¹⁶⁴

*“Respiram também (...) outros animais no mar que têm entre os membros internos pulmões, porque sem ele não se crê respirar animal algum e não se podem persuadir os que seguem esta opinião que os que têm guelras respirem nem outros tantos que carecem delas, e deste parecer parece ter sido persuadido Aristóteles por muitas razões.”*¹⁶⁵

¹⁶⁰ Romero, A. (2012), p.7.

¹⁶¹ Vieira, A. T., (2010), p.66.

¹⁶² Plínio, (1999), *Historia natural de Cayo Plínio Segundo*, p.431. Minha tradução do castelhano.

¹⁶³ Vieira, A.T. (2010), p.61.

¹⁶⁴ Plínio, (1999), p.437. Minha tradução do castelhano.

¹⁶⁵ Plínio, (1999), p.437. Minha tradução do castelhano.

O discurso não é muito pormenorizado e há referência a seres marinhos exóticos, estando este autor mais interessado em histórias do que nas suas causas,¹⁶⁶ sendo por isso categorizado num estilo diferente não só de escrita, mas de utilização de fontes. Nesta obra, criaturas fantásticas como tritões e nereidas são descritos como se de animais reais se tratassem:

“Capítulo V – Sobre nereidas, tritões e elefantes marinhos: enviaram os de Lisboa ao príncipe Tibério embaixadores para que lhe fizessem saber que haviam visto e ouvido numa cova um tritão com uma concha, da forma que vulgarmente se diz ser e se pinta. Nem é fábula o que se fala das nereidas (salvo que têm um corpo escamoso) mesmo no que diz respeito a ser de figura humana, porque se viu uma na mesma ribeira cujos dolorosos gemidos, muribunda, foram ouvidos longe dali pelos moradores daquela terra (...). Autores tenho, (...) que afirmam ter visto no mar de Cádiz um pescado, estranhamente semelhante em todo o corpo a um homem, subir aos navios de noite (...)”¹⁶⁷

Nesta passagem, o autor refere algumas observações feitas por terceiros, que confirmavam, segundo o mesmo, a existência de tritões e nereidas, embora com algumas diferenças face ao que era normalmente descrito.

O livro IX desta obra contém histórias sobre a natureza dos peixes e das criaturas marinhas, quer habitem em oceanos, rios ou lagos, sejam vertebrados ou invertebrados, reais ou míticos. Está dividido em 62 capítulos, tendo como referência vários autores estrangeiros e em latim:

“Em resumo, este livro contém histórias, factos notáveis, e observações, em número de 650, recolhidas de autores em latim: Turanius Graccula, Trogus, (...) Seneca, Cicero, Macer Aemylus, Messala Corvinus, Trebius Niger e Nigridius. E de autores estrangeiros: Aristóteles (...), Demócrito, Teofrasto, Thrasyllus, Hegesidemus de Cythnos e Alexandre Polyhistor.”¹⁶⁸

Com esta lista de autores, Plínio acreditava dar mais credibilidade ao conteúdo da sua obra, ficando também presente que se tratava mais de uma obra de compilação do que de análise. Os grandes animais marinhos eram aqui abordados e incluídos na categoria “monstro”, onde tudo o que fosse grande quer se tratasse de uma baleia, de um peixe-serra ou de um atum era incluído:¹⁶⁹

¹⁶⁶ Romero, A. (2012), p.7.

¹⁶⁷ Plínio, (1999), p.435. Minha tradução do castelhano.

¹⁶⁸ Plínio, (1999), p.28. Minha tradução do castelhano.

¹⁶⁹ Romero, A. (2012), p.7.

*“Capítulo IV – Que animais são maiores em diversas partes do oceano: os maiores animais que existem no mar da Índia são pristes e baleias; no oceano Gálico, o physeter (...). No oceano de Cadiz existe outro (...).”*¹⁷⁰

Esta obra indica que o mar é o elemento onde se encontram os seres mais excessivos, em maior número de espécies, mais híbridos e monstruosos, não estando sujeitos à ordem mas à confusão e ao caos.¹⁷¹ Segundo o próprio autor, o estilo enciclopédico deste trabalho era propositado para ter um valor didático e útil à comunidade.¹⁷² No entanto, o modo como classifica os animais é mais distante da realidade quando comparado com o trabalho de Aristóteles, já que não tenta uma classificação mais abrangente e compreensiva, baseando-se muitas vezes no tamanho dos animais.¹⁷³ Também em relação às imagens Plínio tinha uma posição diferente, considerando que os autores se deviam limitar à descrição verbal da natureza, pois as ilustrações podiam induzir a erro pela variabilidade existente e a grande paleta de cores necessária para a reproduzir.¹⁷⁴ Com esta compilação de trabalhos de outros autores, Plínio consegue estabelecer uma norma de citação das fontes de informação utilizada e manter a sua influência ao longo de séculos.¹⁷⁵ A primeira edição impressa da obra de Plínio data de 1469. Aliás, foi o processo de impressão que permitiu que estes clássicos de Plínio e Aristóteles fossem tão populares no final do século XV e no século XVI, permitindo a sua disseminação e acentuando o interesse pelo estudo da história natural.¹⁷⁶

3.2.3 – *Physiologus*, Isidoro de Sevilha e os Bestiários

Ao longo dos séculos escreveram-se em latim ou em línguas vernáculas diversos bestiários, nome pelo qual eram conhecidas as obras em que se descreviam os animais e os seus costumes de um modo fantástico. Aqui estavam incluídas descrições de todo o tipo de animais, reais ou imaginários, acompanhados de uma explicação moral. Apesar de abordarem o mundo natural e de algumas observações serem muito precisas, não eram textos com pretensão científica e não se deviam ler como tal.

¹⁷⁰ Plínio, (1999), p.433-34. Minha tradução do castelhano.

¹⁷¹ Lopes, P.E.C. (2012), p.13.

¹⁷² Vieira, A.T. (2010), p.61.

¹⁷³ Romero, A. (2012), p.8.

¹⁷⁴ Kusakawa, S. (2012), *Picturing the book of nature: Image, text and argument in sixteenth-century human anatomy and medical botany*, p.20.

¹⁷⁵ Romero, A. (2012), p.8.

¹⁷⁶ Grudger, E. W. (1934), p.23.

Também não eram considerados textos meramente religiosos, mas sim uma descrição do mundo como ele era entendido à época.

Este género apareceu em Inglaterra no século XII, como uma compilação de fontes anteriores, baseado principalmente no texto *Physiologus*,¹⁷⁷ cujo nome deriva da palavra grega *Physiologos*, que significa “Naturalista”.¹⁷⁸ Este texto de autoria anónima, um dos mais populares e lidos na Idade Média,¹⁷⁹ foi escrito em grego, sendo a data do seu aparecimento muito debatida, mas situando-se entre os séculos II e IV¹⁸⁰ e posteriormente traduzido em várias línguas, incluindo o latim.¹⁸¹ Acredita-se que possa ser originário do Egito, mais propriamente de Alexandria.¹⁸² É uma espécie de enciclopédia que ao longo de cerca de 50 capítulos reúne os conhecimentos e as crenças da Antiguidade bestas, pássaros, plantas e pedras.¹⁸³ As histórias incluídas derivavam de fontes antigas do conhecimento animal, como os clássicos de filosofia natural de Aristóteles ou de Plínio e de histórias que circulavam em várias culturas do Mediterrâneo oriental.¹⁸⁴ Estas histórias foram também enriquecidas com alegorias, interpretações didáticas e religiosas provenientes das matérias existentes nos Antigo e Novo Testamento. No entanto, é como manual de instrução moral e teológica que esta obra atinge uma divulgação apenas comparada à Bíblia, sendo por isso muito célebre no mundo Cristão.¹⁸⁵ As lendas presentes sempre exerceram uma grande influência na literatura e nas artes, mesmo até aos tempos mais recentes, misturando o folclore exótico com ensinamentos morais.¹⁸⁶

Todos os animais identificáveis neste texto eram conhecidos do norte de África, tendo os animais do norte da Europa aparecido em versões mais tardias do texto. A precisão das observações era muito variável, com muitas descrições que não correspondiam à realidade, mas que foram repetidas e difundidas durante séculos.¹⁸⁷

De entre os seres referidos, há entradas para o peixe-espada, para as sereias ou para a baleia, entre outros. Relativamente ao peixe-espada o texto refere:

“Há um animal no mar, chamado peixe-espada, que tem longas asas; e quando ele vê os navios a velejar, ele imita-os e esforça-se com os navios enquanto eles navegam, abandonando-os ao fim de algum tempo

¹⁷⁷ James, M.R. (1932), *The bestiary*, p.4.

¹⁷⁸ Pereira, L.B. (2002). Os Bestiários medievais franceses: origens e lições de sobrevivência, p.145.

¹⁷⁹ Curley, M.J. (2009), *Physiologus, a medieval book of nature lore*, p.vix.

¹⁸⁰ Curley, M.J. (2009), p.xviii.

¹⁸¹ James, M.R. (1932), p.3. A versão mais antiga da tradução latina que se conhece é do século VII, mas é aceite que tenham existido versões anteriores.

¹⁸² Curley, M.J. (2009), p.xvi.

¹⁸³ Pereira, L. B. (2002), p.145.

¹⁸⁴ Curley, M.J. (2009), p.xxi.

¹⁸⁵ Pereira, L. B. (2002), p.145.

¹⁸⁶ Curley, M.J. (2009), p.vix.

¹⁸⁷ George & Yapp, (1991), *The naming of the beast: natural history in the medieval bestiary*.

(...). O mar é o mundo, os navios os profetas e apóstolos que atravessam o mundo, (...) o peixe-espada representa aqueles que se abstem por um tempo, mas que não lutam com bom ritmo devido à ganância e ao orgulho (...).¹⁸⁸

Quanto às sereias, estas:

“(...) são seres mortais que habitam os mares, que gritam com vozes estranhas, pois a metade deles até o umbigo tem a figura humana, enquanto a outra metade é a de um pássaro. Elas cantam uma música muito agradável e pela doçura da voz, encantam a audição de homens que navegam para longe e os atraem para si. Elas encantam os ouvidos e os sentidos dos marinheiros e colocam-nos a dormir, atacando-os (...). Os homens que se deleitam nos encantos e nos prazeres do mundo (...) tornam-se presas para os seus inimigos”.¹⁸⁹

Relativamente às grandes baleias, é uma específica que é referida nesta obra, a aspidocoleon:

“(...) a aspidocoleon é grande como uma ilha, mais pesada que a areia e uma figura do diabo. Os marinheiros ignorantes lançam ancora à besta (...) acendem suas fogueiras para cozinhar e quando ela sente o calor, mergulha nas profundezas, afundando todos os navios. Se te fixares à esperança do diabo, ele mergulhar-te-á no fogo do inferno (...).¹⁹⁰

Estas três citações têm em comum o facto de descreverem o comportamento do animal, relacionando-o com um ensinamento moral para os homens que tivessem comportamentos equivalentes. Não deixam de perpetuar a informação que se foi transmitindo ao longo do tempo, contribuindo para a criação de lendas envolvendo estes animais marinhos.

No século VII, Isidoro de Sevilha escreveu as *Etymologiae*, uma enciclopédia de grande importância para a compreensão do pensamento da época e que tentava compilar o conhecimento universal, muito baseada nas fontes da antiguidade clássica. Estava dividida em 20 livros que abordavam temas como gramática, medicina, matemática ou

¹⁸⁸ Curley, M.J. (2009), p.6.

¹⁸⁹ Curley, M.J. (2009), p.23.

¹⁹⁰ Curley, M.J. (2009), p.45.

zoologia (livro XII), incluindo uma lista quase completa das ciências antigas.¹⁹¹ No capítulo dedicado aos peixes, há referências a “*certos tipos de peixes são anfíbios, assim chamados porque têm a prática de andar em terra e nadar na água*”¹⁹², ou que “*o homem deu primeiro o nome às bestas do campo e aos animais selvagens e pássaros, antes dos peixes, porque foram vistos e conhecidos primeiro*”.¹⁹³ Através desta enciclopédia, Isidoro de Sevilha tentava explicar a verdadeira natureza dos animais com base na análise dos seus nomes e sem a conotação moral associada. São disso exemplo os peixes, que recebiam os seus nomes “*devido ao sexo, como o musculus*,”¹⁹⁴ *porque é o masculino da baleia, que por união com o mexilhão este monstro concebe*”.¹⁹⁵ Foi também um dos compêndios mais populares na Idade Média, mantendo a sua popularidade no Renascimento, estando na base dos primeiros bestiários juntamente com o texto *Physiologus*.

Como anteriormente referido, os bestiários propriamente ditos surgiram no século XII, funcionando como um meio de difundir algumas das doutrinas da igreja, através de símbolos e alegorias que continham e não tanto como forma de transmitir o conhecimento científico. Estas alegorias foram inclusivamente ganhando espaço ao longo do tempo, chegando a ser por vezes maiores do que a descrição do animal em si. Alguns dos animais referidos, como as sereias ou o unicórnio, eram fabulosos, mas muitos eram bem conhecidos e reais, apesar de se lhes atribuir características fantásticas. As suas descrições não eram resultado de observação direta por parte do autor do texto, mas derivadas de histórias contadas por viajantes, lidas em livros ou fruto da imaginação de quem as escrevia e que se iam tornando factos reais consoante iam sendo transmitidas ao longo dos tempos.¹⁹⁶

Estes manuscritos normalmente eram ilustrados, servindo as imagens como uma linguagem visual, de extrema importância para o público iletrado. No entanto, as ilustrações medievais não eram realistas, pois na maioria dos casos, tal como acontecia com as descrições, o seu autor nunca tinha visto um exemplar do animal retratado, mesmo que não se tratassem de animais fabulosos. A organização destes bestiários era muito semelhante, existindo primeiro uma imagem em miniatura do animal, a descrição da sua aparência, hábitos, histórias relacionadas e finalmente a moral, apontando para o significado espiritual e a sua aplicação à vida cristã.¹⁹⁷

Foi através destas descrições e imagens que vários animais fabulosos e histórias fantasiosas ganharam consistência e se perpetuaram ao longo de vários séculos. Os

¹⁹¹ Brehaut, E. (1912), *An encyclopedist of the dark ages: Isidore of Seville*, p.17.

¹⁹² Brehaut, E. (1912), p.229.

¹⁹³ Brehaut, E. (1912), p.229.

¹⁹⁴ Significa mexilhão. Do latim *muscellus*, diminutivo de *musculus*.

¹⁹⁵ Brehaut, (1912), p.147.

¹⁹⁶ Kuhns, (1896), *Bestiaries and lapidaries*, p.1.

¹⁹⁷ Allen, J.R. (1887). Lecture VI: The Medieval Bestiaries, p.4.

grandes animais marinhos como as baleias são presenças constantes nestes bestiários, representadas como terríveis monstros, estando por vezes associadas aos perigos no mar e inspirando poetas e artistas com o seu enorme tamanho.¹⁹⁸

“No mar, que é poderoso e vasto, há muitos tipos de peixes, como o rodovalho, o esturjão e o golfinho. Mas há um monstro, muito traiçoeiro e perigoso. Em latim chama-se Cetus. É um mau vizinho para os marinheiros. A parte superior das suas costas parece areia, e quando surge fora de água, os marinheiros acham que é uma ilha. Enganados pelo seu tamanho, eles navegam na sua direção procurando refúgio de tempestades. Lançam âncora, desembarcam nas costas da baleia, cozinham alimentos, fazem fogueiras (...). Quando o monstro sente o calor do fogo nas suas costas, ele mergulha nas profundezas do mar e arrasta o navio e todas as pessoas atrás dele.”¹⁹⁹

Muitas das histórias incluídas nestes bestiários tinham por base a tradição bíblica e criações de lugares imaginados, que se perpetuavam através de obras posteriores, principalmente compilações. O que prendia a atenção do leitor era a diferença, não a semelhança, por isso os relatos fantasiosos tiveram uma certa facilidade em coexistir com os elementos que eram observados na realidade. A monstruosidade, inserida no pensamento mítico desde a antiguidade, aparece assim com frequência nos relatos da Idade Média.²⁰⁰

As narrativas relacionadas com as sereias existentes nos bestiários foram adaptadas a várias áreas, desde a literatura à pintura, passando pelo cinema ou tapeçaria e também estavam presentes nestas obras:

“A sereia é um monstro de forma estranha, que da cintura para cima é a coisa mais bela no mundo, formada da forma de uma mulher. O resto do corpo é como um peixe ou pássaro. Canta tão bem e docemente que quem vai navegando no mar, assim que ouvir a música, não pode deixar de ir em direção a ela. Fascinado pela música, os marinheiros dormem no seu barco, e são mortos pela sereia antes que possam proferir um grito.”²⁰¹

A lenda associada às sereias é idêntica à referida no *Physiologus*, embora aqui a sereia possa ter metade do corpo não só semelhante a um pássaro, mas também a um peixe, faltando a conotação moral associada como na obra anteriormente referida.

¹⁹⁸ Brito, C. (2012), p.214.

¹⁹⁹ Kuhns, (1896), p.3. Tradução da passagem de “Le Bestiaire” of Guillaume Le Clere, 1210.

²⁰⁰ Nascimento, R.S.N., (2014), p.123.

²⁰¹ Kuhns, L.D. (1896), p.3. Tradução da passagem de “Le Bestiaire” of Guillaume Le Clere, 1210.

Pelo número de cópias de bestiários ainda existente, parecem ter sido textos muito lidos e de grande difusão junto de um público diversificado,²⁰² sendo possivelmente a informação que estava mais presente no pensamento daqueles que atravessaram mares e oceanos, abrindo caminho até aos novos mundos descobertos. Estes bestiários terão também servido de inspiração para obras posteriores, perpetuando mitos e lendas ao longo dos séculos, como o caso, p.e., das sereias, já aqui referidas.

No Renascimento muitas questões dadas como certas começaram a ser postas em causa. Apesar das traduções em latim dos trabalhos de Aristóteles ou Plínio difundirem o conhecimento de história natural do mundo ocidental acumulado ao longo de anos, o contacto com espécies nunca mencionadas nas suas obras, fez despertar a curiosidade sobre as novas criaturas existentes no mundo.²⁰³

3.2.4 – *Hortus sanitatis*

No final do século XV verificou-se uma explosão no conhecimento de faunas distantes, para o que contribuiu a descoberta do Novo Mundo e a expansão da Rota das Especiarias para Este. Daí, começaram a chegar histórias de novos animais que aguçavam a curiosidade na mente dos que escreviam sobre história natural.²⁰⁴

O herbário *Hortus sanitatis*, o “Jardim da Saúde”, foi um dos compêndios de informação de história natural mais populares dos séculos XV e XVI.²⁰⁵ Esta obra impressa em Mainz - Alemanha, data de 1491 e apesar de anónimo, vários estudos levam a crer que seja uma compilação atribuída a Jacob Meydenbach, o seu impressor. No epílogo, Meydenbach reivindica os créditos pela produção da obra, pelo que pode ter sido responsável não só pela sua impressão, cuja aparência marca o fim de uma era na botânica e na medicina, por ser o último trabalho baseado em herbários anteriores e contendo só medicamentos do Velho Mundo.²⁰⁶

²⁰² Allen, J.R. (1887), p.5.

²⁰³ Romero, A. (2012), p.8.

²⁰⁴ George, W. (1980), *Sources and background to discoveries of new animals in the sixteenth and seventeenth centuries*, p.80.

²⁰⁵ Daston & Park, (2001), p. 151.

²⁰⁶ Anderson, F.J. (1997), *An illustrated history of the herbals*, p.106.

O *Hortus sanitatis* é uma tradução latina modificada do famoso herbário grego de Dioscórides *De Materia medica* (século I). É um herbário invulgar, já que refere não só plantas e a sua aplicação na medicina, mas também mostra minerais e vários animais, como peixes e aves. Mistura espécies reais com mitológicas, sendo influenciado pela Bíblia e onde está patente a tensão entre o conhecimento científico e as crenças populares e superstições existentes. É composto por 1066 capítulos (530 sobre plantas e 536 sobre outros temas), muito ricos visualmente, já que cada um deles é antecedido por uma ilustração, contendo também xilogravuras de página inteira, num total de 1073 ilustrações.²⁰⁷ Ao longo da obra, cada citação é identificada com a fonte ou o autor, com Dioscórides, Galeno ou Plínio entre as autoridades mais citadas.²⁰⁸

Até à publicação de *Hortus sanitatis*, tinha-se assistido a um constante aumento do número de imagens utilizadas em livros ilustrados. Mas a grande variedade de gravuras torna esta obra muito atrativa. A decisão do autor em incorporar tantas xilogravuras na sua maior publicação foi certamente parte de uma tendência de afirmação, apesar do seu custo elevado.²⁰⁹

O capítulo dos peixes é antecedido de uma gravura de página inteira onde se vê um rio, com povoações em ambas as margens e onde em cada uma delas está um homem, que parece falar com o interlocutor da outra margem. No rio, além de embarcações e artes de pesca, vê-se um conjunto de seres reais e fantásticos, como vários peixes, caranguejos, peixe-porco, sereias ou os homens monge, mostrando parte da diversidade descrita no livro.

²⁰⁷ Anderson, F.J. (1997), p.106.

²⁰⁸ Beavan et al., (2011), *The Library and Archive Collections of the University of Aberdeen: an introduction and description*.

²⁰⁹ Anderson, F.J. (1997), p.107.



Figura 2 – Gravura que antecede o capítulo dos peixes da obra *Hortus sanitatis*, onde são observados vários seres marinhos reais ou imaginários.²¹⁰

Este herbário foi o primeiro livro impresso a discutir de forma mais pormenorizada outros reinos da natureza que não o vegetal. Como não tinha concorrência nesta área, foi reimpresso em vários locais, ainda no século XV. Geralmente as impressões da versão completa eram feitas em latim, mas houve também traduções em francês, inglês, alemão ou holandês, principalmente dos capítulos mais populares para o público não médico, sobre os minerais e os animais.²¹¹ Esta última secção contém gravuras e discussões várias sobre animais míticos e reais, que incluem sereias, unicórnios ou o peixe-porco. São muitas destas imagens, principalmente as que se referem a seres míticos e monstruosos, que podemos ver reproduzidas em vários mapas posteriores, assunto que será discutido num outro capítulo.

Embora com um propósito maioritariamente médico, o livro acabaria por ser uma fusão entre a ciência medieval e o folclore, combinando elementos de história natural

²¹⁰ Imagem retirada de: www.pinterest.pt/pin/538461699182990388/

²¹¹ Anderson, F.J. (1997), p.107.

com assuntos tradicionalmente encontrados em herbários, fantasias míticas e bestiários. Atualmente os seus elementos fabulosos e o seu conteúdo pictórico fascinante são o principal foco de atenção e estudo desta obra.

3.2.5 – Duarte Pacheco Pereira e o *Esmeraldo de Situ Orbis*

Esmeraldo de Situ Orbis é uma obra de cosmografia e marinharia, escrita em português por Duarte Pacheco Pereira, em dedicatória ao rei D. Manuel I. Foi considerada o compêndio mais completo sobre náutica e geografia marítima do final do século XV e início do século XVI. Apesar de escrita entre 1505 e 1508, a primeira edição publicada data de 1892, onde Pacheco Pereira faz um relato minucioso das suas viagens ao Brasil e à costa de África.²¹² Não sendo original no tipo de escrita, Joaquim Barradas de Carvalho considera esta obra como sendo uma síntese de um conjunto de obras anteriores, relacionadas com os descobrimentos marítimos portugueses até ao início do século XVI.²¹³

Ao longo da extensa obra são frequentes as referências a sinais úteis no reconhecimento de vários locais recentemente descobertos, sinais esses relacionados maioritariamente com os perfis de costa, elevações e vegetação. As distâncias marítimas são indicadas em “léguas de mar”, com advertências à navegação no que refere a baixios ou aproximação da costa e com indicação dos locais bons para parar.

Quanto à referência a animais marinhos, as aves raramente são referidas neste documento, com exceção para as existentes na Angra de S. Brás e na Angra da Lagoa (nas imediações do Cabo da Boa Esperança), que seriam os pinguins:

“(...) angra de Sam Bras (...) dentro desta enseada está um ilhéu junto com a terra no qual há umas aves marinhas maiores que patos cobertas de pruma sem nenhuma pena nas asas com que possam voar (...)”.²¹⁴

²¹² As edições utilizadas neste estudo foram: Pacheco Pereira, D. (1892). *Esmeraldo de Situ Orbis de Duarte Pacheco Pereira*. Edição comemorativa da descoberta da América por Christóvão Colombo no seu quarto centenário. Direção de Raphael Eduardo de Azevedo Basto. Lisboa. Imprensa Nacional; Pacheco Pereira, D. (1991). *Esmeraldo de Situ Orbis*, Comentado por Joaquim Barradas de Carvalho. Lisboa. Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian. As páginas das duas versões utilizadas são coincidentes.

²¹³ Pacheco Pereira, D. (1991), p.325.

²¹⁴ Pacheco Pereira, D. (1991), p.92.

Há algumas referências que indicam que determinados locais eram de “boa pescaria”, nem sempre indicando quais as espécies que eram capturadas:

*“Adiante de Tanger (...) em uma angra que neste cabo está foi já feita uma almandrava em que pescaram muitos batéis e assim é esta terra muito fértil de todas as coisas e outras muitas pescarias além dos atuns que acima falamos.”*²¹⁵

Quanto aos mamíferos marinhos há referência à existência de muitas grandes baleias no mar circundante à Ilha de Fernando Pó, ainda referidas como peixes:

*“(...) Toda a costa do mar que vai desta terra de fernando do pó até ao cabo de Lopo Gonçalves (...) neste mar há muito grandes baleas e outros peixes (...)”*²¹⁶

Estes animais tinham uma utilidade no dia-a-dia dos povos africanos que as caçavam e utilizavam “costas de balea” para construção de casas:

*“(...) angra das aldeias (...) e em certos tempos do ano vêm aqui do sertão alguns negros a pescar os quais fazem casas com costas de baleas cobertas com seba do mar e em cima lançam areia e ali passam a sua triste vida (...)”*²¹⁷

Os lobos-marinhos marcam presença na Angra de S. Brás, o que é característico de quase todos os documentos que referem este local:

*“(...) angra de Sam Bras (...) dentro desta enseada está um ilhéu junto com a terra no qual há muitos lobos-marinhos e muito grandes que têm as aspadoas e pescoço com grande felpa assim como têm os leões (...)”*²¹⁸

Não há, no entanto, nenhuma referência explícita a que qualquer um destes animais pudesse ser considerado um sinal identificativo de algum dos locais onde eram observados, ou que de algum modo fossem utilizados como auxílio à navegação. É um texto interessante, pois questiona e faz cair por terra lendas que até à data eram ainda muito presentes e enraizadas, contradizendo o que várias autoridades clássicas tinham defendido:

“Nunca os nossos antigos antecessores nem outros muito mais antigos doutras estranhas gerações poderam crer que podia vir tempo que o nosso ocidente fora do oriente conhecido & da India pelo modo que agora

²¹⁵ Pacheco Pereira, D. (1991), p.24; Pacheco Pereira, D. (1892), p.24.

²¹⁶ Pacheco Pereira, D. (1991), p.77; Pacheco Pereira, D. (1892), p.77.

²¹⁷ Pacheco Pereira, D. (1991), p.86; Pacheco Pereira, D. (1892), p.86.

²¹⁸ Pacheco Pereira, D. (1991), p.92; Pacheco Pereira, D. (1892), p.92.

é; porque os escritores que daquelas partes falaram escreveram delas tantas fábulas por onde a todas pareceu impossível que os indianos mares e terras do nosso ocidente se podessem navegar; (...) outros disseram que este caminho era de tamanha quantidade que por sua lonjura se não podia navegar & que nele havia muitas feras & outros grandes peixes & animais nocivos pelo qual esta navegação se não podia fazer (...).²¹⁹

Pacheco Pereira refere explicitamente que os animais monstruosos e aterradores que poderiam habitar nos mares, dificultando ou mesmo impedindo a sua navegação, não existiam. Embora o discurso utilizado nesta obra faça lembrar o utilizado nos roteiros de conhecimentos, optou-se por fazer a análise da mesma nesta secção de obras de referência, em detrimento da análise juntamente com os diários de bordo e relatos de viagens. Pacheco Pereira era um erudito com conhecimentos muito aprofundados de autores clássicos como Plínio e Ptolomeu, os quais refere no seu discurso várias vezes, com indicação precisa de capítulos e livros específicos. A sua experiência de observação serve para desmentir o que muitos destes clássicos diziam, não só em relação à inexistência de criaturas ferozes:

“O mar não cerca a terra como Homero e outros autores disseram (...) além do que digo é a experiência que é madre das cousas, as defende e de toda dúvida as tira (...)”.²²⁰

Apesar da edição desta obra ser tardia e não se ter conhecimento do percurso dos originais até à data da publicação, é possível que as informações nela contidas fossem do conhecimento de quem embarcava posteriormente, sendo mais uma útil ferramenta para ajudar os marinheiros e pilotos de então.

²¹⁹ Pacheco Pereira, D. (1991), p.92.

²²⁰ Pacheco Pereira, D. (1991), p.6; Pacheco Pereira, D. (1892), p.6.

3.2.6 – Belon, Rondelet e a Ictiologia Moderna

Foi já no século XVI que o estudo dos peixes se começou a destacar de outros campos da história natural, muito devido aos trabalhos de Belon e Rondelet, considerados os fundadores da ictiologia moderna.

Pierre Belon (1517-1564), um naturalista francês, foi autor de uma série de trabalhos originais e em 1551 publicou o primeiro livro impresso com a palavra “peixes” no título.²²¹ Na verdade, quase dois terços das 55 páginas de “*L’histoire naturelle des estranges poissons marins, avec la vraie peinture & description du Daulphin & de plusieurs autres de son espece*” são dedicadas ao golfinho, já que para os naturalistas desta época, qualquer animal cujo habitat fosse marinho era classificado entre os peixes.

Dois anos mais tarde publica em latim a obra que muitos consideram ser o início da ictiologia moderna, “*De aquatilibus*”, numa continuação da obra anterior. O trabalho começa com um extenso índice das espécies apresentadas, seguindo-se a descrição das mesmas, quase todas acompanhadas de uma ilustração detalhada e sem cor que ocupa meia página ou uma página inteira. Pequenos cetáceos, focas, lontras e répteis estão descritos nos capítulos que antecedem a descrição de mais de uma centena de peixes. Tem informação detalhada sobre as características externas das espécies, estando os peixes divididos por tamanho, estrutura óssea, forma do corpo ou habitat, incluindo uma componente de anatomia comparada.²²²

Salienta a importância da observação direta nos estudos científicos, criticando os que se limitavam a divulgar o que estava nos clássicos da antiguidade. Apesar desta “censura”, acaba por incluir a descrição e a ilustração de algumas criaturas fantásticas como o fabuloso cavalo-marinho “*Fabulosus equus Neptuni*”, o monge-marinho “*Piscis Monachi*”, a serpente-marinha ou o lobo-marinho quadrupede.²²³ Foi uma obra muito popular para a época, o que é justificado pelas suas outras dez edições até 1620 e outras tantas traduções.²²⁴

²²¹ Grudger, E. W., (1934), p.26.

²²² No campo da anatomia comparada, tem um esquema muito conhecido que compara a estrutura óssea do homem à de uma ave, com referência à obra *L’histoire de la natvre des oyseaux* (1555), que pode ser consultada em versão on-line em <http://biodiversitylibrary.org/page/43989554>.

²²³ A obra em questão pode ser consultada em versão on-line em <https://www.biodiversitylibrary.org/item/26702#page/65/mode/1up>.

²²⁴ Grudger, E. W. (1934), p.27.

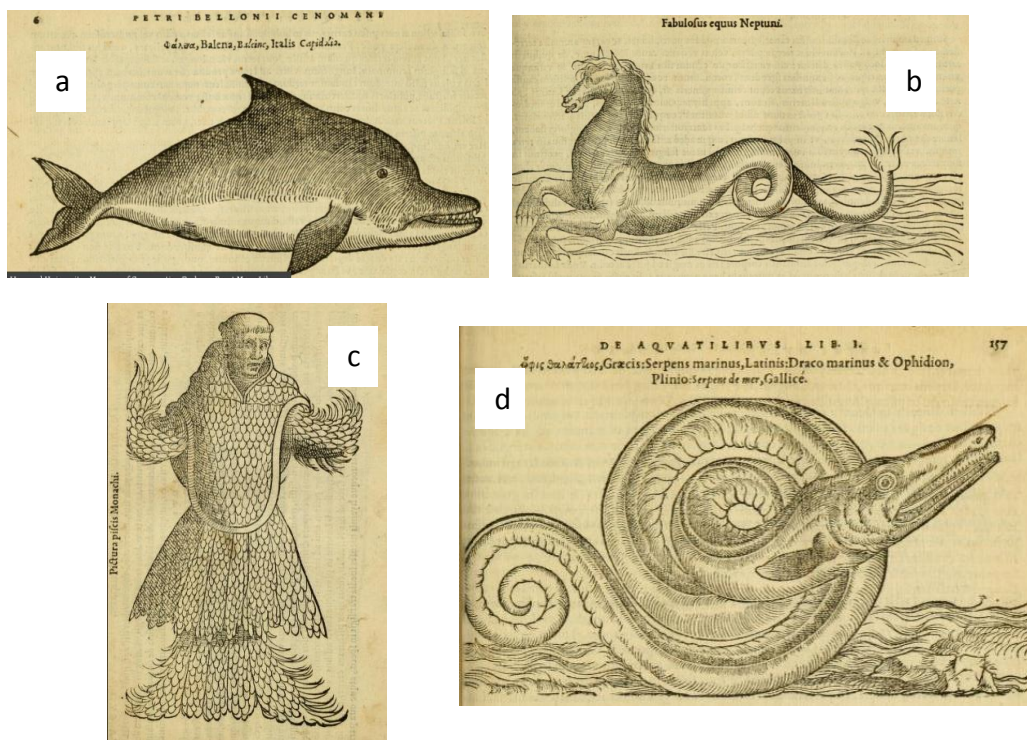


Figura 3 – Exemplos de representações animais encontradas na obra *De aquatilibus* de Pierre Belon. a) baleia, b) o fabuloso cavalo-marinho “*Fabulosus equus Neptuni*”, c) o monge-marinho “*Piscis Monachi*” e d) a serpente-marinha.²²⁵

Guillaume Rondelet (1507-1566) foi um professor de medicina francês com interesses e publicações em vários domínios científicos entre os quais a medicina, a anatomia, a farmacopeia ou a botânica, dedicando algum do seu tempo ao estudo dos peixes pelos muitos locais por onde viajou. Em 1554 publica “*Libri de Piscibus Marinis*” dedicado à morfologia, anatomia interna e descrição de mais de duas centenas de peixes, acompanhada de ilustrações dos mesmos. Também dividido por vários capítulos, as descrições dos animais são muito mais exaustivas quando comparado com o trabalho de Belon. As ilustrações, apesar de muito semelhantes às deste, sem cor e detalhadas, são mais pequenas e iniciando a descrição do animal, só aparecendo a partir do capítulo V. Quanto a animais fantásticos, há ilustrações referentes ao “*Monstro leonino*”, ao “*Pisce monachihabitu*” e ao “*Pisce Episcopihabitu*”.²²⁶

²²⁵ As imagens foram retiradas de <https://www.biodiversitylibrary.org/item/26702#page/67/mode/1up>, respetivamente: a) p.6, figura 1; b) p.27, figura 12; c) p.39, figura 17 e d) p.157, figura 72.

²²⁶ A obra em questão pode ser consultada em versão on-line em <https://www.biodiversitylibrary.org/item/130384#page/479/mode/1up>.

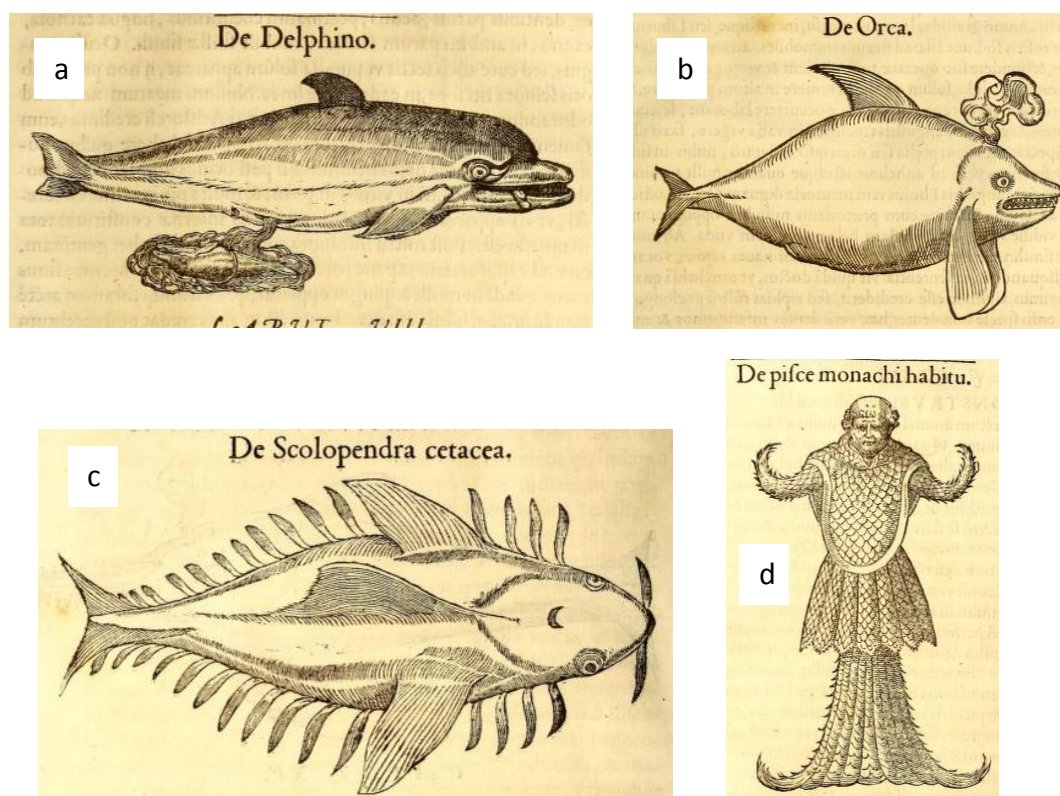


Figura 4 – Exemplos de representações animais encontradas na obra *Libri de Piscibus Marinis* de Guillaume Rondelet. a) golfinho, b) orca, c) um cetáceo e d) peixe-monge, *Pisce monachihabitu*.²²⁷

É notória a semelhança existente entre as imagens de Belon e Rondelet, principalmente entre o monge-marinho e o peixe-monge, uma prova de que as imagens eram reutilizadas nos vários trabalhos de diferentes autores, ou copiadas sem confirmar a veracidade da sua existência.

Um ano depois é publicado o que é considerado o segundo volume desta obra. Ambos os trabalhos tiveram a sua primeira edição em latim, tendo sido posteriormente traduzidos em francês e publicados em versões mais pequenas.²²⁸

Estes dois autores dedicaram-se ao estudo efetivo dos peixes, prestando pouca atenção ao que estava escrito nos clássicos, com Rondelet a fazer descrições mais detalhadas e a incluir várias notas e nomes em várias línguas.²²⁹

²²⁷ As imagens foram retiradas de <https://www.biodiversitylibrary.org/item/130384#page/479/mode/1up>, respetivamente: a) p.459, b) p.483, c) p.488 e d) p.492.

²²⁸ Grudger, E. W. (1934), p.29.

²²⁹ Grudger, E. W. (1934), p.30.

3.2.7 – Gessner e a *Historiae animalium*

No século XVI começam as publicações ilustradas relacionadas com disciplinas emergentes, como a botânica, a anatomia ou a zoologia. As representações visuais, sob forma de gravuras, atlas ou modelos, passam a ser fundamentais na prática, autoridade e identidade da investigação científica. No entanto, os autores das enciclopédias sobre o conhecimento animal demoraram tempo a incorporar nas suas obras a informação sobre o conhecimento adquirido com as viagens e a descoberta do Novo Mundo.²³⁰

É o caso da *Historiae animalium*, publicada em Zurich entre 1551-87 por Conrad Gessner, um médico e professor universitário. É uma obra composta por cinco volumes que tratam da história natural dos animais em mais de 4500 páginas ricamente ilustradas, volumes que foram sendo publicados ao longo de sete anos, com o volume IV a ser dedicado aos peixes e a outros animais aquáticos.²³¹

O objetivo de Gessner com este trabalho era o de reunir tudo o que tivesse sido escrito sobre animais por autores antigos ou modernos, sendo o Antigo Testamento ou textos hebraicos, gregos ou em latim uma fonte muito importante de informação. Era assim uma tentativa de estabelecer uma ponte entre o conhecimento medieval do mundo animal e os conhecimentos do Novo Mundo. Nesta obra foram colocadas mesmo as descrições contraditórias ou falsas, incluindo animais geralmente mais conhecidos, bestas míticas, animais exóticos ou monstros.²³² Utilizava imagens adicionais para mostrar a concordância entre fontes e aumentar a fiabilidade das mesmas e apresentava as imagens falsas de modo a dissipar equívocos em leitores mais familiarizados com estas, acrescentando credibilidade à nova imagem.

Foi a obra de história natural mais lida em todo o Renascimento,²³³ para o que contribuíram as várias edições, traduções e reimpressões que teve. A obra original era cara, com ilustrações coloridas, não se destinando à circulação em massa. Edições em vernáculo começaram a aparecer, apesar de mais resumidas que a edição original em latim, mas ainda assim com muitas ilustrações, mais acessível na linguagem, no tamanho e no preço, atingindo por isso uma maior audiência.²³⁴

Chegou a ser considerado um livro de gramática e retórica e segundo o próprio autor era um livro não para ser lido, mas para ser consultado como dicionário. Estava organizado em oito temas, desde o nome dos animais em várias línguas, passando pelo

²³⁰ George, W. (1980), p.99.

²³¹ A obra referida pode ser consultada em Kusukawa, S. (2010), p.304.

²³² Kusukawa, S. (2010), p.306.

²³³ Kusukawa, S. (2010), p.306. Pela sua influência e dada a tensão religiosa nesta altura, a obra chegou a estar incluída na lista de livros proibidos pela igreja católica.

²³⁴ Egmond, F. (2012), *A Collection within a Collection – Rediscovered Animal Drawings from the Collections of Conrad Gessner and Felix Platter*, p.3.

seu habitat e características e culminando na sua utilização alimentar ou medicinal. As ilustrações coloridas foram a primeira tentativa de representar os animais no seu ambiente natural, sendo o primeiro livro onde aparecem ilustrações de fósseis, marcando a entrada da era visual na história da zoologia. Gessner justifica a inclusão de imagens neste livro pela sua intemporalidade e por poderem ser vistas sempre que se quisesse, sem qualquer perigo ou esforço.²³⁵

Um número considerável de desenhos foi feito por artistas suíços locais, mas a maioria teriam sido encomendados por Gessner durante as suas viagens, ou enviadas por amigos e naturalistas de toda a Europa.²³⁶ Queria as imagens o mais fiel possível, preferencialmente baseadas na observação direta e feitas “*ad vivum*”.²³⁷ Dada a impossibilidade de visitar todos os locais onde os animais existiam, Gessner contava com uma rede de amigos e correspondentes que o ajudavam na recolha de informação.²³⁸ Mas raramente a experiência direta ou a observação eram o único critério para a inclusão da informação no livro, sendo os textos com descrições muito importantes, e é neste contexto que as imagens desta obra têm de ser interpretadas.

Gessner fazia listas dos correspondentes que lhe enviavam imagens ou informação sobre os animais, não só como forma de dar credibilidade às mesmas, mas também como agradecimento público, mas raramente se referia aos artistas. No entanto, há o caso de várias imagens cujo crédito não é dado ao seu autor original, mas sim a quem primeiro lhe enviava a informação.²³⁹ Utilizou também imagens de vários animais de outras obras e autores que se tornaram famosas, como no caso de Pierre Belon, Guillaume Rondelet, Sebastian Münster ou Olaus Magnus²⁴⁰, verificando-se muitas vezes tratar-se mais da cópia de imagens do que de representações de um mesmo objeto.

²³⁵ Kusakawa, S. (2010), p.307.

²³⁶ Um grande número de aguarelas de peixes foi feito por ele quando visitou Veneza. Para mais informação, consultar o trabalho de Kusakawa, S. (2010).

²³⁷ O termo incluía também representações baseadas em animais mortos, noutros desenhos, a partir de descrições verbais ou criadas imagens compostas a partir de partes de um animal. Os desenhos dos peixes eram feitos normalmente a partir de exemplares secos, o que podia distorcer várias das suas características. Para mais informação, consultar o trabalho de Kusakawa, S. (2010).

²³⁸ Kusakawa, S. (2010), p.307. A título de exemplo, das 96 imagens do volume I, 25 foram enviadas por correspondentes, cujo nome, *status* e qualificação utilizava como autoridade das observações (“nobre”, “o físico mais instruído de”). Muitas das imagens eram conseguidas através de trocas.

²³⁹ Kusakawa, S. (2010), p.320.

²⁴⁰ Alguns monstros marinhos e cetáceos foram copiados da obra destes últimos autores, cujos mapas e explicação se podem consultar na secção 5.2. deste trabalho.



Figura 5 – Exemplos de representações animais encontradas na obra *Historiae animalium* de Conrad Gessner. a) Lagostim a ser atacado por dragão-marinho, b) baleia, c) baleia atacando uma embarcação e d) um cetáceo.²⁴¹

Percebe-se que as fontes de Gessner eram variadas e de diferente qualidade visual. Ele notava os erros, muitos deles devidos à utilização de modelos distorcidos ou à falta de conhecimento necessário para avaliar a veracidade dos desenhos e esperava que fossem corrigidos após a aplicação de cor. A proporção dos animais era também diferente entre pintores e Gessner, por falta de tempo, não conseguia supervisionar este trabalho, sendo ele feito pelos próprios pintores ou editores.²⁴²

As edições sucessivas da *Historiae animalium* foram sendo melhoradas com novos animais, nova informação textual e novas imagens. Estas ilustrações influenciaram as imagens e representações de animais europeias de um modo muito profundo, pois até à publicação desta obra não existiam na Europa trabalhos impressos com uma descrição de um número tão grande de animais do velho e novo mundo, pelo que muitas das imagens se tornaram ícones da época. Um dos efeitos da popularidade das ilustrações impressas foi a sua cópia e reutilização em trabalhos impressos nos séculos posteriores. Um grande número de imagens de animais marinhos e parte do texto que as acompanhava, foram copiadas e comentadas por exemplo, por Adriaen Coenen (1514-87) no seu manuscrito sobre a vida marinha, mas por toda a Europa se

²⁴¹ As imagens foram retiradas de <https://www.biodiversitylibrary.org/item/210109#page/253/mode/1up>, respetivamente: a) p.102, b) p.116, c) p.119, d) p.207.

²⁴² Kusukawa, S. (2010), p.323.

reproduziam imagens de Gessner em impressões, pinturas, frescos, têxteis ou cerâmica.²⁴³

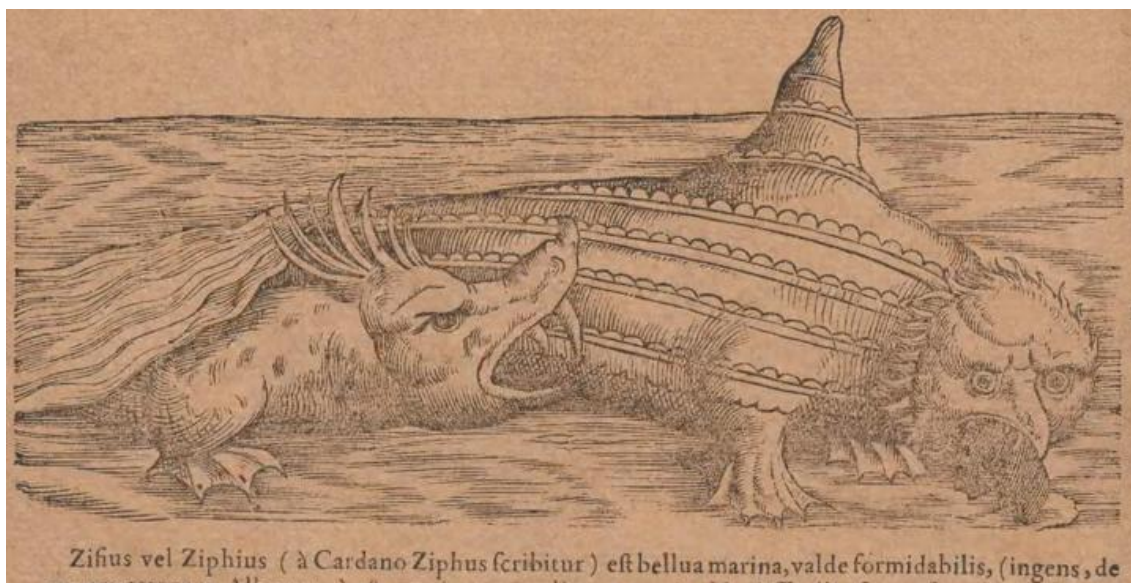


Figura 6 – Representação de dois animais marinhos na obra *Historiae animalium*, sendo um deles um zífiu.²⁴⁴

No final do século XVI e no século XVII começam também a surgir tratados que combinavam a zoologia com a teologia, incluindo informação acerca da vida animal e a sua interpretação cultural, e que tinham como fontes Aristóteles e outros autores gregos e romanos, os bestiários medievais ou mesmo a Bíblia. *Historia animalium sacra*, editado em 1612 por Wolfgang Franzius, um teólogo protestante é um desses exemplos, que se destinava principalmente a estudantes de teologia e sacerdotes.²⁴⁵

Numa época em que as pessoas tinham uma disposição diferente da existente nos séculos anteriores para aceitar a novidade e em que as viagens de navegação estavam no seu auge, assiste-se a uma nova dinâmica social na validação do conhecimento sobre o mundo natural. As grandes autoridades clássicas começam a ser questionadas por “homens de fé” que, embora de estratos sociais inferiores, estavam em contacto com a nova realidade natural e tinham credibilidade junto de quem os ouvia, num processo que decorreu sem grandes precalços. A tradição clássica encontrava-se assim com as informações provenientes de novas observações, perdendo terreno em alguns casos. No entanto, Gessner continua a utilizar muitas autoridades clássicas e medievais como fonte credível, pois não considerava que a observação direta superasse todos os outros tipos de descrição através de texto ou de imagens. Pode-se assim considerar

²⁴³ Egmond, F. (2012), p.4.

²⁴⁴ A imagem foi retirada de <https://www.biodiversitylibrary.org/item/210109#page/253/mode/1up>, p.209.

²⁴⁵ Roggen, V. (2007), *Biology and theology in Franzius's Historia animalium sacra (1612)*, p.136.

que o objetivo de Gessner era que os seus textos formassem um grande repositório de conhecimento clássico, medieval e atual, permitindo uma consulta por populares ou eruditos que se interessavam por tudo o que se sabia sobre animais. Foi por isso considerado um dos primeiros enciclopedistas, compilando o conhecimento de história natural até à data, do qual os peixes eram apenas uma parte.²⁴⁶

O recurso à imagem é transversal a uma série de obras mais populares ou eruditas, tendo um papel fundamental não só na clarificação da mensagem que o autor pretende transmitir, mas prendendo logo a atenção do leitor, sendo também muito utilizadas em mapas, assunto que será abordado mais à frente neste trabalho.

²⁴⁶ Grudger, E. W., (1934), p.24.

4 – A Observação e o Medo de Animais Marinhos

No processo de observação, o “equipamento” utilizado para a percepção visual tende a ser uniforme entre os homens. No entanto, o processamento da informação visual que ocorre no cérebro é diferente e único, dependendo essencialmente da experiência, que por sua vez é condicionada culturalmente.²⁴⁷ O processo de observação no mar é estruturalmente muito complicado, sendo necessário imaginar aquilo que não se vê ou que se vê parcialmente ou durante pouco tempo. Os animais marinhos quando são observados, raras vezes o são na totalidade. Pelo contrário, a observação destes animais é quase sempre parcial e muito fugaz, sendo necessário fazer uma reconstituição mental do todo, reconstituição esta que vai variar consoante o sujeito que a faz. E isto é assim hoje, como o era há séculos atrás. O tempo de observação destes animais só é superior no caso da captura dos mesmos ou quando algum possa arrojar na costa, mas especialmente neste último caso, as suas características são alteradas, o que pode induzir em erro quem os observa. A capacidade do homem em distinguir uma determinada forma está diretamente relacionada com a atenção que dedica ao objeto ou animal observado.²⁴⁸

As composições mais ou menos fantasiosas que originaram várias histórias sobre grandes monstros marinhos dependiam da informação prévia existente sobre o que se podia encontrar no mar. E como se viu anteriormente, essa informação estava maioritariamente em fontes livrescas, não acessíveis a todos os que viajavam. Mesmo no caso de o observador já ter tido contacto com um grande animal marinho, quer através de pesca, quer por o ter visto arrojado na costa, as características desse mesmo animal estariam alteradas relativamente ao animal vivo. E a sombra subaquática de um animal de grandes dimensões ou uma espécie um pouco diferente do que se conhecia poderia ser o suficiente para dar largas à imaginação e à “invenção” de novos e temíveis monstros. Quem ia embarcado muitas vezes dava

²⁴⁷ Baxandall, M. (1988). *Painting and experience in fifteenth century Italy: a primer in teh social history of pictional style*, p.29.

²⁴⁸ Baxandall, M. (1988). *Painting and experience in fifteenth century Italy: a primer in teh social history of pictional style*, p.234.

conta deste fenómeno, como salientava o Padre Gaspar Afonso na relação da viagem da Nau S. Francisco, incluída na compilação da História Trágico-Marítima:

*“Esquecia-me de referir por graça uma grande questão, que oito ou dez dias antes de chegarmos aqui, se me propôs na nau, e foi: Que por dous, ou três dias a horas de véspera **nos aparecia um peixe de portentosa grandeza**, e rodeando a nau algumas vezes, desaparecia até o outro dia seguinte às mesmas horas. **E como semelhante monstro não fosse visto, nem conhecido nunca por nenhum dos que vinham na nau, ainda que tão cursados e experimentados na carreira deste vasto oceano (...). Tudo isto é cousa de riso, mas não deixa de dar ocasião a imaginativos, de cuidar porque seguiria este monstro esta nau, (...).**”*²⁴⁹

O navegador português é alguém experimentado, que tem ao seu alcance técnicas de navegação, embarcações e instrumentos náuticos cada vez mais desenvolvidos e aperfeiçoados. O saber aumenta e é consolidado a cada viagem, seja em relação às rotas, correntes ou ventos ou acerca de outros elementos observados durante as viagens.²⁵⁰ Mas o medo, especialmente das horas nocturnas, está presente ao longo de todo processo de navegação oceânica protagonizado pelos portugueses, condicionando também aquilo que observam ou que querem observar. Não é difícil compreender que seres monstruosos existiam na imaginação dos homens do mar de quinhentos, devido em parte a todo o tipo de obras e histórias que circulavam um pouco por todos os estratos sociais (e que algumas já qui foram abordadas) ou sendo fruto da observação furtiva de animais marinhos comuns nas águas por onde passavam e à sua posterior reconstituição mental. Mais fácil é se fizermos o exercício de estar no mar e descrever a outros o que conseguimos observar em segundos, mesmo com os conhecimentos faunísticos de hoje.

A questão da observação torna-se ainda mais importante, pois nos séculos XVI e XVII deu-se uma mudança relativamente ao conhecimento dos animais, com a procura de nova informação através da observação, em substituição da antiga tradição de obtenção desta através de clássicos,²⁵¹ num reajuste dos tradicionais modos de

²⁴⁹ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco (...) no anno de 1596, escrita pelo Padre Gaspar Affonso*, p.666.

²⁵⁰ Lopes, P.E.C. (2012), p.10.

²⁵¹ Debus, A. (2002), *O homem e a natureza do Renascimento*, p.35.

conferir credibilidade ao saber sobre o mundo natural.²⁵² As viagens dos Descobrimentos permitiram o nascimento de um novo olhar e de um renovado interesse pela natureza, que se generalizou por toda a sociedade que era aberta à novidade.²⁵³ Animais de formas nunca vistas foram revelados e o contacto com estas novidades levaram a uma reapreciação da natureza e do modo como esta devia ser estudada.²⁵⁴ Nesta altura houve uma tomada de consciência da limitação do saber antigo, compreendendo-se que até os mais respeitados sábios da Antiguidade não haviam conhecido mais do que uma pequena fração do mundo natural.²⁵⁵ Por estas razões, o processo de observação nunca pode ser descurado na interpretação dos relatos e das histórias que se contam sobre o que era avistado durante as viagens portuguesas do período dos Descobrimentos.

Os olhos dos que iam embarcados estavam atentos a todo e qualquer sinal que lhes indicasse uma boa viagem. No entanto, os pré conceitos estabelecidos por tudo o que ouviam ou liam sobre o que poderia acontecer ou o que poderiam encontrar durante as viagens podia distorcer esse olhar atento. Uma onda maior, uma sombra na água, o nevoeiro ou o vento, por si só, condicionavam o que era observado.

Muitos consideravam que as tempestades eram causadas por monstrosidades que habitavam as profundezas dos mares navegados ou que o avistar de certos animais durante o percurso poderia alterar o sucesso da viagem. E quando realmente observavam algum elemento natural, o modo como o iam ver estava condicionado pelo que queriam ver, pela sua experiência, assim como pela informação prévia que tinham sobre esse mesmo elemento.

Após a observação, havia que transmitir o observado a outros. Mais uma vez, neste processo a informação existente era importante, mas o modo de a transmitir também. O objetivo da transmissão e o seu público-alvo condicionavam o detalhe ou a fantasia que se acrescentava ao relato. Descrições mais simples serviam um propósito mais objetivo e onde as falhas ou desvios à realidade podiam custar a própria vida. Mas existiam casos onde a existência de grandes perigos, reais ou imaginários, aumentava a admiração e o interesse pelas histórias das viagens realizadas.

Desde muito cedo que a relação Homem-mar se estabeleceu entre o povo português, primeiro através da utilização dos recursos aquáticos e marinhos e posteriormente como canal de ligação a um mundo até então desconhecido. Esta ligação era mais estreita no litoral, em localidades com atividade piscatória, mas para além de algumas descrições por observação, o conhecimento sobre os grandes animais marinhos, peixes ou mamíferos era mesmo assim reduzido. Para estas populações o mar era sinónimo

²⁵² Leitão, H. S. (2013), p.29.

²⁵³ Leitão, H. S. (2013), p.12.

²⁵⁴ Leitão, H. S. (2013), p.28.

²⁵⁵ Leitão, H. S. (2013), p.30.

de subsistência e com o qual tinham uma convivência diária numa realidade natural bem presente. Estas comunidades concebiam desde cedo o mar como fonte de prosperidade e riqueza, um espaço passível de ser percorrido e explorado, e por conseguinte descoberto e conhecido.²⁵⁶

No século XIV a convivência com o mar já estava consolidada²⁵⁷ e o contacto com os grandes “monstros” do mar não era uma novidade para os portugueses. Séculos antes já andavam no mar, quer fosse à pesca de peixe miúdo, atum, bacalhau ou baleias, muitas vezes para longe da costa, quer portuguesa, quer inglesa.²⁵⁸ Datam do século XII os primeiros registos de contactos entre as povoações portuguesas da zona central do reino e as grandes baleias, quer através de caça, quer através de arrojamentos na costa.²⁵⁹ Esta caça ativa de baleias era uma atividade presente nas culturas humanas um pouco por todo o mundo desde a pré-história, num dos mais antigos registos de exploração do mar que se conhece,²⁶⁰ não sendo por isso estes animais desconhecidos de todo. O oceano que se considerava infindável começa a ser encarado de forma diferente, mas ainda como uma zona que separava o conhecido do desconhecido, aumentando a curiosidade em desvendar os seus mistérios. Estes homens do mar começam progressivamente a enfrentar o grande oceano, apesar de todos os perigos a que estavam sujeitos, muitos deles alimentados pelos medos profundos relacionados com a noção de oceano como espaço do desconhecido e do inseguro.²⁶¹

Quando as naus partiam para as suas viagens oceânicas, levavam a bordo homens competentes e sabedores da arte de navegar, mas também muitos que não tinham qualquer tipo de conhecimento sobre o que os esperava. E a falta de conhecimento aumentava ainda mais o medo do desconhecido, deixando atuar a imaginação na “criação” de animais monstruosos. O Oriente era o grande cenário terrestre dos monstros, mas cabia ao oceano assumir a figura de grande repositório dos monstros mais perigosos e inquietantes, o que estava relacionado com a natureza instável do próprio elemento aquático.²⁶² Diversos eram os monstros ou seres mitológicos que marcavam presença no imaginário dos navegadores da época dos Descobrimentos, como as sereias com os seus cânticos, as nereidas e os tritões, o unicórnio do mar ou o peixe-serra.²⁶³ Assim, é possível que embarcasse também nestas viagens a ideia medieval de encontros com seres fantásticos e monstruosos associados ao mar. Muitas das histórias perpetuadas surgem pois a observação destes animais marinhos à superfície, apesar de frequente, é rápida, como nos saltos de peixes fora de água ou no

²⁵⁶ Lopes, P.E.C. (2012), p.15.

²⁵⁷ Tomás, J. (2013), p.33.

²⁵⁸ Tomás, J. (2013), p.33.

²⁵⁹ Brito, C. (2009), p.86.

²⁶⁰ Brito, C. (2009), p.122.

²⁶¹ Lopes, P.E.C. (2012), p.16.

²⁶² Lopes, P. (2009), *O medo do mar nos Descobrimentos*, p. 230.

²⁶³ Lopes, P. (2009), p. 232.

surgimento de baleias e golfinhos à superfície para respirar. Por isso, a sua representação visual era muito importante na transmissão do conhecimento, pois não eram animais de fácil acesso e muitas vezes só através do desenho é que se tinha conhecimento do que existia. Isto acontecia mesmo com os grandes clássicos de referência atrás referidos a darem indicações precisas sobre o comportamento destes animais. Mas muitas destas representações, pelas próprias condições em que eram feitas, estavam também repletas de erros e imprecisões.

Muitos dos monstros que se “encontravam” no oceano apresentavam a forma de serpente, ou a forma de dragões ou baleias. Estas últimas são um exemplo de que a monstruosidade associada ao animal muitas vezes não o era devido ao fator novidade ou originalidade, algo nunca antes visto, mas mais ao fator dimensão. Algo que de tão grande se torna monstruoso e ameaçador,²⁶⁴ podendo causar naufrágios e perda de vidas²⁶⁵ ou ser associado a fenómenos naturais para os quais não se conhecia uma explicação evidente e lógica.²⁶⁶

Os relatos portugueses correspondem maioritariamente a descrições baseadas no conhecimento empírico acumulado ao longo de sucessivas viagens marítimas, quando a ocorrência de espécies e grupos animais era registada.²⁶⁷ Há, no entanto, uma série de elementos inerentes à viagem que intervém no processo de elaboração de um imaginário maravilhoso, como sendo o medo, a saudade, a distância, a diferença ou a surpresa.²⁶⁸ O mar, o perigo e o medo eram três fatores inseparáveis na viagem; o medo da incerteza e do perigo da viagem, dos prognósticos e do poder providencial, o medo da solidão e dos inimigos, da natureza, da morte.²⁶⁹ O medo da escuridão era algo que tomava proporções gigantescas para os navegantes, pelo que a noite, particularmente durante as tempestades, era o cenário privilegiado para este assolar a imaginação dos homens do mar.²⁷⁰ São várias as referências em relatos de naufrágios e cartas de missionários a tempestades e à fúria do mar, ao enfrentar da natureza implacável que provocava o medo a bordo das naus.²⁷¹ Quando se faz uma análise da História Trágico-Marítima dos séculos XVI e XVII,²⁷² a referência ao medo da natureza está associada aos fortes ventos ou às calmarias, às enormes e fortes ondas, mas não há referência direta a monstros marinhos. Mas estes monstros estariam presentes no

²⁶⁴ Lopes, P. (2009), p. 237.

²⁶⁵ Adão da Fonseca, (1992), *O Imaginário dos navegantes portugueses dos séculos 15 e 16*, p.46.

²⁶⁶ Brito, C. (2009), p.49.

²⁶⁷ Brito, C. (2012), p.209.

²⁶⁸ Soler, I. (2003), *El nudo y la esfera – el navegante como artífice del mundo moderno*, p.219-225.

²⁶⁹ Koiso, K. (2004), *Mar, medo e morte: aspectos psicológicos dos naufragos na História trágico-marítima, nos testemunhos inéditos e noutras fontes*, p.264.

²⁷⁰ Lopes, P. (2009), p.209.

²⁷¹ Koiso, K. (2004), p.283.

²⁷² Para mais informação consultar o trabalho Koiso, K. (2004) ou a própria História Trágico-Marítima (Brito, B.G. (1735a); Britos, B.G. (1735b)).

espírito dos navegadores, independentemente de serem ou não verdadeiramente observados,²⁷³ de serem ou não descritos nos seus relatos.

Com a intensificação das viagens marítimas, os naufrágios aumentam em número, ainda que não em percentagem, amplificando a associação do oceano ao desconhecido, ao medo, ao negativo, à morte. A Carreira da Índia era a mais perigosa, onde os navegadores se deparavam com uma série de desgraças, fossem tempestades ou calmarias, passagens de cabos e correntes desfavoráveis ou ataques de piratas.²⁷⁴ Centenas de naufrágios ocorreram e milhares de vidas foram perdidas nestas rotas, o que por vezes alimentava o receio da existência de monstros responsáveis pelos fenómenos de mudanças de ventos ou de ondas gigantescas.²⁷⁵ No século XVI e na primeira metade do século XVII, mais de meio milhar de naus partiram de Lisboa em direção à Índia e cerca de 25% das mesmas naufragaram, fosse por má navegação, por estarem em mau estado, sobrecarregadas ou por conjugação de causas,²⁷⁶ não havendo referência à existência de seres monstruosos que pudessem estar na origem destas catástrofes. Entre 1551 e 1650 quase 40% dos naufrágios foram devidos a causas desconhecidas, pois não houve sobreviventes que pudessem deixar um testemunho do que pudesse ter acontecido.²⁷⁷

O contacto, a observação e a experiência direta adquirida ao longo da navegação das rotas longínquas alteraram a tipologia do medo do oceano. Os marinheiros não venceram o medo do mar quando embarcavam, aprenderam antes a viver com ele, dando origem a uma original coexistência. Esse novo medo resultava do contacto direto com a realidade, ao contrário do medo dos séculos anteriores, que tinha origem sobretudo no ouvir dizer.²⁷⁸

²⁷³ Adão da Fonseca, (1992), p.47.

²⁷⁴ Tomás, J. (2013), p.44.

²⁷⁵ Tomás, J. (2013), p.46.

²⁷⁶ Koiso, K. (2004), p.243.

²⁷⁷ Koiso, K. (2009), *História trágica do mar: navegações portuguesas nos séculos XVI, XVII e XVIII*, p.8.

²⁷⁸ Lopes, P.E.C. (2012), p.17.

5 – Observação e Descrição de Elementos Naturais nos Diários de Viagens

Como já foi referido anteriormente, as viagens marítimas que os navegadores portugueses levaram a cabo entre os séculos XV e XVII permitiram a descoberta de novos mundos, novas culturas, plantas exuberantes e animais nunca vistos. Estas novidades começaram a ser registadas e publicadas de forma regular em diversos livros e enciclopédias, a maioria das quais dedicadas à história natural. No entanto, existem fontes muito ricas e que nunca foram olhadas do ponto de vista desta temática, o que se pretende agora fazer. Os registos das viagens oceânicas feitos por quem ia a bordo constituem um repositório riquíssimo de informação sobre história natural dos mais variados locais do mundo, não sendo por isso de descurar na construção do conhecimento natural destes séculos. Neste tipo de discurso, a viagem constituía o fio condutor do relato das ocorrências, feitas com maior ou menor rigor ou fantasia pelos diversos autores.²⁷⁹ Nestas fontes podemos encontrar referências a uma grande variedade de elementos naturais, desde as banais “imundices de terra” até aos grandes e complexos mamíferos marinhos, passando por um sem número de aves ou peixes, sempre com os animais em maior destaque. As descrições dedicadas a estes elementos não eram feitas no seu sentido biológico moderno, mas sim como forma de descrever com o máximo detalhe aquilo que encontravam ao longo das suas viagens, quer se tratasse de um elemento mais simples, quer de algo mais complexo. Como também já sabemos, estas descrições não foram feitas por naturalistas nem por pessoas com especial preparação para tal, resultando sim da observação atenta dos homens que iam a bordo das naus, a maioria sem grande instrução. Estas descrições foram-se tornando um procedimento rotineiro durante as viagens dos portugueses, mesmo antes de existirem indicações oficiais para tal – que chegaram já no século XVII – instruções estas que contribuíram para o carácter cumulativo desta literatura de roteiros.

²⁷⁹ Garcia, J. M., (2016), p.647.

A navegação mediterrânea era uma navegação essencialmente costeira, em que os pilotos não passavam muito tempo sem avistar terra, onde tinham os seus “faróis” e pontos de referência – navegação por “rumo e estima”. Com recurso à bússola, selecionavam uma direção e corrigiam os erros inerentes aproximando-se mais de terra, analisando os perfis de costa e alguns elementos identificativos que lá existiam e que serviam de orientação a estes homens, que assim se orientavam e conseguiam perceber onde estavam. Mas quando a imensidão do oceano Atlântico se abriu à navegação, estes pontos de referência em terra passaram a estar mais distantes, pelo que os pilotos tiveram de se adaptar a uma nova realidade. E foi toda esta nova realidade que condicionou em muito as técnicas de navegação adotadas, a construção de novos instrumentos que os auxiliasse, o saber ver e interpretar todo o ambiente envolvente que de alguma forma pudesse ajudar a otimizar este projeto das grandes navegações.

Vários estratos da sociedade foram envolvidos neste processo de mudança, o que por si só constituiu também uma mudança. Os erros devidos à declinação magnética começaram a ser corrigidos no mar, com o apoio imprescindível de homens com formação superior, como matemáticos e astrónomos. Mas os artesãos foram também chamados a intervir neste processo, com a construção de instrumentos adaptados à navegação, já que alguns deles já se utilizavam em astronomia. Os homens que embarcavam nestas viagens, muitos sem instrução e pertencentes a estratos mais baixos da sociedade, aprenderam a utilizar esses mesmos instrumentos, a saber manusear uma bússola, um astrolábio ou um quadrante, para que posteriormente se pudesse calcular a latitude. Níveis de instrução muito distintos começaram a interagir diariamente, num processo de transferência de conhecimentos científicos para aqueles que até então nem ler nem escrever sabiam, interação esta mediada pelos cosmógrafos. Estes cargos intermédios nasceram desta necessidade de mediar o envolvimento de pessoas de todos os estratos sociais no empreendimento marítimo, quer no processo de aquisição de informação, quer no de disseminação de conceitos técnicos e científicos que os homens com formação académica tinham e que precisavam transmitir a quem não os possuía mas necessitava deles para navegar corretamente.

Esta rede que se criou foi fundamental para todas as conquistas e descobertas posteriores, para todos os desenvolvimentos náuticos, geográficos, biológicos ou comerciais que se estabeleceram a partir desta época e que tiveram como pilar fundamental as viagens marítimas efetuadas. Foram estes homens que recolheram informação que permitiu que várias publicações, a maioria em vernáculo e técnicas, fossem impressas e chegassem a um maior número de destinatários, independentemente do âmbito social a que pertenciam. As embarcações avançaram pelo mar imenso e as novidades começaram a surgir aos olhos do cosmógrafo-mor, do piloto e do marinheiro. Todos eles observaram, fixaram-se num ou noutro pormenor

mais relevante, adquiriram informação junto de nativos, transmitiram o que viram oralmente, por carta, anotaram nos diários de bordo. O conhecimento do diferente e do distante começou a ser difundido, passando a estar próximo, a servir de “guia” para os que se lhes seguiram. E o que as grandes autoridades clássicas diziam e que era a verdade até então, começou a ser confirmado ou questionado. Questionado por quem, muitas vezes, nem ler sabia. Como podia ser isso possível?

Por esta razão, estas viagens marítimas não foram só importantes pelas rotas que levaram à descoberta de novos mundos, espécies e mercados, mas por serem em si uma fonte de desenvolvimento do conhecimento científico em várias áreas, nomeadamente na construção de instrumentos náuticos e na astronomia. Pode-se dizer até que, no caso da astronomia, a sua aplicação a uma nova forma de navegação foi uma autêntica inovação ou mesmo uma verdadeira revolução.²⁸⁰

Mas nem sempre era possível observar o mapa que estava desenhado nos céus e nesse sentido outras opções tinham de estar disponíveis para complementar a orientação pelos astros. A experiência e o acumular de toda a informação recolhida foi ensinando a estes homens que existiam certos sinais, cuja presença ou ausência eram característicos de determinada zona ou de situação meteorológica, por exemplo. Nos roteiros das viagens e nos seus relatos, há referências quase diárias à observação de elementos naturais, quer se tratassem da alteração da cor da água, de troncos ou folhas a flutuar ou de grandes peixes ou baleias que apareciam à superfície, como escrevia o piloto Sebastião Prestes na sua viagem de regresso de Goa em 1610, de passagem pelo Arquipélago dos Açores:

*“Na Segunda fr.ª q forão Vinte hu do mes (...) apareceo **m.tas garraginas que me Spantarão algumas agoas mas tartaruga botelha m.ta esquilha de hus peixes peqn.os q tudo isto são Sinais das ilhas...**”.*²⁸¹

Assim, pelo menos a partir do século XVII (1608) os pilotos passam a ter instruções para tomarem nota dos **“sinaes que forem achando por toda a viagem assy das agoas como de pássaros, heruas em que lugares e alturas os uão achando o que tudo assentarão em seus derroteiros”**.²⁸² Mas já nos séculos anteriores a referência a estes elementos nos diários de bordo era uma constante, pois muitos deles funcionavam como sinais que ajudavam os navegadores, principalmente os menos experientes, a identificarem o local onde se encontravam. A informação recolhida deveria ser clara e

²⁸⁰ Sanchez, A. (2013), p.76.

²⁸¹ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Penha de França, de Goa para o reino, no ano de 1610, por Sebastião Prestes*, p.182.

²⁸² Mota, A.T., (1974), *Instruções náuticas para os pilotos da carreira da Índia nos começos do século XVII*, p.13. “Ordem que os Pillotos deuem guardar na viagem da Carreira da India” aqui consultado. Segundo o mesmo autor, este documento anónimo foi redigido entre 1608 e 1624, havendo já referência à recolha dos sinais num regimento de 1608. No entanto, e como se poderá ver ao longo deste trabalho, já anteriormente estes sinais eram anotados pelos pilotos.

precisa, para ser utilizada posteriormente na atualização de cartas náuticas e na otimização das rotas mais comuns.

A análise cuidada destes documentos é muito importante, uma necessidade sentida já há algum tempo, mesmo que a temática de interesse fosse um pouco diferente. Em 1957 o Comandante Humberto Leitão referia a importância destes documentos e do seu estudo, pela quantidade e variedade de informação que continham, indicando exemplos de sinais que podiam ser observados no dia-a-dia dos navegadores:

“Oferecem os antigos diários de navegação dos nossos pilotos, principalmente dos séculos XVI e XVII, vasto campo de estudo a todos quantos pelos assuntos da Marinha daquelas épocas se interessarem. Ali poderão a cada passo encontrar posta em prática a matéria contida nos roteiros de então (...).²⁸³ Para melhor ajuizarem da distância a que se encontravam da terra, socorriam-se os pilotos das indicações que lhes poderiam dar a presença de certas aves e de peixes, a coloração das águas, as plantas marinhas, os destroços flutuantes, os insectos, etc., que iam encontrando. A isto chamavam sinais, que dia a dia nos seus diários de navegação eram registados. Falam os antigos roteiros destes sinais e neles se encontram citados, entre outros, as mangas de veludo que aparecem nas proximidades do cabo de Boa Esperança e do cabo das Agulhas; as tinhas, os gigantescos antenais dos mares do sul, os garajaus, as garajinas, as camas de bretão, nome que davam às mantas de sargaço, as trombas – troncos de árvores com raízes que encontravam entre as ilhas de Tristão da Cunha e o cabo de Boa Esperança – os besteiros, etc.”²⁸⁴

Antes de se iniciar a análise destes relatos há algumas questões que se colocam e que são essenciais para a compreensão da importância destes documentos: Porque é que os autores destes relatos descrevem vários elementos naturais nos seus textos? Qual é a função desses mesmos elementos? Qual o interesse especial destes relatos para o estudo do mundo natural desta época?

As respostas não são tão simples como à partida possam parecer e não podem ser dadas tendo por base somente os conhecimentos de hoje. O mundo de quinhentos era diferente, os homens que iam embarcados e que são autores destes relatos pensavam inevitavelmente de maneira diferente, não sendo por isso uma realidade comparável com a atual. Estavam sujeitos a uma outra realidade e as ferramentas que tinham à sua disposição, quer de navegação, quer mesmo de descrição do que viam, também

²⁸³ Ataíde, A. (1957a). Palavras do Comandante Humberto Leitão na introdução, p.I.

²⁸⁴ Ataíde, A. (1957a). Palavras do Comandante Humberto Leitão na introdução, p.LXX.

eram diferentes das que existiam até então e das que conhecemos atualmente. Os elementos mais frequentes nos relatos são os animais, que eram referidos em vários contextos e são eles o foco principal deste estudo.

Após a análise cuidada das fontes documentais disponíveis, os relatos foram distribuídos segundo categorias distintas, de acordo com a função que lhes estava inerente. Podemos dividir a documentação analisada em três tipos distintos: os diários de bordo que relatavam o dia-a-dia a bordo, com informação relativa à posição tirada e com indicações acerca de observações efetuadas; os roteiros que eram uma compilação da informação de vários diários sobre aspetos náuticos, como ventos, correntes, calmarias, perigos e sinais característicos de determinadas zonas e os relatos, relações ou missivas, feitos posteriormente aos acontecimentos, não sendo normalmente da autoria do piloto da embarcação e que continham informação mais detalhada sobre o decorrer da viagem, com os seus autores a serem normalmente pessoas com um nível de instrução maior. Independentemente do objetivo que cada autor tinha quando fez o seu relato ou da categoria que lhe foi atribuída posteriormente, é certo que através de todos eles houve a aquisição ou consolidação de conhecimentos, com a sua posterior transmissão e circulação em redes mais ou menos eruditas.

A abordagem efetuada a estes documentos é assim pioneira e inovadora, tentando perceber o que observavam aqueles que eram realmente os olhos que observavam as novidades e confirmavam ou não a existência de todos os *mirabilia* descritos na literatura de gabinete.

5.1– Animais em Textos Literários

Obviamente que não se pode considerar os diários de bordo ou os roteiros das viagens como textos literários, pois são textos de carácter prático que descrevem a rotina, o dia-a-dia e aspetos mais técnicos das viagens que os navegadores portugueses outrora fizeram por esses mares fora. No entanto, é importante a referência a alguns textos mais populares de natureza literária, pois as ideias preconcebidas que alguns dos homens embarcados teriam daquilo que pudessem encontrar na sua derrota, em alguns casos, teriam origem em textos desta natureza. Muitas eram as histórias de contexto marítimo populares neste período, mas um dos textos que teve certamente influência no imaginário destes marinheiros após 1572 foi *Os Lusíadas*. Como já referido, nesta obra o autor enaltece os feitos do povo português durante a primeira viagem de Vasco da Gama à Índia. O tema dos Descobrimentos não seria novidade

nesta obra, já que as obras de Gomes Eanes de Zurara e de Fernão Lopes de Castanheda teriam servido de inspiração a Camões.²⁸⁵

Numa obra tão extensa como esta e com o mar como cenário principal, não se pode dizer que as referências a animais marinhos sejam frequentes, antes pelo contrário. Aves, focas e golfinhos são referidos, não sendo personagens principais de nenhum episódio fantástico ou com algum tipo de simbolismo característico.²⁸⁶ Por outro lado, Camões faz alusão a algumas das lendas presentes no imaginário marítimo, com elementos como as sereias ou o terrível Adamastor a avivar a memória de quem tinha conhecimento deste clássico da literatura. A maioria dos que iam embarcados nas viagens que possibilitaram a expansão portuguesa não teria certamente lido *Os Lusíadas*. Mas muitos teriam conhecimento destas histórias, pelo menos de ouvido, quer por assistirem a leituras públicas tão comuns na época, quer por ouvirem alguém contar episódios semelhantes por que passaram noutras viagens.

Como já foi referido, a primeira edição desta obra já foi na segunda metade do século XVI, o que não significa que as histórias aqui narradas não povoassem já o imaginário dos marinheiros um século antes, transmitidas por outras vias, nomeadamente a tradição oral. Este é um aspeto muito difícil de avaliar através da análise da maioria dos diários de bordo ou roteiros, que em grande parte poderão não refletir o que ia na cabeça de quem os escrevia, salvo alguma referência mais explícita a algum episódio em especial. Isto porque as anotações deveriam ser simples e claras, não dando espaço a muitos comentários mais subjetivos. No caso dos relatos escritos posteriormente aos acontecimentos e por outros autores que não os pilotos responsáveis pelas viagens, estas referências já poderiam aparecer.

Apesar do seu conteúdo fantástico e mitológico, esta obra e outras de carácter literário, poderão também ser uma ferramenta útil no estudo da fauna e flora dos séculos passados, que em muitos casos não será idêntica ao que conhecemos hoje. A referência a este tipo de textos neste estudo serve para enfatizar a importância que textos de natureza diferente daqueles que eram escritos pelos pilotos das embarcações, poderiam relatar realidades distintas. A principal diferença é que os pilotos eram aqueles que realmente vivenciavam as viagens. A maioria dos autores de outros estilos literários, raramente teria saído de um gabinete, excepcionalmente teria presenciado as situações que descrevia para a sua audiência. E este facto, descurado por muitos nas análises efetuadas, fazia toda a diferença. Não se tratava de uma questão de *status* ou de literacia, mas sim da experiência factual, em primeira pessoa, do que era relatado e transmitido a terceiros.

²⁸⁵ Outcharenko, O. (2012), *A historiografia dos descobrimentos portugueses nos séculos XV-XVI e a sua influência sobre o conceito de história em os Lusíadas de Luís de Camões*, p.355.

²⁸⁶ Ver pp.42-45 deste trabalho, onde estão transcritas citações referentes a animais marinhos mencionados n' *Os Lusíadas*.

5.2 – Animais como Imagem: Representação em Mapas

A inclusão de imagens nos roteiros e diários de bordo não é frequente, sendo que nos diários analisados não há desenhos de animais ou de outros elementos naturais observados durante as viagens. O tempo de observação de que dispunham era reduzido, o que tinham para escrever o relato não devia ser superior e as capacidades artísticas para reproduzir o observado deveriam ser muitas vezes inexistentes. Assim, quando os desenhos aparecem nos diários dos pilotos, é essencialmente para demonstrar perfis orográficos, em esquemas muito simples.

Um destes exemplos aparece no diário da viagem da Nau Santo António para Goa no ano de 1608, da autoria de Sebastião Prestes, onde o Cabo Falso aparece representado, salientando-se principalmente a forma do mesmo, que serviria de sinal indicador daquelas paragens, com algumas anotações. A imagem é acompanhada de algumas anotações escritas em redor da representação, que é muito simples. Não há utilização de cor, não se percebendo se só rochas estariam representadas, ou se também alguma vegetação.

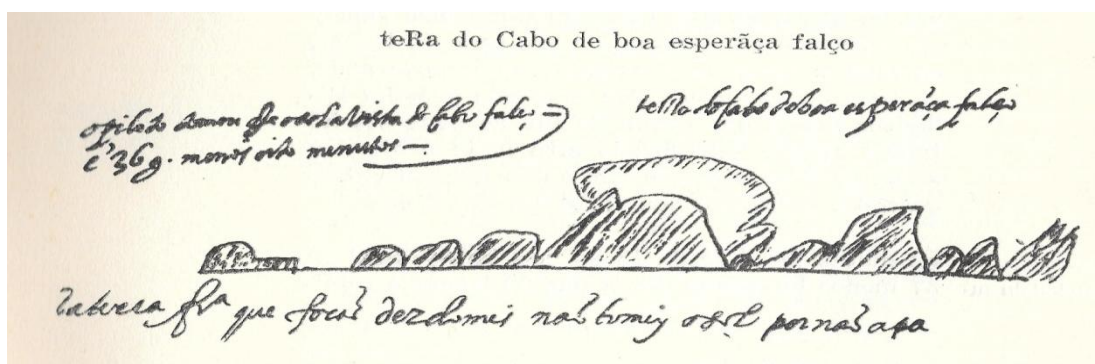


Figura 7 – Exemplo do perfil de costa referente ao Cabo Falso, encontrado no diário da Nau Santo António para Goa no ano de 1608, da autoria de Sebastião Prestes.²⁸⁷

Outros esquemas semelhantes aparecem noutros diários, poucos, representando quase sempre aspetos de costa, elevações, contornos característicos que serviam também para identificar um determinado local, não tendo um destaque superior às indicações referidas no texto.

²⁸⁷ A imagem foi retirada do diário da Nau Santo António para Goa no ano de 1608, da autoria de Sebastião Prestes, em Ataíde, A. (1957a), p.61.

No que se refere a animais marinhos, a sua observação era muito rápida e dificultada pelo elemento água onde se deslocavam, fazendo com que a imagem dos mesmos como um todo fosse em muitos casos só mental e diferente para as várias pessoas que seguiam a bordo destas embarcações. Assim, muitas das descrições feitas nestes relatos seriam influenciadas por informação que estes homens já levavam consigo, adquiridas também através de fontes imagéticas existentes em vários livros.

Onde as imagens destes animais se encontravam em grande número era em bestiários ou em livros de História Natural.²⁸⁸ A maioria das descrições destes animais feitas nestas obras eram acompanhadas de gravuras para melhor ilustrar a descrição das espécies, nem sempre correspondendo a animais que hoje conseguimos identificar. Outros livros havia com ilustrações ou pinturas de cenas que representavam acidentes no mar, terríveis e grandes animais marinhos a abalroar as naus e as caravelas que zarpavam ou estavam a chegar de terras distantes. É possível que nem todas estas representações correspondessem a episódios reais, ou que nem todos estes animais correspondessem a seres verdadeiros. No entanto essa informação não estava presente e o que era representado era considerado a realidade principalmente por quem nunca tinha navegado.

Seriam estas imagens fonte de inspiração para a imaginação destes homens que iam embarcados ou estas imagens eram desenhadas com base nas descrições que estes mesmos homens faziam daquilo que encontravam nas suas viagens? Quase a fazer lembrar a típica questão de quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha, poder-se-á dizer que havia um pouco de cada caso. Para algumas destas imagens consegue-se perceber qual a sua fonte original, imagens que apareciam em bestiários e cujas placas de impressão eram usadas depois noutro contexto, como forma de rentabilizar o processo, outras que eram reutilizadas invertidas ou desenhadas a partir de uma fonte conhecida, ficando com ligeiras alterações.²⁸⁹

Em contexto bélico ou em épocas de paz, sob regimes imperialistas ou em estados democráticos, os mapas sempre foram objeto de referência e veneração, não só por príncipes, monarcas e governantes, mas também por parte de autores clássicos da história, do pensamento e da literatura.²⁹⁰ Trata-se de objetos muito complexos e de usos muito diversificados, pelo que também a sua análise tem de ser cuidada e de acordo com a sua função.

A representação das terras que se iam descobrindo em mapas, era uma ajuda preciosa para que cada vez mais viagens e de forma mais regular, fossem realizadas. Muitos mapas da altura eram decorados com várias imagens de animais marinhos, monstros ou criaturas imaginárias, não sendo certamente estas as cartas que iam a bordo. O

²⁸⁸ Este assunto está abordado com mais pormenor no ponto 3.2. deste trabalho, pp.46-69.

²⁸⁹ Para ver exemplos desta reutilização de imagens, consultar Brito, C. (2010).

²⁹⁰ Sánchez, A. (2013), p.33.

conhecimento, o mais rigoroso possível das condições de navegação, era um requisito fundamental para que as viagens se realizassem em segurança. Existia assim uma diferenciação entre mapas de bordo e mapas fora de bordo. Para embarcar a preferência seria por cartas simples e fáceis de ler, que iam ficando destruídas pela utilização intensa a bordo.

É possível que os grandes monstros marinhos a fazer naufragar embarcações, animais de grande porte mais ou menos conhecidos e representados numa grande escala, fossem frequentes em vários mapas fora de bordo, ocupando parte significativa na representação dos oceanos conhecidos. Estes mapas eram considerados obras de arte, integrando coleções que ostentavam o poder, sendo meramente decorativos. Também aqui como nas enciclopédias impressas, é possível reconhecer semelhanças entre as imagens apresentadas em diferentes mapas. Qual seria então a função destas criaturas nos mapas? Há várias hipóteses já discutidas por alguns investigadores, sendo difícil perceber qual a que se aplica a cada caso específico.²⁹¹

É certo que o espaço ocupado num mapa pelo elemento água dos mares e oceanos, alguns deles desconhecidos para a maioria, servia de “tela” para ser embelezada com diversos motivos, onde os brasões, os animais marinhos e as embarcações eram os mais frequentes. Animais monstruosos e desconhecidos eram também associados ao Oriente, às terras por descobrir, aos mares por navegar. E os oceanos profundos e inacessíveis funcionavam como um elemento propício à ocorrência destes monstros tão falados, cuja existência era difícil de confirmar. Também é aceitável que, em alguns casos, o local onde eram representados indicasse a sua ocorrência real, mas onde a monstruosidade da representação estivesse mais associada à quantidade do que aos aspeto monstruoso propriamente dito.

Desde a Europa medieval que há referências a monstros e seres fabulosos em mapas, mas foi quando os europeus começaram a atravessar os oceanos que uma série de criaturas estranhas começaram a surgir representadas com mais frequência. Se em algumas representações conseguimos identificar o animal representado, comparando as imagens com animais conhecidos atualmente, noutras a tarefa não é tão fácil, quer pelas características deste estarem distorcidas, quer por se tratar de animais míticos ou fruto da imaginação. Reais ou imaginárias, estas criaturas embarcavam a cada saída de uma frota rumo ao Oriente, para muitos rumo ao desconhecido, ao temido e imponente mar. E uma das razões para que estes seres marinhos estivessem sempre presentes no imaginário dos homens do mar seriam certamente os mapas mais ou

²⁹¹ Para informação sobre esta temática consultar os trabalhos de Chet Van Duzer, como: Van Duzer, C. (2010), *A northern refuge of the monstrous races: Asia on Waldseemüller's 1516 Carta Marina*; Van Duzer, C. (2012), *Hic sunt dracones: The geography and cartography of monsters*; Van Duzer, C. (2013a), *The sea monsters in the Madrid manuscript of Ptolemy's Geography*; Van Duzer, C. (2013b), *Sea monsters on Medieval and Renaissance maps*.

menos conhecidos dessa época, pelo que, dado o objetivo deste trabalho, não se poderia deixar de falar em alguns deles.

Independentemente das fontes utilizadas para a construção dos mapas ou da razão que levava os seus autores a preencher o espaço Oceano com criaturas marinhas, é importante verificar que o mar deixava de ser uma imensidão desértica, passando a ser um espaço habitado. Esta riqueza e diversidade que o mar oferecia iam sendo cada vez mais exploradas e conhecidas a cada viagem. Era utilizada também para diversos fins, mas estava sempre presente que para lá daquilo que se podia ver e navegar, o mar continuava a ser um meio terrivelmente habitado.

O cartógrafo sueco Olaus Magnus (1490-1557) foi pioneiro no desenvolvimento e divulgação de trabalhos sobre a comunidade nórdica, com a famosa *Carta Marina et description septemtrionalium terrarum ac mirabilium* (O Livro do Mar e descrição das terras nórdicas e suas maravilhas) publicada em 1539 em Veneza. Este foi considerado o mapa mais importante e influente da época no que refere a monstros marinhos da região escandinava e onde se verifica uma mistura de invenção e informação retirada de fontes livrescas.²⁹² A semelhança do texto descritivo que acompanha algumas das gravuras de monstros com o existente na obra *Hortus sanitatis*, é um forte indicador de que o autor possa ter sido influenciado por este trabalho.²⁹³ Olaus Magnus representa a Europa do Norte, a Escandinávia e a Islândia, assim como um número considerável de monstros marinhos variados no Atlântico Nordeste (Figura 8). Este mapa, que mostrou ser a representação mais exata destas terras para a época, também o poderia ser relativamente à representação de alguma fauna marinha existente no local. É um mapa magnífico, cuja interpretação pormenorizada da representação dos animais marinhos era, por si só, um projeto muito ambicioso e moroso. Grande parte da história natural ilustrada nas enciclopédias do renascimento vai buscar informação a esta obra, reproduzindo também muitas das suas imagens.

²⁹² Van Duzer, C. (2013b), p.81.

²⁹³ Van Duzer, C. (2013b), p.86.

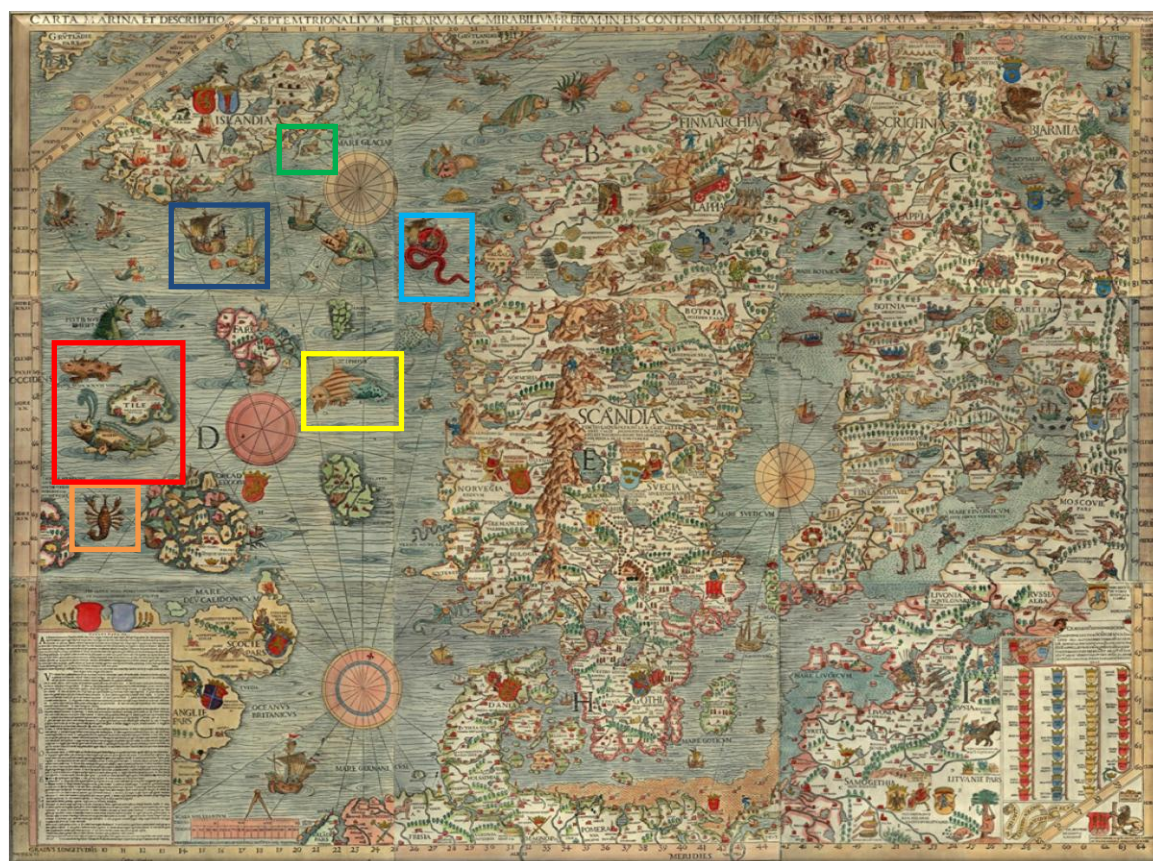


Figura 8 – Carta marina de Olaus Magnus, publicada em 1539. Em destaque encontram-se representações de animais identificados com o nome (a, b, c) e de outros que representavam perigos para o Homem (d, e, f).²⁹⁴

²⁹⁴ Imagens retirada de http://en.wikipedia.org/wiki/File:Carta_Marina.jpeg

Podemos verificar que alguns dos animais representados neste mapa estão identificados com o nome, como o caso de uma baleia e de uma orca (a), de um zifio (b) ou de um urso (c), tendo correspondência com animais que são hoje conhecidos e que são possíveis de ocorrer no local onde foram representados. Mas para a grande maioria das representações tal não acontece, apesar de existir informação sobre vários destes animais nos livros que foram publicados mais tarde em Roma, em 1555.²⁹⁵

Há animais que são representados parcialmente, mais próximo do modo como são observados, onde se vê a cabeça ou dorso dos mesmos. Outros há que estão representados na sua totalidade, como se se deslocassem fora de água, onde é possível contemplar toda a sua grandiosidade e monstruosidade. A interação entre os homens e estes animais está também representada neste mapa, quer através de cenas de pesca, caça e desmanche de animais, quer através de ataques destes animais a embarcações. Neste último caso, é enfatizada a componente do imaginário, onde estes animais são associados a grandes perigos para o Homem, em particular para os que andavam no mar. Alguns destes monstros alimentaram histórias e lendas durante muitos séculos, como o exemplo das serpentes marinhas, das grandes baleias que faziam naufragar as naus e as caravelas ou que ao serem tão grandes, podiam ser confundidas com ilhas, onde homens podiam andar no seu dorso e foguear (representações d, e, f). As embarcações são também um motivo muito representado, quer estejam a navegar, em interação com grandes monstros marinhos ou mesmo naufragadas.

Tendo em conta a riqueza deste mapa no que toca a ilustrações, o espaço vazio do mar representaria uma boa tela na qual o artista poderia dar largas à sua imaginação, desenhando vários animais presentes no imaginário da época, resultantes de observações locais ou copiados de outras obras anteriores. Este mapa, contrariamente à maioria dos existentes na época, colocava estas criaturas monstruosas junto da população e em contacto com ela. Apesar de cartografar uma região diferente daquela que maioritariamente foi percorrida nas viagens portuguesas da época dos Descobrimentos, a referência a este mapa neste trabalho é fundamental, pois várias imagens aqui representadas foram copiadas para outras obras, sem qualquer tipo de confirmação da sua existência ou do seu local de origem. Embora as criaturas fossem copiadas na forma, noutros trabalhos eram colocados noutros locais geográficos, podendo não ser representativas da existência dos animais no local. Alguns cartógrafos estavam interessados nos monstros apenas como decoração exótica, em detrimento da informação fidedigna da sua localização em determinados locais.²⁹⁶

Um dos aspetos que é bem visível na maioria dos mapas, não sendo este exceção, é que as criaturas e mesmo as embarcações que lá estão representadas não respeitavam

²⁹⁵ Van Duzer, C. (2013b), p.82.

²⁹⁶ Van Duzer, C. (2013b), p.102.

a escala de dimensão face às regiões mapeadas. A dimensão com que eram representadas poderia não só fazer sobressair estes elementos decorativos, como também enfatizar o potencial perigo que poderiam representar.

Sebastian Münster (1489-1552) foi um dos autores responsáveis pela publicação de uma edição ilustrada e em latim da *Geographia* de Ptolomeu em 1540. A sua obra *Cosmographia* de 1550 apresenta um dos mapas do mundo mais conhecidos do século XVI. Este mapa está decorado com monstros marinhos e com ventos, baseando-se em várias fontes de informação, entre as quais a obra de Ptolomeu, sendo também o mapa onde aparece pela primeira vez o nome de Oceano Pacífico (*Mare Pacificum*).



Figura 9 – Mapa-mundo da autoria de Münster, que apareceu pela primeira vez na edição de 1550 da obra *Cosmographia*, onde se podem identificar representações de vários animais marinhos, como um possível leão-marinho (circulo amarelo) e um cefalópode (circulo azul). Em a) o pormenor da representação de um monstro marinho, ao que tudo indica uma baleia.²⁹⁷

²⁹⁷ Imagem retirada de http://www.alexandremaps.com/map_detail.php?MapID=7408.

Apesar das características pouco reais ou por vezes exageradas de algumas ilustrações, é possível identificar alguns animais reais e conhecidos atualmente, como sendo baleias, cefalópodes ou um leão-marinho. No caso das baleias, estas podem ser identificadas quer pela sua dimensão, quer por possuírem barbas e não dentes, assim como por terem dois orifícios respiratórios, de onde saem dois cones de água, que correspondem ao vapor de água que sai para a atmosfera pelo espiráculo duplo, resultante da respiração destes animais (a).²⁹⁸

Ao contrário do mapa de Olaus Magnus acima referido (figura 8), aqui os animais estão representados de um modo mais próximo ao que poderiam ser observados no seu meio natural, não se verificando interações entre estes e marinheiros ou embarcações. Este parece ser um caso onde os animais têm uma função meramente decorativa e de preenchimento do mar no mapa, que ocupa uma extensão ainda considerável, não parecendo por isso ser indicativo da sua existência, da localização exata ou de possíveis perigos locais. Os animais aparecem desenhados essencialmente no hemisfério sul (local onde existia a “tela oceano” para os colocar), mais uma vez desproporcionais a ilhas e continentes, sendo o elemento que mais chama a atenção, juntamente com a representação dos ventos que circundam todo o mapa.



Figura 10 – Os monstros marinhos e terrestres (estes últimos quase sem expressão) no Norte da Europa segundo aparecem representados na folha presente na *Cosmographia* de Sebastian Münster de 1550.²⁹⁹

²⁹⁸ Brito, C. (2009), p.278.

²⁹⁹ Imagem retirada de http://www.raremaps.com/gallery/archivedetail/25328/Monstra_marina_and_terrestria_quae_passim_in_partibus_aquilonis_inueniuntur/Munster.html

Nesta mesma obra o autor incluiu uma folha onde representa animais terrestres e marinhos existentes no Norte da Europa, com estes últimos a terem muito mais expressão, quando comparados com os animais terrestres que praticamente não são representados (Figura 10).

Deste modo, Münster mostra a importância e a grandiosidade que o meio marinho tinha para si, onde alguns dos animais aparecem representados, também aqui com uma dimensão exagerada. Uma vez mais, demonstra a riqueza da vida animal marinha, uma ideia que é resultado das viagens oceânicas realizadas. Ao contrário do que acontece no mapa principal, nesta ilustração a representação do perigo dos monstros marinhos para o homem está presente, com naus a se defenderem de grandes baleias ou a serem atacadas por uma serpente gigante. As semelhanças das criaturas e cenas aqui representadas com as que se encontram na *Carta marina* de Olaus Magnus é enorme, podendo indicar que esta última serviu de referência a Münster (ver Figura 8). Verifica-se mais uma vez a importância das obras consideradas autoridade na época, cujas diversas partes eram repetidas nos mais variados contextos e por diferentes autores de diferentes épocas, mesmo sem referirem a sua origem.

Giacomo Gastaldi (c.1500-1566) foi um cartógrafo italiano do século XVI, cujo trabalho marcou um importante ponto de viragem no desenvolvimento da cartografia desenvolvida entre os anos 1540 e 1580.³⁰⁰ A sua edição da *Geographya* de Ptolomeu de 1548 está entre os melhores atlas produzidos neste século, destacando-se a grande atenção dada pelo autor ao Novo Mundo. Em 1564 produz também um mapa da costa africana em oito folhas, onde representa vários animais marinhos (Figura 11).

³⁰⁰ Informação retirada de documento on-line disponível em <http://www.myoldmaps.com/renaissance-maps-1490-1800/398-paolo-forlani-world-map.html>

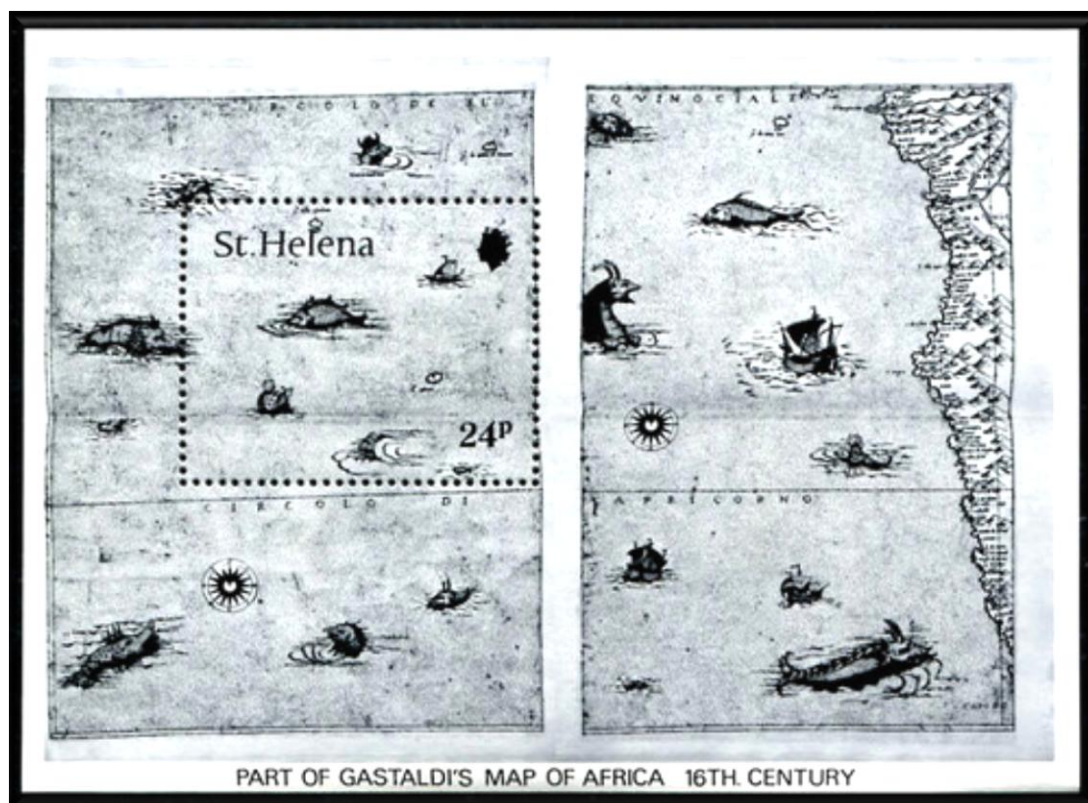


Figura 11 – Mapa de Gastaldi representando a costa africana e vários animais marinhos no atlântico.³⁰¹

Na parte do mapa aqui representada são desenhados diferentes peixes, alguns completamente fora de água e vários monstros marinhos, assim como algumas embarcações a navegar, com a costa africana quase a passar despercebida. Ao contrário dos mapas analisados anteriormente, este mapa não é colorido, mas apresenta muitas semelhanças entre os animais representados por Gastaldi e os que se encontram nos mapas de Olaus Magnus e Münster.

Ainda que, mais uma vez, o autor possa estar a utilizar a representação de animais marinhos para preencher o espaço em branco do mapa, que neste caso corresponde a uma grande zona do Oceano Atlântico – e que parece ser a hipótese mais provável – é importante não esquecer a grande biodiversidade marinha da região. É hoje bem sabido que nestas águas costeiras e oceânicas abundam espécies de grandes animais marinhos pertencentes a diversos grupos taxonómicos (peixes, tartarugas, mamíferos marinhos), pelo que certamente essa riqueza natural também existiria nesta época e seria visível aos olhos dos viajantes que navegassem por estas regiões. Poderiam estes animais servir como fonte de inspiração para representações mais ou menos reais da

³⁰¹ Imagem retirada de <http://www.ebay.com/itm/St-Helena-352-MNH-Part-Gastaldis-Map-Africa-Fish-Ship-x6162-/260883749963>

fauna existente nestas águas, onde algumas das suas características seriam propositadamente ou não alteradas por quem os ilustrava.

Um outro mapa que está repleto de representações de animais marinhos nas suas águas data de 1569 e é da autoria de Giovanni Francesco Camocio (15..-1575?). Este autor produziu um grande número de mapas decorados, utilizando um estilo rapidamente copiado pelos seus contemporâneos, sendo considerado por alguns como um dos mais importantes editores de mapas geográficos do século XVI.³⁰²



Figura 12 – Mapa da autoria de Giovanni Camocio, 1569, na sua obra *Cosmographia Vniuersalis Et Exactissima Iuxta Postremam Neotericorum Traditionem*. Em baixo pormenor de criaturas representadas a) sereia, b) homem-marinho, c) vaca-marinha perto dos Açores.³⁰³

³⁰² (Arkway, s.d.) in www.arkway.com.

³⁰³ Imagem retirada de <http://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/detail/JCBMAPS~1~1~648~10019:32642?qvq=q:camocio%2B1569;lc:JCB~1~1,JCBBOOKS~1~1,JCBMAPS~1~1,JCBMAPS~2~2&mi=2&trs=3>

Neste mapa é possível identificar uma série de barcos e criaturas marinhas dispersas e de tamanho desproporcional aos territórios representados em todos os mares e oceanos. As ilustrações estão representadas por todo o espaço livre dos oceanos, numa mistura de embarcações, animais marinhos e seres mitológicos, como sereias ou homens-bispo. Perto do Arquipélago dos Açores está representada uma pequena embarcação e o que parece ser uma vaca marinha. A grande maioria dos seres representados não parece ser original, reconhecendo-se a influência de outras obras, como o compêndio de história natural e de plantas *Hortus Sanitatus*, editado em 1491 por Jacob Meydenbach ou, mais uma vez, da *Carta marina* de Olaus Magnus. Em alguns destes mapas de eruditos não está a ser incluída informação nova, mas apenas a repetir-se a ideia do mar habitado. Esta repetição é notória quando se compara a sereia de cauda dupla representada no oceano Pacífico, na costa oeste da América do Sul, com a encontrada no *Hortus Sanitatus*. Apesar de algumas diferenças encontradas, nomeadamente no estilo do traço, ambas estão representadas na mesma posição, o que indicia uma cópia ou fonte de inspiração comum.



Figura 13 – Representação de uma sereia presente na obra *Hortus Sanitatis* (Jacob Meydenbach, 1491), onde se vê a semelhança com a representada na figura 10.³⁰⁴

Apesar de estas representações também parecerem ter uma função decorativa e de preenchimento de espaços vazios, os monstros marinhos representados poderão ter uma ligação ao desconhecido e aos perigos que o mar representava. Estes animais contrastam com a representação das embarcações, num sinal de conquista de cada vez mais territórios, no período da expansão marítima ibérica.

Abraham Ortelius (1527-1598) foi um cartógrafo e geógrafo flamengo do século XVI, que se tornou uma grande referência para a cartografia do século XVI, sendo considerado o criador do primeiro atlas moderno, o *Theatrum orbis terrarum*, em 1570 (Figura 14). Esta obra é composta por 53 mapas de todos os países conhecidos até então, com textos descritivos dos mesmos e referência às fontes utilizadas. Foi uma obra com grande disseminação, publicada em 31 edições durante cerca de 40 anos em várias línguas.³⁰⁵

³⁰⁴ Imagem retirada de <http://vionajessica.wordpress.com/2011/06/10/bab-iii-tinjauan-lapangan-starbucks-part-1/>

³⁰⁵ Van Duzer, C. (2013b), p.108.

Apesar da dimensão do mapa, apenas estão representados três animais marinhos de grandes dimensões e uma embarcação, ocupando espaço nos oceanos e sem qualquer legenda associada. Desconhecendo-se a intenção com que as ilustrações foram feitas nestes locais, parece mais uma vez tratar-se de ornamentação e preenchimento de espaços vazios. Pelo tipo de desenhos é possível que também Ortelius tivesse conhecimento da *Carta marina* de Olaus Magnus (Figura 8), sendo mais uma vez notória a semelhança deste mapa com o anteriormente referido.

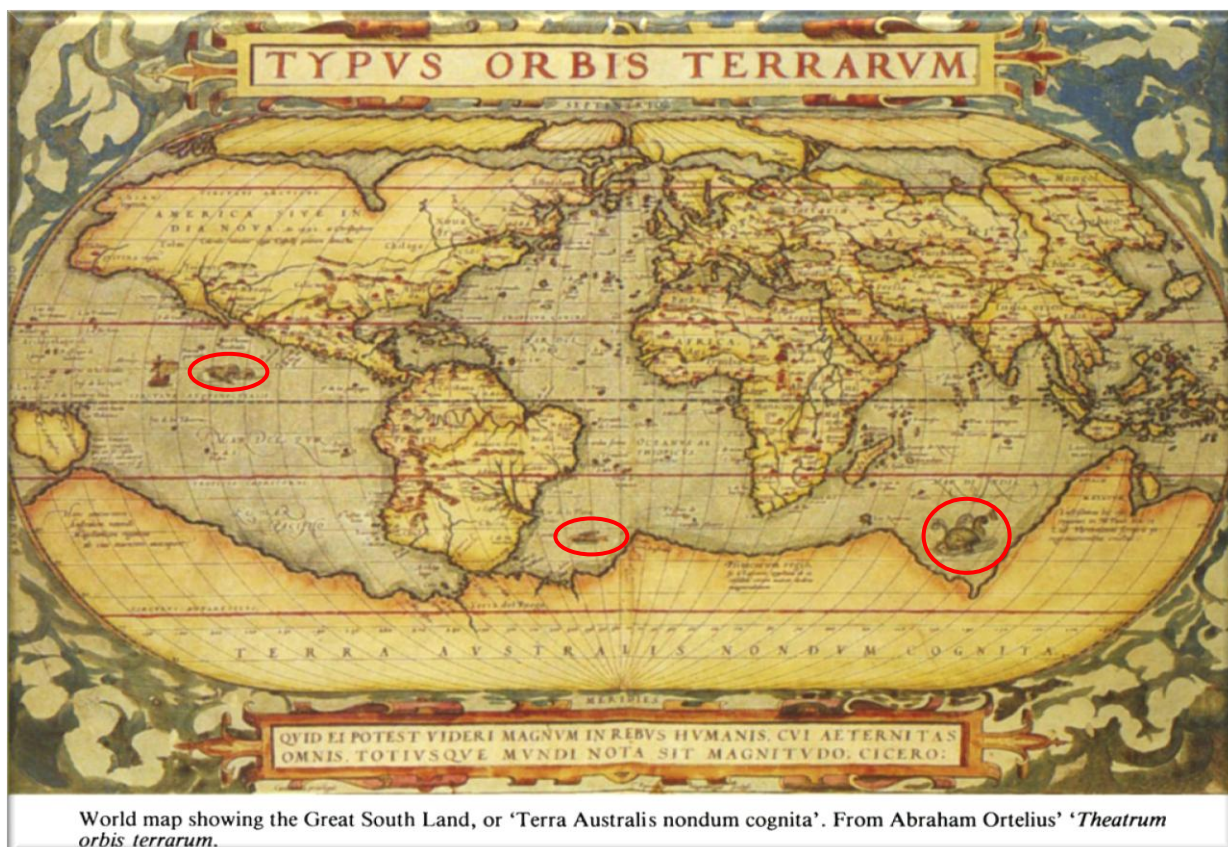


Figura 14 – Mapa-mundo da autoria de Abraham Ortelius, na sua obra *Theatrum orbis terrarum*. Alguns dos grandes animais marinhos representados estão assinalados com círculos vermelhos.³⁰⁶

Os mapas aqui representados, referências na cartografia desta época, contém um pequeno exemplo da quantidade e diversidade de animais que eram representados como imagem nestes documentos. São documentos que permitem estabelecer uma diferença entre a cultura erudita de gabinete, de geógrafo da Europa Central e as informações que eram obtidas nas viagens pelos marinheiros, que não corroboravam esta monstruosidade oceânica.

³⁰⁶ Imagem retirada de <http://nishi.slv.vic.gov.au/latrobejournal/issue/latrobe-41/fig-latrobe-41P001a.html>

Pela análise dos mesmos é possível verificar que as criaturas representadas eram comuns a mapas de diferentes autores e épocas, mostrando não só a importância do conhecimento do mundo natural, que levou à alteração dos mecanismos de validação da informação, como o fenómeno de reutilização de imagens. Com as navegações ibéricas dos séculos XV ao XVII, os mecanismos através dos quais se atribuía validade à informação modificaram-se, voltando a vivência do fenómeno ou a evocação de testemunhas que tinham realmente presenciado os episódios a ser o critério mais importante de autoridade, (como o eram na antiguidade grega ou romana) e não os grandes textos eruditos como até então.

Na grande maioria dos mapas da segunda metade do século XVI, os monstros marinhos têm uma imagem bizarra, levando a crer que as crenças e lendas da época teriam uma influência muito grande no modo como eram representados. Os relatos das experiências marítimas multiplicaram-se e conduziram a informações cada vez mais corretas e a partir do século XVI as classificações e descrições sobre os animais marinhos ganharam mais importância, misturando no entanto observações reais com fantásticas³⁰⁷ e provenientes de suas tradições distintas: a de gabinete e a de mar.

Estes são uma pequena parte dos mapas que chegaram até nós, considerados de referência, mas que certamente não tinham como função auxiliar a navegação. Como não resistiram até aos dias de hoje, será difícil perceber se a maioria das cartas náuticas que iam a bordo teriam ilustrações ou algum tipo de informação adicional que referisse a presença destes animais ou o seu potencial perigo para a navegação. No entanto, é notório que a informação prévia, aliada às características e às limitações de observação no mar (e à distância a que os grandes ou diferentes animais marinhos eram observados), eram ingredientes suficientes para a criação de terríveis monstros, cuja observação poderia ser prognóstico de alguma desgraça durante a viagem.

Os mapas circularam a uma escala muito maior que os livros, com a vantagem de ser uma expressão gráfica que não exigia o conhecimento de novas línguas numa primeira abordagem. Por isso funcionaram muito bem como agentes divulgadores do novo conhecimento geográfico e da construção de uma nova imagem do mundo.³⁰⁸ A título de exemplo, noventa por cento dos mapas ingleses anteriores a 1350 que chegaram ao conhecimento atual tinham uma função pedagógica, didática ou exagética.³⁰⁹ É possível verificar uma grande semelhança entre as imagens representadas nestes mapas e nas obras de história natural consideradas de referência, sendo prova que as imagens utilizadas eram copiadas ao longo dos tempos por vários autores.

³⁰⁷ Gannier & Gannier, (2005), *Sea monsters and cetaceans: slow emergence of science and persistence of imagination*, p.1; Van Duzer, (2013b), p.114.

³⁰⁸ Domingues, F.C. (2016a), *Descobrimento*, p.335.

³⁰⁹ Van Duzer & Dines (2006), *The only Mappamundi in a Bestiary context: Cambridge, MS Fitzwilliam 254*, p.16.

Ao contrário do que acontecia nos mapas, no caso dos roteiros e diários de bordo, as imagens de animais monstruosos nos oceanos navegados não saía da cabeça de quem a criava, ou quanto muito, espreitava nos roteiros sob a forma de uma descrição um pouco mais elaborada ou fantasiosa, mas nunca sob a forma de gravuras.

5.3 – Elementos Naturais como Sinais

Na leitura dos relatos e diários de bordo referentes às viagens portuguesas dos séculos XV a XVII, é notório que os pilotos prestavam especial atenção a vários animais marinhos que encontravam, sendo as referências aos mesmos frequentes nos documentos analisados. No início deste estudo foi com alguma surpresa que se verificou que os pilotos também referiam ao longo dos relatos de viagem o avistamento de inúmeras aves ou de animais menores e mais difíceis de observar, como caranguejos, cobras ou mesmo borboletas, mesmo que não fizessem uma descrição dos mesmos. É comum a referência a uma grande diversidade de aves marinhas, como feijões, antenais ou alcatrazes e a peixes, como os bonitos ou os dourados. Os mamíferos marinhos também não eram esquecidos, com os lobos-marinhos, as baleias e os baleotes, os botos ou as toninhas a marcarem presença no discurso, mesmo quando os avistamentos eram fugazes e ao longe. Era, aliás, referente a este grupo animal que se esperavam mais referências e descrições, tendo em conta todas as histórias fantásticas que se conhecem e que ainda hoje inspiram filmes e lendas. Mas, pelo contrário, não foi isso que aconteceu. Os monstros são inexistentes, os mamíferos marinhos são referidos sem especial espanto, as aves dominam os relatos e mesmo outros elementos naturais que não se estava à espera de aparecerem, têm o seu destaque no discurso destes marinheiros.

Estas referências aconteciam, não porque o piloto demonstrasse especial interesse pela natureza (se bem que há diferenças no discurso de vários pilotos), mas sim porque tinha de tirar o máximo partido de tudo quanto o ajudasse a chegar a bom porto, numa viagem tão severa como eram as da Carreira da Índia. E ao longo dos anos de viagem começaram a perceber que a presença ou a ausência de certos elementos naturais tinha um significado que os ajudava a navegar. Existiam situações meteorológicas ou de necessidade alimentar ou locais mais difíceis de detetar, cuja ajuda dos sinais naturais era muito importante, pelo que se lhes era dado mais atenção. Na imensidão do azul Atlântico, era com agrado que quem ia a bordo avistava sinais de terra, com os Açores a funcionarem como farol oceânico, onde por vezes faziam escala e cujos sinais era bom conhecer. Os sinais do Cabo da Boa Esperança

eram também várias vezes referidos, pois tratava-se de uma zona emblemática e difícil de transpor, que abria as portas ao Índico distante e outrora desconhecido. Aqui, os baixios existentes no Canal de Moçambique revelavam-se grandes armadilhas à navegação, sendo por isso também uma zona importante de identificar através do maior número de elementos e para onde se verifica um grande número de referências a vários sinais. Mas um pouco por todas as viagens os animais ou outros elementos naturais eram referidos, havendo no entanto pilotos que lhes davam mais importância e credibilidade que outros.

Como já foi referido, a observação dos elementos naturais durante as viagens, essencialmente de animais, estava condicionada por uma série de fatores de natureza muito variável. Os elementos observados não necessitariam apenas de estarem presentes e serem observados, para resultar num relato que levasse à sua correta identificação por todos. O ato de observar, parecendo simples e quase inconsciente, é no entanto muito complexo e subjetivo. Desde logo os sujeitos, neste caso em particular, os pilotos das naus que circulavam na Carreira da Índia, observavam não o que lhes aparecia durante as viagens, mas aquilo que queriam ver. Este querer estava dependente de fatores intrínsecos ao próprio piloto, como a informação prévia que tinha sobre determinado local, sobre o que era expectável e favorável encontrar, mas também era influenciado por fatores externos ao observador, como as condições de visibilidade e do mar. Quando olhavam para um animal durante o percurso, o tempo que o conseguiam ver era quase sempre muito diminuto, principalmente quando se tratavam de animais marinhos subaquáticos, como peixes ou mamíferos. As aves eram observadas durante mais algum tempo, mas quase sempre em movimento, o que dificultava também o processo. Eram estas, no entanto, aquelas que mais vezes eram referidas na generalidade dos diários.

5.3.1 – As Aves

De entre todos os elementos naturais observados e descritos pelos pilotos, era dado especial destaque às aves, por as considerarem sinais indicativos dos locais onde estavam ou de previsão do estado do tempo. Isto dever-se-ia ao facto de serem animais facilmente identificados, mesmo que ao longe, tendo em conta o meio em que se deslocavam. Ao olhar para o céu para ler os astros, estes homens encontravam também outros elementos que lhes eram úteis à navegação e nos quais podiam confiar. Este carácter utilitário dos elementos foi sendo confirmado com a experiência de navegação, informação que era registada e posteriormente transmitida a outros.

A função que estes sinais tinham era reconhecida e variada, sendo uma delas a indicação da previsão meteorológica, como Manuel Álvares referia em 1545, próximo da Terra do Natal, já no Oceano Índico:

“E nesta derrota que trazes, quando fores 50 léguas ou 60 da Terra do Natal, e achares muitas infindas aves, quantas mais achares mais tormenta (...).”³¹⁰

Segundo este piloto, o facto de se encontrar muitas aves ao chegar à Terra do Natal, significaria mau tempo, tanto pior quanto mais aves fossem observadas. Neste caso, o autor do relato não especifica quais as aves observadas, não havendo indicação se seriam aves típicas de costa ou frequentes no mar.

Não muito distante desta localização, em 1594, Vicente Rodrigues referia que a observação de determinadas aves podia estar relacionada com as trovoadas que ocorriam nas imediações do Arquipélago de Socotorá:

“Norte sul com a ilha de Socotorá (...) Os signaes daqui são rabos de junco, rabiforcados e aves de terra que vem desgarradas quando há alguma trovoadas do noroeste.”³¹¹

Esta referência funcionava como uma advertência ao facto de, mesmo observando aves características da costa continental, não significava necessariamente que estariam próximo dela, mas sim que estas aves poderiam andar mais distante de costa devido a trovoadas.

Não é comum encontrar aves de rapina ou galiformes em zonas marinhas, mesmo que costeiras, e para Vicente Rodrigues isso acontecia porque as trovoadas as podiam afugentar ou desnorrear para mais longe de costa. As observações destas aves podiam induzir em erro os pilotos menos experientes, que se julgariam assim mais perto de costa do que na realidade estavam. Por isso, volta a alertar os pilotos:

“Há da linha para o norte muitas aves como são aves de rapina, codornizes, não cuidem que estão perto de terra, porque vem esgarradas da Arabia, das trovoadas.”³¹²

³¹⁰ Álvares, M. (1940), *Colecção de Roteiros c.1545 de Manuel Álvares – Roteiro da navegação daqui para a Índia*, p.36.

³¹¹ Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della*, ca 1594, p.23.

³¹² Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della*, ca 1594, p.26.

Se as tempestades eram temidas pelos navegadores pelas dificuldades e estragos que poderiam causar, as calmarias de vento também não eram desejadas, por não fazerem avançar as naus. E também havia aves cuja presença ou ausência eram devidas à falta de vento, como vem expresso no jornal de bordo da viagem da Nau Rainha em 1558:

*“Item. Aos dezassete dias do dito mês de Junho, que foi sexta-feira, três dias de lua, tomei o Sol e achei-me em trinta e seis graus e um terço; (...) e nós **não levávamos connosco senão quatro ou cinco feijões, e isto [se] causava por o vento ser calma; (...).**”³¹³*

Neste caso, o facto de poucas aves os estarem a acompanhar na viagem era devido ao vento calmo que se fazia sentir. Mais do que a espécie encontrada, o comportamento que as aves tinham servia de indicador de calma ou tormenta, como na referência feita por Gaspar Manuel, no seu roteiro da Carreira da Índia, no início do século XVII:

*“**Aves postas no mar em manadas juntas como bando de ovelhas, denota tormenta.**”³¹⁴*

Nesta citação é dada indicação explícita de que quando se avistavam aves pousadas no mar em grande quantidade, isso seria sinal de tormenta aquando da passagem no canal de Moçambique.

Há alguns diários onde se encontra a indicação de que foram encontradas várias aves “postas ou pousadas na água”, possivelmente com o propósito de fazer uma associação ao estado do tempo, como no exemplo descrito por Gaspar Ferreira durante uma viagem de regresso ao reino em 1596:

*“(...) oje aparecerão cõ mta manga **mais de .200. alcatrazes pousados na agoa, e gaiuotõis, o tempo esta de çeso de parte do sul athe Leste, o mar esta chão, eu faço-me .12.15. legoas de terra da banda de leste do cabo das agulhas na entrada do Parcel (...).**”³¹⁵*

Por aqui percebe-se que o tempo estava calmo, apesar das aves estarem pousadas na água, não fazendo o autor referência a uma relação causa-efeito entre estes dois elementos. No caso dos alcatrazes e das mangas de veludo referidas pelo piloto Gaspar Ferreira Reimão na sua viagem para a Índia em 1597, a quantidade de aves que avistaram parecia anunciar o bom tempo que se verificava naquele dia:

³¹³ Albuquerque, L. (1991), *Jornal de Bordo e Relação da Viagem da Nau “Rainha” (Carreira da Índia – 1558)*, p.27.

³¹⁴ Pereira, G. (1898), *Roteiro e advertências da navegação da carreira da Índia feito por Gaspar Manuel de Villa do Conde, por elle mesmo emendado – Viagem de Cochim para Portugal. Signaes de terra*, p.75.

³¹⁵ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.253.

*“Aos 27 do mês (...) parecerão oje muita **alcatrares brancas mangas de veludo o tempo de bons semblantes.**”³¹⁶*

No entanto, também as aves que acompanhavam a embarcação e que entretanto deixavam de o fazer podiam ser indicadoras de tempo ventoso, como descreve Simão Castanho numa viagem de regresso ao reino em 1610, não se conseguindo identificar quais as espécies a que se referia:

*“**Onte a tarde andauão m.tos pássaros co nosquo mais q.do parece que adivinhauão esta zagarnia o V.to sueste Ventou m.to da mea noite por diante.**”³¹⁷*

Neste caso, tinham sido avistados muitos pássaros no dia anterior ao relato, cuja espécie não é mencionada. Com o vento que se fazia sentir naquele dia, estas mesmas aves deixaram de acompanhar o navio. Um exemplo de que não era só a presença de determinadas espécies, mas também a ausência delas, que era notada e anotada por estes pilotos, neste caso como sinal de ventania. Esta indicação é feita nas notas laterais e não no texto principal, onde a situação não é referida.

No que diz respeito à presença de aves como indicadoras de um local geográfico, são inúmeras as referências encontradas, relativas a diversas viagens, feitas por diversos autores e em locais distintos. Aliás, é a função para a qual há mais referências de elementos naturais encontradas, sendo que as aves são também o elemento mais enumerado. No texto principal ou em notas laterais, com mais ou menos pormenor nas suas descrições, são várias as espécies de aves referidas.

Apesar da alteração dos nomes ao longo do tempo e da utilização de nomes comuns distintos em várias regiões ou que sejam aplicados a várias espécies, para algumas aves referidas nestes diários, é possível estabelecer correspondência com espécies conhecidas atualmente.

Gomes Eanes de Zurara referia na sua *Crónica do Descobrimento da Guiné*, em 1448, a importância das aves como auxiliares na localização de determinados locais:

*“E disse aquella Joham Frrz, que aquelles Mouros com que elle hya, nom **se guyavam** senom pelos ventos, segundo fazem no mar, e **per aquellas aves** que já dissemos.”³¹⁸*

³¹⁶ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.11.

³¹⁷ Ataíde, A. (1957b), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Piedade, de Goa para o Reino, no ano de 1610*, p.22. Esta indicação está à margem nas notas laterais, não havendo referência no texto principal a estas aves que faziam adivinhar a ventania.

³¹⁸ Zurara, G.E. (1841), *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné, escrita por mandado de ElRei D. Affonso V*, p.369.

No Roteiro de Lisboa a Goa elaborado por D. João de Castro referente à sua viagem para o Oriente em 1538, são frequentes as referências à observação de várias aves. No entanto, só em duas citações se encontra expressa a função que essas aves tinham durante a viagem:

*“Quinta feira 27 de Junho (...) este dia pella menhã **vimos alcatrazes e garjaos, que he o sinal maes aprouado pera sermos perto de terra, (...)**”³¹⁹*

Segundo D. João de Castro, os alcatrazes e os garjaus observados logo pela manhã eram os sinais mais fiáveis de estarem perto de terra. Mais tarde, junto aos Baixos da Índia volta a referir que os garjaus e outras “aves de terra” observadas identificavam a proximidade destes baixos:

*“Quinta feira 25 de Julho (...) este dia **vimos grandes bandas de grajaos pretos, brancos, pardos: a mostra das Ilhas primeiras (...)** Por Razão que pondo a proa nestes baixos, duas cousas nos vão desuiando delles: a hua he a variação que aqui fazem as agulhas pera a banda do noroeste, e aoutra as agoas que nesta paraje correm pera o norte; e com isto juntamente **avemos de saber que não podemos se com eles, sem primeiro vermos muitos sinaes, como bandas de grajaos e algumas aves da terra; e ha pouco perigo em os demandar, como isto que chamão baixos da India.**”³²⁰*

A indicação a “aves da terra” seria para referir algumas espécies de aves que seriam características das zonas costeiras adjacentes, não sendo frequentes de observar enquanto navegavam. Os Baixos da Índia ou da Judia eram um dos locais – juntamente com o Cabo da Boa Esperança – para os quais se verifica uma maior referências a vários elementos naturais que indicam a sua localização.

No roteiro da Carreira da Índia feito por Vicente Rodrigues, referente às suas viagens de 1568 e 1570 e um dos mais citados roteiros antigos portugueses,³²¹ este autor refere vários exemplos de aves, principalmente alcatrazes, como sinais dos locais por onde passava:

*“Os signaes dos baixos da Judia são de maneira que se a náó for a leste deles 10 ou 12 leguas verão **alcatrazes** e se for mais os não verão, e se*

³¹⁹ Castro, J. (1882), *Roteiro de Lisboa a Goa por D. João de Castro anotado por João de Andrade Corvo, Socio effetivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, p.226.

³²⁰ Castro, J. (1882), p.297.

³²¹ Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.7.

*for da banda de aloeste deles ainda que vá a náó 25 leguas da costa sempre os acharão.”*³²²

*“Os signaes que há para Moçambique são alcatrazes posto que em toda esta costa são geraes (...).”*³²³

*“Sendo caso que se vejam alcatrazes em vinte e dous vinte e tres e vinte e quatro grãos entendam que estão perto da ilha de S. Lourenço porque nesta altura não os há senão da ilha do Mascarenhas que está em vinte e dous grãos pouco mais ou menos.”*³²⁴

Era frequente a observação de alcatrazes na zona do Canal de Moçambique, pelo que funcionavam como um dos sinais mais referidos por vários pilotos para esta zona. Não é por isso motivo de espanto que Gaspar Ferreira Reimão confirme muitos dos sinais indicados por Vicente Rodrigues no seu Roteiro de 1612:

*“Vicente Rodrigues, em seu tempo, e os mais antigos, dizem em seus Roteiros que ireis demandar o baixo da judia (...) e aparecem muitas graginas grandes de asas compridas, e assim se vêem algumas vezes estar pegados, e à vista dela se verão alguns alcatrazes. Assim, por estes sinais entenderéis que está já perto da ilha (...)”.*³²⁵

*“Se por esta paragem, sendo por 23 graus e 24, virem alcatrazes, entenderão que vão perto das ilhas dos Mascarenhas (...) porque estes pássaros não se vêem nesta altura senão tendo a terra por perto”.*³²⁶

Esta última citação é em toda idêntica à feita por Vicente Rodrigues, não só nos sinais observados, como no discurso utilizado, parecendo quase uma cópia. Não é de estranhar, já que Ferreira Reimão se baseou nos roteiros de Vicente Rodrigues e Diogo Afonso, tendo-lhe acrescentado informação resultante da sua própria experiência de viagem. Apesar de todas as indicações referentes aos sinais possíveis de encontrar, não existiam duas viagens em que os sinais encontrados fossem os mesmos. Por isso,

³²² Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.21.

³²³ Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.22.

³²⁴ Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.25.

³²⁵ Reimão, G.F. (1939), *Roteiro da navegação e carreira da Índia, com seus caminhos & derrotas, sinais, & aguageis & diferenças da agulha: tirado do que escreveu Vicente Rodrigues & Diogo Afonso, pilotos antigos*, p.21.

³²⁶ Reimão, G.F. (1939), p.37.

mesmo pilotos experientes como Gaspar Ferreira, eram surpreendidos ao encontrar novos pássaros em locais onde, até aquele momento, não havia registo de terem sido encontrados por outros:

*“Aos .14. de mes (...) estou de **Cacotora .90. legoas** norte e sul com a enseada da maçieira e leste oeste cõ o cabo de guardafoy o tempo esta de boa feição o mar vem daloeste **oje aparecerão muitos alcatrazes, mãgas de veludo, ora se punhão no mar ora se aleuantauão vi alguns dez ou mais huã gragina, oje vy .40. ou .50. coruetas pretas pousadas nagoa como q hião comendo em alguma cousa, estas coruetas não me lembra vellas p aquy ou não fiz conta dellas esta viagem as tenho visto alguãs veses nesta trauesa (...).**”³²⁷*

Este piloto refere que não se lembra de ter avistado as corvetas noutras viagens, não significando que elas não estivessem presentes, mas talvez ele não lhes tivesse dado a atenção devida. Bastava que noutras viagens o piloto estivesse ocupado com outra tarefa, para que não se tivesse apercebido da sua presença. Nesta descrição, o piloto não especifica apenas as aves observadas, dando também indicações quantitativas e comportamentais sobre as mesmas. Se umas aves pousavam e levantavam voo constantemente, outras pareciam que estavam em alimentação, permanecendo mais tempo pousadas. Muitas destas observações podiam ser banais ou causar espanto e admiração, sendo por vezes indício de que se devia confirmar bem a posição nas cartas a bordo.

Um exemplo claro dessa confirmação aconteceu em 1597, na viagem da Nau S. Martinho a caminho da Índia, quando Gaspar Ferreira Reimão, o autor do diário, referia que começaram a ver várias aves que não seriam frequentes para a localização prevista, tendo por isso conferido a posição através da observação do sol:

*“Aos 25 do mes en 2^a fr.^a tomei o sol e fiquey em 11 .g. e 2/3 (...) **comesamos a ver rabos de junquo e garraginas e vy dois alcatrazes e depois de tomar o sol pla hua ora vy eu a ilha** (do Combro) **a ponta do sudueste (...).**”³²⁸*

Só depois de ter visto as aves mencionadas viu uma ilha perto de Moçambique, junto da qual se encontravam, local de perigosa navegação devido aos inúmeros baixios existentes e onde os sinais adicionais de ajuda à navegação eram fundamentais. Não fossem os pássaros aparecer e chamar a atenção do piloto, que este poderia achar que

³²⁷ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.219.

³²⁸ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.60.

estava mais longe de costa e estar mais descontraído na navegação, com todas as implicações que isso poderia causar ao bom decorrer da viagem.

É impressionante como para alguns pilotos a observação destes “sinais de localização” confirmava ou chegava mesmo a pôr em causa os próprios dados recolhidos a bordo com a ajuda de instrumentos de precisão há muito utilizados. A posição determinada a partir da observação do sol era conferida nas cartas náuticas que iam a bordo para os auxiliar, dando-lhes uma posição da embarcação. Mas havia casos em que essa posição era posta em causa pelos “sinais naturais” que lhes surgiam, como descreve Simão Castanho na sua viagem para Goa em 1603, perto de Madagáscar:

*“Aos 12 tomei o sol (...) me demora o Baixo dos garajãos em huã carta, p outra vou a mesma proa dar nas Ilhas da nazaree p.q. não se verificou ser a Ilha q. vimos de P.^o Roiz mas eu cuido q. he plos sinaes dos rabos juncos e não viramos a do masqarenhas (...)”.*³²⁹

Neste caso, o piloto observou a altura do sol para determinar a posição da embarcação, que não era coincidente com a das cartas que levava a bordo. Se por uma carta a medida da altura do sol indicava que estava longe de uns baixios, por outra estava próximo de umas ilhas, e pelos sinais observados a localização não era coincidente com nenhuma anterior. Dada a incongruência de localização dada pelas cartas, Simão Castanho parece dar ainda mais crédito aos sinais naturais observados, mas outro piloto poderia ter uma interpretação diferente. Neste exemplo fica bastante claro o papel das aves na indicação da proximidade de um local específico e da importância que lhes era dada por alguns pilotos. Neste caso em particular, o piloto utilizou as aves como fonte mais credível de localização, em detrimento da informação contida nas cartas que levava para ajudar na orientação durante a viagem. Isto só era possível através da experiência, através do conhecimento adquirido por homens que, viagem após viagem, recolhiam a informação, registando-a de modo a ser transmitida aos que a seguir embarcavam. A indicação formal para que esses registos fossem efetuados, expressa já no século XVII, não foi mais do que a confirmação da importância dada a estes sinais vitais para a boa navegação na Carreira da Índia.

Também era motivo de espanto quando o piloto se deparava com determinadas aves mais longe de costa do que aquilo a que estava habituado. É disso exemplo Gaspar Ferreira, que na viagem que fez para a Índia na Nau S. Pantaleão em 1595 chamava a atenção para o facto de ver uma garragina (espécie de gaivota) longe de costa, quando navegava em direção ao Canal de Moçambique:

³²⁹ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da Nau S. Mateus, em viagem do Cabo da Boa Esperança para Goa, no ano de 1603*, p.152.

“Aos .5. do mes (...) eu vi oje huã gragina de q me espantey andar tão longe”.³³⁰

Mais uma preciosa informação que ficava registada no diário daquela viagem, que posteriormente seria transmitida a outros, que se voltassem a ver esta ave longe de costa já não se espantariam tanto, passando a ser também ela um sinal do local onde estavam. Este sentimento só se verificava devido à experiência do piloto nestas rotas. No caso de se tratar de um piloto menos experiente, seria possivelmente mais uma ave observada e não lhe causaria espanto o facto de estar tão longe da costa.

Também nestas imediações, mas noutra viagem, desta feita a de regresso da Nau “Santa Maria do Castello” de Goa para Portugal em 1597, o piloto-mor Gaspar Ferreira Reimão³³¹ chamava a atenção dos pilotos das próximas viagens para a navegação na zona do Cabo Delgado (nordeste de Moçambique). Estes deveriam estar atentos aos fortes ventos de norte que sopravam em janeiro, e caso comesçassem a observar *alcatrazes, sargaço, rabos de rapoza e rabiforcados*, era sinal de que estavam muito próximos das ilhas existentes nas proximidades, correndo o risco de naufragar, pelo que deveriam desviar o rumo em direção ao Cabo Delgado:

“Aos 17 em amanhecendo estauamos com a Ilha do Combro 4 legoas della pla banda de Leste (...) porque tem neste mês de janro (...) vires muittos alcatrazes de 8 graos p.^a 9 e 10 que estas encostado as Ilhas do Arro, e acharas sargaço e rabos de rapoza vendo estes sinaes e rabiforcados e en Leste, trabalha de tirares p.^a o sudueste em chegarte p.^a o cabo delgado, e posto que na costa tambe aya sargaço não o há com alcatrazes e rabiforcados”.³³²

Neste caso específico era acentuada a importância da conjugação de sinais observados, como o sargaço e aves, pois se só um fosse observado, a localização poderia ser mais próxima de costa e não junto das ilhas.³³³

Estas informações eram ainda mais preciosas quando a navegação era feita longe de costa, onde os sinais geográficos eram mais difíceis de observar. Aqui, qualquer indício de que estivessem perto de alguma ilha era observado com bom agrado e por outro lado, os sinais indicativos de certos baixios eram levados muito a sério e observados por vezes com alguma preocupação.

³³⁰ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.204.

³³¹ Os nomes dos pilotos “Gaspar Ferreira” e “Gaspar Ferreira Reimão” parecem ser respeitantes à mesma pessoa. Neste trabalho foi utilizado o nome que constava na fonte utilizada.

³³² Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau Santa Maria do Castello em viagem de Goa para Portugal no ano de 1597*, p.81.

³³³ No seu roteiro de 1612, este piloto volta a referir a observação conjugada de algumas aves juntamente com sargaço também para as imediações do Cabo Delgado. Reimão, G.F. (1939), p.47.

Como já foi referido, existiam locais para os quais se verificava um maior número de referências a sinais da sua proximidade. Um destes locais era o arquipélago dos Açores, onde as aves marcavam presença assídua como um dos elementos que indicavam a sua proximidade. Por ser um arquipélago no meio do Atlântico que possibilitava a aproximação de terra no meio da imensidão do oceano, os sinais que antecipavam a sua proximidade eram procurados e avistados com agrado e por isso importantes de conhecer. Aves, baleias ou tartarugas, mas também algas³³⁴ são assim referidos como sinais específicos de algumas destas ilhas, estando a sua observação dependente da época do ano em que se realizava a viagem. Num roteiro da Carreira da Índia de cerca de 1594, o experiente Vicente Rodrigues faz referência às aves que indicavam a proximidade da ilha das Flores:

*“Os signaes **destas ilhas são gaivotas pequenas de pés vermelhos, qualcamares e outros passaros pequenos a que chamam estápagádos que andam perto de terra.**”*³³⁵

Aqui é referido especificamente pelo autor do relato que estas aves eram sinais das ilhas açorianas. Também no seu roteiro referente à viagem para a Índia de 1545, Manuel Álvares refere os garajaus como aves indicadoras da proximidade da Ilha das Flores, entre outros sinais de referência a ter em atenção:

*“E pelos 39 graus largos verás a **Ilha das Flores**, 7 ou 8 léguas pela banda Sul delas. Se te acontecer, e te achares em 38 graus, veres baleias ou **grajaos**, também pode ser que acharás tartarugas, não te pareça por isso que és a barlavento.”*³³⁶

Estes homens eram muito meticolosos nestas observações, referindo por vezes as espécies de aves que esperavam encontrar nas diversas paragens, mas que por alguma razão não observavam.

Quando os pilotos previam estar próximo de algum local e não observavam os elementos naturais que tinham como indicadores desse mesmo local, por vezes faziam também essa referência no texto. Gaspar Ferreira Reimão fez-lo na viagem da Nau “São Martinho” para a Índia em 1597, quando se encontrava entre o arquipélago de Cabo Verde e a Ilha de Fernando Noronha e não avistava as aves que ele tinha por características desse local:

³³⁴ Para mais informação acerca dos sinais característicos da proximidade do Arquipélago dos Açores, consultar, p.e., páginas 125-126 (mamíferos marinhos) e 140-141 (sargaço) deste trabalho.

³³⁵ Pereira, G. (1898), *Viagem de Cochim para Portugal, ca 1594*, p.32.

³³⁶ Álvares, M. (1940), *Primeiro roteiro da carreira da Índia, c. 1577, de Vicente Rodrigues. Viagem de Lisboa para a Índia*, p.46.

*“(...) o tempo esta claro e o mar vem do susueste **não aparece avaria** esta tarde”.*³³⁷

Mais uma vez fica patente o espanto do piloto por não observar os sinais (avaría) nos quais confiava igualmente como indicador da sua localização.

Avançando mais Atlântico fora, ou no regresso acabando de nele entrar, a Ilha de Tristão da Cunha era uma referência cujos sinais não se podiam descurar, com várias aves a servirem de “farol” localizador da mesma. As advertências de Manuel Álvares e de Vicente Rodrigues são exemplos a considerar:

*“Para saberes se estás perto das ilhas (Tristão da Cunha), quando **achares os antenais**, de cinco em cinco, és com elas. E daqui te seguirão os **fejões**, que são umas aves pequenas da feição de pegas pintadas.”*³³⁸

*“Nesta passagem os signaes são uns passaros que tem azas muito **grandes e que chamam antenaes**.”*³³⁹

A referência às aves não era sempre feita isoladamente, sendo frequente aparecerem misturadas com outros elementos existentes no mar, como o sargaço:

*“Estando **perto das Ilhas de Tristão da Cunha**, se vires alguma quantidade de **ervas de sargaço**, com trombas, que são uns paus grandes, é sinal de que não estás de nenhum lado das referidas ilhas. **Aqui se acham grandes corvas grandes, e também pequenas, que têm bicos brancos, as quais voam muito perto das ditas ilhas.**”*³⁴⁰

Nestas indicações os seus autores não se limitaram a dizer o que era possível de observar, enumerando mais características das aves, para que os pilotos menos experientes mais facilmente as pudessem identificar. Se bem que não fossem o seu sinal mais característico, as aves eram também indicadoras da proximidade do tormentoso Cabo da Boa Esperança, como mostram estes dois autores:

³³⁷ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.19. Neste caso, o termo “avaría” refere-se a aves marinhas no geral.

³³⁸ Álvares, M. (1940), *Colecção de Roteiros c.1545 de Manuel Álvares – Roteiro da navegação daqui para a Índia*, p.33.

³³⁹ Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.18.

³⁴⁰ Álvares, M. (1940), *Primeiro roteiro da carreira da Índia, c. 1577, de Vicente Rodrigues. Viagem de Lisboa para a Índia*, p.46.

*“Como passardes as Ilhas de Tristão da Cunha os mais certos sinais que delas até ao **Cabo [da Boa Esperança]**, e além dêle **axhareis**, são estes **calcamares** que andam por todo o mar, **antenaes**, **feijões pintados** que à Terra do Natal vão convosco e mais perto do dito Cabo, indo por 34 graus e 1/3.”*³⁴¹

Bernardo Fernandes refere no seu livro de marinharia que os calcamares, apesar de serem frequentes “em todo o mar”, seriam os sinais mais certos que levariam os pilotos das ilhas Tristão da Cunha até ao Cabo da Boa Esperança. Mais uma vez estamos perante um exemplo onde se verifica a sobreposição da importância dada a este tipo de elementos naturais face aos dados recolhidos através dos instrumentos náuticos.

Vicente Roiz refere também que neste trajeto era necessário estar atento aos elementos naturais presentes, fazendo uma extensa lista descritiva do que era possível observar:

*“Tanto que forem das ilhas de Tristão da Cunha para o **cabo de Boa Esperança** cincoenta (...) cem léguas em diante acham-se umas moutas grandes a que chamam **trombas** que tem uma vara de comprido e outra de largo aqui se acham **antenaes**, **corvas grandes de bicos pardos** e outras **aves do tamanho de pombas pintadas de branco e preto** a que chamam **feijões** e cem léguas antes do cabo se acham **trombas mais pequenas** e **manadas de pássaros pequenos brancos** a quem chamam **borrelhos** (...) entenderão que estão no cabo uma sangradura até ao cabo aparecem umas **corvas pretas de bico...** e uns pássaros **pretos** e que chamam **calcamares** e **gaivotas brancas** e depois **vermelhas** que são já da costa do cabo. (...) É bom vir ao cabo de Boa Esperança por 35 grãos e meio ou dous terços (...) e ver **alcatrazes** que são uns pássaros diferentes de todos os atraz e são brancos todos as pontas das azas pretas e dormem em terra, não virem muito cedo ao mar ...”*³⁴²

Este piloto faz referência a outras aves possíveis de observar, com indicações muito precisas sobre as distâncias a que começavam a aparecer, assim como algumas características diagnosticantes das mesmas. Referências a antenaes, calcamares ou feijões eram comuns nestas paragens em várias viagens e em diversos anos, confirmando a importância da transmissão e acumulação deste conhecimento que era recolhido e compilado por marinheiros mais ou menos experientes. Gaspar Ferreira

³⁴¹ Fernandes, B. (1940), *Livro de marinharia de Bernardo Fernandes: (cerca de 1548)*, p.58.

³⁴² Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.19.

Reimão, em 1597, refere também a presença de inúmeras aves aquando a sua passagem perto do cabo da Boa Esperança:

*“(...) ha oje m.ta auaria de **m.tos e infin dos feijos e coruas pretas de bico pardo e m.tos farilhões e algus borrelhos** misturados como 3 ou 4 não poço marear estes dias o sol ne ao meo dia parece p^a saber a altura qye leuamos (...).”*³⁴³

Aqui Gaspar Ferreira Reimão teria de se guiar pelos sinais referidos, já que durante uns dias não conseguiu tirar a altura do sol para se orientar por ele. Mais uma vez mostra a importância destes sinais, principalmente em dias nublados ou de nevoeiro, onde o sol não era visível. A falta de alternativa de estimativa de localização poderia representar um problema ao bom seguimento da viagem, que teria de prosseguir. No seu roteiro de 1612 refere mais uma série de aves, acrescentando algumas das suas características diagnosticantes ou comportamentais:

*“Por aqui (Cabo da Boa Esperança) se acham **algumas trombas mais compridas** (...) e se fordes por 36 graus as não vereis, mas achareis **muitos borrelhos em bandos**, que são uns passarinhos pequeninos, pardos cobre o branco, do tamanho de estorninhos, e **algumas gaivotas malhadas**. (...) **alguns gaivotões malhados de branco e preto**, pousados na água aos cinco ou seis. **É bom sinal de se estar perto da costa**, com uma singradura se verão **muitos calcamares pela esteira da nau, e mais chegados ao cabo, que é bom sinal e certo de serdes perto, e vereis corvas pretas de bico branco**.”*³⁴⁴

Também Simão Castanho em 1603, na sua viagem do Cabo da Boa Esperança até Goa, dá várias indicações sobre a importância das aves como sinais nestas viagens, como sucedeu quando estava perto da Aguada de São Brás, a leste do referido Cabo:

*“Ao prim.ro de agosto nos entrou o vento nordeste tomey o sol em 36 graos (...) não vejo oie na altura em que estou que he 36 graos agoags de como onte, antes parece mar do muito couçe da terra, **nem veyo passaro algu que seja sinal do prazel, senão as que trazíamos, os gansos bramqos e pardos grandes e canas e borrelhos, e algus feioees** (...)”*³⁴⁵

Estranhando o não aparecimento das aves características daquela zona, o piloto refere só as aves que os acompanhavam desde o dia anterior. Já no Índico, a imensidão de baixios existentes no canal de Moçambique e todas as ilhas ou rochedos existentes até

³⁴³ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.36.

³⁴⁴ Reimão, G.F. (1939), p.16.

³⁴⁵ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Mateus, em viagem do Cabo da Boa Esperança para Goa, no ano de 1603*, p.144.

à desejada Índia tinham de ser bem reconhecidos, sob pena de as embarcações se perderem pelo caminho, naufragando também o sonho de chegada a porto seguro.

Na viagem da Nau São Martinho para a Índia em 1597, Gaspar Ferreira Reimão volta a manifestar o seu espanto por não observar alcatrazes próximo de Madagáscar, como era costume, ainda mais quando outros sinais da referida ilha já começavam a aparecer, como outras aves ou a mudança na coloração da água:

*“Aos 9 do mes (...) o tempo esta de boa feição **não aparesem alcatrazes que me faz pasmar p. que não faltão p. aquy**, so hu rabo de junq.^o oje mostrou agoa ser esverdeada e esbarquecida de dia que parecia de costa deynos nosso s.^{or} boa viage e a virge do R.^o madre de deos”.*³⁴⁶

Mais uma vez confirma-se a importância da experiência dos pilotos na observação dos sinais e das suas anotações para viagens posteriores. Não fosse este conhecimento anterior por parte do piloto e o facto de os alcatrazes não aparecerem, seria normal e possivelmente nem referido no diário.

Gaspar Ferreira Reimão não é o único a referir a presença ou ausência dos alcatrazes neste local, pois três anos mais tarde também o piloto João Ramos, no regresso da nau Nossa Senhora da Conceição a Portugal, menciona estas aves, referindo algumas características morfológicas das mesmas:

*“Aos 5 (março) tomei o sol em 20 g.^{os} ¾ (...) **vimos a Ilha de D.^o Rois (...) vimos alcatrazes pardos q. há nesta ilha, e tem os pes vermelhos, branco em cima das costas, e rabos juncos diferentes dos outros, q são p. cima das costas pintados como feições, e muito Aluos e os peitos pardos, rabis forcados e pardellas, coruas prettas piquenas Ds. G.^a”.***³⁴⁷

É curioso notar que, mesmo fazendo referência a aves que já eram conhecidas de viagens anteriores e que pelo nome eram facilmente identificadas por outros pilotos, João Ramos faz uma pequena descrição das características do alcatraz e dos rabos de junco, o que não acontece em muitos registos referentes a espécies já conhecidas destes homens.

A importância dada a estes sinais localizadores era tal, que os pilotos mesmo tirando a posição dada pela altura do sol, também tomavam decisões de navegação baseadas nos sinais que lhes apareciam, como se pode constatar pelos seguintes casos:

³⁴⁶ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.64.

³⁴⁷ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau “N.^a S.^a da Conceição”, de Cochim para Portugal no ano de 1600*, p.139.

*“Aos 7 do mes **tomey o sol e fiquey em 2 graos (...) esta menhã vierão dar cõnosqo m.tos Alcatrazes, deuem ser do baixo que atras tínhamos deixado, faço estar a não desde que diguo a redor delle .20. 29 Legoas delle, eu lhe dey abatim.to ao nordeste e a quarta do norte e ao nornordeste segundo os sinais dos pássaros alguns rabos forcados, e rabos de junqos e pardilhos n. s.ºr”***.³⁴⁸

O piloto Gaspar Ferreira Reimão mostra aqui mais uma vez a importância que dava aos sinais, neste caso à observação de aves, na sua viagem de regresso de Goa para Portugal em 1597, a bordo da Nau Santa Maria do Castelo. Após ter tomado o sol num dos dias da viagem, refere que os pássaros que os acompanham seriam certamente sinais da zona pela qual tinham passado, perto de Madagáscar e faz os procedimentos devidos para ajustar o rumo. Esta localização é depois reforçada pelos novos pássaros que avista. As observações das aves complementavam assim a utilização dos instrumentos de medição que eram utilizados a bordo.

Também Simão Castanho parecia confiar no que os sinais de proximidade de terra lhe transmitiam, estranhando quando observava alguns durante a viagem e demorava a observar terra:

*“Aos 7. **Não apareçeo o Sol (...) E a agoa hia esta noite com m.ta fúria pera o noroeste E coanto a my as agoas nos detem todos estes dias por que estando Vendo tantos Sinais da terra há tantos dias E não na veremos não he possiuel outra cousa...***”³⁴⁹

Neste caso o piloto parecia estar mais preocupado com o facto de ver os sinais e não terra, pois não podia fazer a confirmação da localização através da leitura do sol, que não tinha aparecido nesse dia, talvez devido a alguma nebulosidade ou nevoeiro. Os sinais de terra, mesmo sem especificar a quais se estava a referir, estavam presentes, o que o parecia confundir. Seriam as águas que não faziam avançar a embarcação, pois os sinais estavam presentes há tanto tempo e não se observava terra?

Sebastião Prestes em 1610 também mostrava dar muito crédito aos sinais que encontrava, pois aquando do regresso da Nau Nossa Senhora da Penha de França ao Reino, refere que devido aos sinais observados, alguns dos quais nunca vistos na localização dada pelas cartas, parecia que estavam noutro local:

*“Ao sabb.do q forão. 30. do mes tomej o sol Em 6. gra. E hu quarto largo (...) **apareceu oje alcatras E qual.er mar [calcamar] alguns raminhos***

³⁴⁸ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau Santa Maria do Castello em viagem de Goa para Portugal no ano de 1597*, p.91.

³⁴⁹ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Piedade, do Reino para Goa, no Ano de 1609*, p.294.

*de carcaro o q Eu nunca achej nesta altura mas **parese q vamos mais a loeste do que me faco com o Ponto oje fiquej de Zanzibar.** 45. Legoa a leste deus nos dé boa vaigê âmem”.*³⁵⁰

Gaspar Ferreira Reimão considerava que existiam determinadas aves que eram sinais certos da aproximação de terra na zona do Cabo Delgado, no regresso ao reino por dentro da ilha de S. Lourenço e Moçambique:

*“(...) acontece algumas vezes que **antes de se ver a terra se vêem alguns bandos de passarinhos, muito pequenos, brancos como grajauzinhos ou borrelhos, e como os verdes, e não tiverdes visto a terra, a podeis mandar vigiar que estais com ela.**”*³⁵¹

Estes passarinhos pequenos que por vezes eram observados eram para Gaspar Ferreira um sinal certo da proximidade de terra, mesmo quando a mesma ainda não era observada. Segundo ele, avistando-se estes pássaros, era essencial procurar terra, pois ela estaria prestes a aparecer. Neste roteiro o seu autor dá muito crédito aos sinais naturais de localização, especialmente às aves, pois estes serviriam de complemento às cartas náuticas que utilizava e que por vezes criticava pelas imprecisões que continham de excesso ou omissão de informação:

*“Neste caminho diz Diogo Afonso, que **há algumas ilhas postas nas cartas, que as não há** (...) mas o bom é por todo este caminho haver grande vigia, assim de noite como de dia, porque **há outras muitas que não estão postas nas cartas.**”*³⁵²

Esta crítica feita pelo piloto acerca das imprecisões das cartas, acaba por corroborar a hipótese de que as cartas náuticas que iam a bordo deveriam ser o mais simples e reais possíveis, não devendo por isso ser ornamentadas com monstros ou outros elementos iconográficos, como discutido no ponto 5.2. deste trabalho.

É a confiança e a credibilidade dada a estes elementos naturais, que podem ser entendidos por alguns estudiosos como uma mera descrição do que acontecia na viagem, que torna estes relatos muito valiosos. A informação contida nestes diários mostra, mais do que aquilo que os pilotos observavam durante a viagem, aquilo que registavam e lhes era útil de alguma forma. Nos exemplos aqui apresentados não estamos perante simples aves marinhas que eram comuns encontrar durante uma viagem. Estamos antes perante as aves marinhas que norteavam os pilotos, ajudando-os a conhecer a sua localização aproximada. Não é por isso de estranhar que a referência a qualquer ave fosse quase diária nestes textos, quer no corpo principal dos

³⁵⁰ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Penha de França, de Goa para o reino, por dentro, no ano de 1610*, p.117.

³⁵¹ Reimão, G.F. (1939), p.47.

³⁵² Reimão, G.F. (1939), p.56.

mesmos, quer nas notas laterais, quando as havia. Exemplos destes são inúmeros ao longo dos vários diários analisados, alguns deles com uma componente descritiva e comparativa mais forte e por isso categorizados como descrições de animais como estrutura biológica.³⁵³

Mas se muitos pilotos tinham plena confiança nos sinais que iam encontrando ao longo das viagens, outros havia que, pelo menos para alguns deles, tinham os seus receios. Manuel Gaspar, piloto experiente na carreira da Índia no início do século XVII, apesar de dar indicações de crédito à utilização de vários elementos naturais como sinais de terra, teve especial atenção com as aves que observou na zona do Cabo da Boa Esperança:

“(...) o cabo de Boa Esperança está em 34 ½ E o cabo das Agulhas em 35, e tendo vista da terra prantarão novo ponto e ao certo que é mui importante para o adiante, assim para ir por dentro como para ir por fóra. Porque me não satisfaço nem se deve satisfazer a pessoa a cujos hombros vae tamanha carga, com signaes de mangas de veludo, nem doutros pássaros que há naquela paragem, nem com prumadas de fundo que tudo são signaes de pouco maiso ou menos, e pequeno erro no principio de leste oeste se vem a fazer grande no fim e não convem que o haja (...).”³⁵⁴

Apesar de considerar que os pássaros que encontravam naquelas paragens eram efetivamente sinais de terra, este piloto advertia para o facto de que a importante tarefa de navegação não podia ser baseada meramente na observação destes sinais. Um pequeno erro de localização cometido poderia significar o fim da viagem com perdas irreparáveis, pelo que as decisões deviam ser bem fundamentadas. A profundidade também não era um critério muito fiável para este piloto, pois um pequeno erro na sua avaliação podia ter consequências desastrosas. É possível que esta posição de Manuel Gaspar se devesse não só à sua experiência de navegação, mas também à confiança que tinha nos instrumentos de medição e ao facto de verificar por relatos anteriores que vários pilotos davam mais crédito aos sinais observados que aos instrumentos.

Vários fatores extrínsecos à localização geográfica influenciavam a presença dos elementos naturais nos vários locais. E estes elementos podiam mesmo estar presentes e simplesmente naquela viagem ninguém os ter observado. Por estas razões, junto ao arquipélago de Socotorá o piloto volta a advertir para o cuidado na utilização destes elementos:

³⁵³ Para ver referências a aves como estrutura biológica, consultar a secção 5.5 na página 171 deste trabalho.

³⁵⁴ Pereira, G. (1898), *Roteiro e advertências da navegação da carreira da India feito por Gaspar Manuel de Villa do Conde, por elle mesmo emendado*, p.44.

*“(...) toda esta costa é muito alcantilada e não se acha fundo senão a meia légua della, e em partes tem alfalques de pouco fundo, **por esta distancia não há outros signaes de poder estar perto della nem cousa de que se faça fundamento. Inda que vejam algum ssignaes tudo isto obriga a ir com grandíssimo recado, com o prumo na mão, e boas amarras lestras, par ao que poderia suceder.**”³⁵⁵*

Mais uma vez alerta os seus colegas para não basearem as suas tomadas de decisão apenas na profundidade, pois apesar de ser um sinal característico da zona, deviam estar alerta. Mesmo observando alguns elementos que consideravam ser sinais de terra, deviam estar sempre atentos. Estas advertências resultam da experiência acumulada deste homem como piloto e do facto de algumas das opções tomadas baseadas nestes sinais não terem sido as mais acertadas. Assim, mesmo perante a presença de sinais certos de determinadas paragens, nada melhor que confirmar a posição através de outros meios, tomando depois as devidas precauções de navegação:

*“Partindo de Goa (...) **começamos de ver signaes de S.Lourenço que são** rabos de raposa, pés de gallinha, cascas de siba, **rabiforcados, muitos garajaos pretos, agua amassada e muito branca de noite, e por não darmos uma prumada fomos** em espaço de 4 horas que era meio quarto da prima **dar na enseada de S. Vivente** que está na ilha de S. Lazaro, em 21º e meio, **onde estivemos perdidos e tudo pos nossa culpa em não dar uma prumada, pois víamos a agua tão branca e tantos signaes d’ervas antes avia que se fazia com o baixo da Judia o que foi mais nossa perdição: por onde quem vir agua amassada aprume que elle lhe mostrará se o é ou não, e quem vir terra remeta com ella e conheenco a siga sua viagem, e quem fizer o contrario d’isto acontecer lhe há o que a nós na S. Jacintho aconteceu que estivemos na dita enseada sem leme, dando cem pancadas, quasi perdidos, e guarde Deus a náó capitania que em todos os trabalhos atraz foi nossa companheira (Nossa Sr.ª de Betancor).**”³⁵⁶*

A renitência de Manuel Gaspar em confiar plenamente nos sinais naturais observados estará certamente relacionado com episódios desta natureza. As aves tidas como sinais da Ilha de S. Lourenço estavam a ser observadas, assim como a água muito branca e foram essas observações que o fizeram tomar a decisão de manter o rumo,

³⁵⁵ Pereira, G. (1898), *Roteiro e advertências da navegação da carreira da India feito por Gaspar Manuel de Villa do Conde, por elle mesmo emendado*, p.61.

³⁵⁶ Pereira, G. (1898), *Roteiro e advertências da navegação da carreira da India feito por Gaspar Manuel de Villa do Conde, por elle mesmo emendado*, p.86.

encalhando poucas horas depois. Após este episódio, que felizmente não teve consequências graves, o piloto adverte que a observação da coloração da água não seria um sinal certo dos temidos Baixos da Judia e que a confirmação deveria ser feita recorrendo a outros meios, efetuando as devidas manobras de navegação por precaução.

Por volta de 1621 Aleixo da Mota elaborou um roteiro da Carreira da Índia, tendo por base os seus trinta e cinco anos de experiência de navegação por estes mares, onde também é perceptível que é da opinião que se deveria ter muita atenção com o crédito dado às aves como sinais de localização de alguns locais:

“(...) d’estas ilhas de Tristão da Cunha par ao cabo se acharão entenais e corvas grandes de bicos pardos e fejois que são passaros de tamanho de pombos e arraiados de preto pelas azas, mas estes passaros não os tenho por sinais certos porque andam buscando que comer e adonde acham manja ahi se verão mais e como têm azas voam e vão mariscando por todo o mar adonde se poem porque têm o pé patado por isso ora se verão mais a leste ora mais a oeste.”³⁵⁷

Aleixo da Mota não considerava os pássaros observados como sinais do Cabo da Boa Esperança, pois o motivo que os levaria a estar em determinado local seria a disponibilidade de alimento e não a distância à costa. Este piloto volta a expressar a sua opinião relativamente às aves tidas como sinais avistadas junto à Ilha de São Lourenço, dando a sua justificação:

“E há muitos passaros por esta derrota como são garajaos e garaginhas, alcatrazes pardos e brancos com as pontas das azas pretas e rabisforçados, estes passaros se acharão em mor quantidade junto de ilhas ou baixos mas eu não faço caso de passaros que têm azas e andam mariscando aonde acham mais peixe e com elle se vão e onde ha mais que mariscar ahi são mais certos, pelo que os não tenho por signaes mais que de pouco mais e menos e não são persagios.”³⁵⁸

Por estes relatos podemos perceber que esta renitência de Aleixo da Mota em aceitar determinadas aves como sinais fiáveis de localização se devia essencialmente a uma característica destes elementos naturais – terem mobilidade. E o facto de se conseguirem mover e de necessitarem de se alimentar fazia com que a sua distribuição pudesse variar em função da disponibilidade de alimento, sendo mais fiéis a este

³⁵⁷ Pereira, G. (1898), *Roteiro navegação da carreira da India feito por Aleixo da Mota Piloto della segundo o que experimentou em trinta e cinco anos que há que navega pela dita carreira para a India aonde tem feito seis viagens de piloto*, p.103.

³⁵⁸ Pereira, G. (1898), *Roteiro navegação da carreira da India feito por Aleixo da Mota Piloto della segundo o que experimentou em trinta e cinco anos que há que navega pela dita carreira para a India aonde tem feito seis viagens de piloto*, p.129.

aspeto do que propriamente ao seu local de origem. Mais uma vez, os mais de trinta anos de experiência do piloto nestas viagens fizeram com que acumulasse informação relativa a estes elementos e sobre a sua fiabilidade enquanto sinais precisos de localização.

Em muitos relatos há a referência a várias aves, sem que lhes seja atribuída qualquer função. No roteiro de D. João de Castro, de 1538, há várias referências neste sentido, sendo relatada numa delas a observação de uma codorniz, elemento que raramente era referido nos relatos:

*“Quarta feira 4 de Setembro (...) e antes de se pôr o sol duas oras, se veio pôr hua Codorniz ao bordo da nao (...)”.*³⁵⁹

A codorniz pousa na embarcação, mas não há qualquer referência à sua função, apesar de, se se referisse a uma codorniz coincidente com as que conhecemos atualmente, esta ser uma ave tipicamente de terra. Gaspar Ferreira Reimão refere também as codornizes como sendo características da costa da Arábia, apesar de poderem ser observadas no mar:

*“Nesta derrota, da banda do Sul, de 4 graus até 12 da banda do norte (...) se vêem muitas aves, que desgarram da costa da Arábia, como são folizas, codornizes e francelhos (...)”.*³⁶⁰

Uma outra referência particularmente interessante é a feita por João de Andrade Corvo, na edição de 1882, pela nota que deixa em rodapé:

*“Quinta feira 16 de mayo (...) uimos todo o dia muitas aues, a saber, rabiforcados, grayaos, e outras a que os marinheiros chamão tinhosas.”*³⁶¹

A referência feita por D. João de Castro é idêntica a muitas que estão em vários outros documentos, em que apenas as espécies observadas são inumeradas sem características adicionais, mesmo aquelas que o autor não conhecia mas que os marinheiros sabiam identificar. João de Andrade Corvo nas anotações que fez numa edição deste Roteiro editado em 1882, faz uma avaliação muito interessante destas observações:

³⁵⁹ Castro, J. (1882), p.365.

³⁶⁰ Reimão, G.F. (1939), p.34.

³⁶¹ Castro, J. (1882), p.136.

*“A dificuldade, ou antes **a impossibilidade de determinar**, pelo conhecimento exacto da latitude e longitude, **o ponto em que se achava o navio**, o perigo de naufrágio nas costas por falta de conhecimentos, ou antes de instrumentos náuticos perfeitos, **levava os navegadores a estudar todos os phenomenos naturaes com o mais vivo interesse**, e a procurar **sobretudo as relações dos animaes e plantas marinhas com as regiões por onde se alongava a navegação**. Era um estudo, por assim dizer, da geografia animal e vegetal, determinado pelas necessidades da navegação; **inconsciente e incompleto mas de incontestável utilidade pratica**. **Ás aves davam os marinheiros a preferencia nas suas observações**; e os roteiros do seculo XVI estão cheios de indicações mal definidas das aves que se encontram perto da costa, nas differentes regiões do globo. Quando no roteiro se falla de rabiforcados, grajãos e tinhasas estava a nau de D. João de Castro, aproximadamente pelas alturas da ilha da Ascensão, cuja posição nas cartas era, n’aquelle tempo, das menos exactamente determinadas;”³⁶²*

Nesta sua avaliação, João de Andrade Corvo faz uma interpretação muito precisa do que se passara séculos antes a bordo das naus que percorriam os mares e oceanos. Os pilotos procuravam sinais nos elementos naturais que poderiam encontrar, mesmo que inconscientemente, porque isso era uma informação de utilidade prática que poderia decidir a própria sobrevivência, e não porque estivessem interessados em fazer um estudo de biologia ou geografia animal e vegetal. Apesar de reconhecer a mais-valia destes registos, considera que os mesmos contêm indicações mal definidas destes elementos. De forma a reforçar e dar ainda mais credibilidade a esta análise, Andrade Corvo procura especialistas que possam corroborar o que dizia:

*“**Consultei o distincto naturalista e meu amigo, o sr. Dr. Bocage, e este fez-me o favor de responder o seguinte: “o problema tem grandes dificuldades. Vejo-me em presença de nomes dados pelos nossos antigos navegadores ás aves que encontravam no alto mar, vindo esses nomes quasi sempre desacompanhados de quaesquer noticias acerca do tamanho, côres e caracteres mais salientes d’ellas, e devo procurar descobrir que aves eram essas**. Socorrendo-me ao que se sabe hoje das aves que habitualmente frequentavam as paragens a que se refere o Roteiro, ainda me atrevo a apresentar as seguintes conjecturas, que assentam apenas em mui tenues probabilidades.”³⁶³*

³⁶² Castro, J. (1882), p.136.

³⁶³ Castro, J. (1882), p.136

Andrade Corvo consulta um conceituado zoólogo da época que faz uma análise mais biológica dos relatos, salvaguardando desde logo a dificuldade que ainda hoje está presente na utilização de dados históricos para estudos biológicos atuais: os nomes comuns utilizados para denominar as espécies observadas podem variar consoante a localização ou ao longo do tempo. Sem informação sobre características adicionais é muito difícil fazer uma relação fidedigna sobre se o que era observado durante as viagens no tempo dos Descobrimentos corresponde ao que se observa hoje nas mesmas localizações. Nos relatos aqui analisados o que pudemos verificar é que há nomes que são frequentemente utilizados e referidos, independentemente de se tratar de um diário do início do século XV ou já no final do século XVII. É assim provável que, para algumas das espécies observadas ao longo dos anos e sempre nas mesmas paragens, os nomes utilizados se refiram às espécies que conhecemos atualmente.

Não eram naturalistas que iam a bordo, nem tão pouco os relatos que faziam eram comparáveis aos que existiam nas enciclopédias de história natural. No entanto, a informação que aqui se pode encontrar é tão importante como a encontrada nos compêndios eruditos. O conhecimento empírico adquirido ao longo de várias viagens efetuadas por estes pilotos, permitia-lhes perceber certos comportamentos destas aves que deveriam, na opinião de alguns, ser utilizadas como sinais, mas com as suas ressalvas. O conceito de “observação” tem de ser analisado com muito cuidado, pois supõe um conhecimento acumulado e a transmissão mesmo que verbal e informal, desse conhecimento. O que já é conhecido é identificado com mais certeza do que o que nunca se observou, diminuindo a probabilidade de se inventar seres fabulosos. Estas não eram observações feitas com um objetivo biológico e também por isso não devem ser comparadas com descrições atuais, evitando julgamentos anacrónicos. Considerando todos os constrangimentos existentes à época, estas observações permitiam tirar ilações que não ficavam aquém das conclusões dos estudos biológicos atuais que existem acerca da movimentação de populações com animais, consoante a distribuição do seu alimento.³⁶⁴

Através de algumas citações já aqui analisadas verificamos que não era só às aves que estes navegadores deviam estar atentos. Tudo quanto fosse observado no céu ou nas águas e pudesse servir como sinal devia ser devidamente anotado, quer se tratasse de algo com que não estivessem familiarizados e não conseguissem reconhecer, quer no caso de elementos mais conhecidos, que são também referidos neste tipo de textos.

³⁶⁴ Para exemplos de estudos sobre distribuição de populações animais consoante a disponibilidade de alimento, consultar por exemplo: Mate, B., Lagerquist, B., Calambokidis, J. (1999). Movements of North Pacific Blue Whales during the feeding season off Southern California and their Southern fall migration. *Marine Mammal Science*, 15 (4): 1246-1257; Hunt Jr., G. (1990). The pelagic distribution of marine birds in a heterogeneous environment. *Polar Research*, 8: 43-54.

5.3.2 – Peixes e Tartarugas

Deixando de olhar os céus e passando a olhar para o meio onde se deslocavam, o mar, muito havia para utilizar como sinais. Por exemplo, vários tipos de peixes ou tartarugas eram referidos com alguma frequência nos diários das viagens, algumas das vezes como sinal de localização, se bem que não fosse esta a sua função principal. Também para este grupo de elementos as referências são simples e nem sempre acompanhadas de comentários que permitam a interpretação do sinal como localizador de terra, de mau presságio ou de aviso de condições meteorológicas. É disso exemplo uma referência de Gaspar Ferreira na sua ida para a Índia em 1595, onde não se consegue perceber se as tartarugas a que se refere seriam algum tipo de sinal, se a sua referência foi feita com o intuito de fazer uma associação a algo posteriormente ou simplesmente como mero registo da observação:

*“Aos 28 do mes (abril) (...) **aparecem algumas tartarugas** (...)”.*³⁶⁵

Independentemente da função das tartarugas nesta referência, o apontamento não deixa de ser importante para comparação com outros relatos e para o acumular de informação sobre o que e onde se poderia encontrar nas viagens. Se nas viagens seguintes mais tartarugas fossem avistadas perto daquele local, poderia este ser considerado um sinal fiável de localização, mas para isso acontecer teriam de ser sempre registadas estas observações. Na viagem que fez dois anos depois, na zona entre os arquipélagos da Madeira e de Cabo Verde há também referência, nas notas laterais, à observação de tartarugas:

*“Aos 11 do mes de abril em sexta f^a pela manhã **ouvemos vista da Ilha da mad.^a**”. Notas laterais: “(...) **apareceu oje hua tartaruga**”.*³⁶⁶

*“Aos 27 do mês (Abril, Cabo Verde) (...) **estes dias todos aparece tartarugas sobre o grande oje vi duas e parecerão oje muita alcatrares brancas mangas de veludo o tempo de bons semblantes.**”. Notas laterais: “**tartarugas, m.tas toninhas**”.*³⁶⁷

³⁶⁵ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau “S. Pantaleão”, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.169.

³⁶⁶ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.7.

³⁶⁷ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.11.

Neste caso a referência à observação das tartarugas aparece sempre nas notas laterais, sendo que numa das passagens não há referência no texto principal. Na última citação há referência a outros elementos, assim como ao tempo que se fazia sentir, não sendo perceptível se os sinais observados seriam considerados indicadores meteorológicos pelo autor do relato.

Os peixes de maior porte, como os grandes atuns ou tubarões eram mais facilmente observados e por conseguinte associados a determinados locais, podendo por isso ser considerados indicadores geográficos mais fiáveis. Manuel Álvares assim o refere para a rota compreendida entre o Cabo da Boa Esperança e Moçambique, onde era frequente encontrar tubarões, mesmo que em pequeno número:

*“Saberás que do Cabo da Boa Esperança até Moçambique verás tubarões, que os há mas não são muitos.”*³⁶⁸

Uma década mais tarde, a presença de tubarões na zona de Moçambique continuava a ser considerado um sinal indicador daquelas paragens, como mostrava o jornal de bordo da viagem da Nau Rainha em 1558:

*“Aos dezasseis dias do dito mês tomei o Sol e achei-me em dezanove graus e dois terços (...) eu fazia-me [a] noventa e cinco léguas de Moçambique (...). Aos dezassete dias do mês de Julho tomei o Sol e achei-me em dezassete graus e três quartos (...) este dia deram connosco quatro ou cinco tubarões e muitos bonitos (...).”*³⁶⁹

Gaspar Ferreira referia na sua viagem para a Índia em 1597 que o único sinal (avaria) que lhe tinha aparecido nesse dia eram muitos tubarões:

*“(...) o mar chão e o tempo claro e de bõs sembrantes não aparece avaria nenhuã mais q m.tos tubarois (...).”*³⁷⁰

Também o piloto João Ramos faz referência à observação de muitos tubarões avistados perto das Maldivas no seu regresso a Portugal em 1600:

“Ao 3 tomei o sol em 1 grao escaço (...) e há demy a mais perto de D.º Roiz desta altura 20 leguas, esta noite vy huã tinhosa e na carta grande nordeste sudueste com as 7 Irmãs e com o baxo de p.º dos banhos

³⁶⁸ Álvares, M. (1940), *Colecção de Roteiros c.1545 de Manuel Álvares – Roteiro da navegação daqui para a Índia*, p.74.

³⁶⁹ Albuquerque, L. (1991), p.31.

³⁷⁰ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.20

das Ilhas do maldiua, vy muitos tubarões he de my as 7 Irmãs 70 Legoas
Ds. G.”³⁷¹

Os tubarões, apesar de peixes que dependem exclusivamente do meio aquático, podem ser mais facilmente identificados à superfície quando andam mais próximo dela, quer pela dimensão, quer pela sua barbatana dorsal característica que por vezes surge fora de água. Assim, mesmo que existam em grande número mas não se aproximem da superfície, podem passar despercebidos aos olhos destes pilotos. No entanto, apesar de terem a conotação de animais extremamente ferozes, essa agressividade não é patente nos relatos aqui analisados. Como já verificado no caso de algumas aves, também as referências aos tubarões são feitas sem quaisquer referências a características adicionais, que não a quantidade de animais observados.

Como também se viu no caso das referências para as aves, por vezes os peixes eram referidos sem indicarem o seu nome comum, não se percebendo a que espécies se estariam a referir, como se verifica no exemplo dado por Gaspar Ferreira:

*“(...) eu fico oje da ylha de Fernão de nr.ª .85. legoas aparecerão
algus alcatrases Pardos e pequenos e algus Rabos forcados e algus
graginas e muito emfindo peixe q. vay cõ a não e morreo oje mto (...).”*³⁷²

Segundo este piloto, haviam muitos peixes que acompanhavam a embarcação, tendo muito dele morrido. Não se consegue perceber se a expressão utilizada seria para designar a morte accidental ou natural dos mesmos, se teriam sido capturados ou se teria outro significado diferente que não se consegue por aqui perceber.

Todos estes exemplos têm em comum a referência à quantidade de peixe que era observada, não existindo mais nenhuma informação transmitida através do relato. Os tubarões, pela sua dimensão, eram mais facilmente observados e identificados e por isso frequentemente eram referidos nestes diários. No entanto, não há referência à ferocidade destes animais nestes diários, como acontece, por exemplo, nos *Comentários* de Silva y Figeroa, analisados mais à frente neste trabalho.

Os cardumes de peixes de menores dimensões, mas que ocorriam em grandes quantidades, também seriam facilmente observados pela movimentação que fariam à superfície da água, e por isso também referidos. É frequente a referência a peixes que acompanhavam as naus e que muitas vezes eram pescados para servirem de alimento, função que será abordada noutra secção.

³⁷¹ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau “N.ª S.ª da Conceição”, de Cochim para Portugal no ano de 1600*, p.136.

³⁷² Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.20.

5.3.3 – Mamíferos Marinhos

As referências a mamíferos marinhos são em número muito inferior quando comparado ao das aves e são raras as descrições extensas e muito pormenorizadas sobre os mesmos. Sendo o mar desconhecido muitas vezes o habitat de seres supostamente monstruosos e terríveis, a verdade é que desde cedo os portugueses tiveram algum tipo de contacto com mamíferos marinhos, pelo que muitos não lhes eram desconhecidos. Com as grandes viagens marítimas a serem cada vez mais frequentes, a observação destes animais também o era. Se estas viagens corresse bem, as referências a estes animais eram simples, quase um apontamento que por vezes era feito à margem. Pelo contrário, quando se deparavam com alguma tormenta ou outro aspeto mais negativo para a viagem, era possível a associação desta ocorrência a algum avistamento anterior de um destes animais, como presságio ou mau agouro à navegação. De todos os mamíferos marinhos, as baleias são os maiores, os mais representados graficamente e também os que têm a conotação de mais terríveis. Porém, quando são referidas por estes pilotos, a maioria das vezes não passam de uma simples referência à observação, sem qualquer informação adicional.

No diário da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia, as referências a animais são pouco frequentes e muito espaçadas no tempo, mas os mamíferos marinhos estão presentes. Álvaro Velho, o autor mais provável deste relato,³⁷³ faz a primeira referência à observação de aves e de uma baleia quase um mês após o início da viagem:

*“em XXII do dito mês (agosto) hindo na volta do mar ao sull e a quarta do sudueste achamos muitas aves feitas como garções e quando veo a noute tiravam contra o susoeste muito rigas como aves que hiam pera terra. E neste mesmo dia **vimos hua balea e isto bem oytocentas legoas em mar.**”*³⁷⁴

O espanto no relato não parece ser o animal que foi observado, mas sim o local onde esta observação aconteceu, ainda muito distante de terra. Dois meses mais tarde, o autor do relato volta a referir a observação de baleias, lobos-marinhos e “*quoquas*”,

³⁷³ Velho, A. (1999), *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia*, pp.18-19. Álvaro velho parece ser o autor mais provável deste roteiro e o que vamos considerar, apesar de alguns autores questionarem a fragilidade da argumentação utilizada para identificação do autor deste documento.

³⁷⁴ Velho, A. (1999), p.33.

que tudo indica serem focas, sem serem acrescentados pormenores adicionais ou descritivos destes animais:³⁷⁵

*“Item a vinte e sete dias do mês d’Outubro vespora de Sam Simam e Judas que hera sexta feira **achamos muitas baleias e huas que se chamam quoquas e lobos marinhos.**”*³⁷⁶

Mais uma vez não há qualquer sinal de espanto face aos animais observados, parecendo que aqueles com que o autor estaria menos familiarizado seriam as focas, devido à indicação “*huas que se chamam*”.

Também João de Castro refere a observação de baleias, toninhas e lobos-marinhos ao longo do seu relato. Há uma passagem interessante que é anotada posteriormente por Andrade Corvo sobre a exatidão da observação:

*“Quarta feira 5 de Junho (...) e tomárão o Piloto e mestre do sol ao horizonte 40 graos, e eu a este tempo tomei outros 40 (...) **este dia vimos muitas baleas¹ por bordo e nenhuma das aves.**”*³⁷⁷

D. João de Castro confirmava frequentemente as localizações tiradas pelo piloto da embarcação, que neste caso eram coincidentes com as suas e refere que nesse dia teriam visto muitas baleias junto da nau. Na nota efetuada posteriormente (assinalada a 1), Andrade Corvo acrescenta informação sobre estudos sobre a distribuição geográfica das baleias que corroboravam este relato. Esta seria mais uma evidência de que a observação feita por João de Castro no século XVI “*mostra bem a exactidão e a perspicácia com que o ilustre navegador fazia as suas observações*”.³⁷⁸ Parece que no final do século XIX existiria um maior reconhecimento relativamente à importância das observações efetuadas a bordo das naus no período dos Descobrimentos, do que a que lhes é dada atualmente.

³⁷⁵ Velho, A. (1999), p.234. Na nota 38 da edição utilizada, o autor considera *quoquas* como um animal marinho não identificado, podendo tratar-se de focas, informando que noutras edições foi feita a transcrição como focas.

³⁷⁶ Velho, A. (1999), p.33.

³⁷⁷ Castro, J. (1882), p.187.

³⁷⁸ Castro, J. (1882), p.187. Na nota de Andrade Corvo pode ler-se “1- Os estudos de Maury ácerca da distribuição geográfica das balêas, nos mares do norte e do sul, levaram-n’o á convicção “*that the tropical regions of the ocean are to the right whale as a sea of fire, through which he cannot pass, and into which he never enters. The fact was also brought out that the same kind of whale that is found off the shores of Greenland, in Baffin’s Bay &, is found also in the North Pacific, and about Behring’s Strait, and that the right whale of the northern hemisphere is a diferente animal from that of the southern.*” (Maury, *The Phys. Geogr. of the Sea*, cap. viii). A linha que no hemispherio sul, marca o limite equatorial da baleia, Segundo Maury, sobe pela longitude aproximadamente em que navegava D. João de Castro, até quasi a 15º de latitude. Isto mostra bem a exactidão e a perspicácia com que o ilustre navegador fazia as suas observações.”

Como também era comum com outros autores, nem sempre o que era observado por João de Castro era descrito no texto principal, sendo remetido para notas, neste caso, de rodapé:

*“Segunda feira 24 de Junho (...) governamos a leste quarta do sueste até anoitecer¹. ¹Este dia (...) virão **hum lobo marinho e hua balea** (...). Nota do auctor.”³⁷⁹*

O lobo-marinho e a baleia que foram observados são referidos por João de Castro nas notas de rodapé, num caso único em todo o relato. Isto pode indicar que não foi ele que observou os animais, hipótese reforçada pela utilização do termo “*virão*” indicado no discurso, tendo feito um acrescento posteriormente à redação inicial do relato. Os golfinhos também foram observados durante a viagem, com as toninhas a serem referidas em três ocasiões:

*“Quarta feira 26 de Juno (...) o Piloto e o marinheiro na maior altura tomárão do sol ao Orizonte 31 graos ½: este dia a oras de bespora **vimos a bordo muitas toninhas.**”³⁸⁰*

Se neste caso não há uma função específica atribuída a este avistamento, já no final da viagem a observação de toninhas com outros elementos parecia antever a proximidade de terra:

*“Terça feira 10 de Setembro (...) este dia pella menhã **vimos muitas toninhas** (...) ás oyto oras do dia sondamos e tomamos fundo em 50 braças, **e não tardou espaço de mea ora que não víssemos terra**, a saber, os Ilheos queimados (...)”³⁸¹*

A observação de toninhas ocorreu de manhã, assim como o reconhecimento da profundidade local. Passados cerca de trinta minutos já estavam a observar os Ilheos Queimados, pelo que estes mamíferos poderiam servir de sinal localizador deste local.

Se nos dias de hoje quando pensamos em baleias em Portugal, são os Açores que nos veem à memória, já a meio do século XVI Manuel Álvares as indicava como um dos sinais destas ilhas:

*“E pelos 39 graus largos verás a **Ilha das Flores**, 7 ou 8 léguas pela banda Sul delas. Se te acontecer, e te achares em 38 graus, **veres baleias***

³⁷⁹ Castro, J. (1882), p.222.

³⁸⁰ Castro, J. (1882), p.226.

³⁸¹ Castro, J. (1882), p.374.

*ou grajaos, também pode ser que acharás tartarugas, não te pareça por isso que és a barlavento.”*³⁸²

Não havendo mais nenhum dado adicional que nos permita identificar a que espécie se estava a referir, é possível que se tratasse de cachalotes, que não sendo uma baleia de barbas, ainda hoje assim é denominado essencialmente devido à sua dimensão.

Também era possível observar tartarugas e aves, elementos já referidos anteriormente e que ajudavam a identificar a proximidade deste Arquipélago. Se as linhas da costa continental começavam a ser observadas de longe, para a proximidade das ilhas a atenção devia ser redobrada. O perigo não seriam as ilhas de grande dimensão que também se observavam atempadamente com alguma facilidade, mas os pequenos ilhotes ou baixios que existiam nas proximidades e que constituíam um perigo eminente a evitar. No caso específico dos Açores, a sua aproximação era desejada também por frequentemente ser um porto de escala nas viagens. Atualmente, a presença de mamíferos marinhos continua a ser frequente nas águas adjacentes daquele arquipélago, sendo uma imagem de marketing que tantos turistas continua a atrair para a sua observação.

O “Jornal de Bordo e Relação da Viagem da Nau Rainha (Carreira da Índia – 1558)” é um dos documentos onde se encontra um maior número de referências a mamíferos marinhos numa só viagem. Toninhas, baleias ou mesmo lobos-marinhos são aqui referidos, a maioria das vezes sem qualquer descrição adicional que não seja relativa à quantidade ou ao tamanho. Logo no início da viagem há referência à observação de baleias e toninhas na zona das Canárias, não parecendo ser necessariamente um sinal característico das referidas ilhas:

*“Aos dezasseis do dito mês (abril) tomei o Sol e fiquei em vinte e dois graus e três quartos (Canárias), (...) e este dia vimos **duas baleias**.”*³⁸³

*“Aos vinte e um do dito mês não tomei o Sol por estar doente dos olhos, e íamos governando ao Sul e o vento era Norte; **este dia deram muitas toninhas connosco**, e muitas albacoras.”*³⁸⁴

Sem comentários adicionais, não é possível perceber a função atribuída a estes animais durante a viagem. Parece que eram apenas registados os avistamentos que ocorriam, podendo eventualmente serem associados a algum acontecimento posterior. As referências a este grupo de animais continuam ao longo da viagem, mas

³⁸² Álvares, M. (1940), *Colecção de Roteiros c.1545 de Manuel Álvares – Roteiro da navegação daqui para a Índia*, p.46.

³⁸³ Albuquerque, L. (1991), p.17.

³⁸⁴ Albuquerque, L. (1991), p.18.

sempre num registo em que o número de animais é a única informação complementar que se consegue obter.

Em 1594 Vicente Rodrigues também refere alguns destes animais como sinais característicos de determinadas zonas por onde passavam, como no caso dos botos existentes perto da atual Madagáscar:

*“Aqui se verá um junto de agua perto da costa e antes disto manada de botos pequenos e trinta léguas da costa corvas de bicos brancos e gaivotões daqui para o cabo alcatrazes a quinze e vinte léguas da costa.”*³⁸⁵

A referência a “*manadas de botos*” indica que eram animais que ocorriam em grandes grupos na zona adjacente a Madagáscar, assim como algumas aves, pelo que poderiam ser considerados sinais localizadores desta região.

É também sem grande entusiasmo que Gaspar Ferreira se refere a baleias ou golfinhos observados na viagem para a Índia em 1595, com muitas destas referências a serem feitas à margem em notas laterais, como acontece quando está perto das Ilhas de Tristão da Cunha:

“Aos .7. do mes em sexta frª não dey muito credito ao sol (...) estou oje da ilha grande de Tristão da cunha .200. legoas (...) oje não aparecerão Passaros mais q algumas Pardellas e alguma corua (...).” Notas laterais: *“apareção hua balea grãde.”*³⁸⁶

Nas notas laterais junto a este dia, há a indicação de que “*apareção hua balea grãde*”, que não é referida no texto principal do diário, o que não é caso isolado neste relato. Numa primeira interpretação poder-se-ia pensar que estas notas teriam sido feitas posteriormente e de forma a acrescentar informação nova e complementar à que estava no texto. Tratando-se de edições impressas, não é possível saber se as anotações à margem teriam sido feitas pela mesma pessoa ou não. Dias depois, as toninhas avistadas são o único elemento referido apenas nas notas laterais:

“Aos .11. do mes (julho) (...) Posto q. o ponto esteia ainda a Re das Ilhas de Tristão da Cunha pelos sinaes e pella agulha eu faço a não muito auante (...)”. Notas laterais: *“toninhas m.tas.”*³⁸⁷

³⁸⁵ Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.29.

³⁸⁶ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.193.

³⁸⁷ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.195.

Nesta última referência, o piloto mostra o quão acreditava nos sinais observados, colocando mesmo em causa a posição da nau dada pelos pontos. Se por aqui ainda não teriam chegado às Ilhas Tristão da Cunha, pelo que a agulha indicava e pelos sinais que estava a observar, Gaspar Ferreira achava-se mais avante. Mais uma vez não é muito explícito se os sinais a que o piloto se referia seriam só as aves ou também as baleias e toninhas que aparecem referidas nas notas laterais.

Frequentes são também os exemplos em que o que está anotado à margem simplesmente reforça o que está no texto principal. Mais tarde, quando se encontravam a caminho da Ilha de São Lourenço, este piloto volta a referir a observação de baleias que acompanharam a nau, apenas se conseguindo perceber que eram dois grandes animais:

*“Aos .4. do mês (agosto) em sexta fr.^a tome y o sol e fique y em .33. graos e ¼ (...) oye aparecerão muitas aues como coruas gr.des feixudas e das outras e muitos goiuotins e algus pouzarão nagoa e borrelhos e algu feijão e **duas baleas grandes q andou huã mto ao longo da não** (...)”.*
Notas laterais: *“e duas balsas.”*³⁸⁸

Nas notas laterais a referência é a *“duas balsas”* e não a *“duas baleas”* como no texto principal, o que poderá dever-se a um erro de transcrição e sendo assim a observação referente aos mesmos elementos. Além da referência à dimensão dos animais, apenas se sabe que um dos animais acompanhou a nau durante muito tempo, não se sabendo mais informação acerca deste episódio. Mais tarde o piloto volta a referir-se à observação de toninhas pequenas, que são enumeradas entre uma série de outros sinais avistados:

*“Aos .18. do mes em sesta fr.^a tome y o sol e fique y em .17. graos menos 1/6 quasi leste oeste cõ a Ilha de João da Nova (...) eu façome passar a não .12. leg. Da ylha de João de Noua a loeste della oje ouue mtos alcatrazes, mangas de veludo, e rabos forcados (...) oje vy dous pedaços de canas assim como bambu, e **toninhas pequenas**. Dé nos nosso s^{or} Boa viagem e avirgem do Rozr.^o madre de Ds.”.* Notas laterais: *“toninhas peq.nas”.*³⁸⁹

Neste caso, apesar de terem sido observados vários elementos naturais considerados por muitos como sinais de localização, são de novo os mamíferos marinhos que vêm reforçados nas notas laterais. Embora refira a presença destes animais, parece ser a

³⁸⁸ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.203. No topo das notas laterais lê-se “e duas balsas”, que poderá ser um erro de transcrição de “baleas”, reforçando a observação dos animais referidos no corpo do diário.

³⁸⁹ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.210.

intensidade e direção do vento que se faz sentir que leva o piloto a crer que a posição da nau seja mais avante do que aquela que lhe é dada pela posição do sol:

*“Aos 29 do mes em terça fr.^a tomey o sol e fiquey em .3. g. e 1/6 o vento foy susueste fresco, e de noite ventou melhor q de dia, a proa foi esta noite ao nordeste e quarta de leste p. q **eu faço a não mais a terra do q trago o ponto** (...) não veio onte nem oje mtos alcatrazes q he o q me faz Parecer mais q hu Pardo alcatras e quatro rabos de junco e **toninhas ou botos** (...)”.*³⁹⁰

Neste último caso, Gaspar Ferreira não estava bem certo da espécie observada, podendo ser “toninhas ou botos”, ambos pequenos cetáceos, que pelos seus movimentos e aparecimentos fortuitos à superfície podem ser difíceis de distinguir. Um aspeto importante a ter em atenção está relacionado com os nomes comuns dados às diferentes espécies. Atualmente em Portugal o termo “*toninha*” é maioritariamente utilizado para o género *Delphinus* e “*boto*” para os pequenos delfínidos do género *Phocoena*, podendo variar de acordo com diferentes regiões.³⁹¹

Devido a estas variações, não sabemos se naquela época estes mesmos nomes comuns seriam utilizados para identificar as espécies que denominamos atualmente assim. O piloto refere também a observação de toninhas durante a noite, num excerto do diário onde descreve as condições meteorológicas que se faziam sentir:

*“Ao p.ro de setembro em sexta fr.^a tomey o sol (...) o tempo esta de boa feição cõ algus ceos leues e alguas torociras brancas algus alcatrazes e huã tinhoza e **toninhas de noite** (...)”.* Notas laterais: “**toninhas de noite**.”³⁹²

Mais uma vez, apesar de terem sido observados outros sinais como aves ou pedaços de canas, só as toninhas estão reforçadas nas notas laterais. Fica também patente através da análise das citações anteriores a importância dada pelos diferentes pilotos à observação dos animais como sinais de localização, aliada à posição retirada pela altura do sol. A estrutura dos relatos é muito semelhante, sempre com a indicação inicial da altura tirada do sol, seguindo-se a indicação dos animais observados.

³⁹⁰ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.215.

³⁹¹ Para mais informação consultar, entre outras referências: Reeves *et al* (2002). *Guide to Marine Mammals of the World*; Macdonald, D. & Barret, P. (1993). *Mamíferos de Portugal e Europa*.

³⁹² Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.216.

Na sua viagem de regresso ao reino em 1596, há também a referência a este grupo de animais por diversas vezes e em vários locais, como nas proximidades do Cabo da Boa Esperança:

“Aos .5. do mes (...) oje aparecerão toninhas cõ o fosinho no sul, e com ellas emfindos mangas de veludo e alg.ªs coruas de bico branco e gaiuotõis oje ao sol posto botey o prumo e achey .45. braças ared”.³⁹³

Nesta referência é interessante a indicação de que as toninhas iam “com o focinho no sul”, não se percebendo se era uma nota meramente indicativa da direção para onde os animais se deslocavam ou se teria algum significado associado que não conseguimos identificar. Já próximo das Ilhas de Cabo Verde avistam mais uma vez botos, que são também referidos nas notas laterais:

“Aos .3. do mes (julho)(...) oje aparecerão mtos botos: (...)”. Notas laterais: *“mtos botos.”*³⁹⁴

Neste diário Gaspar Ferreira faz uma referência interessante a “*baleas de sargaso*” na zona do arquipélago dos Açores:

“Aos .13. do mês tomei o sol (...) demorame o fayal Pello ponto ao nordeste e quarta de leste, e pela conta dagulha q vay quazy fixa me demora ao nordeste (...), não aparece mto sargaço como outros anos, há por aquy de muitas baleas delle oje marquey agulha e achey q era fixa...”. Nas notas laterais está escrito *“não achamos mtas baleas de sargaso como outros anos”*.³⁹⁵

O autor refere que o sargaço era abundante naquele local noutros anos, mas não no caso desta viagem. As muitas “*baleas de sargaço*” que normalmente avistavam, naquela viagem não estavam presentes. Vários significados podem ser atribuídos a esta expressão. Numa primeira leitura pode tratar-se de alguma espécie de baleia que era avistada junto com o sargaço, talvez cachalotes, e que por isso tenha ficado com esse nome. Numa outra leitura, “*balea*” aqui poderia ter o significado de grande quantidade, fazendo com que a referência fosse relativa à quantidade de sargaço observado e não ao grande mamífero. Pode também tratar-se de algum erro de transcrição da palavra do texto manuscrito para esta versão impressa. Certo é que este autor estava a referir-se a um sinal de localização que era frequente encontrar naquelas paragens e que estava relacionado com sargaço, mas que naquele ano não

³⁹³ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.256.

³⁹⁴ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.272.

³⁹⁵ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.275.

era tão avistado como em anos anteriores, mostrando mais uma vez a importância do registo destes sinais em todas as viagens para o saber acumulado destes homens, assim como da sua experiência de navegação por aquelas paragens.

Na maioria dos registos efetuados por pilotos acerca de grandes animais marinhos, não há sequer qualquer adjetivo que nos dê mais algum tipo de informação, independentemente do autor do diário ou do ano em que foi feita a viagem e a observação.

O piloto Gaspar Ferreira Reimão refere-se a baleatos e toninhas nas suas viagens de ida e volta à Índia nos anos de 1597 e 1600 respetivamente:

*“(...) o mar he chão há muitos Rabos forcados e alguns alcatrazes Pardos e hu Branco manga de veludo alguns Pardellas aparecerão oje **algus baleatos** (...)”*.³⁹⁶

*“Item Em 8 do mês (Janeiro 1601) em segunda feira tomei o sol (...) o tempo esta bom. E ventante, **não ha sinais, oie aparecerão toninhas**, de nos nosso senhor boa viagem e a Virge do R^o madre de deus”*.³⁹⁷

No caso da observação de baleatos, só está indicado que eram alguns, sendo referidos a seguir às aves observadas. Há a indicação que o mar estaria calmo, não se percebendo se os elementos enumerados seriam sinal dessa calmaria. Já na viagem de regresso, há também referência ao estado do tempo, que estava bom e é referido explicitamente que não havia sinais, ao que se segue a referência ao aparecimento de toninhas. Parece assim que o autor deste relato não teria estes animais por sinais, pelo menos desta localização, tendo-os referido apenas para ficar registado.

Através do discurso do piloto da Nau Nossa Senhora da Conceição, João Ramos, não ficamos a saber muito mais acerca dos mamíferos marinhos observados. A referência indica apenas que foram avistadas muitas toninhas e baleias quando estavam a partir da Índia em direção ao Reino no ano de 1600:

*“Aos 7 tomei o sol em 2 g. $\frac{3}{4}$ dey a não o camy^o do sudueste 4^a do sul, e isto p. os caminhos que há rasos e p. a diferença da agulha, oje vy tubarões, **toninhas**, hu calcamar, huu pardella, 3 ou 4 alcatrazes, hu como manga de veludo Rabis forcados, Rabos junqos, voadores (...) fiqo Leste oeste com a p.ra **Ilha das 7 Irmãs, e com as do Almirante** (...)”*.³⁹⁸

³⁹⁶ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.21.

³⁹⁷ Vasconcelos, J.A.A.F. (1944), *Diário da Navegação da "Nau S. Francisco" de Goa para Lisboa em 1600-1601*, p.254.

³⁹⁸ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau "N.^a S.^a da Conceição", de Cochim para Portugal no ano de 1600*, p.136.

*“Aos 12 tomey o sol fiquey em 6 g. ½ (...) todos os sinaes destes dias vimos, e **baleas m.tas** o mar e chão o vento nornoroeste queriame fazer crente que viaõ o baixo, e me requererão que botase o prumo e não quis fazer Ds. G.”.*³⁹⁹

As toninhas foram avistadas e enumeradas entre tubarões e aves, não havendo informação adicional para nenhum dos elementos. Quanto às baleias, sabe-se que foram observadas em grande quantidade, seguindo-se a informação relativa ao estado do mar e à direção do vento. O autor começa por dizer que viu todos os sinais durante este dia, assim como baleias, não sendo perceptível se também as consideraria um sinal.

Já na chegada a Portugal junto às Berlengas, foi avistada uma baleia entre outros sinais:

*“Aos 21 dagosto não apareceu o sol **mas vimos terra e qoando a vimos erão as berlengas**, Ds. Seja Louvado **ontem vimos huã balea**, e coriola, e cascas de siba e alguas pardelas Deos seja Louvado p.^a sempre. Amem.”*⁴⁰⁰

Esta passagem é interessante, pois o autor refere que avistaram terra e que teriam logo reconhecido como sendo as Berlengas. E após o agradecimento a Deus, comum nestes relatos, normalmente no final do registo diário, indica ainda os elementos observados no dia anterior, entre eles uma baleia. Não é certo que a observação deste elemento fosse considerado um sinal de proximidade às Berlengas, parecendo que neste caso o piloto fez a associação posteriormente.

Também Simão Castanho refere a observação de baleatos quando ia a caminho de Goa em 1603, sem dar mais informação adicional sobre os animais observados:

*“Aos 30 tomey o sol (...) fiqo note sul com **os Ilheos seqos**, achamos muittos passaros como gansos brancos e pardos postos nagoa a 2 e 2, e as vezes 5 e 6 asentados nagoa comendo em polas (?), **vimos também hus baleatos**, Leuamos feções e coruas,vou da t.ra 30 Legoas, (...)”.*⁴⁰¹

³⁹⁹ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau “N.^a S.^a da Conceição”, de Cochim para Portugal no ano de 1600*, p.137.

⁴⁰⁰ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau “N.^a S.^a da Conceição”, de Cochim para Portugal no ano de 1600*, p.140.

⁴⁰¹ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Mateus, em viagem do Cabo da Boa Esperança para Goa, no ano de 1603*, p.144.

É interessante perceber que Simão Castanho enumera as aves observadas com a indicação de alguns elementos sobre a coloração e o comportamento das mesmas, fazendo pelo meio a referência à observação de “*uns baleatos*”, sem acrescentar mais nenhum pormenor. Mais uma vez é importante reforçar que, mesmo no caso da observação deste grupo de elementos naturais que poderiam funcionar como sinais de localização, a posição dada pelo sol não era descurada, sendo medida sempre que possível.

Também no diário da viagem da Nau Nossa Senhora da Piedade para Goa no ano de 1609, Simão Castanho, a quem a autoria do diário é atribuída, dá conta destes sinais maioritariamente nas notas laterais, sendo as descrições no corpo do texto referentes ao tempo, aos ventos, ao estado do mar ou à presença de outras naus nas imediações:

*“(...) Vimos hua Agachadisa q he passaro que anda perto das Rib.ras, **botos Caldeiroins**, Rabos Juncos, .2. Alcatrazes grandes”.*⁴⁰²

Os mamíferos marinhos observados são mencionados entre as aves avistadas, também aqui sem informação complementar. Atualmente botos e caldeirões são dois nomes comuns atribuídos a duas espécies diferentes, parecendo que neste relato seria considerado o nome de um animal apenas. Este diário tem um número relativamente elevado de referências a mamíferos marinhos numa mesma viagem. A referência a estes animais não era feita só quando eles eram avistados vivos, mas também quando estavam moribundos e em decomposição nas águas:

*“Dia de S. Anna Agulga .8. g. p M. **Passaros de toda a Sorte q huão comendo hua balea morta ao q pareçia.**”*⁴⁰³

Possivelmente nesse caso a observação era registada não por ter algum tipo de utilidade à navegação, mas por ser um evento diferente ou devido à existência das aves que acompanhavam a carcaça do animal, essas sim indicadoras da proximidade de terra. No entanto, a referência vem apenas nas notas laterais, não havendo registo no texto principal desta ocorrência.

Sebastião Prestes faz uma referência muito idêntica de uma observação feita junto às Berlengas, quando regressava ao reino em 1610:

⁴⁰² Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Piedade, do Reino para Goa, no Ano de 1609*, p.246. Esta referência é feita nas notas laterais, não havendo indicação desta situação no texto principal. Como já referido, atualmente a denominação de botos é dada a cetáceos do género *Phocoena*. É possível que se tratasse de uma baleia-piloto (*Globicephala sp.*), grande delfínídeo que é conhecido atualmente em vários locais por “caldeirão”. Para mais informação consultar Reeves *et al* (2002); Macdonald & Barret (1993).

⁴⁰³ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Piedade, do Reino para Goa, no Ano de 1609*, p.240. Esta referência é feita nas notas laterais, não mencionando o autor do diário esta situação no texto principal.

*“Na terca fr.^a q forão .29. do mes (...) apareço oje hua garragina (digo) hua tartaruga m.to peqn.^a não ouuerão mais sinais q não descobrio o sol ate as duas horas (...) fiquei das **berlengas** .100. leg. oie apareço **hua balea morta sobre mar ya toda comesta m.ta pardela derredor (...)**”⁴⁰⁴*

Nestes casos, apesar de os animais aparecerem com o seu aspeto alterado, as descrições não eram muito ricas ou longas, mesmo quando não tinham a certeza do que seria. Devido ao tempo que andavam moribundos no mar, os animais em si não serviriam de sinal de localização, pois teriam sido arrastados por ventos e correntes. Quanto muito, apenas seria possível perceber se teria morrido há mais ou menos tempo.

De todo o percurso da carreira da Índia, o alcance do Cabo da Boa Esperança era esperado com grande expectativa. Por todo o simbolismo associado de ter sido um marco difícil de transpor em tempos e para além do qual muito se fantasiava. Por isso, os sinais que antecipavam a sua proximidade eram aguardados com muito agrado. Anteriormente já se viu que algumas aves eram características deste local, mas também as toninhas ou outros pequenos cetáceos eram mencionados. No entanto, os lobos-marinhos eram o ícone desta região, por terem uma distribuição mais restrita a determinados locais facilmente identificáveis. A zona compreendida entre o Cabo da Boa Esperança e a Aguada de São Brás aparece referida várias vezes ao longo dos textos analisados, essencialmente devido à presença ou ausência destes animais como sinal da sua proximidade.

Já no diário da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia, a presença de lobos-marinhos na Baía de Santa Helena, muito próxima do Cabo da Boa Esperança, é relatada com um pormenor que não é comum na maioria dos relatos analisados:

*“Item **em esta amgra esta hum ilheo em mar tres tiros de besta e em este ylheo há muitos lobos marinhos** e deles san tam grandes como ussos muito grandes e sam muito temerossos e tem muito grandes demtes e vem se aos homens, e nenhua lança por força que leve os nom pode ferir e outros mais pequenos e outros muito pequeninos e os grandes dam urros como liões e os pequeninos como cabritos e aquy fomos **hum dia a folgar e vimos antre grandes e pequenos obra de tres mil**, e tirávamos lhe do mar como bombardas e neste ilheo (...)”⁴⁰⁵*

Nesta secção sobre os animais vistos como sinais, o que interessa reter é que estes animais eram característicos deste local, onde existiam em grande quantidade, sendo que num só dia tinham visto mais de três mil exemplares. Ao contrário da maioria dos

⁴⁰⁴ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Penha de França, de Goa para o reino, no ano de 1610*, p.186.

⁴⁰⁵ Velho, A. (1999), p.40.

relatos analisados até aqui, neste caso o autor não se restringe a registrar que foram observados lobos-marinhos, enumerando também várias das suas características e comparando-os com outros animais conhecidos. De referir que esta observação foi feita em terra, aquando de uma paragem na viagem, o que pode justificar o relato com mais pormenor. A observação poderá ter sido mais atenta e demorada e sem os constrangimentos inerentes à observação no mar. O autor do relato não estaria também preocupado em avistar os sinais para saber a sua localização, já que se encontrava em terra firme.

Por volta de 1545 Manuel Álvares mostra o seu conhecimento sobre a presença de lobos-marinhos na chegada ao Cabo da Boa Esperança, alertando para o facto de o seu avistamento depender da época do ano em que era feita a viagem:

*“Acharás das Ilhas Tristão da Cunha para o **Cabo da Boa Esperança lobos marinhos**, de quando em quando; e **se vieres por aqui no fim de Junho pode ser que não vejas nenhum**, por quanto se acolhem dos frios para a terra.”*⁴⁰⁶

Manuel Álvares alerta os leitores do seu relato que, apesar dos lobos-marinhos serem frequentes no caminho entre as Ilhas Tristão da Cunha e o Cabo da Boa Esperança, nem sempre eram observados, principalmente quando a passagem neste local era feita no final de junho. Mostra assim que tinha conhecimento, não só do comportamento destes animais, mas também de possíveis viagens realizadas noutras épocas em que não tivessem avistados estes animais.

Em 1558 o piloto da Nau Rainha procurava atentamente os sinais que lhe indicassem a proximidade deste Cabo e de entre uma série de outros elementos, refere a presença de toninhas e o que parecia à distância ser um lobo-marinho:

*“ Aos vinte e seis dias do mês de Junho tomei o Sol e achei-me em trinta e cinco graus e um sexto; (...) este dia vimos cinco ou seis gaivotões e borrelhos e feijões e vimos **três toninhas muito grandes**, e corvas com os bicos grandes e brancos; este mesmo dia **vimos uma coisa ao longe que parecia um lobo, mas não o conheceram bem por ir afastado da nau**; e também este dia matei uma tintureira e por bordo passaram muitas águas más.(...) Item. Aos vinte e oito dias di mês de Junho tomei o Sol e achei-me em trinta e cinco graus e dois terços (...) e nós **não tínhamos visto sinais nenhuns que do Cabo parecessem, somente toninhas que vieram a bordo**; este dia vimos dois garajaus e algumas alforrecas; e neste dia à tarde vieram por bordo dois bandos de garajaus, que seriam alguns trinta.”*⁴⁰⁷

⁴⁰⁶ Álvares, M. (1940), *Colecção de Roteiros c.1545 de Manuel Álvares – Roteiro da navegação daqui para a Índia*, p.31.

⁴⁰⁷ Albuquerque, L. (1991), p.28.

Quando menciona as toninhas pela primeira vez, o piloto apenas faz a referência à quantidade e dimensão dos animais observados. Quanto ao avistamento do lobo-marinho, não estava bem certo que seria um que tinha observado, devido à distância a que se encontrava do elemento observado. Poderia ter sido induzido em erro por saber que aqueles animais eram sinais daquele cabo e desejar vê-los a todo o custo. Dias depois quando as toninhas são novamente observadas, o piloto refere-as como sendo os únicos sinais do cabo que apareciam. Como anteriormente já se verificou noutro relato, também aqui há a referência a *“toninhas que vieram a bordo”*. Apesar de poder ter outro significado comum à época, parece que a expressão significaria que os animais se teriam aproximado muito da embarcação.

No final do século XVI também Vicente Rodrigues regista no seu roteiro que os lobos-marinhos são um sinal fiável do Cabo da Boa Esperança:

“Norte sul com o cabo da Boa Esperança até a aguada de S. Braz acharão lobos marinhos em cardumes como toninas e são pequenos do tamanho de gozos.”⁴⁰⁸

Aqui, para além de referir a presença dos animais, Vicente Rodrigues dá informações adicionais sobre a quantidade e dimensão dos mesmos, sendo tantos como cardumes de toninhas e do tamanho de *“gozos”*, estando possivelmente a referir-se a um cão.⁴⁰⁹

No *“Roteiro da África do Sul e Sueste – 1576”*, Manuel de Mesquita refere e faz uma pequena descrição de algumas das espécies animais existentes na Baía de São Brás (leste do Cabo da Boa Esperança), onde estão mais uma vez incluídos os lobos-marinhos:

“Do cabo de Sam Bras e a sua baia (...) Há nele uma inumerável multidão de lobos marinhos, alguns deles de incrível grandura. E uns passaros (...) a que chamam soliticairos (...) mergulham de maneira que pescam para manterem a si e a seus filhos, que criam em ninhinhos feitos de espinhas de pescados, que eles e os lobos ali trazem.”⁴¹⁰

Através desta citação percebe-se que nesta região existiam muitos lobos-marinhos e que alguns tinham uma estatura fora do normal, sendo perceptível que se alimentavam de peixe, cujas espinhas deixadas serviam para os pinguins (soliticairos) fazerem os seus ninhinhos. A informação que Manuel Mesquita deixa neste roteiro não é apenas referente à observação que teria feito naquela viagem. Há informações sobre a diversidade dos

⁴⁰⁸ Pereira, G. (1898). *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.20.

⁴⁰⁹ Pela pesquisa feita em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/gozos>, (03/01/2018), o nome gozo pode denominar um cão sem raça definida, o vulgo rafeiro.

⁴¹⁰ Perestrelo, M.M. (1939), *Roteiro da África do Sul e Sueste desde o Cabo da Boa Esperança até ao das Correntes (1576)*, p.26.

lobos-marinhos que existiam, assim como acerca do comportamento dos pinguins que também ocorriam naquela zona. Mais uma vez, este tipo de conhecimento era possível, devido à acumulação de informação recolhida ao longo de várias viagens, mostrando a importância da observação e da anotação do que viam ao longo da rota.

Como já mencionado para o caso das aves, Gaspar Manuel e Aleixo da Mota eram dois experientes pilotos do século XVII, que por vezes mostravam alguma desconfiança quanto à fiabilidade de alguns sinais de localização característicos de determinados locais. No entanto, pareciam crer na fiabilidade dos lobos-marinhos enquanto sinais deste cabo e das zonas envolventes, como se verifica nos exemplos seguintes:

“A 40. 45. 50 leguas do cabo de Boa Esperança se vê trombas, lobos, corvos de bico amarello, gaivotões, muitos antenaes, borrelhos juntos em manadas e bandos, mas quando se virem garajãos, marrecas, gaivotões postos no mar picando nalgum peixe, ou foca (?) entenda-se que estão abadbados com a terra e leve-se boa vigia.”⁴¹¹

Na lista de possíveis sinais naturais que enumera, maioritariamente aves, Gaspar Manuel faz a distinção entre lobos-marinhos e focas e alerta para o facto de, no caso de serem avistadas estas últimas, deveriam estar mais atentos, pois estariam próximo de terra. Algumas aves e os lobos-marinhos começavam a ser observados ainda a alguma distância de terra, mas consoante as espécies observadas, assim se estariam a aproximar mais. Aleixo da Mota reforça a presença destes mamíferos nas imediações deste cabo:

“(…) com o resto do cabo de Bôa Esperança (…).Ver-se-hão tambem por esta paragem lobos marinhos qye são do tamanho de cachorros e pardos e tudo isto se verá em mor quantidade com a aguada de S. Braz por n’ella haver muito peixe em que andam mariscando.”⁴¹²

Como se viu anteriormente, Aleixo da Mota tinha alguma renitência em utilizar as aves como sinais fiáveis da localização de determinado local, devido ao facto de serem animais que facilmente se deslocavam em função da disponibilidade de alimento. No caso dos lobos-marinhos, apesar de serem animais que se podem deslocar a grandes distâncias da costa, dependem muito de terra e têm locais com características específicas onde estabelecem as suas colónias. Talvez por esta especificidade destes animais, este piloto confiasse mais nos lobos-marinhos como sinais de localização deste cabo. Para além de os referir, caracteriza a sua dimensão e justifica a sua

⁴¹¹ Pereira, G. (1898), *Roteiro e advertências da navegação da carreira da Índia feito por Gaspar Manuel de Villa do Conde, por elle mesmo emendado – Viagem de Cochim para Portugal. Signaes de terra*, p.73.

⁴¹² Pereira, G. (1898), *Roteiro navegação da carreira da Índia feito por Aleixo da Mota Piloto della segundo o que experimentou em trinta e cinco anos que há que navega pela dita carreira para a Índia aonde tem feito seis viagens de piloto*, 1576, p.105.

presença com o facto de se alimentarem do muito peixe existente na zona da Aguada de São Brás.

Também Gaspar Ferreira se refere aos lobos-marinhos nas suas viagens e torna-viagens em finais do século XVI, numa evidência clara ao facto de estes servirem como sinais de localização desta região:

*“Aos .22. do mes dia de B. santa m.^a Magdanella tome y o sol e fiquey em .36. graos e 1/6 (...) Dey a não o caminho a lessudueste estou da mais chegada tera de dentro do **cabo das agulhas** .23. legoas (...) e **dizem q. virão um lobo** (...)”*. Notas laterais: *“hu lobo”*.⁴¹³

*“Aos .24. do mes (...) e oje morrerão algus cachuchos poucos, **eu faço estar a não pelo fundo e sinais de lobos q oje e ontem aparecerão cõ aguada de .S. bras**”*.⁴¹⁴

Este piloto refere explicitamente que os “*sinais de lobos*” e a profundidade que tinha verificado, o faziam estar perto da Aguada de São Brás, local onde era frequente encontrarem estes animais e por isso serem um sinal fiável da sua localização. Continua o seu relato, reforçando o crédito que dava a estes mamíferos como sinais localizadores desta zona adjacente ao Cabo da Boa Esperança:

*“Aos .25. do mes (...) a lista de tr^a q estaria de nos como .9. 10. Legoas ao norte ser **agoa de S. Braz q esta em .34. g. e ¼, assim pella altura como pelos sinaes porq. Ontem e oje ouue ver algus lobos q os ha nesta Baiha** (...)”*. Notas laterais: *“Lobo marinho”*.⁴¹⁵

*“Aos 15 do mes (julho) em 3^a fr.^a tome y o sol e ficey ~e 33 graos e m.^a (...) vimos m.tos Rombos esta menhã e **algus lobos** (...)”*.⁴¹⁶

Mais uma vez se percebe que este experiente piloto dava muito crédito aos sinais avistados, mesmo quando não era ele que os avistava. A observação destes animais era suficiente para Gaspar Ferreira estimar uma posição aproximada da nau, que era também confirmada pela posição do sol. Para outro tipo de sinais de localização poderia existir alguma dúvida, como certas aves ou cetáceos, devido à sua distribuição mais cosmopolita. No entanto, quando se começavam a observar lobos-marinhos era certo que o Cabo da Boa Esperança, das Agulhas ou a Aguada de São Brás estavam

⁴¹³ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau “S. Pantaleão”, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.199.

⁴¹⁴ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.250.

⁴¹⁵ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.250.

⁴¹⁶ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.46.

muito próximos, localização que era confirmada com a posição dada pela observação do sol.

A confiança por parte da maioria dos pilotos nos lobos-marinhos como sinais de localização manteve-se ao longo dos anos e das viagens, como mostra Simão Castanho no início do século XVII. Na lista de sinais que enuncia para a Aguada de S. Brás inclui os “*muittos lobos em cardume*”:

*“Dia de nossa snora das neves pla menhã que foy a 5 do mes (...), vy oie muittos lobos em cardume (...) parece me que era da agoada de São bras Ds.G.”*⁴¹⁷

Como se pode verificar pelos excertos acima transcritos, independentemente do autor dos relatos, de se tratar de uma viagem de ida ou de torna-viagem, ou mesmo da época em que era realizada, a referência à presença ou ausência destes animais como sinais característicos desta região era uma constante. Outra informação importante que se pode retirar destes roteiros é que já nos séculos XVI e XVII era frequente avistar estes animais, mesmo que ao longe, quando se passava na proximidade do Cabo da Boa Esperança ou da Aguada de São Brás. Talvez por serem uma presença constante ao longo dos tempos, os mesmos foram tomados como sinais precisos e fiáveis de localização ao longo de mais de um século. E vários pilotos não deixaram passar esta preciosa informação, anotando-a para ser útil também a viagens futuras. Ainda hoje estes animais são presença frequente nestes locais, não se sabendo se as colónias seriam maiores ou menores anteriormente. Estes são também por isso dados muito importantes em estudos biológicos de história ambiental, mostrando a vantagem da utilização das fontes históricas e da multidisciplinariedade, tão importante nos dias de hoje.

Apesar da normalidade com que as descrições dos mamíferos marinhos observados eram feitas, o mar não deixava de ser considerado o local do desconhecido, do perigoso, da incerteza onde tudo podia acontecer, se bem que estes sentimentos raramente transpareciam nestes documentos. É possível que alguns dos que embarcavam nestas viagens acreditassem que as tempestades com que se deparavam nas suas viagens eram originadas por terríveis monstros que habitavam as profundezas dos mares que navegavam. Para além do medo, embarcava também o respeito ao grande mar oceano por onde navegavam e ao qual entregavam o seu destino, como mostra Pedro Lopes de Sousa numa das suas passagens:

“Sexta-feira oito dias do mês ao meo dia tomei o sol em onze grãos e seis meudos. Á tarde nos deu hũa trovoadade muita agua; e entre as

⁴¹⁷ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da Nau S. Mateus, em viagem do Cabo da Boa Esperança para Goa, no ano de 1603*, p.145.

*naos se fizeram duas mangas, de que os marinheiros houveram mui gram medo, **por no mar ser cousa mui perigosa.***"⁴¹⁸

Não há aqui referência a nenhuma causa possível da tempestade, apenas ao perigo que era para o bom seguimento da viagem. Neste tipo de documentos, os pilotos deviam mostrar bravura e transmitir coragem e não medo, nem tão pouco demonstrar as suas fragilidades ou superstições. Por muito que pudessem pensar que alguns dos fenómenos meteorológicos adversos com que se deparavam podessem ser devido a algum tipo de superstição ou causa sobrenatural, este pensamento não era refletido nos textos que analisamos, que tinham uma função muito específica e prática.

5.3.4 – Sargaço, Imundices de Terra e Outros Sinais

Apesar das descrições que surgem nos documentos analisados serem na sua grande maioria referentes a animais e este ser o foco principal deste trabalho, outros elementos naturais marcam presença nestes relatos. Pela importância que lhes é atribuída pelos pilotos, assim como pelo pormenor com que por vezes eram descritos, estes elementos naturais não poderiam ficar esquecidos nesta análise. O sargaço era um desses elementos, descrito como sinal de localização de vários locais, como da costa africana ou junto ao Arquipélago dos Açores. Se bem que nos dias de hoje não seja tão frequente, no século XVII a presença das várias algas chamadas de sargaço era um sinal da proximidade às ilhas açorianas. Procurado e observado com agrado por quem ia a bordo das naus, que muitas vezes faziam escala nas ilhas deste arquipélago. Como piloto experiente que era, Gaspar Ferreira estava atento aos mares para ver quando é que o sargaço começava a surgir, sinal de que pouco depois avistariam as desejadas ilhas no horizonte. Assim aconteceu na viagem realizada em 1596 no regresso a Portugal:

*"Aos .19. de mes (...) o mar esta mais lançado **apareço oje sargaço meudo e rabo e Diz que virão botelha,** (...) Aos .23. do mes (...) **fico do corvo arredor de .90. legoas** fico oje mais lançado p q ontem e esta noite vinha a uaga mto gr.de de noroeste, não aparece aues mais q algu Pardellas*

⁴¹⁸ Sousa, P.L. (1867), *Diário da navegação de Pedro Lopes de Sousa pela Costa do Brazil até o rio Uruguay de 1530 a 1532... E livro da viagem da nao Bretoa ao Cabo Frio em 1511*, p.22.

*apareção e ua tartaruga e eu uy ramo de botelha e dous outros ramos de sargaço ralo (...).*⁴¹⁹

O piloto refere a observação de sargaço e de algumas aves, sinais que o colocavam muito perto da Ilha do Corvo. Por ser característico deste local, o sargaço era referido mesmo quando não era observado, quando sabiam que as ilhas estariam iminentes. É exemplo a referência feita por Simão Castanho no seu diário da viagem de Goa para Portugal, realizada em 1610:

*“Aos 3. Tomey o Sol (...) Vou a loeste das flores como 34. legoas Em outro Vou dar nas flores pello mesmo Rumo [...] n^oao vejo Sargaso, oJe virão hum Rabo Junco Sedo E pelas 8. Oras hum Rabo forcado Ds etts.”*⁴²⁰

*“Aos 6. Tomey o Sol (...) oJe pelas 10. Oras comeSsou aparecer algum Sargaço (...). Nas notas laterais :” (...) Sargaso pouco (...) .1. Rabo Junco (...).*⁴²¹

Quando se encontrava perto da Ilha das Flores, o piloto da nau Nossa Senhora da Piedade refere que, apesar da proximidade à ilha, ainda não tinha observado sargaço, o que lhe parecia causar algum espanto. Três dias depois o sargaço começa a aparecer, ainda que em pouca quantidade, o que é referido no texto e nas notas laterais deste relato.

Também António de Ataíde, fazendo a mesma viagem em 1612, refere que já estava a observar esta alga há algum tempo, mas ainda não tinha avistado a Ilha de Santa Maria:

*“A ilha de S.^{ta} m.^a (Santa Maria) me demora ao nordeste. oJe uimos Sergaço”*⁴²²

Mesmo quando as ilhas ainda não eram observadas e o sargaço aparecia, era considerado um sinal da sua proximidade e por isso, apesar da demora em avistar terra, estariam próximos dela.

Mas o sargaço não era só sinal do arquipélago dos Açores. Já mais a sul, a observação destas algas também poderia indicar que não se estaria onde se pudesse calcular,

⁴¹⁹ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.276.

⁴²⁰ Ataíde, A. (1957b), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Piedade, de Goa para o Reino, no ano de 1610*, p.79.

⁴²¹ Ataíde, A. (1957b), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Piedade, de Goa para o Reino, no ano de 1610*, p.80.

⁴²² Ataíde, A. (1957b), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora de Guadalupe, de Goa para o Reino, no ano de 1612*, p.261.

como acreditava Vicente Rodrigues para a zona das Ilhas de Tristão da Cunha, na sua viagem de 1577 para a Índia:

“Estando perto das Ilhas de Tristão da Cunha, se vires alguma quantidade de ervas de sargaço, com trombas, que são uns paus grandes, é sinal de que não estás de nenhum lado das referidas ilhas (...).”⁴²³

Segundo este autor o sargaço não ocorria junto das Ilhas Tristão da Cunha, pelo que se lá perto o observassem, estariam mais longe das referidas ilhas do que pensavam. Estes sinais apareciam um pouco mais à frente, já em direção ao Cabo da Boa Esperança:

“Tanto que forem das ilhas de Tristão da Cunha para o cabo de Boa Esperança cincoenta até cem léguas começam a aparecer umas cousas a que chamam sargaços e de cem léguas em diante acham-se umas moutas grandes a que chamam trombas que tem uma vara de comprido e outra de largo...”⁴²⁴

Podemos ver pelas duas passagens anteriores, que era frequente o sargaço não ser observado sozinho, havendo também a referência a “*trombas*”. Segundo um dicionário da primeira metade do século XVI, esta designação era atribuída a “*uns paos com muitas raízes em hua das pontas. Achã-m-se na carreira da índia, passadas as Ilhas de Tristão da Cunha, para o Cabo da Boa Esperança*”.⁴²⁵

Já no Índico, passada a Ilha de São Lourenço, entravam num percurso onde os baixios eram uma constante e por isso a navegação deveria ser ainda mais cuidada, prestando-se atenção redobrada aos sinais encontrados. Vicente Rodrigues alerta os pilotos para este facto, enumerando entre várias espécies de aves a possibilidade de observarem sargaço como sinal:

“... há em todo este caminho atraz por respeito dos muitos baixos e ilhas que há nelles muitos signaes como são alcatrazes, rabiforcados,

⁴²³ Álvares, M. (1940), *Primeiro roteiro da carreira da Índia, c. 1577, de Vicente Rodrigues. Viagem de Lisboa para a Índia*, p.102.

⁴²⁴ Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.19.

⁴²⁵ Bluteau, R. (1716). *Vocabolário portuguez, e latino (...) autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes & latinos e offerecido a ElRey de Portugal Dom Joam V pelo padre D. Raphael Bluteau*. Lisboa.

garajãos, graginas e algumas vezes tãobem sargaço maiormente se vierem chegados ás Sete Irmans e á Saia de Malha.”⁴²⁶

Sendo uma zona muito perigosa à navegação, todos deviam estar alerta para o mais pequeno sinal, por mais insignificante que pudesse parecer. Aleixo da Mota também reconhecia o sargaço como um sinal característico quando se navegava por dentro da Ilha de São Lourenço, perto dos Baixos da Judia:

*“Achando-se por este canal muitos caniços e ramos de sargaço a que chamam rabos de rapoza por serem da feição d’elles e muito desovamento de peixe vendo-se estes signaes vigiem-se da ilha de São Lourenço porque se verão perto della e vendo-se poucos d’estes signaes vae-se por meio canal de entre o baixo e a ilha e passando a oeste do dito baixo se não acharão estes signaes (...).”*⁴²⁷

Através desta referência percebe-se que muitas vezes a diferença de localização entre ver ou não determinado sinal era de poucas milhas, mas que numa zona com tantos baixios podia fazer a diferença entre ter uma boa viagem ou sofrer algum acidente. E era nestes casos de diferenças mínimas de graus na localização que os sinais naturais faziam ainda mais sentido e eram mais úteis, mesmo quando eram elementos que se movimentavam. E estes movimentos dos elementos tidos por sinais, fossem eles naturais ou causados pelos ventos e pelas correntes, podiam fazer com que o sargaço aparecesse em locais mais distantes onde nunca tinha sido visto, ou pelo menos relatado. Mesmo na ausência de relatos anteriores que noticiassem a presença de sargaço em determinada zona, não significava que a localização estivesse errada. Em 1597 o experiente Gaspar Ferreira Reimão, estando ainda a alguma distância do Cabo Delgado, fazia a nau estar mais próxima dele pela observação de sargaço, por dizerem que este era um sinal de costa:

“Aos 16 do mes (...) q. plo ponto hia antre o cabo delgado e as Ilhas do aro (...) e todo o dia vimos muittos ramos de sargaço, e eu vi hu pee de galinha, plo que a não faço que esta perto de costa, eu plo ponto fico do cabo delgado oje 40 Legoas, mas cuido que a não esta menos se he V dade, que o sargaço, que he da costa como dize os que vem p.ª Mozambique nas naos do trato, mas eu temome como diguo, que a não

⁴²⁶ Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.28.

⁴²⁷ Pereira, G. (1898), *Roteiro navegação da carreira da India feito por Aleixo da Mota Piloto della segundo o que experimentou em trinta e cinco anos que há que navega pela dita carreira para a India aonde tem feito seis viagens de piloto, 1576*, p.111.

*seia a Leste, oje aparecerão m.tos rabisdorcados, algus rabos de junqos e grajinhas, deinos nosso s.ºr boa Viage e a V. d. betanqor.”*⁴²⁸

Mais uma vez é notório que este piloto dava crédito aos sinais naturais que encontrava, acreditando mais neles que na localização dada pelas cartas. Analisando este excerto percebemos que apesar de ser um piloto experiente, Gaspar Ferreira Reimão confiava no conhecimento que lhe era transmitido também por outros colegas. Para além do sargaço, muitos outros elementos que numa primeira análise pareceram irrelevantes e alguns dos quais descurados, como as chamadas “*imundices de terra*”, são várias vezes referidas nestes relatos. Estas imundices não eram mais que um conjunto de elementos vegetais, restos de origem animal ou derivados de ações antropogénicas, com origem em terra e que eram arrastados para o mar por ventos e correntes marítimas. E a sua referência não era feita sem sentido, pois a observação atenta de algas, ervas ou troncos, para estes homens servia de indicador da direção das correntes, dos ventos dominantes ou mesmo da proximidade de costa. Até restos de outras embarcações que eram avistados à superfície eram registados, por vezes com mais pormenor que os grandes animais marinhos, pois poderiam indicar que por alguma razão uma nau poderia ali ter naufragado há mais ou menos tempo.

No relato da primeira viagem de Vasco da Gama, quando se encontram perto da costa africana, há referência a muitos “*signaes de terra*” que são observados:

*“hua quarta feira primeiro dia do mes de Novembro que foy dia de Todos os Santos achamos muitos signaes de terra os quaaees eram huuns golfãoos que nascem ao longo da costa.”*⁴²⁹

O autor deste relato diz explicitamente que os “*golfãos*” que observava em grande quantidade nasciam ao longo da costa, pelo que seriam sinais certos de terra. Atualmente “*golfão*” é o nome comum pelo qual são conhecidas algumas plantas aquáticas como os lótus ou os nenúfares que crescem em grandes lagos ou lagoas, podendo cada folha atingir trinta centímetros de diâmetro e com algumas espécies a ocorrerem em África.⁴³⁰ Relembrando que se deverá ter sempre em consideração a modificação dos nomes comuns ao longo do tempo e entre regiões, poderia ser a esta espécie ou a alguma semelhante a que Álvaro Velho se referia. Este autor tinha conhecimento de que estes golfões eram originários da costa africana, pelo que indicava tratar-se mesmo destas plantas, mostrando a importância do conhecimento da fauna e flora dos continentes por onde passavam, que lhes podiam ser muito úteis mesmo no mar.

⁴²⁸ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau Santa Maria do Castello em viagem de Goa para Portugal no ano de 1597*, p.81.

⁴²⁹ Velho, A. (1999), p.33.

⁴³⁰ Flora relativa a *Nymphaea alba*: Verdcourt, B. (1989). *Flora of tropical East Africa*. Polhili, R.M. (ed.), p.2. Para mais informação, consultar também a Flora Digital de Portugal em <http://jb.utad.pt>.

Durante a sua viagem de 1538, D.João de Castro observou “*limos do mar*”, que dizia nascerem nos penedos, tendo por isso origem em terra, a que os marinheiros chamavam “*camas de bretão*”:

*“Quarta feira 19 de Junho (...) estarmos em 35 graos 1/6: este dia pella menhã vimos muitos limos do mar dos que nascem pellos penedos, mas estes tem a folha maes larga e amarela; chamãolhe os marinheiros cama de bretão”*⁴³¹

Na edição deste mesmo roteiro com notas de João Andrade Corvo, este último dá uma explicação para o que julgava serem estes “*limos*”, estando coincidente com a localização onde se encontrava a nau de João de Castro:

*“⁴¹ Cama de bretão ou bertão chamavam os antigos navegadores a umas malhas cobertas de algas, provavelmente Macrocytis Priifera, descripta por Hooker na Flora Atlantica, que se encontram indo das ilhas Tristão da Cunha para o Cabo da Boa Esperança. (...)”*⁴³²

João de Castro refere a observação de madeiros e canas, cuja origem também parecia ser em terra firme:

*“Sesta feira 28 de Junho (...) todo este dia vimos grande somma de madeiros andar pello mar grandes e pequenos, e deles com muitos esgalhos como pao de pinho, (...) e muitas canas, (...)”*⁴³³

Estes “*madeiros*” a que João de Castro se refere, parecem ser troncos de várias dimensões, alguns talvez de pinheiros, que estavam à deriva no mar, juntamente com muitas canas que também tinham sido observadas. Embora não seja dito pelo autor do relato, estes elementos são notoriamente de origem em terra, pelo que poderiam ser utilizados como sinais para indicar a proximidade à costa e não a um local específico.

São várias as referências a este tipo de elementos, feitas por vários pilotos, como sinais de vários locais por onde passavam, como na aproximação da costa de Goa, segundo as palavras de Aleixo da Mota:

*“Os melhores signaes de se estar perto da costa são corvas pretas e nedeas postas n’agua em bandos, e cascás de siba alvas e umas escumas redondas a que chamam tostões e vintens, e viscos com sujo de maré e desova muita de peixe como isto se vir estar-se-há perto da dita costa.”*⁴³⁴

⁴³¹ Castro, J. (1882), p.217.

⁴³² Castro, J. (1882), p.217.

⁴³³ Castro, J. (1882), p.272.

⁴³⁴ Pereira, G. (1898), *Roteiro navegação da carreira da India feito por Aleixo da Mota Piloto della segundo o que experimentou em trinta e cinco anos que há que navega pela dita carreira para a India aonde tem feito seis viagens de piloto, 1576*, p.121.

Por entre tantas imundices, há elementos conhecidos e outros que não conseguimos perceber o que seriam, mas para os quais tentámos fazer uma associação com algo que mantenha a mesma denominação nos dias de hoje. As cascas de siba são várias vezes referidas ao longo destes documentos, sendo que atualmente siba é o nome pela qual a concha interna do choco é conhecida, pelo que poderia ser a este elemento que os autores dos diários se referiam. É também conhecida atualmente uma planta terrestre chamada de erva-tostão, pertencente ao género *Boerhavia*, natural do Brasil e Índia, que poderia corresponder às “*escumas redondas a que chamam tostões e vintens*” observadas por Aleixo da Mota.⁴³⁵ Este piloto refere também a observação de “*desova muita de peixe*”, que também D. João de Castro referia no seu roteiro, após passar o Arquipélago de Cabo Verde:

*“Quarta feira 24 dabrill todo o dia foi o vento norte bonança (...) esta noite no quarto da prima vimos muitas malhas brancas pello mar, que parecião de leite, e tomauão grande espaço, o que punha muito espanto a todos aquelles que não tinham experiencia do que era; então lhes disse o Piloto, que era manga de pexe que auia pouco desouara.”*⁴³⁶

Neste caso o fenómeno não parecia ser do conhecimento de grande parte dos que iam embarcados e que não eram muito experientes, pelo que lhes causava espanto. Não parecia ser, no entanto, o caso do piloto, que prontamente esclareceu o que seria que observavam. Os “*tostões*” também foram observados por D. João de Castro, mas para ele não seriam um sinal da proximidade de terra, já que achava que tinham origem no mar:

*“Quinta feira 5 de Setembro (...) tambem se vírão alfarreqas, mas pequenas, e tambem hua cousa que cria o mar, a que chamão tostões, por lhe serem muy semelhantes (...)”*⁴³⁷

Consoante o estado dos elementos observados – se tinham mais ou menos cracas agarradas, se as raízes ainda se apresentavam intactas ou o estado de decomposição dos animais – indicavam há quanto tempo andavam à deriva no mar, como atentamente observou Gaspar Ferreira na sua viagem de 1596:

*“Aos .15. do mes (...) oje vimos hum Pao com muitas cracara (...)”*⁴³⁸

⁴³⁵ Informação referente à erva-tostão consultada em www.rain-tree.com/ervatostao (08/02/2016) .

⁴³⁶ Castro, J. (1882), p.112.

⁴³⁷ Castro, J. (1882), p.367.

Numa primeira análise dos documentos esta foi uma das passagens que não pareceu relevante e que foi descurada. No entanto, a sua importância foi reconhecida quando mais relatos semelhantes começaram a surgir em diferentes textos. No seu relato de 1603, Simão Castanho não tinha a certeza do que observava, colocando uma hipótese de acordo com o que conhecia:

“Aos 22 tomey o sol (...) oie aparecerão aqui alcatrazes e algs rabos forcados, e **huas folhas como de botelha que parecia da terra ramos e hu pco q parecia mange todo coberto de perseues e alguas pecoas dizem que virão sargaço**, eu por um ponto que leuo de leste vou ver a Ilha de roqe pires q esta em 6 gr. 2/3 Ds.G.”.⁴³⁹

Por esta última descrição fica mais uma vez patente a importância que era a informação prévia que os pilotos e marinheiros tinham sobre o que poderiam encontrar durante a viagem. Como era frequente acontecer, quando não estavam certos do que estariam a observar, utilizavam a comparação a algo conhecido. No caso destes paus observados por Gaspar Ferreira e Simão Castanho, o facto de terem muitas cracas e percebes agarrados, indicaria que já andavam à deriva no mar há tempo suficiente para que estes crustáceos se pudessem fixar. Por não ser um elemento que se pudesse utilizar como sinal fiável da proximidade de terra, a sua observação teria permitido à tripulação perceber a direção dos ventos e correntes dominantes na altura, o que também era muito importante para o progresso da viagem. Não tendo sido uma observação do piloto que faz o relato, outras pessoas a bordo teriam observado sargaço, mais um elemento utilizado como sinal da proximidade de terra. Restos de espécies vegetais como ramos, raízes ou folhas só podiam ter a sua origem em terra firme e por isso havia situações onde estes elementos podiam ser utilizados como sinais de proximidade. Era assim possível perceber que “*andaua sobre o mar que não parecia de m.to tpõ*”, devido ao estado em que os mesmos se encontravam, como no exemplo que João Ramos refere no regresso a Portugal em 1600:

“Ao pr.ro de feu.ro tomey o sol em 2 g.ºs ½, dey o cam.º do sudueste q.ta do sul, esta noite andarão s.e nos garajinhas e huã tinhosa, **vimos hy pao que trazia chernes e dourados e cajões, era grande parecia raiz, andaua sobre o mar que não parecia de m.to tpõ**, vimos sargaço, agoas

⁴³⁸ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.227.

⁴³⁹ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Mateus, em viagem do Cabo da Boa Esperança para Goa, no ano de 1603*, p.154.

*maas, a ponta de p.^o dos banhos me demora ao sul, da banda de Loeste delle. Ds. G.”*⁴⁴⁰

Este piloto faz referência à presença de peixes a acompanhar o tronco observado, o que poderia indicar que estes se estariam a alimentar de alguns restos vegetais que o mesmo poderia ainda transportar, por se encontrar à deriva há pouco tempo. Aliás, nesta passagem, o piloto João Ramos expressa a sua opinião sobre ser um elemento que estava no mar há pouco tempo. A distância a que estes elementos eram observados fazia com que por vezes os mesmos não fossem identificados com muita precisão:

*“Aos .7. do mes (...) esta tarde vimos hus Paos como amarrados Passarão algua cousa desuiados de nos, e não julgamos bem o que era se arvores ou jangada...”*⁴⁴¹

A distância a que estes troncos passaram da nau não permitiu ao piloto perceber se se tratava de um aglomerado de troncos naturais ou se já teriam tido intervenção humana e o que tinham observado seria uma jangada. No entanto, a sua origem seria em terra e mais uma vez poderia indicar a direção de ventos e correntes, que importava também conhecer.

Por vezes, a quantidade de sinais avistados e a sua origem podiam confundir mesmo os pilotos mais experientes, como o era Gaspar Ferreira Reimão:

*“Ao derad.^o do mês tomei o sol e fiquei em 22 graos 1/3 largos, (...) esta manhã derão conosqo (...) asy nu vieiro dagoa de muitta immudiçia de ouas de peixe e m.ta sujidade de causas de maree, como muittos caniços compridos e curtos e muittos paosinhos e muitas penqas de sergaço, grandes e pequeninas, que não soube entender donde isto sairia p. q. plos sinais dos muittos alcatrases não há passarmos perto do baixo, e asy plo ponto que leuo que vou delle 15-18 legoas, estas inundações mostrão ser da costa, saluo há isto nos baixos, mas os caniços eles me parecerão canas de milho zaburro, que podia ser sere alguãs agoas que sairão desta enseada de basaruto p.^a o sul e trouxeram consigo esta immundice N. S.^or”*⁴⁴²

⁴⁴⁰ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau N.^a S.^a da Conceição, de Cochim para Portugal no ano de 1600*, p.135.

⁴⁴¹ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.242.

⁴⁴² Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau Santa Maria do Castello em viagem de Goa para Portugal no ano de 1597*, p.88.

Na torna-viagem da Nau Santa Maria do Castelo em 1597, Gaspar Ferreira Reimão julgava estar junto aos Baixos da Judia, mas todas as imundices e sujidades observadas pareciam ser de costa, pelo que não conseguia “*entender donde isto sairia (...) salvo há isto nos baixos*”. Pela carta também estaria próximo destes baixos e não ainda junto a costa, daí a confusão. Isto acontecia porque este piloto tinha em consideração a fiabilidade dos elementos observados como sinais de localização. Gaspar Ferreira Reimão não se referia só a estes elementos supostamente de costa, mas também aos alcatrazes observados.

Também Simão Prestes mostrava estar algo confuso quando via sinais que “*parese perto de terra poruqe no mar largo se não vio numqua tal*”, ou mesmo espantado quando encontrava algum que nunca tinha visto em viagens anteriores:

*“na çesta frª q forão 6 do mes (...) o vento estâ tezo e o seos nubrados como de chujua **apareçeo oje as noue oras do dia hum junto dagoa muj comprido e grande co mtas agoas màs meudas que parecia ao longe aGoa barrenta jsto se não vio p aquj mas parese perto de trra poruqe no mar largo se não vio numqua, tal (...)**”.*⁴⁴³

*“Ao Domingo q forão .28 (...)E **de dia Parecerão muita tromba do q estou Spantado q Nunca Vy tantas de quantas Vezes por aqui pasej (...)**”.*⁴⁴⁴

O piloto teria observado na realidade uma grande quantidade de pequenas “águas más”, que ao longe teriam sido confundidas com água barrenta, este sim um sinal de proximidade à costa. Atualmente águas-más é o nome pelo qual são conhecidas uma espécie de alforrecas pequenas, podendo ter sido estes cnidários que foram observados na altura. Estas confusões causadas pelo que observavam, com o local onde pensavam estar, aconteciam porque estes homens de mar davam tanto ou mais crédito aos sinais naturais que encontravam pelo caminho, como às alturas tiradas pelo sol e que lhe davam a sua localização. E quanto mais experientes fossem nestas viagens, maior a confusão e o espanto perante a observação de algo a que não estavam habituados.

Este facto não tem tido a atenção devida por parte dos historiadores, já que a prática real dos pilotos não foi simplesmente a de navegação pelos astros e com a ajuda de instrumentos de navegação e cartas náuticas. Um elemento à partida tão comum e

⁴⁴³ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.58.

⁴⁴⁴ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Penha de França, de Goa para o reino, no ano de 1610*, p.160.

insignificante como um sapo morto a flutuar nas águas poderia ser um sinal muito importante a indicar a proximidade de costa, pois também seria lá a sua origem:

*“Na quarta fr.^a q forão 26 (...) **apareceo hu Sapo morto no mar e alcatras.(...)”**.⁴⁴⁵*

Neste caso Simão Prestes não faz referência ao estado de decomposição do animal, não se percebendo se andaria no mar há muito ou pouco tempo, nem se o consideraria um sinal indicador de maior ou menor distância à costa. É um bom exemplo que mostra que a referência a um elemento que poderia parecer irrelevante, era feita do mesmo modo que as referências aos grandes mamíferos marinhos. Há casos de referências onde os elementos observados não eram nomeados, sendo só referidos de modo geral pelas ditas imundices, onde quase tudo o que tivesse origem em terra firme estava incluído. Sebastião Prestes faz uma destas referências na viagem que pilotou até Goa em 1608:

*“Na quinta fr.^a q forão 9 (...) e loguo **vimos a trr.^a Clara**, hera hua trr.^a Rasa que a fomos ver perto Como quatro legoas e menos, hera Rasa e Com algumas barreiras brancas que pareciam aReais e a trr.^a demoraua do sueste athe o nordeste fomola vendo athe noite e sempre teRa Raza/ **Já nos sinais não falo que não ficou cousa q não aparecesse, de jmmondiçe** e depois q vimos e Reconhesemos bem fomos governando ao norte...”⁴⁴⁶*

O piloto faz uma descrição da “terra clara” que teriam avistado, referindo que não falava dos sinais que lhes seriam característicos, porque tudo o que era por eles considerado “imundice” teria aparecido. Numa torna viagem em 1610, Sebastião Prestes referia mais uma vez as imundices, entre canas e folhas de palmeiras observadas:

*“Na Sesta fr.^a q forão. 5. do mes (...). O q **Chama pés de Galinha** isto tudo **não se acha** co as **ilhas de Combro** porq **La há m.tas Canas, e folhas de palmeiras** E jmmodisse, E muitos alcatrazes [.] (...)”⁴⁴⁷*

⁴⁴⁵ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, por dentro, no ano de 1608*, p.99.

⁴⁴⁶ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, por dentro, no ano de 1608*, p.79.

⁴⁴⁷ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Penha de França, de Goa para o reino, no ano de 1610*, p.121.

Por vezes, também a coloração da água era referida como um sinal de proximidade de costa ou de zonas mais baixas. Esta alteração podia ser provocada pela diferença de profundidade, pelo tipo de fundo do local ou mesmo pela quantidade de água com origem em várias ribeiras e riachos que desaguavam na costa. No roteiro que escreveu sobre os sinais encontrados na Carreira da Índia, Vicente Roiz refere que:

*“da ilha de Palma até às ilhas de Cabo Verde. Signaes: Nesta paragem (...) se achará **uma agua branca que tira a almeicgada que vem da costa** e se a não vae a leste das ilhas vinte e cinco e trinta léguas acha-se esta agua em dezassete, dezoito grãos, e se por descuido do governo a não vae mais chegada á costa do cabo Branco ou de Argim acharão esta agua em altura de quinze e dezasseis grãos...”*⁴⁴⁸

As correntes marítimas eram fundamentais para o avanço das naus nestas viagens, sendo a rota definida também em função das correntes favoráveis que melhor conheciam. Por o mar não ser um elemento de natureza constante, era frequente encontrarem correntes adversas ou redemoinhos de água em locais onde nunca as tinham observado anteriormente, o que poderia dificultar e atrasar a viagem. Por isso era importante deixar esses registos para as viagens futuras, tal como fez Sebastião Prestes de regresso a Portugal em 1610:

*“Na Segda fr.^a q forão .17. (...) o mar era m.to chão co **m.tos Rilhr.os dagoa o q nuca Vy por aqui, porq erão m.tos En cãtidade q pareçia no Rio de lx.^a** (...).”*⁴⁴⁹

Este piloto refere a observação destes redemoinhos perto das ilhas de Cabo Verde, um local onde nunca os tinha encontrado, fazendo uma comparação com o que era frequente acontecer no rio Tejo. Apesar do mar estar calmo, não conseguimos aferir se a nau onde seguia passou indiferente a estes rilheiros de água, ou se os mesmos tiveram alguma influência no decorrer da viagem. Ficava o apontamento para que posteriormente se soubesse que naquele local poderia surgir aquele fenómeno.

⁴⁴⁸ Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.16.

⁴⁴⁹ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Penha de França, de Goa para o reino, no ano de 1610*, p.173.

5.3.5 – Caranguejos, Borboletas, Cobras e a Chegada à Índia

Numa viagem tão longa como era a da Carreira da Índia, a chegada ao destino era muito desejada, pelo que os sinais característicos da costa asiática eram procurados e observados com um sentimento de “missão cumprida”. Para além dos sinais típicos já abordados, existiam outros mais particulares que praticamente só eram referidos junto a estas paragens, como os caranguejos, as borboletas ou as cobras. Frequentes nas águas adjacentes às costas da Arábia e da Índia, a origem podia ser da costa continental ou das várias ilhas existentes, às quais se devia ter especial atenção. Pela sua biologia, os caranguejos são típicos de zonas onde a profundidade da água é menor, como em baixios, ilhas ou mais junto a costa. Tanto para Vicente Rodrigues como para Aleixo da Mota estes pequenos animais significavam um sinal de proximidade a Goa, dada a frequência com que eram ali observados:

“Os signaes deste caminho são alguns caranguejos vermelhos posto que são geraes em todo este mar e tão bem algumas vezes se acha algum sargaço.”⁴⁵⁰

“Outros signaes ha por todo este caminho da linha para Gôa que são caranguejos vermelhos pequenos, (...) se faz esta advertencia para os que por esta paragem não tiverem navegado.”⁴⁵¹

Vicente Rodrigues informava no seu roteiro que era frequente observar caranguejos vermelhos na chegada a Goa. Aleixo da Mota acrescentava à referência sobre estes crustáceos que a mesma era feita para conhecimento de quem nunca tivesse feito a viagem, pois os pilotos mais experientes já saberiam da existência dos mesmos. Já foi referida a renitência que Aleixo da Mota parecia ter quanto à aceitação de certos elementos naturais como sinais de localização, principalmente animais, pela sua capacidade de se moverem. No caso dos caranguejos observados na chegada à Índia, refere mesmo que estes eram “*signaes ha por todo este caminho*”. Talvez porque, apesar dos caranguejos também se deslocarem, a distância que podem percorrer é muito menor quando comparada por exemplo com as aves. Também o piloto Gaspar Ferreira Reimão fez referência a estes crustáceos, tanto quando os observava como quando estes não apareciam:

⁴⁵⁰ Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.26.

⁴⁵¹ Pereira, G. (1898), *Roteiro navegação da carreira da India feito por Aleixo da Mota Piloto della segundo o que experimentou em trinta e cinco anos que há que navega pela dita carreira para a India aonde tem feito seis viagens de piloto, 1576*, p.119.

*“Aos 10 do mes (...) eu **fico oje çacotora 100 legoas não aparece quarangeijos.**”⁴⁵²*

Pela sua experiência de navegação, estranhava estar a chegar à Índia na viagem de 1597 e não ter ainda observado os característicos caranguejos. No entanto, numa passagem mais à frente no mesmo relato, refere que estes animais apareciam:

*“Aos 18 do mes (...) esta tarde depois q o sol de pos **tornamos a ver m.tos carangeijos** que aparesem que como o sol se poem, se vem acima dagoa p. que de dia não a que veyá nenhu, e **me emfada mto vellos** (...)”⁴⁵³*

Aqui refere que os caranguejos apareciam a partir do por do sol e que de dia não os conseguiam observar. Apesar de ser um sinal característico da aproximação à costa indiana, como o mesmo refere anteriormente, parecia mostrar algum desagrado com a sua observação durante a noite. Possivelmente já estaria farto de os observar e continuar sem vislumbrar terra. A presença deste elemento era relatada nos diários de vários pilotos, como no exemplo dado por Simão Prestes na sua viagem para Goa em 1608:

*“Na quinta frª q forão 13 (...) depois de se por a lúá **ouuerão mtos carêjeos a que chamão pilados** boa viagem nos de deós.”⁴⁵⁴*

Neste caso a observação era feita “*depois de se por a lua*”, que assumimos ser no início do dia. Por estes relatos percebe-se que estes caranguejos eram um sinal certo da proximidade das costas da Índia, pois até os pilotos que tinham alguma renitência na utilização de animais como sinais de localização, lhes faziam referência.

Um outro sinal característico das terras do oriente eram as pequenas borboletas que apareciam a esvoaçar junto das naus. Se hoje as admiramos pela beleza dos seus padrões de coloração, nas viagens marítimas de quinhentos a admiração por estes insetos devia-se à localização que indicavam. Como para outros sinais, a interpretação perante a sua observação variava consoante quem descrevia este elemento, havendo quem advertisse para o cuidado na interpretação destes sinais, como Vicente Rodrigues:

⁴⁵² Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau “S. Martinho” em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.65.

⁴⁵³ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau “S. Martinho” em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.68.

⁴⁵⁴ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.95.

*“(Ilhas Mamallé) Tanto que **forem perto destas ilhas** como trinta ou quarenta léguas **antes de chegar a ellas verão muitos besteiros e borboletas e assim não cuidem que estão perto da costa porque são signaes destas ilhas.**”*⁴⁵⁵

Vicente Rodrigues advertia mais uma vez no seu roteiro os pilotos menos experientes para o facto da observação das borboletas, tidas como sinal claro de costa continental, serem provenientes das atuais ilhas Seychelles e não da costa continental, o que os poderia induzir em erro quanto à sua localização real. Aleixo da Mota seguia o seu exemplo para a mesma localização, mostrando a influência do vento para a posição onde se encontravam estes insetos:

*“E se chegar á linha na entrada de outubro façase o caminho para Cochim (...) se vão a barlavento das ilhas de Mamale (...) 60 leguas a oeste d’estas ilhas se acharão muitos vespeiros e borboletas que saem d’ellas para o mar desgarradas com os ventos e pos isso se acham tão longe d’ellas...”*⁴⁵⁶

Mais uma vez é notório o cuidado que Aleixo da Mota tinha em tomar certos elementos naturais como sinais fidedignos de localização. Se no caso das aves o cuidado devia ser redobrado por elas se deslocarem facilmente face à disponibilidade de alimento, para as borboletas o vento poderia arrastá-las para mais longe da costa do que o habitual, aparecendo assim em localizações pouco comuns.

A experiência de navegação do piloto Sebastião Prestes fazia com que o mesmo referisse as borboletas nas suas viagens para Goa e de regresso ao reino em 1608 e 1610 respetivamente, quando se encontrava nas imediações de Madagáscar:

*“Na çesta fr.^a q forão 10 (...) oje ouue mto cargaço e Canas mangas de veludo. Hu gaião **borboleta** hia muito peixe Connosquo tomouçe hua pescada Biquda (...).”*⁴⁵⁷

*“Na segunda fr.^a q forão. 8. (...) **dis q Virão borboleta** fiquej da mais perto tr.^a pouco mais. de 25. legoas norte Sul com o **penedo das fontes** (...).”*⁴⁵⁸

⁴⁵⁵ Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.26.

⁴⁵⁶ Pereira, G. (1898), *Roteiro navegação da carreira da India feito por Aleixo da Mota Piloto della segundo o que experimentou em trinta e cinco anos que há que navega pela dita carreira para a India aonde tem feito seis viagens de piloto, 1576*, p.129.

⁴⁵⁷ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.79.

⁴⁵⁸ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Penha de França, de Goa para o reino, no ano de 1610*, p.138.

Para ambos os casos, as referências são feitas no texto principal do diário e nas notas laterais do mesmo, sendo que numa das vezes parece não ter sido o próprio piloto a fazer a observação. Também para as imediações de Moçambique, na zona do Cabo Delgado, as borboletas eram uma referência, com a trovoada a aparecer como causa para a observação destes elementos mais longe de costa do que o previsto, segundo o mesmo Sebastião Prestes:

*“Na terça fr.^a q forão 2. do mês (...) fiquej do **cabo delgado** trinta legoas pouco mais aparesserão (...) **duas ou tres borboletas q arancarão co a trovoada de terra o q eu faço a não mais a terra do pôto q Levão porq a outra viagem q.do vinhão borboleta logo vi o baixo de São Lazaro...**”*⁴⁵⁹

*“Na quinta feira q forão 4. do mes (...) E pela banda do mar apareceu **muitos sinaes de terra** Cargaso algumas canas **m.tos borboletas** (...)”*⁴⁶⁰

Este é o piloto que mais deixa transparecer nos diários a sua experiência de navegação, demonstrando também o seu do conhecimento sobre estes sinais de terra, estando “*espantado de uer o q nunca p esta parage ui de Sinco uezes q p aqui passej*”.⁴⁶¹ É frequente a utilização de expressões que indicam o espanto ou a confirmação por ver ou não algo durante uma viagem, diferente daquilo que era normal acontecer em tantos anos nesta carreira.

Um outro elemento frequentemente observado perto do território indiano, sendo por isso considerado um sinal de terra, eram as cobras, pelo que a sua observação nas viagens, principalmente nas de ida para o Oriente, eram feitas com muito agrado, como mostra Manuel Álvares na sua coleção de roteiros de 1545:

*“E neste caminho (...) quando fores na altura dos **Baixos de Padua; dali para a costa não verás nenhum sinal, nem alcatrazes, somente as cobras que te aparecerão a 70 e a 50 léguas da costa.** (...)”*⁴⁶²

O autor refere que as cobras seriam então o único sinal que se observaria naquele troço da viagem, onde nem os abundantes alcatrazes apareciam. No seu seguimento, também em 1548 Bernardo Fernandes referia no seu livro de marinharia que as “*cobras amarelas que as águas dos rios levam ao mar*” eram um sinal da proximidade de Goa:

⁴⁵⁹ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Penha de França, de Goa para o reino, no ano de 1610*, p.119.

⁴⁶⁰ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Penha de França, de Goa para o reino, no ano de 1610*, p.120.

⁴⁶¹ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Penha de França, de Goa para o reino, no ano de 1610*, p.160.

⁴⁶² Álvares, M. (1940), *Colecção de Roteiros c.1545 de Manuel Álvares – Roteiro da navegação daqui para a Índia* p.39.

*“tanto que, embora fordes pela **altura de Goa demandar a terra**, sendo a 30 léguas dela, **vereis logo alguns sinais**, os quais são umas ervas compridas de maneira de vimes, e **muitas cobras amarelas que as águas dos rios levam ao mar.**”.*⁴⁶³

Estes répteis teriam o seu habitat nas zonas costeiras e apareciam no mar arrastados pelas águas dos rios. Não se deveriam afastar muito de costa, pelo que a sua observação, tal como a de restos vegetais, seria indicador da proximidade a terra firme.

As cobras foram também observadas e referidas por D. João de Castro quando este se estava a aproximar da costa de Goa:

*“Segunda feira 9 de Setembro (...) e sol posto **aparecêrão muitas cobras**¹ (...)”*⁴⁶⁴

No entanto, ao contrário da maioria dos autores que consideravam que estas cobras tinham origem em terra, João de Castro afirma que, embora as houvesse em terra, as cobras que tinham observado tinham origem no mar, como deixa registado nas notas de rodapé:

*“¹ He opinião de muitos q sahindo os rios da India fora dos seus cursos, por caso das grandes enuernadas q nella há, trazè estas cobras ao mar, dos campos que são cobertos dellas; mas a verdade he q se crião e nasce no mar, pr. q a terra e mar da India naturalmente crião estas serpentes e cobras, nas quaes se acha todo o género de peçonha.”*⁴⁶⁵

Independentemente da origem que tivessem, o importante seria ter o conhecimento que quando comesçassem a avistar estes animais, o avistamento de terra não devia tardar, como aconteceu. Mais tarde volta a avistar cobras e borboletas e após confirmação da profundidade, não tardou a que avistassem os Ilhéus Queimados, confirmando assim a função destes sinais como indicadores da proximidade de terra:

*“Terça feira 10 de Setembro (...) **este dia pella menhã vimos muitas toninhas e hum ayuão e borboletas e algumas cobras: ás oyto oras do dia sondamos e tomamos fundo em 50 braças, e não tardou espaço de mea ora que não víssemos terra, a saber, os Ilheos queimados (...)**”.*⁴⁶⁶

⁴⁶³ Fernandes, B. (1940), p.63.

⁴⁶⁴ Castro, J. (1882), p.372.

⁴⁶⁵ Castro, J. (1882), p.372.

⁴⁶⁶ Castro, J. (1882), p.374.

Numa das suas idas para a Índia em 1595, Gaspar Ferreira não estaria confiante da localização da nau dada pela altura do sol:

*“Aos .11. do mes em segunda fr.^a tomei o sol (...), não aparece
passaros de q mespanto como alcatrases e Rabos de junco e **poucos
cangrejos** Pello q me parece q esta mais a nao a costa do q. me faço (...) **esta
tarde se vio huã cobra e eu a ui mas não me afirmey bem, mas
pareçome pella de q me espanto senão se as há na boca deste estreito,
(...) há algus cangrejos ainda q poucos, (...).**”*⁴⁶⁷

Apesar de não ser muito explícito nesta citação o significado de “*esta mais a nao a costa do q. me faço*” – se costa significaria mais longe de terra ou mais próximo da costa continental – parece que o piloto pensava encontra-se mais próximo de terra pela altura tirada do sol do que os sinais lhe indicavam. Por isso o espanto ao não observar pássaros, sinais característicos da proximidade de terra. Os carangueijos, ainda que observados, eram poucos face ao que normalmente encontrariam mais próximo de terra, assim como as cobras, mas Gaspar Ferreira não estaria certo se teria sido uma que tinha observado. A ser uma cobra o elemento observado, poderia ser devido a existirem naquele local, facto que o piloto parecia desconhecer. Apesar desta incerteza na interpretação do real significado deste relato, o mesmo é muito pertinente, pois mostra mais uma vez a importância que os pilotos davam aos animais como sinais encontrados durante a viagem, que faziam com que colocassem em causa os dados recolhidos com os instrumentos de navegação que levavam a bordo e que muitos julgavam ser os únicos meios de orientação que tinham. Dias mais tarde a proximidade de terra é confirmada com a observação de várias cobras, algumas delas muito grandes que apareceram antes da observação da costa:

*“Aos .22. do mês (...) **plas onze oras vimos a pr.^a cobra e depois
desta muitas outras dellas mto grandes (...) plas duas oras vimos terra q
estaua mto afumada e como a descobrimos, logo aconheçemos ser o
moro de bardes e a proa e vimos a casa de nossa sorã do Cabo (...).**”*⁴⁶⁸

Através desta citação podemos ver a importância que era dada às cobras como elemento sinalizador da proximidade de terra. Foi o primeiro sinal a aparecer, umas atrás das outras e cerca de três horas depois seguiu-se o avistamento da linha de costa, mesmo que muito distante, mas que foi facilmente reconhecida.

⁴⁶⁷ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau “S. Pantaleão”, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.218.

⁴⁶⁸ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau “S. Pantaleão”, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.221.

Apesar de todos os cuidados e limitações que se deveriam ter em relação à utilização de certos elementos como sinais indicadores de uma determinada região, estes eram frequentemente referidos por vários pilotos. Dando mais ou menos crédito aos elementos naturais, vários eram os pilotos que referiam a observação de cobras junto à costa indiana. Gaspar Manuel não deixa de advertir no seu roteiro de navegação da Carreira da Índia que as cobras são presença perto de costa:

“A 30 leguas da costa da India se veem cobras (...).”⁴⁶⁹

Como foi identificado no caso de outros elementos, também havia situações em que a referência a cobras era feita só nas notas laterais ou a reforçar a informação do texto principal, não se percebendo se pelo próprio autor do diário ou por outras pessoas posteriormente. No diário da viagem da nau Santo António em 1608 para Goa há a referência à observação de cobras no texto principal, que é reforçada nas notas laterais:

“Na çegunda frª que foi o deRadrº do mes 31 (...) logo pla menha vimos Cobras (...) eu p altura, vou ver os Ilheos qujmados pª goa, boa viagem nos deu deós”. Notas laterais: ***“Cobras grades e piquenas.”***⁴⁷⁰

O piloto Sebastião Prestes refere a observação das cobras logo pela manhã, não adicionando qualquer outra característica a este elemento. Complementa que, de acordo com a posição estimada, estaria quase a observar uns ilhéus perto de Goa. Nas notas laterais já há informação complementar sobre o seu tamanho, sabendo-se por aqui que as cobras observadas eram umas grandes e outras pequenas. Outros casos havia onde a referência a estes elementos era feita só nas notas laterais, à margem, como nos diários das viagens de ida e volta a Goa da nau Nossa Senhora da Piedade em 1609 e 1610 respetivamente, ambos da autoria de Simão Castanho:

“.3. Cobras grandes 2. Rabos Juncos (...) .1. Casco de Siba”.⁴⁷¹

“Ontem a tarde disseram q uirão hua Cobra, Será do Roque pires (ilha)”.⁴⁷²

⁴⁶⁹ Pereira, G. (1898), *Roteiro e advertências da navegação da carreira da Índia feito por Gaspar Manuel de Villa do Conde, por elle mesmo emendado – Viagem de Cochim para Portugal. Signaes de terra*, p.75.

⁴⁷⁰ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.101.

⁴⁷¹ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Piedade, do Reino para Goa, por dentro, no Ano de 1609*, p.298. Esta indicação está à margem nas notas laterais, não havendo referência a esta situação no texto principal do diário.

⁴⁷² Ataíde, A. (1957b), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Piedade, de Goa para o Reino, por fora, no ano de 1610*, p.18. Esta indicação está à margem nas notas laterais, não havendo referência a esta situação no texto principal do diário.

Na viagem de ida para o Oriente, nas notas laterais estão quantificados os elementos observados, sendo que também se sabe que as cobras observadas eram grandes. Já no regresso não foi o autor da nota lateral que observou a cobra, mas sim alguém que lhe disse. A ser verdade a observação, o autor desta nota identifica logo a sua origem.

Um outro elemento natural que foi referido por D. João de Castro no seu roteiro quando estava a chegar à Índia foram as alforrecas. Em nenhum outro relato analisado há a referência a estes cnidários, que são referidos neste documento por quatro vezes, sem se perceber se a sua observação teria algum significado associado:

*“Domingo 25 dagosto (...) todo o dia vimos muytas alfarequas (...).”*⁴⁷³

*“Quinta feira 5 de Setembro (...) tambem se vírão alfarreças, mas pequenas (...).”*⁴⁷⁴

A referência às alforrecas observadas não tem mais informação adicional associada, sabendo-se apenas que foram observadas em grande quantidade e que, no caso da última situação, eram pequenas.

Pelas referências que aqui foram analisadas é fácil perceber que elementos simples e que podiam até parecer insignificantes forneciam uma informação muito valiosa a quem navegava pela Carreira da Índia. Fica provado que a dimensão dos mesmos não era o fator primordial na relevância que estes elementos poderiam ter. Exemplos que ilustram muito bem a importância da observação de todos os sinais encontrados nestas viagens estão presentes em vários roteiros de navegação, verdadeiros compêndios de sinais de localização que importava conhecer antes de embarcar. Esta informação não se devia restringir ao conhecimento do piloto da embarcação que normalmente era autor dos diários de bordo, mas a todos quanto fossem embarcados e pudessem estar alerta para o que poderia aparecer no mar.

O *Roteiro de navegação daqui para a Índia, 1545* é um exemplo muito rico em informação, onde Manuel Álvares dá indicações muito precisas acerca dos sinais a ter em conta na viagem até à Índia. Dependendo da altura do ano em que a viagem se realizasse, assim eram dadas instruções sobre o que os pilotos deveriam fazer consoante aquilo com que se deparassem. Como também se percebeu pela análise feita até aqui, o ênfase é dado para as zonas de navegação mais complicadas e com maior perigo, como era a zona do Cabo da Boa Esperança e a entrada no Índico, com todos os seus baixios e ilhas. Neste tipo de documento, as descrições do que se poderia encontrar eram muito extensas e detalhadas, quando comparadas com as encontradas nos diários de viagens, como se pode verificar no exemplo seguinte:

⁴⁷³ Castro, J. (1882), p.338.

⁴⁷⁴ Castro, J. (1882), p.367.

“Para saberes se estás perto das ilhas (Tristão a Cunha), quando achares os antenais, de cinco em cinco, és com elas. E daqui te seguirão os feijões, que são umas aves pequenas da feição de pegas pintadas. E quando estiveres Norte Sul com elas acharás sargaço.(...) Destas Ilhas de Tristão da Cunha para o Cabo da Boa Esperança, sendo aqui nesta paragem, poe dezoito dias de Junho, acharás nesta derrota para o Cabo da Boa Esperança sargaço, misturado com algumas trombas; estas ramudas, e não são compridas como as do Cabo da Boa Esperança; e de um e de outras acharás à vezes muito, em outros tempos acharás menos; não te espantes por isso que a causa disto não é senão quanto mais tormenta nas ilhas quanto mais se arrumeam e bota isto com as águas e ventos, que vêm de cima das ilhas par o Cabo da Boa Esperança. E portanto digo que, se vieras pela altura que atrás digo e achares estes sinais, te ponhas avante 150 léguas, ou mais, das Ilhas de Tristão da Cunha, porque estes sinais andam como tenho dito.(...) Se vieres por 35 graus largos ou escassos, demandar o Cabo da Boa Esperança, e achares trombas, quando as vires sabe que são do Cabo da Boa Esperança, porque tereis deixado as outras das Ilhas de Tristão da Cunha e achas estas; sabe que não andam a mais que 30 léguas ou 40. E se vieres por 36 e meio, não acharás estes sinais senão forem ao alcatrazes. Estas trombas são compridas, como buzinas. E mais quando fores 20 léguas ou 30 desta terra do Cabo acharás as corvas pretas, que têm os bicos brancos, e mais uns gaivotões, que têm os cotos das asas pretos. Estes são os sinais que há neste Cabo da Boa Esperança até ao Cabo das Agulhas. Acharás das Ilhas Tristão da Cunha para o Cabo da Boa Esperança lobos marinhos, de quando em quando; e se vieres por aqui no fim de Junho pode ser que não vejas nenhum, por quanto se acolhem dos frios para a terra.(...) Se achares os antenais pousados no mar, cinco e seis grandes malhados, estás no Cabo das Agulhas, porque andam no mesmo Cabo comedo ameijoa; mais acharás alguns cascos de cibas, pequenos, se tiveres vegia pequenos e grandes, e vindo pela altura, que atrás digo, sendo 30 léguas do Cabo e também se vieres por 36 graus também acharás estes antenais pousados.”⁴⁷⁵

Neste roteiro é muito evidente que os destinatários seriam os pilotos menos experientes que iriam fazer esta viagem posteriormente, pois a organização do discurso assim o parece indicar. Não estamos perante um diário como na maioria dos

⁴⁷⁵ Álvares, M. (1940), *Colecção de Roteiros c.1545 de Manuel Álvares – Roteiro da navegação daqui para a Índia* p.33.

exemplos anteriores, feito durante a viagem, onde o piloto ia anotando a posição da embarcação juntamente com os sinais que via. Pelo contrário, este texto era redigido com base em informação recolhida não só pela própria experiência, mas possivelmente também de vários diários anteriormente escritos, o que mostra mais uma vez a importância de se anotar tudo quanto era observado nas viagens, mesmo que muito irrelevante pudesse parecer. A natureza era observada atentamente e com determinações muito específicas, onde a experiência e o saber acumulado tinham um papel fundamental. No exemplo aqui apresentado é notório que os elementos naturais não são só enumerados, sendo possível recolher informação acerca de algumas das suas características. A época do ano em que as viagens ocorriam eram um fator a considerar, pois dependendo desta, assim se poderiam observar ou não determinados elementos. Por ser uma zona com um percurso muito acidentado por baixios e ilhéus, as variações nos graus de localização, por mínimos que pudessem parecer, eram dados importantes para observar determinados sinais e assim localizar com mais exatidão a embarcação. Também por isso as citações são muito longas e ricas em informação sobre vários elementos a considerar, quer se tratasse de aves, algas ou mesmo mamíferos marinhos. Manuel Álvares refere a zona do Cabo das Correntes como um local onde era frequente observar mamíferos marinhos em quantidade e diversidade:

“Dos Medões do Ouro até ao Cabo das Correntes, nesta paragem 60 léguas ou 70 da terra, acharás muitas baleias, e muitos bonitos, e toninhas e muitos baleotes pequenos; quanto mais para o Cabo das Correntes, até à terra, acharás mais.”⁴⁷⁶

“Em rosto do Cabo das Correntes acharás muitas baleias, que parece que têm sobre o rabo feito como couce de nau, a bôca feita como cabeça de gato. E muitas tinhosas, pequenas, grandes, e bonitos tamanhos como cavalos; e as tinhosas pintadas delas. E daí por diante alcatrazes. Até Sofala acharás poucas aves, senão algum garajão por milagre (...). Verás do Cabo de S. Sebastião para Moçambique muito grandes baleotes e pequenos; e não verás baleias.”⁴⁷⁷

Nesta zona do Cabo das Correntes, antes do canal de Moçambique, era frequente observar *toninhas, baleotes grandes e pequenos e baleias* em grande número, número esse que aumentava com a proximidade a terra. No caso das baleias, é feita uma breve descrição da sua aparência para que sejam mais facilmente reconhecidas. Parece que estas baleias com *“rabo como couce de nau e boca como cabeça de gato”* eram frequentes de encontrar, não se conseguindo perceber no entanto a que espécie se

⁴⁷⁶ Álvares, M. (1940), *Colecção de Roteiros c.1545 de Manuel Álvares – Roteiro da navegação daqui para a Índia* p.72.

⁴⁷⁷ Álvares, M. (1940), *Colecção de Roteiros c.1545 de Manuel Álvares – Roteiro da navegação daqui para a Índia* p.74.

estaria a referir. Também atuns enormes, como que do tamanho de cavalos e várias espécies de aves eram encontradas ao longo deste trajeto da viagem em maior ou menor quantidade. Continuando a caminho de Moçambique, era comum observar muitos baleotes grandes e pequenos, mas as baleias já não surgiam. Este conjunto de citações exemplifica na perfeição a importância dos sinais que apareciam durante estas viagens. Se assim não fosse, não seria necessário perder tempo na sua observação nem tão pouco anotar tudo o que era observado, tarefas que podiam desviar a atenção das funções vitais para a navegação.

Podemos dizer que estamos perante um “Guia de conhecimentos”, sendo possível que este ou outros documentos deste género acompanhassem os pilotos nas viagens que efetuavam. Era possível que assim estivessem mais atentos a este tipo de sinais nos locais onde passavam, perpetuando a informação recolhida para quem se seguia nestes caminhos. Por outro lado, a atenção redobrada em tentar observar os sinais que sabiam ser característicos de determinados locais, podia fazer com que não observassem outros que, embora presentes, não tinham ainda uma utilidade reconhecida.

5.4 – Animais como Alimento

Durante as longas viagens que cruzaram oceanos e continentes distantes, a alimentação da tripulação era uma necessidade básica e diária muito importante, com os alimentos a constituírem uma parte significativa da carga a bordo, embora a sua quantidade e qualidade fosse questionável. Se os mais nobres que iam embarcados tinham algumas “mordomias” relativamente à alimentação, o mesmo não acontecia com a maioria da tripulação. Antes de largar para a Índia, cada navio era abastecido pelo Armazém da Guiné com os géneros alimentícios considerados necessários para a viagem. No entanto, devido não só à duração da viagem, mas também ao mau acondicionamento, falta de higiene e diferenças de temperatura, muitos destes bens acabavam por se deteriorar rapidamente.⁴⁷⁸ Também a água era um bem preciso, tão ou mais que os alimentos, que chegava a ser vendida a bordo por valores muito elevados quando se pressentia a sua falta.⁴⁷⁹ Por isso, tudo quanto pudessem aproveitar durante a viagem como alimento, não era negligenciado, pois nunca se sabia o que poderia acontecer nem se o aprovisionamento chegaria ou não para toda a viagem. Apesar de embarcarem também animais vivos para contornar o problema da

⁴⁷⁸ Domingues & Guerreiro, (1988), p.205.

⁴⁷⁹ Domingues & Guerreiro, (1988), p.206.

deterioração dos alimentos, muitos dos elementos naturais referidos nos diários como sinais que de alguma forma auxiliavam os pilotos na sua viagem, eram também utilizados como alimento.

Estando no mar, a pesca seria a atividade principal para conseguir alimento fresco para consumir a bordo. O peixe era um alimento apreciado nas viagens, especialmente quando passavam muito tempo sem consumir alimentos frescos.⁴⁸⁰

E são várias as referências à captura de peixes de vários tipos para serem consumidos pela tripulação. A zona do Cabo da Boa Esperança era muito rica em peixe diversificado, pelo que era nessa zona ou perto que por vezes ocorriam as pescarias.⁴⁸¹ No diário da primeira viagem de Vasco da Gama, mesmo com poucas referências a elementos naturais, as que dizem respeito à alimentação estão presentes:

*“Item aos tres dias do mês de Março **chegámos a Amgra de Sam Bras onde tomamos muita achoa (Anchova)...**”⁴⁸²*

Apesar de não estar registado para que serviria o peixe capturado, o mais certo é que fosse utilizado para consumo da tripulação. Em viagem ou quando faziam alguma paragem, várias são as referências a episódios de pesca nos diários das viagens. Não fazendo parte da carreira da Índia, mas abrangendo ainda o oceano Atlântico, Pedro Lopes de Sousa refere vários destes episódios aquando da sua viagem ao rio Uruguai:

*“(...) e á pustura do sol fui surgir a hûa ilha **grandes (de Martim Garcia)**, redonda, toda chea d’arboredo, á qual puz o nome de – Santa Anna.- Aqui estive toda a noite; **onde matei muito pescado de muitas maneiras: nenhum era de maneira como o de Portugal: tomávamos peixes d’altura de hum homem, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas, - os mais saborosos do mundo.**”⁴⁸³*

Lopes de Sousa refere que o peixe era capturado com recurso a várias técnicas, mesmo sem as enumerar, dependendo possivelmente da sua dimensão e do que tivessem à mão para realizar a pescaria. Apesar de não referir os nomes dos peixes, talvez por os desconhecer, percebe-se que eram vários e de espécies diferentes das que ocorriam em Portugal, sendo consumidos e bastante apreciados. Havia peixes de grandes dimensões e de várias cores e percebe-se que eram utilizados na alimentação, pois é

⁴⁸⁰ Domingues & Guerreiro, (1988), p.208.

⁴⁸¹ Domingues & Guerreiro, (1988), p.208.

⁴⁸² Velho, A., (1999), p.118.

⁴⁸³ Sousa, P. L. (1867), p.49.

referido que seriam “os mais saborosos do mundo”. Lopes de Sousa continua dizendo que:

*“Aqui neste esteiro tomámos muito pescado de muitas maneiras: morre tanto neste rio e tam bom, que só com o pescado, sem outra cousa, se podiam manter; ainda que hum homem coma 10 libras de pexe, em mas acabando de comer, parece que nam comeu nada; e tornará a comer outras tantas.”*⁴⁸⁴

Pelo relato é possível perceber que o peixe era de boa qualidade e muito abundante nas imediações desta ilha, chegando para manter aqueles homens que pareciam nunca estar saciados. Lopes de Sousa refere que num só dia chegavam a capturar milhares de peixes, tantos que nem tinham depois tempo para os recolher:

*“Aqui nesta ilha tomamos agua e lenha e fomos com os bateis fazer pescaria: e em hum dia matamos desoito mil peixes antre corvinas e pescadas e enxovas: pescávamos em fundo de oito braças: como lançávamos os anzolos na agua nam havia ahi vagar de recolher os peixes.”*⁴⁸⁵

Nesta citação já é possível identificar corvinas, pescadas e anchovas, peixes que eram aqui capturados mas também conhecidos do autor do relato, que os enumera. Apesar dos números parecerem estar um pouco exagerados, não deixam de revelar a abundância de pescado que existia e era capturado.

Durante as viagens e torna viagens sucessivas ao Oriente, várias eram as espécies de peixes referidas. Gaspar Ferreira, na sua torna-viagem de 1596, faz a comparação de alguns dos peixes capturados com os que conhecia em Portugal, dando a entender que se tratavam das mesmas espécies existentes no reino, o que facilitava o conhecimento por parte de quem se lhe seguisse nas viagens:

*“Ao derradeiro de Março (...) e pescando se truxe nos emzoes dous calhaos gtandes cõ ramos de coraes, e tomarão huã pescada e morrerão algus requemes vermelhos (...) Aos .2. do mes (abril) (...) morre muitas pescadas, e cacõis e hu ou dous canchochos e huã cabra ou ruiuo da feição dos nossos, do Reino (...)”*⁴⁸⁶

De entre as espécies conhecidas, é frequente a referência a albacoras, pargos ou dourados, sendo uns maiores que outros e como tal, fonte de alimento para um maior número de tripulantes. Um ano depois e em viagem para a Índia, Gaspar Ferreira

⁴⁸⁴ Sousa, P.L. (1867), p.54.

⁴⁸⁵ Sousa, P.L. (1867), p.40.

⁴⁸⁶ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.253.

Reimão volta a referir a pesca de albacoras, outra espécie de atum que poderia atingir grandes dimensões:

*“(...) facome dos **Baixos de santaana .70. léguas Parecerão oje muitas graginas e cõ m.ta Pescarja de albocoras (...)**”.*⁴⁸⁷

De regresso, quando a profundidade assim o permitia, a pesca à linha permitia a captura de mais algum alimento:

*“Aos quatorse do mes e sab.do tomei o sol ainda que apareço ao meo dia justo e achei 36 graos (...) logo pela manhã lansey i prumo e achey 90 braças área branca groça **deitarão linhas e tomarão algus pargos m.to grandes (...)**”.*⁴⁸⁸

Na viagem que fez como piloto para Goa em 1608, Sebastião Prestes refere várias vezes no seu diário a captura de diferentes peixes ao longo da rota:

*“na quarta fr^a q forão 31 (...) apareseo hua alcatras **tomarão hua albaquora de lais vaj mto peixe cõnosquo e ao mais que se toma são lavradores (...)**”.*⁴⁸⁹

Este piloto refere que havia muito peixe que acompanhava a nau, tendo sido capturado uma albacora, mas que o que mais se pescava seriam os lavradores, peixe que não conseguimos associar a nenhuma espécie conhecida atualmente. Noutros locais os tubarões eram também frequentes e capturados:

*“na terça fr^a que forão 17 do mês (...) apareço a tarde **dous ou três maraxos tomarão hua tintureira trazia alguns Romeiros ...**”.*⁴⁹⁰

Neste excerto o piloto diferencia as espécies de tubarão capturadas, como sendo “maraxos e tintureiras”. Os romeiros a que se refere, não são mais que rémoras que costumam acompanhar algumas espécies de tubarão, fixando-se ao seu corpo e sendo por isso também capturadas. A viagem vai prosseguindo o seu rumo e o piloto vai referindo que o peixe acompanha continuamente a nau, sendo por isso aproveitado como recurso:

*“Na quinta fr^a q forão 9 (...) **leuamos tanto peixe Comnosquo q num qua homes tal virão bunnitos cachorras e tomarão mtas e numqua nos***

⁴⁸⁷ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S.Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.14.

⁴⁸⁸ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau Santa Maria do Castello em viagem de Goa para Portugal no ano de 1597*, p.103.

⁴⁸⁹ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.34.

⁴⁹⁰ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.51.

*largou, co chegarmos de trr^a perto de tres legoas boa viagem nos de deós.”*⁴⁹¹

*“Ao domingo q forão 2 do mes (agosto) (...) tomarão tubarão e doirados.”*⁴⁹²

Mais uma vez são referidos os tubarões nestes relatos e também quando a finalidade era a alimentação, não há qualquer referência à sua ferocidade ou a algum tipo de dificuldade que possa ter existido na sua captura.

Se por estas últimas referências conseguimos saber que espécies pescavam, na maioria delas tal não é possível, já que os autores dos relatos se referem apenas à quantidade de peixe capturada. Isto acontece com Gaspar Ferreira Reimão, piloto da nau São Pantaleão, na viagem realizada para a Índia no final do século XVI:

*“Aos 20 do mes em sabbado tomei o sol (...) oje aparecerão m.tas graginas pretas cõ **pescaria de muito peixe q. via cõ a nao ficou oje de baixos de S. Anna 75 legoas (...)**”*⁴⁹³

Se as aves observadas são identificadas, o mesmo não acontece neste caso com os peixes pescados, sabendo-se apenas que o teriam sido em grande quantidade. No início do século XVII, Sebastião Prestes pilotava a nau Santo António a caminho da Índia e relata dois episódios de pesca:

*“(...) oje qartiey não aparesco Nunhu sinal **auja muito peixe que hera espanto de ver que athe os mininos o tomauão** boa viagem nos de deós”*⁴⁹⁴

*“Ao domingo q forão 29 (...) apareserão Coruetas **tomarão algu peixe esta a noite daua ho peixe aRanco en cardumes parece q adiuinhaua este veto ...**”*⁴⁹⁵

Apesar de não se saber a espécie capturada, percebe-se que eram peixes de menores dimensões que os anteriores tubarões ou atuns, que estavam em cardumes e que o comportamento que apresentavam, segundo este piloto, parece que adivinhavam o vento que se começava a fazer sentir.

⁴⁹¹ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.79.

⁴⁹² Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.91.

⁴⁹³ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.175.

⁴⁹⁴ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.35.

⁴⁹⁵ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.72.

Se os caranguejos abundavam no Índico e eram tidos como sinais de estarem a chegar ao destino, quando as suas dimensões assim o justificavam, eram apanhados para servirem de alimento, como relata ainda Sebastião Prestes:

*“Na quinta frª q forão 16 (...) ficey de João de noua 18 legoas e de mosambique -55.- apareço (...) **hu carangeijo se tomou mto grande que o madou cozer o Vizo Rey** (...)”.*⁴⁹⁶

Estas eram iguarias que, talvez por serem mais escassas, não estavam ao alcance da tripulação, mas eram capturadas e consumidas pelos nobres que iam em viagem. Atualmente quando pensamos no mar como fonte de alimento, a grande variedade de peixes e mariscos é o que nos vem à ideia, mas na época das grandes viagens dos Descobrimentos e de comércio com o Oriente, outros elementos eram consumidos. Nesta época, também os mamíferos marinhos, essencialmente pequenos cetáceos e lobos-marinhos, eram caçados e consumidos, sempre que possível e necessário. Portugal desde cedo que foi um país ligado à captura de alimento no mar, sendo de peixes ou da caça à baleia, pelo que estes homens tinham conhecimento do que podiam consumir.

Na Crónica do descobrimento da Guiné, Zurara faz várias vezes referência às peles e ao azeite dos lobos-marinhos com que carregavam os navios, juntamente com outros mantimentos:

*“E porque vyo em hua coroa que estava aa entrada do ryo, **grande multidom de lobos marinhos**, os quaaes segundo stimaçom dalguus, seryam ataa **cinquo mil**, fez matar aquelles que pode, de cujas peles fez **carregar seu navyo** (...)”*⁴⁹⁷

Por não os existirem no reino, o costume do consumo de lobos-marinhos era aprendido com os nativos dos locais onde estes animais ocorriam, como mostra Álvaro Velho no seu diário da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia:

*“Item **nesta terra (Baía de Santa Helena) a homeens baços que nom comem senam lobos marinhos e baleas** (...)”*⁴⁹⁸

*“... E tanto que **eles** de nos foram apartados **tomaram huum lobo marinho** e foram se ao pee duua serra em huua charnequa e **asaram o lobo marinho**...”*⁴⁹⁹

⁴⁹⁶ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.83.

⁴⁹⁷ Zurara, G. E. (1841), p.64. Em nota de rodapé, da autoria do Visconde de Santarém, está indicado que o lobo-marinho seria a *Phoca vitulina* de Linneo.

⁴⁹⁸ Velho, A. (1999), p.34.

Mais uma vez a referência a estes mamíferos é feita para as imediações do Cabo da Boa Esperança, de onde eram um sinal característico. As populações locais consumiam não só os lobos-marinhos, como também baleias que caçavam. Se inicialmente o comportamento era descrito como sendo efetuado pelos locais, rapidamente a tripulação portuguesa adquiriu estes conhecimentos e quanto teve oportunidade, ela própria ficou encarregue da captura deste alimento:

*“Item aos tres dias do mês de Março **chegámos a Amgra de Sam Bras onde tomamos muita achova (Anchova) e lobos marinhos (...) dos quaees fizemos salga pera o maar.**”⁵⁰⁰*

Os momentos que estavam em terra eram preferenciais para a captura de alimento que pudessem armazenar e levar consigo no resto da viagem, sem o constrangimento de estarem simultaneamente atentos à navegação. A informação de que os lobos-marinhos eram um bom alimento foi rapidamente transmitido e continuado noutras viagens, como também refere Pedro Lopes de Sousa para a zona do Uruguai:

*“Quinta-feira ao meo dia tomei o Sol em trinta e quatro grãos, e com o vento norte ia comendo a costa ao sudoeste. Ao pôr do sol fomos surgir antre **tres ilhas de pedras (Cabo de Santa Maria), donde matamos muitos lobos marinhos.**”⁵⁰¹*

Não está explícito o porquê da matança de uma grande quantidade de lobos-marinhos, mas a obtenção de alimento seria certamente um dos propósitos. Nada se desperdiçava nestas viagens e quando a quantidade de alimento era superior às necessidades, as trocas de bens entre embarcações também ocorriam, como refere Sebastião Prestes num dos seus diários:

*“ao sábado q forão 7 do mes (...) eu faço a não pla marcasão atrasada com o **Cabo** norte sul oje foi a agoa mto esverdeada plo ponto estou do Cabo 60.legoas (...) a **Carauella nos deu toninha p^a Caldr^a, a qual tomou onte boa viagem nos dee deós**”⁵⁰²*

O piloto refere que tinham recebido “*toninha para caldeirada*” de uma caravela, identificando não só o cetáceo que tinham recebido, mas também que tinha sido capturado no dia anterior e seria utilizado na preparação de uma refeição.

Não era só o que se deslocava nas águas dos mares percorridos que era capturado para alimento. As aves não eram descritas nestes diários por funcionarem somente como coordenadas de localização, mas também referidas quando eram capturadas

⁴⁹⁹ Velho, A. (1999), p.35.

⁵⁰⁰ Velho, A. (1999), p.118.

⁵⁰¹ Sousa, P. L. (1867), p.38.

⁵⁰² Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.59.

para consumo. No roteiro da viagem de Vasco da Gama há duas referências à captura de pinguins (*fotylicayos e sotelycairos*), que provavelmente seriam para consumo da tripulação:

*“em esta amgra esta huum ilheo em mar tres tiros de besta (...) e neste ilheo há huas aves que sam tamanhas como patos e mam voam porque nom tem penas nas asas e chamam-lhe fotylicayos e matamos deles quantos quisemos, as quaees aves azurram como asnos.”*⁵⁰³

*“aos tres dias do mês de Março chegámos a Amgra de Sam Bras onde tomamos muita achoa (Anchoa) e lobos marinhos e sotelycairos dos quaees fizemos salga pera o maar.”*⁵⁰⁴

Quando não eram consumidos no imediato, estes alimentos eram colocados em salga para assim se conservarem durante mais tempo e serem consumidos posteriormente. Se o peixe era essencialmente pescado à linha, os instrumentos utilizados para caçar as aves eram dos mais simples, como as físgas utilizadas pela tripulação da nau Santo António na viagem para Goa em 1608:

*“(...) oje tomarão hua marrequa cõ a físgua esta noite hu passarinho boa viagem nos de deós”.*⁵⁰⁵

Nesta captura também eram utilizadas armas mais elaboradas, como as bestas que Pedro Lopes de Sousa utilizou na viagem pela costa do Brasil em 1530:

*“(...) tinha duas ilhas pequenas, todas cheas d’arboredo. Aqui achei muitos corvos marinhos, e matei deles á bésta.”*⁵⁰⁶

Mais uma vez, nestes exemplos os autores dos relatos não mencionam qual o propósito da captura das aves, depreendendo-se que o motivo principal fosse para alimentação. Noutras situações, como no caso da captura de alcatrazes por alguns tripulantes da nau Penha de França em 1610, Sebastião Prestes não refere o método utilizado:

*“Na segunda frª q forão .12. do mês tomei o Sol (...) aparecerão alcatrazes e de noite tomarão quatro dentro na nao. Boa Viagem nos dé Deos.”*⁵⁰⁷

⁵⁰³ Velho, A. (1999), p.40.

⁵⁰⁴ Velho, A. (1999), p.118.

⁵⁰⁵ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.28.

⁵⁰⁶ Sousa, P. L. (1867), p.52.

⁵⁰⁷ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Penha de França, de Goa para o reino, por dentro, no ano de 1610*, p.153.

O piloto refere que as aves teriam sido capturadas dentro da embarcação, sendo possível que, por isso, não tivesse utilizado nenhuma arma específica. Mais uma vez, o propósito de tal captura seria possivelmente a obtenção de alimento para a tripulação.

Na análise efetuada a toda esta documentação, verificou-se que havia alguns autores que tomavam anotações de vária ordem, mesmo quando estas aparentemente não pareciam influenciar o decorrer da viagem ou das seguintes. Os episódios normais de caça e pesca eram mencionados, pois a localização de algum elemento que servisse de alimento seria também ser uma informação importante a reter, dado que cada viagem era única e nunca se sabia o que poderia acontecer.

Como já foi referido, a função destes diários e roteiros era a de relatar o que acontecia nas viagens e que pudesse ser útil na compilação do saber adquirido e posterior divulgação. Embora importante, a pesca e a caça, em condições normais de viagem, não eram uma prioridade em locais específicos. Sempre que houvesse oportunidade e presas disponíveis, seria uma atividade realizada, independentemente do local onde estivessem. Se nos diários das viagens alguns dos seus autores faziam referência a estes episódios de pesca, como acabámos de analisar, nos chamados roteiros essa informação não está presente, pois estes últimos davam mais relevância aos sinais de localização. O facto de não virem relatados nos diários episódios de captura de animais que pudessem ser utilizados como alimento, não quer dizer que os mesmos não ocorressem, simplesmente indica que por alguma razão os autores dos documentos não os quiseram referir. São comuns os casos em que há referência ao avistamento de determinados peixes, não havendo a indicação se o mesmo serviria como sinal, prognóstico de algum acontecimento ou se teria sido capturado:

*“Aos dezasseis dias do dito mês tomei o Sol e achei-me em dezanove graus e dois terços (...) e **este dia vimos uma moreia branca passar por longo da nau**, e cinco ou seis tinhasas; eu fazia-me [a] noventa e cinco léguas de Moçambique, e da costa setenta e cinco até as ilhas de Angoche.”⁵⁰⁸*

Neste caso, o autor do jornal de bordo da Nau Rainha, na sua viagem de 1558 refere ter observado uma moreia branca junto da nau, não fazendo nenhuma referência adicional à aptidão para alimentação ou se seria algum sinal indicador da proximidade da costa de Moçambique.

⁵⁰⁸ Albuquerque, L. (1991), p.31.

5.5 – Elementos Naturais como Estrutura Biológica

As descrições de características mais biológicas das espécies encontradas são provavelmente o aspeto que muitos procurariam na análise destes diários e relatos. No entanto, foi aquele cuja intenção raramente terá existido por parte de quem os escreveu. A descrição dos animais que eram encontrados durante as viagens não era feita com uma visão naturalista e biológica, pois como já foi salientado por diversas vezes, não era esse o propósito dos descritores. Apesar de a intenção não ser essa, o que se verifica é que as descrições feitas por estes homens contém, muitas delas, informação muito importante para os estudos biológicos e ecológicos atuais. O que estes homens pretendiam era consolidar o seu conhecimento sobre espécies que lhes pudessem ser úteis de alguma forma, fosse como sinal de localização, de previsão do tempo ou mesmo como fonte de alimento, como anteriormente se verificou. Na generalidade dos casos, quando a descrição era mais detalhada, era por se referirem a uma espécie nova ou diferente daquelas que os pilotos estavam habituados a observar nas suas viagens, sendo frequente o recurso à comparação com as que conheciam, de modo a mais facilmente transmitirem a novidade a terceiros. Por esta razão, optámos por considerar como descrição biológica as referências onde há alguma característica adicional do elemento observado ou sempre que o termo comparativo era utilizado.

Considerando o reduzido número de referências a elementos naturais existentes no roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia, uma parte substancial das mesmas são referentes a comparações com o que existia no reino, onde não faltam os *“bois como os do Alentejo”* ou *“galinhas como as de Portugal”*.⁵⁰⁹ Mas também para as aves marinhas os termos comparativos eram utilizados para mais facilmente se perceber a espécie a que se referiam:

*“em XXII do dito mês (agosto) hindo na volta do mar ao sull e a quarta do sudueste achamos muitas aves feitas como garções e quando veo a noute tiravam contra o susoeste muito rigas como aves que hiam pera terra.”*⁵¹⁰

Álvaro Velho refere as aves que observaram, comparando-as com garções e que seriam em grande quantidade, mencionando também o comportamento que as mesmas tiveram. Mais tarde, volta a comparar as aves observadas com as conhecidas do reino:

⁵⁰⁹ Velho, A., (1999), p.40 e 45 respetivamente. As citações não foram transcritas por não se referirem a elementos marinhos que são o objetivo deste estudo.

⁵¹⁰ Velho, A., (1999), p.33.

*“Item as aves desta terra sam asy mesmo como as de Portugall: corvos marinhos guayvotas rollas e cotovias e outras muitas avees e a terra he muito sadia e temperada e de boas ervas.”*⁵¹¹

Algumas das aves encontradas na Baía de Santa Helena eram idênticas às conhecidas em Portugal, com o autor a dizer apenas o nome delas e não acrescentando qualquer descrição adicional. Este facto reforça a ideia já discutida de que a comparação era utilizada quando se observava algo que não era conhecido do destinatário do relato. Neste caso, as aves observadas seriam idênticas às existentes em Portugal, pelo que bastava referir o seu nome. Refere também algumas características dos pinguins que encontravam, que não existiam no reino, e que lhes serviam de alimento:

*“Item em esta amgra esta huum ilheo (...) e neste ilheo há huas aves que sam tamanhas como patos e mam voam porque nom tem penas nas asas e chamam-lhe fotylicayos e matamos deles quantos quisemos, as quaees aves azurram como asnos.”*⁵¹²

Os pinguins são aqui comparados com patos, sendo interessante a referência à sua incapacidade de voar. Álvaro Velho refere que esta ave não voava, não devido à reduzida dimensão das suas asas, mas porque as mesmas não possuíam penas. As suas vocalizações são também descritas como sendo semelhantes a zurros.

Na generalidade, as informações referentes à coloração ou tamanho de um animal eram acrescentadas quando a observação era uma novidade nos locais onde passavam, ou quando tinham alguma característica diferente da habitual. Um dos exemplos vem referido no jornal de bordo da Nau Rainha em 1558:

*“Aos quinze dias do dito mês de Junho (...) vimos um cagalho preto com as asas malhadas de branco, e não levámos tantos pássaros como dantes levámos.”*⁵¹³

O autor desta citação refere o pormenor das manchas brancas que o pássaro possuía nas asas, apesar de ser preto. Mais tarde volta a referir uma série de aves observadas, umas mais conhecidas que outras:

*“Ao primeiro dia do mês de Julho (...) veio dar connosco um bando de alcatrazes e muitas corvas de bico branco, e muitos gaivotões pequeninos de bico amarelo; e os que antes vinham não tinham o bico amarelo nem eram tão pequenos.”*⁵¹⁴

⁵¹¹ Velho, A., (1999), p.34.

⁵¹² Velho, A., (1999), p.40.

⁵¹³ Albuquerque, L. (1991), p.26.

⁵¹⁴ Albuquerque, L. (1991), p.29.

Se os alcatrazes eram conhecidos e comuns de encontrar nestas viagens, dispensando por isso a referência a características adicionais, o mesmo não acontecia para os gaivotões avistados. O autor sentiu assim necessidade de referir o seu tamanho e coloração do bico, como forma de os diferenciar dos que anteriormente tinham observado. Por estes exemplos é possível verificar que as informações adicionais eram acrescentadas quando havia alguma característica que diferenciava estas aves das que eram frequentes avistar, podendo indicar que se estava perante indivíduos de sexo diferente, num estado diferente de maturação ou tratar-se mesmo uma outra espécie.

Vicente Rodrigues faz umas descrições mais detalhadas de aves no seu roteiro da Carreira da Índia, com o propósito de informar melhor os pilotos responsáveis pelas viagens seguintes acerca destes importantes sinais. No entanto, estas descrições também podem ser categorizadas como descrições biológicas, pela informação relevante e adicional que acrescentam:

“Tanto que forem das ilhas de Tristão da Cunha para o cabo de Boa Esperança cincoenta até cem léguas (...) aqui se acham antenaes, corvas grandes de bicos pardos e outras aves do tamanho de pombas pintadas de branco e preto a que chamam feijões e cem léguas antes do cabo se acham trombas mais pequenas e manadas de pássaros pequenos brancos a quem chamam borrelhos (...) e uns pássaros pretos e que chamam calcamares e gaivotas brancas e depois vermelhas que são já da costa do cabo. É bom vir ao cabo de Boa Esperança por 35 grãos e meio ou dous terços (...) e ver alcatrazes que são uns pássaros diferentes de todos os atraz e são brancos todos as pontas das azas pretas e dormem em terra, (...)”⁵¹⁵

Como verificado para alguns exemplos analisados anteriormente, da autoria de vários pilotos e homens do mar, também Vicente Rodrigues refere apenas os nomes das aves no caso das espécies mais comuns e por isso já conhecidas. Quando se tratavam de espécies novas, acrescentava informação adicional essencialmente sobre o seu tamanho e a sua coloração, características que eram mais facilmente observadas mesmo com as aves em voo. Como se percebe, as comparações com as aves conhecidas eram utilizadas frequentemente para mais facilmente se criar a imagem mental do que se queria descrever a quem não estava a ver estes animais. E são vários os autores de diários que utilizavam este recurso comparativo, na descrição de alguma espécie desconhecida – para ele ou para outros – como se verifica também no roteiro de Gaspar Manuel:

⁵¹⁵ Pereira, G. (1898), *Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594*, p.19.

“Quem for de meio canal para a ilha de S. Lourenço verá no mar umas ervas ou botelha e saragaço que o mar cria que são como rabos de raposa, felpudos, e quem os vir entenda que vae de meio canal para a ilha. Mas quando se virem garajinhas em bandos andar pascendo, e em especial uns passaros a que chamam estápagados que mergulham no mar de quando em quando, pequenos e pouco menores que andorinhas das costas pretas entendam que estão abarbadados com a dita ilha, e não deixarão de a ver no memso dia até o seguinte.”⁵¹⁶

Neste exemplo, Gaspar Manuel refere-se ao sargaço observado como sendo umas ervas felpudas que o mar criava e que eram semelhantes aos rabos de raposa. Em relação às aves observadas, este piloto refere o comportamento que tinham, tanto de voo como de mergulho, comparando-as também com outras mais conhecidas. Um discurso semelhante tem Aleixo da Mota no seu roteiro:

“Como 50 leguas a oeste do cabo se acharão uns passarinhos como pardaes cinzentos, em manadas, a que chamam borrelhos, e mais perto do dito cabo se acharão corvas negras muito nedeas e pequenas com os bicos bracos postas n’agua e outros passaros a que chamam quagalhos que têm as azas largas e curtas e nas pontas d’ellas umas malhas brancas, (...).”⁵¹⁷

Este autor descreve as aves observadas recorrendo essencialmente ao seu tamanho e coloração, comparando-as também com os conhecidos pardais e referindo alguns dos seus comportamentos. Por vezes as diferenças entre as aves eram muito ténues que podiam induzir em erro na sua identificação, pelo que as suas características tinham de ser observadas e descritas com rigor. Mesmo os pilotos mais experientes como Gaspar Ferreira podiam ficar confusos em certas observações:

“(...) estas pardelas são como coruetas prettas e eu as tinha por coruas, en toda esta trauesa, mas ellas são Pardellas (...).”⁵¹⁸

Este piloto, ao ver aves com características muito parecidas, alertava para o facto de serem animais diferentes e que podiam ser confundidos. Apesar de fazer este reparo, Gaspar Ferreira não refere em que é que estas aves diferiam uma da outra. Na viagem de regresso ao reino refere a observação de outras aves que, apesar de não conhecerem, eram muito semelhantes a outras conhecidas:

⁵¹⁶ Pereira, G. (1898), *Roteiro e advertências da navegação da carreira da Índia feito por Gaspar Manuel de Villa do Conde, por elle mesmo emendado – Viagem de Cochim para Portugal. Signaes de terra*, p.75.

⁵¹⁷ Pereira, G. (1898), *Roteiro navegação da carreira da Índia feito por Aleixo da Mota Piloto della segundo o que experimentou em trinta e cinco anos que há que navega pela dita carreira para a Índia aonde tem feito seis viagens de piloto*, 1576, p.105.

⁵¹⁸ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.220.

*“Aos .27. de mes (...) esta menham vierão dar cõnosco **quatro Passaros Brancos do tamanho de rabos de juncos, mas tinham os Rabos curtos, não nos conhecemos, forão se logo: (...)**”*⁵¹⁹

*“Aos .8. do mês (...) **oje apareçeo hum pasaro brco q parecia como gragina mas era mais groço e o rabo como milhauo q não conhecy a natureza della (...)**”*⁵²⁰

Em ambos os casos, as diferenças entre as aves observadas e as conhecidas às quais o piloto as compara eram mínimas e podiam induzir em erro os menos atentos. No entanto, as diferenças a que Gaspar Ferreira se refere poderiam não ser devidas ao facto das aves pertencerem a espécies diferentes, mas sim a diferenças inerentes, por exemplo, ao sexo ou à maturidade dos indivíduos de uma mesma espécie. Ainda no decorrer desta viagem, Gaspar Ferreira descreve as diferenças encontradas entre as aves com recurso a características de outras espécies que conhecia:

*“Aos .31. do mes (...) **apareçeo ainda hoje (...) huã gragina brãca e muitas pardelas coleiradas do pescoço postas nagoa eu fico plo ponto dagulha norte e sul cã a treseira, alguã cousa pera leste e pelo ponto norte e sul com o fayal pouco menos esta tarde aparecerão quatro pasaros pretos maiores q graginas grandes mas mais grosos cõ os rabos como de minhotas e vão alto (...)**”*⁵²¹

Estando a passar perto do arquipélago dos Açores, era frequente estarem mais atentos aos sinais que apareciam, por ser uma zona cheia de ilhas e ilhéus, onde por vezes faziam escala. Por isso, a descrição e identificação do que era observado era ainda mais importante. Se as “*graginas e pardelas*” eram facilmente reconhecidas e dispensavam o registo de características adicionais de descrição, os pássaros pretos que tinham sido avistados a voar alto eram comparados com “*graginas e minhotas*”. É notório através destas descrições que os pilotos, porventura uns mais que outros, estavam atentos a pequenas diferenças que identificavam nos elementos observados. Uma característica simples como uma pequena alteração na coloração de uma ave era referida, o que enfatiza o pormenor com que estes homens olhavam para a natureza. Pela experiência de navegação ou mesmo pelo gosto que tinham por certos elementos da natureza, vários são os pilotos que dão atenção a estas pequenas variações nas observações. Gaspar Ferreira Reimão volta a observar uma ave, que identifica como corveta, salvaguardando no entanto que era diferente das que conheciam:

⁵¹⁹ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.239.

⁵²⁰ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.273.

⁵²¹ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.281.

*“Aos 11 do mes (agosto) (...) andou a não 36 legoas **fico de João da noua 30 legoas** o tempo esta claro oje aparecerão pla manhã alguãs garraginas **não aparecerão outros paçaros mais q. alguãs coruetas pretos deferentes das outras** denos nosso s.^{ra} boa viagem e a virge do Ros.^a madre de deos minha sra.”*⁵²²

Apesar de notar que os pássaros observados eram diferentes dos que conhecia, não refere, mais uma vez, a que é que se devia essa diferença. Entre milhares de aves observadas durante estas viagens, estes pilotos conseguiam distinguir as pequenas diferenças que algumas tinham, recorrendo como já se referiu, à comparação com outras que lhes fossem mais familiares, para melhor explicar a quem não as estava a ver no momento:

*“na quarta fr^a que forão 10 do mês (...) oje plas noue do dia **apareserão sete ou oito pasaros e nhu bando que pareçião garsas tinhãm grandes azas e pernas compridas do que me afirmo he sere pasaros da tr^a (terra)** pois plo ponto uamos largos da costa plo caminho ordinário (...)”*⁵²³

Sebastião Prestes não conseguia precisar que pássaros teria observado, parecendo-lhe pela morfologia das asas e das patas tratarem-se de garsas. Mesmo sem ter a certeza da espécie observada, no seu entender seriam aves de terra, pelas características que referia. Por vezes, as características destas aves podiam não parecer reais, pelo que o reforçar da experiência era referido para que não existissem dúvidas quanto à veracidade da informação. Este mesmo piloto refere, relativamente à dimensão de umas aves observadas:

*“na sesta fr^a q forão 13 do mês (fevereiro) tomeý o sol e 31 graos menos sete minutos (...)”; Nas notas laterais: “**aparecerão emtenas q he u pasaro de azas mto grandes e são tão grandes que te 16 palmos e isto não he fauola q eu lhas medj a hu q tomeý**”.*⁵²⁴

Sebastião Prestes vale-se da sua experiência para referir que tinham visto estas aves de grande envergadura durante a viagem, mas para que outros não duvidassem desta informação nem achassem que seria uma fábula, ele próprio tinha confirmado as medidas do pássaro com a captura de um exemplar. Nesta referência fica bastante

⁵²² Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S.Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597*, p.57.

⁵²³ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.25.

⁵²⁴ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.249. Esta referência é feita nas notas laterais, não se encontrando no texto principal do diário.

claro que o testemunho em primeira mão, o “*eu vi*”, o “*eu medi*” tinham muito peso na validação da informação relatada.

Estas descrições não se restringiam ao grupo das aves, existindo descrições mais pormenorizadas de outros elementos, se bem que em muito menor quantidade. Um outro exemplo diz respeito à referência à presença de ouriços junto aos Açores, feita por Gaspar Ferreira no regresso ao reino em 1596:

*“Aos .31. do mes (...) alguã cousa pera leste e pelo ponto norte e sul com o **fayal** pouco menos (...) e **aparecerão tabe esta tarde mtos ourisos brancos como os das pedras com aqles biquinhos, deuem de ser da propriedade de agoas (...)**”*⁵²⁵

Também aqui Gaspar Ferreira recorre à comparação com outra espécie já sua conhecida, como era característico quando observava algo que desconhecia. Os ouriços que apareceram eram brancos como os conhecidos “*das pedras com aqueles biquinhos*” e essa característica era atribuída às propriedades das águas.

Apesar das descrições mais completas, por vezes não era possível perceber a que elemento os pilotos se referiam, nem estabelecer uma comparação com algo conhecido atualmente:

*“Aos .17. do mes (...), achey p aqui depois q Party da Ilha **hus branquinhos como peqninos de cascas de siba quebrados, (...) estas cousas Brancas q digo q por aqui vamos vendo mandey tomar nhu sestp e herão huas carasois metidos dentro numa torre branco q de fora cobria e assim nagua parece brancos e tomados se descobre esta torre de sebolla e fica hu caracol e o que pr dentro he verde e como agoa má estes dias atras desq. Vimos a ylha sempre de dia (...).*** Notas laterais:” **as cousas brancas são canafisto.**”⁵²⁶

Por não estar a reconhecer o que seriam as coisas brancas semelhantes a pedaços de casca de siba, o piloto mandou recolher algumas para observar mais de perto o que seria. Após observação atenta, descreve que se tratavam de uma espécie de caracóis dentro de uma concha branca por fora e verde no seu interior. Só nas notas laterais é que há a informação de que se tratava de “*canafistos*”, que não conseguimos perceber o que é, mas que parece ser parecido a um caracol do mar.

Há casos onde nem mesmo o autor da descrição consegue saber o que estava a observar, como no caso de uma descrição feita por Simão Castanho em 1609:

⁵²⁵ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596*, p.239.

⁵²⁶ Fonseca, Q. (1938), *Diário da navegação da nau S. Pantaleão, em viagem para a Índia no ano de 1595*, p.209.

“Aos 25. Tomey o Sol (...) oje a tarde vimos .3. cousas vermelhas no mar como ageas (águas más) mas grandes Redondas da cor da grã mas Encarnado alguma cousa E com m.tas pernas ora parecia SemtoLa, ora Legosta na cor E nas pernas posto que pareçião m.to pequenas, m.tos dizião que herão peixezinhos verneiros Juntos E andauão muitos dourados dando Lhe Repelains botamos a barquinha fora mas como foi perto dua dellas foi Se ao fundo não Soubemos o que hera Ds etts.”⁵²⁷

Este piloto compara o elemento observado com algo semelhante a uma santola ou a uma lagosta, pela cor avermelhada que apresentava e pelo número de patas que parecia ter. No entanto, pelas mesmas serem muito pequenas, outros homens a bordo diziam tratar-se de um cardume de peixes vermelhos muito juntos. O piloto tentou confirmar mais de perto do que se tratava, mas quando se aproximaram num bote mais pequeno, este elemento submergiu, deixando na incerteza o piloto na altura e nós na análise sobre o que seria que tinham observado. Outros casos havia em que, apesar das diferenças ténues entre espécies, o piloto conseguia reconhecer ao pormenor o que observava, como Simão Prestes refere num diário de 1608:

“na quarta frª que forão 25 do mes (...) oje não apareseo mais q hua Corua, també hua pota sobre o mar q he hu peixe que se parese co lula mas he pardo (...)”⁵²⁸

Identificando o “peixe” observado como sendo uma pota, o piloto adverte que o que diferenciava a mesma da lula era uma diferença ténue na coloração, o que poderia induzir outros em erro.

No caso dos mamíferos marinhos, na viagem de Vasco da Gama há uma descrição muito detalhada dos lobos-marinhos encontrados nas imediações do cabo da Boa Esperança. Aqui Álvaro Velho compara os lobos-marinhos observados a ursos, pelo seu tamanho e ferocidade, ou a leões e cabritos pelas suas vocalizações:

“Item em esta amgra esta hum ilheo em mar tres tiros de besta e em este ylheo há muitos lobos marinhos e deles san tam grandes como ussos muito grandes e sam muito temerossos e tem muito grandes demtes e vem se aos homens, e nenhua lança por força que leve os nom pode ferir e outros mais pequenos e outros muito pequeninos e os grandes dam urros como liões e os pequeninos como cabritos e aquy fomos hum dia a folgar e vimos antre grandes e pequenos obra de tres mil, e tirávamos lhe do mar como bombardas (...)”⁵²⁹

⁵²⁷ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Nossa Senhora da Piedade, do Reino para Goa, no Ano de 1609*, p.286.

⁵²⁸ Ataíde, A. (1957a), *Diário da viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, no ano de 1608*, p.54.

⁵²⁹ Velho, A. (1999), p.40.

É possível perceber que existia heterogeneidade no tamanho dos animais observados, sendo que os maiores, como ursos, eram também mais ferozes e difíceis de capturar. Existiam em grande quantidade e pelo discurso, parece que alguns deles tinham sido capturados.

Também Aleixo da Mota faz uma descrição da dimensão destes animais com recurso à comparação com cães, sendo também perceptível o conhecimento sobre o seu tipo de alimentação:

“Ver-se-hão tambem por esta paragem lobos marinhos qye são do tamanho de cachorros e pardos e tudo isto se verá em mor quantidade com a aguada de S. Braz por n’ella haver muito peixe em que andam mariscando.”⁵³⁰

Como já várias vezes foi indicado, as referências que possam ser consideradas descrições referentes a animais como estrutura biológica são muito poucas quando comparadas com aquelas que dizem respeito à utilização destes mesmos animais como sinais ou como alimento. Os diários e relatos eram documentos que se queriam objetivos e escritos numa linguagem simples, pois os seus destinatários eram também eles homens simples, muitas vezes com um grau de escolaridade muito reduzido ou inexistente. Como o próprio nome indica, os diários eram produzidos à medida que a viagem avançava, não sendo viável fazer descrições muito morosas do que era visto, pois muitas vezes não havia tempo para fazer as observações pormenorizadamente. Apesar disso, como vimos, vários são os exemplos de descrições que contêm informação biológica relevante não só para os estudos de história, mas que também poderia ser utilizada para estudos de biologia atuais, nomeadamente de comparação da distribuição de várias espécies ao longo dos séculos.

Mesmo nestes casos onde existem descrições mais detalhadas sobre os animais, não foi encontrada nenhuma imagem nos documentos analisados que pudesse complementar a informação dada pelos pilotos. As únicas imagens que estes diários contêm, e mesmo assim raras, são relativas a perfis de costa, como anteriormente já foi analisado. Mesmo sem grandes aptidões para o desenho, um perfil de costa é mais simples de representar que as diferenças ténues que por vezes existiam nas espécies observadas, essencialmente as aves, e que os pilotos queriam enfatizar. Poderá também ser por esta razão que as imagens dos animais observados são ausentes destes documentos.

⁵³⁰ Pereira, G. (1898), *Roteiro navegação da carreira da India feito por Aleixo da Mota Piloto della segundo o que experimentou em trinta e cinco anos que há que navega pela dita carreira para a India aonde tem feito seis viagens de piloto*, 1576, p.105.

5.6 – Animais Monstruosos

Sereias, unicórnios e uma panóplia de monstros marinhos continuam a ser fonte de inspiração de histórias para todas as idades, levando a pensar que em algum momento da nossa história possam ter mesmo existido. Estas figuras lendárias habitavam já o imaginário dos muitos que integraram as tripulações das grandes viagens que tiveram lugar a partir de quinhentos, pelo que seria de esperar que os diários e os relatos dessas mesmas viagens pudessem espelhar um pouco desse imaginário. Mas ao contrário do que se pensou inicialmente, os relatos referentes a animais monstruosos não são frequentes nos diários de bordo destas viagens. Pode-se mesmo dizer que são quase inexistentes. Tratando-se da recolha de informação clara e precisa, só em casos pontuais e excepcionais poderia existir alguma referência a seres monstruosos nestes relatos. Aqui é frequente que o termo monstruoso se referira a algo de grandes dimensões e não necessariamente a algo disforme e tenebroso. Até ao momento, a única referência encontrada que se possa categorizar como referente à observação de algo monstruoso foi feita por Pedro Lopes de Sousa na sua viagem pela costa do Brasil:

*“(...) e defronte da ilha da restinga, indo ao longo da terra, **demós n’hum peixe com o bergantim, que parecia que dava em seco, e virou o rabo, e quebrou a metade da postiga: foi tam gram pancada que ficámos todos como pasmados: nam lhe vimos mais que o rabo: mas á soma, que depois fez na agua, parecia um gram peixe.**”*⁵³¹

Pedro Lopes de Sousa relata o encontro com um grande peixe que não conseguiram perceber bem o que seria. Mas não o trata como monstro, referindo-se por duas vezes ao animal como sendo um peixe que não conseguiram identificar. Este peixe teria batido com a cauda na embarcação onde seguiam, tendo partido ao meio a postiga do bergantim, tal a violência do embate. Este episódio, aqui abordado de forma relativamente simples, mostra como eram a maioria das observações de animais marinhos. Por todos os constrangimentos inerentes ao meio água, normalmente só uma parte do animal era observada e por pouco tempo, fazendo com que se tivesse de fazer uma reconstrução mental do que poderia ser. A sombra subaquática do animal, que costuma ser distorcida e de maiores dimensões, devido à rápida deslocação destes animais, é outro dos fatores que pode contribuir para a imaginação de criaturas fantásticas e monstruosas a habitar o oceano profundo e desconhecido. Pelas histórias e imagens de monstros marinhos que chegaram aos nossos dias, a expectativa era que estes documentos, testemunhos reais de quem tinha a experiência da navegação e observação, espelhassem um pouco esse imaginário. Mas não é isso que acontece. Pelo contrário, os relatos das observações de animais marinhos, mesmo que de

⁵³¹ Sousa, P. L. (1867), p.60.

grandes baleias se tratassem, eram feitos com muita naturalidade. E este é um aspeto muito importante para a historiografia da época das viagens dos Descobrimentos. Os monstros, entendidos como seres míticos ou quase sobrenaturais, são referidos maioritariamente em literatura de gabinete, de quem não viajava e queria aumentar a espetacularidade de uma descoberta, de uma viagem ou de um naufrágio. E com isso aumentar a atenção do seu público-alvo ou mesmo as vendas de livros. Por estes testemunhos é possível verificar que quem viajava, quem tinha a difícil tarefa de levar as naus repletas de carga e pessoas de Portugal para a Índia e nos torna-viagens posteriores, não falava de monstros. Não observava monstros. Quando esse termo era utilizado, era no sentido de dimensão, um animal muito grande e não algo temeroso e ameaçador. Tendo em conta estes dados, navegariam estes pilotos sempre atormentados e aterrorizados com a hipótese de encontrarem um terrível monstro marinho? É possível que esse medo existisse na imaginação de alguns marinheiros menos experientes, mas a maioria dos relatos mostra que a experiência dos pilotos lhes permitia observar os animais marinhos que já lhes eram familiares sem grandes receios.

Por o que foi analisado até então, é possível observar algumas diferenças nas descrições efetuadas nos chamados diários de bordo, quando comparadas com os roteiros de viagens. Se nos primeiros o registo era feito no momento, normalmente pelos pilotos que iam ao comando das embarcações, nos últimos já se consegue perceber uma descrição mais pormenorizada de alguns elementos. Se bem que ambos eram da autoria de pilotos, no caso dos roteiros, estes funcionavam como uma compilação do saber acumulado, onde os pilotos registavam não só informação resultante da sua experiência, como também o saber acumulado por outros colegas ao longo das várias viagens realizadas. Mas nas mesmas viagens, pessoas com funções e responsabilidades diferentes, com níveis de literacia opostos e com um olhar mais ou menos atento, descreviam necessariamente de forma diferente aquilo que observavam, pelo que são também uma importante fonte de análise.

6 – Relatos Posteriores: Viagens Atribuladas

6.1 – Descrições nos *Comentarios* de Silva Y Figueroa

Num registo diferente do até aqui analisado, um documento merecedor de destaque pela informação acerca de elementos naturais nele contido, é da autoria de D. Garcia de Silva Y Figueroa. Este homem foi nomeado embaixador espanhol por Felipe III de Espanha, II de Portugal e enviado em missão à Pérsia entre 1612 e 1624, para avaliar as relações do reino com esta região.⁵³² Nesta sua missão onde ia embarcado como passageiro, escreveu um manuscrito muito extenso, onde abordou vários aspetos relacionados com a sua viagem, nomeadamente as viagens marítimas de Lisboa a Goa e o seu regresso ao reino – os “*Comentarios*”, publicado tardiamente em Madrid em 1903-05.⁵³³ Apesar de não se tratar de um autor português, Silva Y Figueroa embarcou numa armada portuguesa que tinha como piloto-mor Gaspar Ferreira, experiente piloto e autor de vários diários já aqui analisados. Durante a viagem foi fazendo a descrição de vários elementos naturais que observava, assim como várias considerações e críticas aos pilotos e marinheiros portugueses. Silva Y Figueroa era um passageiro culto, sem preocupações de navegação ou indicações do que tivesse de registar, que via assim a natureza com outros olhos e outros objetivos. É notória a diferença na linguagem utilizada nos relatos, fruto não só da sua curiosidade e interesse, mas também da sua educação. Estes “*Comentarios*” constituem um repositório muito vasto sobre as regiões por onde passou, as relações entre Portugal e a Pérsia, o mundo visto pelo olhar atento deste culto homem, que alternava entre geógrafo, naturalista, etnógrafo ou historiador, registando tudo o que lhe parecia novidade ou digno de atenção.⁵³⁴ É essencialmente sobre o seu olhar naturalista que nos vamos dedicar e sobre as suas referências e descrições dos elementos naturais

⁵³² Loureiro, R. M. (2011), *The Indian journeys of a Spanish ambassador: Don García de Silva y Figueroa and his Comentarios (1614-1624)*, p.51.

⁵³³ Loureiro, R. M. (2011) p.56.

⁵³⁴ Loureiro, R. M. (2011), p.56.

observados durante as viagens marítimas Lisboa-Goa-Lisboa, que correspondem aos livros I e VIII, respetivamente, da extensa obra. No entanto, não podemos descurar a opinião do autor acerca dos comportamentos e opções do piloto, assim como acerca dos instrumentos náuticos que eram utilizados a bordo, que são uma constante nestes relatos, o que nos ajudará na análise de todos os relatos referidos até então.

Relativamente à presença dos elementos naturais nos comentários de Silva Y Figueroa, tal como nos documentos atrás analisados, nas viagens de ida e volta são referidas aves, peixes e mamíferos marinhos, a maioria das vezes acompanhadas de verdadeiras descrições biológicas destes elementos. Logo nas imediações da Ilha de Porto Santo são referidos uns pássaros que seriam desta ilha ou da costa de Marrocos:

“paxarillos pardos, del color y tamaño casi de gorriones, el uno dos quales se entro en la varanda adonde el Embaxador estaua hablando (...) estos paxaros ó eran de la costa mas cercana de Berueria ó de la isla de Puerto Sancto...”⁵³⁵

Apesar de não ter preocupações com a navegação, este autor refere a origem destes pássaros como sendo em terra, sendo por isso considerado um sinal de localização e de proximidade a determinado local. O discurso não é feito na primeira pessoa, frequente várias vezes ao longo do texto, onde se percebe que o pássaro em questão teria entrado na varanda onde o próprio Silva e Figueroa se encontrava.

Também são descritos os pássaros existentes na Ilha da Trindade, não só pela sua característica localizadora, mas principalmente por servirem de alimento, fazendo uma comparação com os que eram conhecidos por toda a Europa:

“...la isla de la Trinidad. (...) com innumerables pajaros que facilmente se dejan tomar á manos sin espantarse, muy diferentes en pluma y forma de los que ay en europa, grandes y pequeños, y muchos de ellos de bueno y apaçible gusto.”⁵³⁶

Embora não refira nomes, o que não permite identificar a que espécies se estava a referir, Silva Y Figueroa indica que havia pássaros de diferentes tamanhos e cores, em grande número, e que eram diferentes daqueles que se conheciam na Europa. Alguns deles seriam também apreciados na alimentação, o que era facilitado pela simplicidade com que se deixavam capturar à mão.

⁵³⁵ Figueroa, G. S. (1903-1905a), *Comentarios de D. Garcia de Silva y Figueroa de la embajada que parte del rey de España Don Felipe III, hizo al Rey Xa Abas de Persia*, Tomo I, p.4.

⁵³⁶ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.21.

Para a costa da Guiné, os corvos marinhos são descritos com grande precisão, recorrendo à comparação com os que se conhecia na costa espanhola, sendo considerados também um sinal de localização daquela paragem:

*“Andauam cerca de la nao bolando y nadando **muchos cueruos marinos** y llegando algunas vezes á 30 y 40 pasos de la nao **pareçian tan pequeños y menores que las cornejas ó cueruas de España, pero realmente eran mucho mayores (...). Era de la grandeza de los mayores cueruos de España, el color no tan negro, sino qye tiraua algo á pardo, el cuello y cabeça del mesmo tamaño y el pico no tan grueso por junto á la cabeça pero más ecorbado y grueso de la punta, las çancas como lo demas cueruos, y en los pies, que tambien eran negros, aquellas membranas entre los dedos que tienen los patos y las demas aves de agua, com uñas muy subtilies y rapantes (...)** estos cueruos **pareçen muy de ordinario en este parage desde 20 grados de altura, cerca de las naos, çabullendpse para pescar debaxo del agua, dandoles la prouida Naturaleza pico y vñas á proposito para su conseruaçiun.**”⁵³⁷*

Embora observados à distância da nau parecessem mais pequenos que os encontrados em Espanha, os corvos-marinhos da costa da Guiné eram muito maiores, com diferenças também na coloração das penas, no bico e nas patas. Silva Y Figueroa refere também que estas aves costumavam mergulhar para caçar, pelo que eram providos de características anatómicas que possibilitavam a pesca debaixo de água. Estes corvos acompanhavam a nau desde que passaram o Arquipélago de Cabo Verde, acompanhados por outras, a que os marinheiros chamavam feijões:

*“Andauam com ellos **otros paxaros de la grandeza de tortolas, de muy hermosa vista, pintadas de blanco y pardo, á quien los marineros llaman feyjones por tener las mesmas pintas que una espeçie de hauas de que se haçe matalotage entre las demas legunbres y tienen este nombre.**”⁵³⁸*

Segundo Silva Y Figueroa, a explicação para o nome destas aves era por comparação com a coloração de uma espécie de leguminosa do mesmo nome. Tal como verificámos para vários diários já analisados, os alcatrazes eram um elemento referido várias vezes como sinal de localização da costa africana. Silva Y Figueroa estava atento a este facto, não deixando de referir como muitos o consideravam sinal de proximidade à costa oeste africana:

⁵³⁷ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.32.

⁵³⁸ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.34.

“...y auiendose visto un alcatraz, juzgaron muchos y ansi lo afirmuam que estauamos mas çerca de la costa de Africa ó Ethiopia austral que de la continente del Brasil.”⁵³⁹

É interessante verificar que Silva Y Figueroa não refere a crença neste sinal de localização na primeira pessoa, como anteriormente já tinha feito, referindo que esta afirmação tinha partido de muitos dos que tinham visto o pássaro e se faziam assim mais próximo da costa de África que da do Brasil.

Numa outra referência a corvos marinhos que se encontravam a pescar, faz uma extensa descrição da sua anatomia, com recurso à comparação com gansos e aves de rapina. Indica uma outra função que ainda não tinha sido mencionada aquando da referência a elementos naturais marinhos, que era a utilização da plumagem das aves como aquecimento da tripulação:

“Dizen los honbres de mar (...) y en su lengua portuguesa los llaman **coruos taxugas** (...) y queda despues de auerle **quitado la pluma com una laca muy espessa y blanda que aprouecha para resolver frialdades y para qualquiera outro fomento, y ansi la guardan los marineros com mucho cuydado.**”⁵⁴⁰

Nesta passagem, Silva Y Figueroa refere que eram os marinheiros portugueses que retiravam as penas às “*corvas texugas*” e que estas penas eram guardadas para serem utilizadas para aquecimento quando necessário. Esta é uma função para a qual não encontrámos referências nos relatos dos pilotos analisados, mas que também era muito importante durante os longos meses no mar. Por aqui é possível ver a importância da análise de relatos de pessoas que vivenciaram a mesma experiência de viagem que os pilotos portugueses, mas tinham um nível de instrução completamente diferente. Outro fator muito importante que influenciava esta diferença nas descrições era a não existência de qualquer tipo de obrigação ou ocupação durante a viagem por parte de quem as fazia, nem preocupações com a árdua tarefa de navegar. Estas condicionantes permitiram que observassem a natureza com outros olhos e que registassem tudo com mais pormenor.

Quando pensavam ter dobrado o cabo da Boa Esperança, debaixo de um temporal, começaram a aparecer uma série de pássaros que eram considerados pela tripulação como sinais certos deste local, induzindo o piloto em erro na sua localização:

“Con todo **este tenporal y gran çerraçion, bolauan y nadauan çerca de la nao mucha cantidade de paxaros, los mas dellos pequeños y**

⁵³⁹ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.36.

⁵⁴⁰ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.36.

de aquellos pintados de blanco y pardo, aunque estos de aqui eran algo mayores, como palomas grandes.(...) Vianse en este dia mas diferencias de paxaros, y algunos tan pequeños como tordos, aunque muy blancos, y ansi mesmo de los cuervos que se na ya nombrado, mayores y menores, com que el Piloto y otros muchos se persuadian estar ya çerca de tierra, mayormente auiendo visto dos grandes paxaros de la grandeza de çisnes muy blancos con las medias alas negras, que fueron tenidos por aquellos tan conoçidos y notados á que los marineros llaman mangas de velludo, los quales son çierta y verdadara señal de auer doblado el Cabo ó estar ya con el.⁵⁴¹

Silva Y Figueroa faz a descrição de vários pássaros encontrados, sendo as características descritivas mais utilizadas referentes ao tamanho e à coloração dos mesmos, comparando-os também com outras aves conhecidas, como pombas ou tordos. Quanto à sua utilização como sinais indicadores da proximidade de terra, Figueroa refere que as aves observadas foram identificadas pelos marinheiros portugueses como sendo mangas de veludo. O autor considerava que as mangas de veludo eram sinais certos da proximidade do cabo, desconfiando no entanto que os pássaros observados fossem realmente esta espécie, o que poderia induzir em erro na localização.

Mais uma vez fica patente a importância da análise de um relato paralelo aos efetuados pelos pilotos, que mostra um outro ponto de vista e que alerta para os erros que podiam ser cometidos relativamente à identificação dos elementos naturais observados. Verifica-se também que, quanto mais contacto tivesse com o elemento descrito, mais detalhada era a descrição feita por Silva Y Figueroa, como no caso das aves que eram capturadas para consumo. O facto de serem capturadas, permitia que pudessem ser observadas durante mais tempo e assim fazer uma descrição mais pormenorizada das mesmas:

“...se pusiesen en el agua muchos paxaros çerca de la nao y se pescasen algunos, se tomo uno en una cuerda, mostruoso de grande. Era por la mayor parte blanco, con algunas plumas negras en las alas, su hechura era como la de los cuervos negros grandes, sino que este eta mucho mayor, del tamaño de una abutarda, pero mucho mas cortos çancos y cuello; de mayores alas y plumas menores, aunque tan estendidas que de la una punta á la outra tenia 18 palmos; el pico entre blanco y amarillo, con alguna mezcla de verde; fortíssimo, grueso y encoruado á la punta, de mas de medio pie de largo; los çancos cortos como pato, con sus pies de membranas sigun las demas aues de agua, con grandes y agudas uñas; comenlos los marineros porque estan muy

⁵⁴¹ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.41.

gordos, desollandolos primero, quedando el cuero despues de quitadas las plumas, grueso y rezio, con una lana tan blanca, blanda y espessa que parece felpa, y aprouecha para las mesmas enfermedades como el de los cueros negros, sigun ya se a dicho.⁵⁴²

Por esta descrição podemos também confirmar o que já havia sido referido para os animais considerados monstruosos. A maioria das vezes essa classificação era devida à dimensão do animal, como no caso desta ave que era “*monstruosa de grande*”. Silva Y Figueroa faz uma extensa e detalhada descrição da ave capturada, referindo a sua coloração, dimensão e várias características da sua anatomia, recorrendo várias vezes à comparação com outras aves com que estava mais familiarizado. No entanto, nunca refere o nome pela qual a conheciam, ao contrário do que acontecia nas descrições dos pilotos, que frequentemente referiam os nomes dos elementos avistados.

Já no Índico e após passarem Madagáscar, os baixios eram muito frequentes e a atenção na navegação deveria ser redobrada, atendendo não só à localização dada pelos instrumentos a bordo, como também pela observação complementar dos chamados sinais de terra:

“Mas nuestro piloto mayor con mejor suerte, sigun su parecer, nauegaba ya por entre estos baxos si nuer alguna señal dellos, sino paxaros, entre los quales auia unos muy blancos, de la grandeza de milanos, com unas colas muy angostas y de media braça ó mas de largo, y por esta causa los llaman los marineros colas de junco; buelan muy alto y jamas cerca del agua como todas las demas espeçies de aues que hasta aqui se auian visto.⁵⁴³

Figueroa refere que, segundo o parecer do piloto, já se encontravam a navegar sobre os baixios daquela zona, mesmo sem os ver. O único sinal dos mesmos e a quem o piloto confiava a sua sorte seriam os rabos de junco que descreve, incluindo também referências sobre o comportamento de voo destas aves. Mais uma vez o nome que identifica a ave avistada, seria aquele que os marinheiros conheciam. Como acontece para outros documentos, Silva Y Figueroa não refere só aves nestes seus comentários, com os peixes a serem um elemento também frequentemente descrito ao longo da viagem e que serviriam tanto de sinais de localização como de alimento.

Voltando ao início da viagem, na zona compreendida entre os arquipélagos das Canárias e de Cabo Verde, bonitos e cachorras são referidos como alimento:

“Hasta aqui no auia paresçido, despues que las naues salieron de Lisboa, ningun pescado, y este dia se começo á uer y saltar sobre el agua,

⁵⁴² Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.53.

⁵⁴³ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.82.

*y se tomaron desde la nao con cuerdas algunos bonitos y cachoras, que
ansi les nonbran los marineros; son los mayores de la grandeza de saualos
y los menores como truchas.*⁵⁴⁴

Os peixes foram capturados pelos marinheiros com cordas quando começaram a saltar sobre a água. Mais uma vez, recorre aos marinheiros para identificar o nome dos peixes capturados. Mais tarde, refere também tubarões como sinais das ilhas da costa da Guiné:

*“...en este ultimo dia referido en calma, começando á parecer,
como çierta señal della, por la estera de la naue, **algunos tiburones,**
hallandonos ya conoçidamente en el paraje de la costa de Guine...”*⁵⁴⁵

Neste caso Figueroa indica que os tubarões que apareceram na esteira da nau seriam os sinais certos de terra, falando na primeira pessoa, ao contrário do que anteriormente tinha feito para outros elementos também tidos como sinais. De entre os peixes observados, diferentes espécies de tubarões ocupam um lugar de destaque nestes comentários, sendo frequentes e extensas as descrições destes animais, com detalhes referentes à sua biologia e comportamento, muito importantes para a aquisição de conhecimento acerca da nova fauna distante. Dados referentes à sua dimensão, semelhança, agressividade, tipo de alimentação ou modo como eram pescados são descritos com muito pormenor ao longo desta viagem, muitas das vezes com recurso à comparação com o que era já conhecido dos espanhóis. Alguns dos tubarões eram acompanhados por rémoras, cujo comportamento é descrito detalhadamente pela admiração que causava:⁵⁴⁶

*“Una cosa es muy digna de considerar en este pescado y de grande
admiraçion, y es que persiguiendo ellos y comendo los otros pescadillos
menores, **andan sobre ellos por todas las partes de su cuerpo,**
particularmente sobre la cabeça y pinas cercanas á ella, dos géneros de
peçezillos, unos muy blancos, del tamaño de sardinas, y otros algo
mayores pintados de pardo y blanco, los quales jamas se apartan de los
tiburones, nadando muy çerca y en derecho de ellos, y mas de ordinario
sobre las cabeças, sin desviarse á una parte ó á outra, ansi por su
siguridad, no pudiendo los tiburones pescallos, y tambien porque se
mantienen de los pedaçosillos menudos y casi insensibles de lo que ellos
despedaçon y comen, no paresçiendo de outra manera estos pescadillos
ni jamas el tiburon sin ellos, viniendo sempre en su companhia y sobre
cada uno quatro y seis y mas de ellos. La gente de mar les llama romeros
á los pintados, adquiriendo los blancos tanbien este nonbre, pero los*

⁵⁴⁴ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.8.

⁵⁴⁵ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.9.

⁵⁴⁶ Para comparação, consultar página 106 deste trabalho

mayores [son] de tan sutil y excelente gusto que pueden tener el primer lugar entre todos los que el agua salada y la dulce produce.⁵⁴⁷

Nesta descrição admirável das rémoras, conseguimos obter muita informação de carácter biológico relativamente à coloração, ao comportamento, às relações interespecíficas ou à alimentação. Ao mesmo tempo, temos informação sobre a sua utilização como alimento para as tripulações, sendo as rémoras consideradas pelo autor como os melhores peixes de água doce ou salgada relativamente ao sabor. Silva Y Figueroa mostrava grande admiração ao ver estes peixes e o modo como se associavam aos tubarões, fixando-se sempre em locais onde estes não as pudessem atacar. No seu discurso dá a entender que era a primeira vez que observava estes peixes, aos quais “a gente do mar” chamava rémoras. Não foram encontradas descrições com este pormenor feitas por nenhum piloto nos diários das viagens analisados. Não observavam estes pilotos os mesmo elementos que os passageiros embarcados? Certamente que sim. Mas para o piloto o que interessava reter de episódios deste tipo é que tinham sido observados tubarões e eventualmente rémoras. Todos os aspetos biológicos e comportamentais não trariam uma mais-valia ao bom seguimento da viagem, pelo que não interessava registar. Nem poderia desperdiçar tempo a observar ao pormenor estes elementos, pois a sua função primordial de piloto era a de navegar de forma mais segura e eficaz e estar atento ao que pudesse colocar em perigo a embarcação onde seguiam. Apesar destas diferenças de função, não é de mais reforçar que Figueroa era um observador pouco comum, um homem erudito, letrado, curioso, com uma grande coleção de livros a bordo e com tempo livre, características que lhe permitiram fazer as observações atentamente e posteriores registos muito detalhados e extensos, que agora se analisam. Mesmo tendo em conta todas as características do observador anteriormente referidas, é curioso verificar uma descrição tão pormenorizada de elementos que passam todo o seu ciclo de vida dentro de água, sendo por isso a sua observação dificultada.

Por vezes algumas espécies apareciam em locais onde não eram tão comuns e Silva Y Figueroa aproveitava a descrição destes animais para acrescentar alguma informação adicional, fazendo-se valer dos seus conhecimentos acerca de viagens anteriores:

“...estos pescados grandes que ellos tienen por tiburones, son los que en la costa de España y en otras del mar Mediterraneo llaman marrajos, animales feroçissimos y mayores que los tiburones, com la cabeça mas larga y hoçico muy agudo y sin comparación mas disforme, boca con dos ó tres ordenes de mayores y agudos dientes. Estos pocas ó ningunas vezes parecen en alto mar de este grande Ocçeano, sino en la costa de la India ó de las islas á ella vezinas, particularmente en Moçanbique, adonde muy de ordinario hacen daño lleuando piernas y

⁵⁴⁷ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.10.

*braços á muchos que entran á lauarse en el mar, siendo lo mismo en la India y otras islas. El tiburon, cuya propiá naturaleza es andar sienpre en mar alto, no parece cerca de tierra, y sigun la mucha esperiençia que se tiene del tantos viages á la India Oriental y Ocçidental...”*⁵⁴⁸

Os tubarões pertencem ao grupo taxonómico dos peixes cartilagíneos, que engloba espécies tão diferentes como a pata-roxa ou o grande tubarão-baleia. Neste caso Silva Y Figueroa diferencia os “marrajos” observados dos verdadeiros tubarões, sendo que atualmente o nome comum de tubarão-maracho ou anequim designa uma espécie conhecida. Os tubarões são descritos como animais que andavam em alto mar e mais calmos que até se poderia mergulhar perto deles sem perigo, pois eram os próprios animais que se afastam dos homens, de quem eram amigos. Pelo contrário, os marrachos eram muito ferozes e raramente apareciam em alto mar, sendo por isso considerados um sinal de proximidade de terra. Que ninguém estivesse na água juntamente com um animal destes, pois poderiam ficar sem braços ou pernas devido ao ataque destes peixes.

Mais tarde volta a referir os marrachos no seu relato, utilizando um discurso como se ainda não tivesse falado neles, apesar de indicar que já os tinha referido anteriormente:

*“...un muy gran tiburon diferente de los que hasta alli se auian visto (...) se conoçio no ser tiburon claramente, porque era sin conparaçion mucho mayor y al parecer de diez á doze pies, la cabeça no redonda y rroma como los tiburones, sino mucho mas larga, com el hoçico ó muso muy grande y agudo, y las pinas ó alas de junto á la cabeça y lomo mucho mayores, com que se acabo de conoçer que no era tiburon, sino de aquellos pescados feroçissimos que en Italia y España llaman marrajos, de que atras se a hecho particular mençion.(...) De auerse visto aqui este pescado se infirio quan cerca teniamos la costa del Brasil, contra la opinión del Piloto mayor, que tenia por çierto estar muy engolfado y lexos de tierra...”*⁵⁴⁹

Ao descrever os marrachos, Figueroa recorre frequentemente à comparação com os que chamava de verdadeiros tubarões, voltando a referir o nome pelo qual eram conhecidos em Itália e em Espanha. Por terem observado os marrachos naquele local, questionaram a proximidade a que estariam da costa do Brasil, contrariamente à opinião do piloto-mor que se julgava distante de terra. Este comentário é interessante, não só pela informação biológica que contém, mas também porque fica já patente a divergência de opinião que Silva Y Figueroa tinha em relação aos pilotos e marinheiros em geral, mas que abordaremos mais à frente neste trabalho. Após passarem a Terra

⁵⁴⁸ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.16. Aqui são considerados *marrajos* os anequins ou tubarão-mako.

⁵⁴⁹ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.35.

do Natal, são descritas as tintureiras, uma outra espécie de tubarão existente naquelas águas, mostrando que o facto de estarem a observar atentamente os exemplares durante mais tempo, principalmente após os capturarem, permitia que a descrição fosse mais completa e mais próxima do que se espera de uma descrição biológica:

*“Este dia pareço por estribordo, muy çerca del costado de la nao, un gran marrajo, á que los marineros llaman tintorera, que al prinçipio se creyo fuese **tiburón** (...). El marrajo que aqui se uio agora era sin conparaçion **mucho mayor que los tiburones que en todo el viagem atras se auian hallado, y andaua tan siguro y poco recatado que auriendose prendido dos vezes en un grueso anzuelo que unos grumetes tenian en una rezia cuerda (...) mas de veinte honbres lo subieron al conues de la nao, á donde com una hacha lo mataron. Y midiendose **tenia com la espina de la cola mas de diez pies de largo y dos de grueso; diferençiaua de los tiburones, demas de la grandeza, en tener la cabeça mas larga e prolongada, com un gran muso ó hoçoco muy afuera, e en la gran boca dos ordenes de mayores dientes, aunque estos no eran tan grandes, ni conforme á su feroçidad, ni al aefcto que com ellos hazen despedaçando com tanta presteza y violencia los braços y piernas de los honbres; la gente de mar, que uenia com deseo de pescado, lo comieron todo, fuera de la cabeça...**”**⁵⁵⁰*

Apesar de tintureiras e marrachos serem nomes comuns atribuídos atualmente a espécies de turabão conhecidas, nesta época era feita a distinção entre estas e os verdadeiros tubarões, pois o sistema de classificação taxonómica que conhecemos data do século XVIII. Nesta análise considerou-se que os nomes comuns utilizados na época se mantiveram inalterados aos dias de hoje, não sendo, para este estudo em particular, uma informação muito relevante. No entanto, caso se estivesse a efetuar algum estudo de história ambiental ou de comparação de espécies existentes em épocas distintas, a evolução destes nomes teria de ser bem estudada, sob pena de se cometerem erros grosseiros na análise. Para além das informações de carácter biológico que se conseguem retirar desta referência, mais uma vez fica patente a função utilitária destes animais, neste caso como alimento apreciado por estes homens. O embaixador mostra por estes relatos a sua cultura e conhecimento sobre o que se podia encontrar noutros locais, referindo as diferenças, por vezes muito ténues, entre o que conhecia e o que observava. Mais uma vez refere que o nome comum do tubarão que tinham observado era atribuído pelos marinheiros, como já tinha acontecido noutras passagens.

Aves e peixes de grandes dimensões eram referidos, mas igualmente ricas em informação deste cariz são as referências a mamíferos marinhos como golfinhos,

⁵⁵⁰ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.78.

baleias ou lobos-marinhos. Passando perto da costa do Brasil, Figueroa faz uma referência interessante a golfinhos como indicadores meteorológicos, comparando a observação feita com o que sabia acontecer no Mediterrâneo:

*“Auia ya algunos dias que nos auian dejado los tiburones, y aqui boluieron á parecer **cantidad dellos y grandes manadas de delphines, que con ser ordinario uerse en el Mediterraneo quando quiere venir alguna tormenta, en este Ocçeano pareçieron sempre que auia de sobreuenir calma; si esta no fuese ya outra espeçie, con poca diferençia, de los delphines, á quien la gente de mar llama toñinas, no distinguiendo casi los unos de los otros, y aunque se dezia que en otros viages se matauan algunos desde las naos, no suçedio en este ni se pudo bien ver su forma y grandeza, porque nunca se açercaron, quando menos á çien pasos de la nao, mas de uersele el lomo, qu’era muy negro, que lleuan fuera del agua, y á lo que en esta distançia dellos se podia juzgar eran mayores que los tiburones.**”*⁵⁵¹

Esta é a única referência feita a golfinhos durante esta viagem, mas da qual podemos retirar informação muito importante, não só em termos biológicos, mas também acerca do difícil processo que é a observação no mar. Silva Y Figueroa refere a presença de muitos golfinhos a acompanhar a nau, tal como sabia acontecer no Mediterrâneo em prognóstico de tempestade, com a diferença de que no Atlântico surgiam a anunciar tempo calmo. Por essa razão, considera que talvez estivessem na presença de uma espécie diferente, à qual os marinheiros chamavam toninhas, e daí fazerem uma “previsão” meteorológica diferente. Essa informação não poderia ser confirmada, pois os animais não se aproximavam muito da embarcação, só sendo possível observar os escuros dorsos que emergiam quando vinham respirar à superfície. No entanto, a fugaz observação que era feita, era suficiente para estimar o seu tamanho, sendo maiores que os tubarões que anteriormente acompanhavam a nau. O prognóstico de calma que a observação destes animais representava no Atlântico foi mais tarde confirmado:

*“A 25, se acabo del todo el Sur, y la mar quedó en calma con el mesmo calor de los dias atras, **dando verdadera muestra della los muchos delphines ó toñinas que se uian.**”*⁵⁵²

Independentemente de terem observado toninhas ou golfinhos, esta observação confirmava o bom tempo que se fazia sentir e a diferença já mencionada sobre o prognóstico meteorológico face ao Mediterrâneo. Em nenhum relato feito por pilotos das viagens que foram analisados, há a referência a mamíferos marinhos como

⁵⁵¹ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.25.

⁵⁵² Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.27.

indicador ou sinal meteorológico, como aconteceu com algumas das aves observadas, por exemplo.⁵⁵³

A ocorrência e observação de diferentes baleias desde que tinham chegado à costa da Guiné é referida, numa descrição onde as dimensões destes mamíferos são enfatizadas com recurso à comparação com a embarcação onde seguiam:

“A la tarde de este último dia paresçieron poco mas de á çien pasos de la naue, á la parte d’estribordo, dos grandes vallasas juntas, la mayor de las quales que era la que se uió más çerca, mostro ser de una grandeza increyble, porque teniendo del todo cubierta la cabeça debaxo del agua, se le uia á vezes mucha parte de su gran lomo y cuerpo superior, que lo tenia muy encorruado y prominente y quando llegaua á descubrir la espina ó ala que las vallasas tienen en medio como los demás pescados, se creia era las alas ó pinas de la cola, que á la uista serian de mas de una gran braça, pero començaua a uerse lo que restaua de aqueste prodigioso çethe, que era outro tanto y mas de lo que antes auia descubierto, sin llegar ni [á] versele la cola ni senñal della. Muchos juzgaron sigun lo que mostro y encubrio que era tan larga como nuestra naue, que demas de tener mil y quatroçientas toneladas, tenia tanbien desde el vaupres á la varanda dozientos pies largos; otros afirmauan que era mucho mayor. Aqueste mesmo dia por la mañana se auian visto á menos de treinta pasos de la nao otras tres ó quatro vallasas, sin otras muchas en los dias de atras desde que se llegó á la costa de Guinea, pero sin nunguna conparaçion menores que esta, aunque algunas descubriendo la cabeça lançauan por lo alto della hazia arriba dos gruesos golpes y caños de agua.”⁵⁵⁴

Nesta passagem, Silva Y Figueroa faz a descrição de dois episódios de observação de baleias distintos, referindo várias características da anatomia destes animais que lhe faziam crer tratarem-se de animais diferentes. Atualmente a zona da costa e golfo da Guiné é conhecida pela ocorrência de diferentes espécies de cetáceos, que utilizam a zona permanentemente ou nas suas rotas de migração características dos seus ciclos biológicos, como as grandes baleias-corcundas.⁵⁵⁵ E poderia ser a esta mesma espécie que o autor se referia na sua descrição da grande baleia observada que se aproximou mais da nau. Pelas características indicadas como a grande dimensão, dorso muito

⁵⁵³ Na página 125 deste trabalho, as referências 380 e 381 dizem respeito à observação de mamíferos marinhos por Gaspar Ferreira Reimão. Não se percebe concretamente se estes foram mencionados por serem considerados por este piloto sinais meteorológicos de tempo calmo ou se foi coincidência o tempo calmo que se verificava na altura em que foram observados os animais. Foram no entanto os relatos mais próximos do aqui efetuado por Silva Y Figueroa.

⁵⁵⁴ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.30.

⁵⁵⁵ Para mais informação acerca da ocorrência de cetáceos nesta região consultar os artigos Picanço *et al* (2009); Weir (2010) e Carvalho *et al* (2011).

encurvado e grandes barbatanas peitorais que se confundiam com a barbatana caudal, podia tratar-se de uma baleia-corcuda. Mais uma vez se alerta para o facto destas relações de espécies observadas antigamente com as que se conhecem hoje serem feitas com muito cuidado, pois a distribuição conhecida atualmente das espécies poderia não ser a mesma há séculos atrás ou espécies que nessa altura existiriam poderão já não ocorrer nos mesmos locais nos dias de hoje. As baleias mais pequenas que antes tinham aparecido seriam de uma outra espécie de baleia de barbas, já que todas elas têm em comum o “sopro duplo”. Um outro aspeto interessante neste relato é a inversão da ordem dos avistamentos, onde o autor só refere as baleias mais pequenas e que apareceram na manhã desse dia (fazendo também referência que já as vinham observando desde que chegaram à costa da Guiné) para as comparar com as grandes que observaram de tarde. Percebemos assim que estas observações eram mais frequentes de ocorrerem do que eram registadas, pelo que uma “não referência” não significava necessariamente uma “não presença”, o que é válido para todos os documentos analisados até aqui. Mais uma vez é curioso verificar que o espanto na referência e na descrição destes animais é devido essencialmente à sua dimensão; os adjetivos “grande”, “grandeza incrível” ou “muito maior” são frequentes, indicando que a monstruosidade que muitas vezes era referida não estava associada a algo diferente ou disforme e terrível, mas sim ao tamanho exagerado.

Os mamíferos marinhos que são referidos mais vezes nestes comentários, à semelhança do que verificámos para os restantes documentos analisados, são os lobos-marinhos existentes na zona do Cabo da Boa Esperança, tidos por isso como um sinal fidedigno de localização desta área. Nas imediações do Cabo das Agulhas, Silva Y Figueroa faz uma extensa descrição destes animais, recorrendo à comparação com o que existia noutros locais, com outras espécies ou mesmo referindo episódios passados em anos anteriores. Começa por referir um grande animal que foi observado e que muitos acharam não ser um lobo-marinho, mas um estranho monstro do mar:

*“A 10, dia de San Lorenzo, haziendose ya todos Norte Sur con el meridiano del **cabo de las Agujas**, pareçio por estribordo de la nao **un grande lobo marino**, el qual era de muy diferente forma y grandeza de los que ordinariamente se ueen en este parage. Todos los marineros dezian que no era lobo, sino algun extraño monturo del mar, viendole tan grande y levantado sobre el agua, pero el era próprio lobo marino de los de este Oççeano, á quien los latinos llaman vitulo ó buey marino. Este que aqui paresçio era de monstruosa grandeza y se mostraua muy derecho nadando, hasta descubrir los braços ó alas com que ronpia el agua, levantando sobre ella mas de media braça, con una gran cabeça y muy redonda, grandes y espantosos ojos, y al traues de la boca unos grandes y espesos pelos á manera de mostachos como los gatos monteses ó tigres. Finalmente, era este lobo marino de la mesma forma que ordinariamente*

se na visto mucho en todas ó las mas islas despobladas de Ocçeano en nuestras Indias Ocçidentales.⁵⁵⁶

O autor começa por referir que este lobo-marinho era diferente dos que frequentemente aqui ocorriam, razão pela qual os marinheiros achavam tratar-se de uma outra criatura marinha, um estranho monstro do mar, que não os “vítulos” ou bois-marinhos que os latinos conheciam nesta região. A referência à possibilidade de se tratar de um monstro marinho é atribuída aos marinheiros, não ao que ele próprio considerava. Nos relatos dos pilotos que foram analisados, como se verificou, não há a referência a seres monstruosos. No entanto é possível, como se vê por esta descrição, que alguns dos homens que iam a bordo tivessem esse receio aquando de algumas observações. Estes receios não ficavam registados nos diários que os pilotos redigiam, pois não acrescentavam nenhuma mais-valia aos mesmos.

Atualmente para esta região são conhecidos os lobos-marinhos do cabo (*Arctocephalus pusillus*, Schreber, 1775), podendo ser a esta espécie que se referem os autores destes documentos quando indicam ter observado estes animais.⁵⁵⁷ Continua a descrição referindo o modo de deslocação deste animal, assim como algumas características anatómicas comparáveis às que tinham os gatos monteses ou tigres, como os grandes bigodes que tinham, acabando por dizer que, embora fosse de uma dimensão não muito frequente nestas paragens, era comum encontrar semelhantes nas ilhas existentes nas Índias ocidentais (Caribe). Utiliza mais uma vez a palavra “monstruosa” para ilustrar a dimensão do animal observado e que conhecia de outras paragens, já que pela análise da descrição se pode comprovar que a mesma não tem nada de fantástico ou imaginativo. O “monstro” observado era-no só por ser grande, o que o tornava diferente dos demais conhecidos. Na continuação do relato, Figueroa mostra ter conhecimento do que os clássicos referiam – um observador instruído e letrado – assim como da fauna que era característica ocorrer em regiões tão distintas, continuando a descrição com referência aos animais existentes no Mediterrâneo.⁵⁵⁸

A principal diferença entre o animal observado por Silva Y Figueroa durante a viagem e os existentes no mediterrâneo seria o tamanho. No seu relato, para além dos latinos referidos anteriormente, menciona os italianos e os termos por eles utilizados para denominar estas espécies. Segundo a distribuição atualmente conhecida, no mediterrâneo ocorrem as focas-monge (*Monachus monachus*, Hermann, 1779), a mesma existente na Madeira. No entanto a referência aos termos “vitelo” ou “vitulo” pode ter alguma ligação à foca-comum (*Phoca vitulina*, Linnaeus, 1758), com uma distribuição atual nas costas do Atlântico norte, sendo que ambas as espécies pertencem à família das focas verdadeiras (*Phocidae*), mas só foram assim

⁵⁵⁶ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.59.

⁵⁵⁷ Reeves *et al* (2002), p.58-61.

⁵⁵⁸ A citação encontra-se em anexo, página 275.

consideradas já no século XVIII. Este grupo dos pinípedes apresenta uma grande variabilidade morfológica intraespecífica, dependendo da época reprodutiva ou mesmo do sexo dos indivíduos observados, pelo que animais pertencentes à mesma espécie podiam ser identificados por estes homens como sendo de espécies diferentes, como se percebe também por estes relatos.⁵⁵⁹

Reforça mais uma vez que os marinheiros tinham os lobos-marinhos por um sinal infalível da proximidade ao Cabo da Boa Esperança, mesmo quando já se encontravam nas suas imediações e estes animais tardavam em aparecer:

*“Y aunque apenas estauamos com el del **Cabo de Buena Esperança**, todos la tenian ya de que la nao se hallaua muy çerca del, pero sin aquellas dos indubitables y certíssimas señales que ellos tienen por infalibles, que son **manadas de lobos marinos de muy diferente espeçie del que se auia visto...**”*⁵⁶⁰

O discurso de Silva Y Figueroa continua com referência a episódios ocorridos em viagens de anos anteriores, onde a observação de animais de grande dimensão podia gerar alguma desorientação nos marinheiros face à localização real da nau. Isto acontecia quando confundiam os animais observados com os atuais hipopótamos existentes em alguns rios africanos.⁵⁶¹ Se alguns elementos poderia gerar confusão na localização, os lobos-marinhos avistados a sul do continente africano eram um farol preciso nessa mesma localização:

*“A 12, dia de Santa Clara, á las 8 de la mañana se uieron claramente **las çiertas señales del Parçel**, ansi de mangas de Veludo, **como lobos marinos...**”*⁵⁶²

Por este discurso percebe-se que não eram só os pilotos e os marinheiros que acreditavam nos elementos naturais como ajuda na localização em determinados locais. Também Silva Y Figueroa considerava, não só os lobos-marinhos observados, como as mangas de veludo, como sendo “*claramente sinais certos do Parcel*”.

Sendo um homem letrado e com muito conhecimento, muitas vezes duvidava das capacidades dos marinheiros em geral – e neste caso particular dos portugueses – referindo várias vezes a limitação da instrução destes homens. Apesar disto, Silva Y Figueroa dava crédito a algumas das observações feitas por estes marinheiros e às

⁵⁵⁹ Para mais informação sobre estas espécies, consultar Reeves *et al* (2002), páginas 118-121 e 150-153.

⁵⁶⁰ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.62.

⁵⁶¹ A citação referente a uma das situações que poderiam induzir em erro de identificação do animal observado encontra-se em anexo, página 275. Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.61.

⁵⁶² Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.63.

descrições que os mesmos faziam destes animais, que ele próprio acabava por confirmar *in situ*:

*“Estos animales que en tropas son tan çiertos en este Parçel, á que los marineros portugueses llaman lobos marinos, porque realmente no conoçen otros, se uieron este dia de la mayor parte de la gente de la nao, muy çerca della, como suelen parecer los delphines mucho juntos, mas de suerte que nadie pudo juzgar su forma y grandeza (...)”*⁵⁶³

Nesta descrição, o embaixador compara os lobos-marinhos observados junto à embarcação aos golfinhos e tubarões, pelo modo como surgiam todos juntos. Por estarem dentro de água, não permitiam ao observador ter a noção das dimensões destes animais. Só era possível ter a perceção da grandeza dos mesmos quando estes eram observados fora de água, observações que já tinham sido feitas pelos marinheiros mais experientes desta viagem. Na descrição destes animais compara-os também a cães e leões pela quantidade de pelo que os cobria, mantendo a cauda e barbatanas com semelhança à dos peixes.

Também a confiança na utilização destes animais como sinais precisos da zona do Cabo da Boa Esperança era confirmada pelos anos de experiência dos navegadores portugueses nesta rota, desde a viagem de Vasco da Gama, que Silva Y Figueroa menciona, mostrando ter conhecimento do relato desta mesma viagem. No entanto, mesmo passados tantos anos e várias viagens e torna-viagens depois, havia sempre alguma novidade, uma espécie nova ou um local ainda não mapeado onde espécies conhecidas podiam ocorrer. Estas ocorrências podiam confundir mesmo os pilotos mais experientes, como o era Gaspar Ferreira, piloto desta viagem:

*“Y aunque en el espacio de çiento y vinte años se a continuadi sienpre esta navegacion, no se halla que algun navio aya descubierto algunas isletas ó coronas de arena en este parage de los cabos, ni antes ó despues dellos, en que ayan visto estos lobos menores marinos, ni los mayores, aunque se puede por sin duda tener que ay algunas isletas y en ellas los unos lobos y los otros, pues no alargando-se ellos mucho de tierra se na visto aqui de los menores em todos los viages, y algunas vezes de los otros; solo don Vasco de Gama en el primer viagem que hizo (...) halló junto á la costa una isleta pequeña com muchos lobos marinos (...) hizo don Vasco da Gama carnage para el resto de su viagem, no estando hasta agora averiguado que espeçie de lobos fuese esta.”*⁵⁶⁴

⁵⁶³ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.64. A citação completa encontra-se em anexo, página 276 deste trabalho.

⁵⁶⁴ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.64. A citação que se encontra no diário da viagem de Vasco da Gama a que o autor se refere, encontra-se na página 134 deste trabalho, referência 405.

Silva Y Figueroa refere que em tanto tempo que já se fazia aquela rota de viagem, não havia referência a que alguém tivesse descoberto ilhas onde se observassem lobos-marinhos, fossem grandes ou pequenos. No entanto, no seu entender, estas ilhas deveriam existir, pois estes animais não se afastavam muito de terra e era frequente encontrá-los a grandes distâncias da costa. Só Vasco da Gama teria observado uma destas ilhas mais junto a costa, onde encontrou estes animais, não se sabendo no entanto se teriam sido os maiores ou os mais pequenos, que para Silva Y Figueroa seriam espécies diferentes. O embaixador encontra nas diferenças de clima e nas características dos mares a explicação para toda a diversidade de lobos-marinhos existentes, não só nos observados no decorrer da viagem, como para os que ele conhecia e sabia existirem noutras regiões do mundo. Não tem em consideração que essas diferenças seriam inerentes à própria espécie, ao sexo ou à idade do animal e à época do ano em que eram feitas as viagens, podendo-se observar mais juvenis numa viagem e noutras mais adultos:

*“Estos lobos que aqui se hallaron son los mayores y á quien llaman vitulos ó bueys marinos, (...) **pudiendo muy bien diferir unos de otros en la grandeza, conforme á los climas y diferencias de mares adonde se crían, como ordinariamente vemos y sucede en casi todas las especies de los animales terrestres.**”*⁵⁶⁵

Nesta sua explicação para as diferenças encontradas entre indivíduos e comparação com os animais terrestres, Silva Y Figueroa acaba por abordar uma limitação ainda atual de muitos estudos biológicos que têm como alvo espécies marinhas. Apesar das tecnologias cada vez mais avançadas, os indivíduos continuam a estar inacessíveis durante vários períodos do seu ciclo de vida e movimentos diários, limitando a informação recolhida sobre os mesmos.

As chamadas “imundices de terra” são também referidas esporadicamente nestes comentários. Não seria objetivo deste autor a descrição de algo que não tivesse o seu carácter de espetacularidade ou novidade, apesar destes elementos terem utilidade com sinais de terra para os pilotos:

*“con todo el frio, agua y obscuridade de este dia iuan todos los de la nao mirando com particular cuidado si se uian las **señales de tierra que parecían en los demas viages, y no se uiendo agora aquellas raíces sobre el agua, á que la gente de mar llaman tronbas, ni outras muestras, se desengañaron todos de quan al Oeste nos auíamos hallado de las islas de***

⁵⁶⁵ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.66.

Tristan de Acuña quando nuestro Piloto mayor creyo estar Norte Sur con ellas...⁵⁶⁶

É interessante verificar que, quando as condições de navegação não eram as melhores, a atenção na procura de sinais de terra era redobrada por todos. Figueroa refere que todos iam atentos para ver se encontravam alguns elementos considerados sinais de localização, em especial as trombas que os marinheiros sabiam ocorrer em outras viagens. Mais uma vez, o embaixador refere-se às trombas indicando que o nome pelo qual eram conhecidas era-lhes atribuído pelas “*gentes do mar*”. O facto deste e de outros sinais não aparecerem, criou um grande desapontamento entre aqueles que achavam estar mais perto das ilhas Tristão da Cunha, como o piloto. Por fim, alguns marinheiros observaram umas raízes que também eram consideradas sinais que todos procuravam:

*“...algunos marineros afirmauan auer visto aquellas maña[na] unas rraizes á que llaman mangas de breton que tambien eran de las señales que se deseauan...”*⁵⁶⁷

As raízes observadas, a que chamavam mangas de bretão, foram observadas e eram também uma das imundices que indicavam a proximidade de terra.

A chegada a Goa acontece no dia 14 de novembro de 1614, sendo a data de conclusão deste documento o dia 4 de fevereiro de 1615. Percebe-se por este intervalo de datas, que todo o detalhe e pormenor característico das descrições efetuadas neste tipo de documentos se deviam também ao tempo que os seus autores tinham para os redigir, ao contrário dos diários de bordo que eram elaborados dia-a-dia, no decorrer da viagem.

O torna-viagem de Silva Y Figueroa começa no final de 1620, num registo muito semelhante ao efetuado na viagem de ida, com os animais marinhos observados a serem descritos não só pela sua função utilitária como sinais ou como alimento, mas também pela sua espetacularidade. Ao contrário da maioria dos diários de bordo, as descrições de aves como sinais naturais de localização ou como alimento não são muito frequentes neste relato de Silva Y Figueroa, embora existam:

*“...diez grados Leste Oeste con **cabo Delgado** (...). Acudian de noche y á las tardes luego que se ponía el sol cantidad de **paxaros mayores y menores que alcatrazes**, que serian de la **forma entre gansos y lavancos**, aunque **los picos mas largos y agudos con una poca de buelta en la punta**.*

⁵⁶⁶ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.44.

⁵⁶⁷ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.54.

*Estos eran tan simples y sin rrecato que se venian á posar en la punta de la mezana (...) **dexauan tomar á manos de los grumetes...***”⁵⁶⁸

As aves observadas próximo do Cabo Delgado são comparadas a alcatrazes e gansos, deixando-se por vezes apanhar à mão. O embaixador não refere expressamente que eram consideradas sinais de localização do local onde passavam, nem o destino dado às aves capturadas, mas possivelmente serviriam para consumo da tripulação. Por vezes estes pássaros traziam consigo vários tipos de ervas, também elas consideradas por muitos como sinais de terra:

*“Vieronse algunos **alcatrazes y otros paxaros, com pedaços de palos menudos y yeruas, pero sin poderse hazer discurso çierto si estas señales fiesen de la isla de Juan da Noua, ó de la costa de la Cafreria, ó islas de San Lorenzo, ó de quales de estas costas estaríamos mas çerca.***”⁵⁶⁹

Neste caso a dúvida não era sobre se os pássaros e se as imundices seriam considerados sinais de localização, estava acente que o eram. A dúvida seria sobre a origem dos mesmos, se seriam originários da costa africana ou de algumas ilhas próximas.

De entre os peixes, os voadores, as palometas e os dourados, assim como os pargos e as pescadas são simplesmente referidos ou descritos com mais algum detalhe, principalmente pelo facto de serem pescados para consumo. Tal como o verificado nos relatos dos diários dos pilotos, também aqui há referência ao modo de captura do pescado:

*“...Leste Oeste con la çiudad de **melinde**; començavan ya los marineros á **matar con físgas algunos dorados pequeños** á quien comunmente llaman **palometas.***”⁵⁷⁰

Apesar de não ser expressamente referido, o mais provável é que o peixe capturado fosse para consumo próprio. Os peixes eram apanhados a partir da proa da embarcação, com recurso a físgas e, embora a maioria fossem mais pequenos, alguns deles tinham uma dimensão considerável.⁵⁷¹ A captura de peixe parecia ser diária, sendo que muitos dos peixes que apanhavam eram os maiores que até então haviam visto. A comparação com o que conhecia e existia em Espanha era também aqui

⁵⁶⁸ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.505.

⁵⁶⁹ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.519.

⁵⁷⁰ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.505.

⁵⁷¹ As citações referentes a estes episódios de pesca encontram-se transcritas em anexo, página 277.

referida, sendo que estes últimos eram sempre melhores que o que era observado no decorrer da viagem:

*“...en demanda del **cabo de las Agujas** y sobre fondo de 70 y 80 braças, **pescando** la gente de **mar muchos pargos y pescadas**, pero **estas, ni en la forma ni en la bondade del pescado semejantes á las de España.**”⁵⁷²*

Os pargos e as pescadas que eram pescados junto ao Cabo das Agulhas, mas não se comparavam aqueles que existiam nas águas espanholas. Os chamados marrachos, tubarões muito descritos na viagem de ida para Goa, aos quais os marinheiros portugueses chamavam tintureiras, são também aqui referidos num episódio ocorrido em perto de Moçambique:

*“...los tales **marrajos**, que como ya se a dicho los **marineros portugueses llaman tintoreras**, casi **de la mesma forma que los tiburones**, pero **mucho mayores y de mayor boca y dientes**. (...) Deizian que eran **macho y henbra** y que jamas se acordaua nadie auer visto semejantes pescados; **las cabeças eran rredondas, mayores que un gran fardo de arroz, y de grandissimas bocas**, de manera que podian tragar un carnero ó un hombre com los dientes, aunque **no mayores que los de los marrajos**, pero **de muchos ordenes desde el prinçipio de la boca hasta muy adentro de la garganta, siendo mientras mas interiores, menores**. La **grandeza del cuerpo no correspondia com la de la cabeça**, aunque **el menor dellos tenia doze pies de largo, siendo muy delgados en la cola**; el **cuerpo pintado de negro, amarillo y blanco**. **Otros dos** pescados semejantes á estos afirman los marineros de nuestra caravela que vieron muy çerca della viniendo de Ormuz á Goa, **junto al cabo de Moçandan**, aunque sigun les paresçio **mucho mayores y pintados** e las colores que tenian los que se mataran en Ormuz.”⁵⁷³*

Um marracho atacou uns soldados que estavam a tomar banho no mar, e Figueroa aproveitou o relato deste episódio para chamar a atenção para o facto destes animais se encontrarem mais perto de costa do que era normal. Estamos perante uma nova utilidade destas descrições, a de aviso e alerta para um perigo, sendo também possível perceber várias caraterísticas biológicas destes animais através destas referências. Apesar de serem animais frequentemente observados e descritos nesta obra, Silva Y Figueroa enfatiza sempre a ferocidade dos mesmos, recorrendo a muitos termos comparativos para fazer a sua descrição. Refere que estes marrachos ou tintureiras

⁵⁷² Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.616.

⁵⁷³ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.540.

seriam muito semelhantes aos tubarões, mas com uma dimensão maior e com muito mais dentes. Embora referindo que é possível que se tratasse de um macho e de uma fêmea, não dá indicação de qualquer característica que lhe permitisse fazer essa diferenciação.

Também aqueles elementos que nos poderiam parecer mais insignificantes durante a análise e que eram frequentemente referidos pelos pilotos das embarcações como sinais certos de terra têm lugar nestes comentários, embora em menor número:

*“...pareciendo por estribordo y **rilleros de agua** com mucha espuma, **yeruas y palos, señales de no estar lexos de tierra**, y que ésta creía el piloto que fuese de la costa de la isla de San Lorenzo (...) el Norte de los temidos y pelogrosos baxos de la India. Y luego se vieron las señales ciertas de tierra, e cañas, hojas de arboles y otros excrementos...”*⁵⁷⁴

Na descrição anterior, Silva Y Figueroa parece duvidar da proveniência das ervas e paus que observavam, que o piloto pensava ser da Ilha de S. Lourenço, confirmando no entanto que tinha estes sinais como indicadores certos de terra. O embaixador refere que a zona por onde estavam a passar, os Baixos da Índia, eram temidos e perigosos e por isso deveriam estar ainda mais atentos aos sinais que os podessem ajudar na sinalização desta zona. Os pequenos cachos que apareciam em grandes quantidades na água e as cascas de siba eram também considerados pelo embaixador uma clara demonstração da proximidade de terra:

*“...verse el agua del mar sin señal de parecer mas gruesa, á las 3 de la tarde se descubrieron por proa unos como **rraçimos blancos y amarillos em gran cantidad**, como los que se crían en lo alto de los carrizos ó canas del panizo, y **algunas cascarras ó conchas delgadas de xibia**, siendo lo uno y lo outro clara demostración de tierra...”*⁵⁷⁵

Apesar de já estarem na viagem de regresso ao reino, é aqui que encontramos a única referência à observação de cobras, um sinal que os pilotos tinham por tão característico do Oriente e que desejavam muito observar nas suas viagens até lá:

*“...començandose á ver **unos mariscos blancos y rredondos com unos pelos azules al derredor, como fluecos**, á que los marineros llaman **tostones** y los **tienen por señal de estar cerca de tierra**, y **ansi lo creyeron muchos, mayormente despues que á la tarde vieron una culebra por proa.**”*⁵⁷⁶

⁵⁷⁴ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.518.

⁵⁷⁵ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.553.

⁵⁷⁶ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.548.

Se relativamente a vários elementos anteriormente referidos, o embaixador confiava que eram sinais de proximidade de terra, não parecia acontecer o mesmo em relação aos tostões e à cobra observados. Este era um sinal no qual os marinheiros a bordo confiavam plenamente, confiança que era reforçada pela observação de cobras mais tarde. Se a presença dos elementos naturais considerados sinais de terra era referida, também a ausência destes mesmos sinais não passava despercebida a Silva Y Figueroa, tal como faziam alguns pilotos nos seus diários de bordo:

“...no viendose ni auriendose visto en más de nueue ó diez dias señales de tierra, persuadiendose todos que estauamos muy çerca de la costa de la India y casi ya con los isleos Quemados...”⁵⁷⁷

“...admirados todos, no solo de no ver tierra, pero ni señales algunas della...”⁵⁷⁸

Não eram só os pilotos que se espantavam por não observarem os elementos que tinham por sinais de localização. Sendo um homem bastante culto e com conhecimento de várias realidades, Silva Y Figueroa também mostrava o seu espanto por passar vários dias sem observar os sinais característicos de terra.

A chegada às imediações do Cabo da Boa Esperança era sempre um marco em todas as viagens e torna-viagens, pelo que as referências aos sinais que eram característicos desta zona não faltavam em praticamente nenhum documento analisado. Estes comentários não eram exceção e os lobos-marinhos são referidos como sinal desta região, sem no entanto estarem acompanhados de descrições mais elaboradas como aconteceu na viagem de ida para Goa:

“...sin saberse con pontualidad si se auia passado ó no el cabo de las Agujas, aunque se uian lobos marinos y mangas de veludo como se auian visto sienpre desde la aguada de San Blas.”⁵⁷⁹

Percebe-se que as observações de lobos-marinhos ajudavam o piloto na sua localização. Como há alguns dias eram observados lobos-marinhos, pensava o piloto já ter passado o Cabo das Agulhas. Apesar destas observações, Figueroa não parecia estar muito confiante de já o terem feito, mostrando no entanto o quão importante era conhecer estes sinais.

Os golfinhos são mais uma vez referidos como prognóstico de calmaria, como Silva Y Figueroa acreditava e tinha já referido na viagem de ida:

⁵⁷⁷ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.549.

⁵⁷⁸ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.550.

⁵⁷⁹ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.617. Em anexo encontram-se mais citações sobre a observação destes animais, página 277.

*“á las cinco de la tarde de este dia pareçieron por popa de la caravela **muchos delfines**, aunque estos por ser **mucho mayores** de lo ordinario dezian los marineros que eran de aquella speçie que vulgarmente se llaman toninas, los quales se arrojauan tan de salto sobre el agua que se leuantavan sobre ella mas de una braça, y descubriensose todos boluian de cabeça á çabullirse, la cola hacia rriba; parecian de braça y media de largo, y llegando el sotapiloto entonçes á la varanda le dixo el Enbaxador, que miraba com cuydado **la grandeza y saltos extraordinários de los delphines**, que sin duda les queria dexar aquel rezio viento, y como el sotapiloto le rrespondiese que no era posible, al momento **rrepentinamente paró, quedando tan blando y flanco** çomo los primeiros días que salimos de Goa, continuando ansi toda la noche.”⁵⁸⁰*

Está explícito que Silva Y Figueroa apreciava verdadeiros espetáculos acrobáticos proporcionados por estes mamíferos marinhos e por isso não deixava que a sua observação passasse em claro. Quando os animais apresentavam este comportamento, era também uma oportunidade para ver o animal por inteiro, o que facilitava a sua descrição posterior. E nesta descrição é possível ter indicação aproximada do tamanho dos animais, assim como do seu comportamento. Contrariamente ao que o sota-piloto achava, para Figueroa o facto destes animais terem aparecido significava que o vento iria acalmar, o que repentinamente aconteceu. Nesta citação, o diálogo que parece ter acontecido entre o sota-piloto e o embaixador não vem referido na primeira pessoa – não sendo caso único na obra – o que poderia induzir em erro quanto à autoria da descrição e da obra no geral.

É também nesta viagem que são observados dois animais de grandes dimensões, responsáveis pelas descrições mais detalhadas e extensas que foram analisadas, que incluem informações sobre características biológicas e comportamentais destes “monstros”. Apesar da extensão da descrição, não poderia ficar de fora desta análise, não só pela quantidade e qualidade de informação que tem, como pela diferença acentuada que tem das descrições feitas nos diários dos pilotos. Também neste caso, a descrição não está feita na primeira pessoa:

*“Este dia, á las nueve, estando el Enbaxador en la varanda del nauio **pareçio**, quarenta ó cinquenta pasos por popa, **un pescado de notable grandeza y de muy estraña forma; traia la cabeça de fuera y parte del lomo, y en él una grande ala como los demas pescados, no mas levantada de una parte que de outra, sino toda igual, de vna braça de alto y dos de largo, encubriendose el rresto del cuerpo, pero tan çerca de la superficie del agua que dexaua en ella señal de su monstruosa grandeza, pareçiendo de mas ocho ó diez braças de largo. La cabeça no era***

⁵⁸⁰ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.504.

*conforme á lo demas, aunque era muy mayor que una media pipa lo que della pudo verse de tan cerca; era muy encorvada, haziendo una gran buelta hazia la boca, que tenia muy baxa y com el hoçico rrebuelto hazia arriba, que no se le echaua de ver sino algunas vezes que dando grandes rresoplidos y bufidos, á semejança de un puerco, lançava hazia rriba gran cantidad de agua, y esta no como las vallenas e demas cetes y monstruos marinos, por los agugeros que tienen en lo alto de la cabeça, lançandola estos en gruesos caños junta y de golpe, sino muy enparzida como quando rroçia alguna persona, haziendo, de la mucha cantidad que desta manera lançava, grandes nuves de esta menuda agua. Entonces no descubria toda la boca, sino el hoçico ó labrio superior, pareciendose en él y en la forma de la cabeça propriamente como se veen pintados los delphines en la inpresión de algunos libros, mayormente en los de Aldo Manuçio en Veneçia. Llego este çete muy cerca de la popa, viniendose derecho á ella, á poco mas de treinta pasos, rreboluiendo luego á Oeste **dando grandes bufidos y esparziendo el agua** como se a dicho. Luego dentro de un quarto de ora **vino outro pescado semejante en todo á este**, nadando hazia donde el outro auia ido, aunque pasó mas de dozientos pasos lexos, **pero sin conparaçion mayor, ansie n la cabeça como en lo que del lomo y ala descubrio, viendose gran parte dele n un gran salto que dio en el agua**, con que hizo gran rrumos, lançando mayores nuues de agua y con mayores rresoplidos, aunque tanto mas lexos que el primero.”⁵⁸¹*

Pela descrição feita percebe-se que estavam perante um animal de grandes dimensões e de forma estranha, pelo menos para estes observadores; a sua cabeça surgia fora de água, era grande e encurvada, tinha uma barbatana dorsal também ela grande, lançando para cima uma grande quantidade de água, mas de um modo diferente ao das baleias e restantes cetáceos.⁵⁸² Os termos comparativos continuam presentes para melhor explicar o que era observado, recorrendo a características de peixes ou baleias ou mesmo porcos na tentativa de melhor explicar o que teria visto. Por este relato é possível também ter uma ideia dos comportamentos que estes animais apresentavam, já que mais tarde outro teria aparecido. Mais uma vez, os adjetivos relativos à monstrosidade do animal eram essencialmente devido à sua dimensão, mesmo sem terem identificado que animal seria. Apesar do registo se referir ao embaixador na terceira pessoa, não parecendo por isso que fosse ele o autor do mesmo, o discurso é coerente com o encontrado ao longo de toda a obra. Assim, parece que Figueroa

⁵⁸¹ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.507.

⁵⁸² Apesar do termo “lançar água” frequentemente utilizado, estes animais, como mamíferos que são, respiram o ar atmosférico, pelo que não têm água nos pulmões. O seu sopro é resultante da condensação das suas exalações em conjunto com partículas de água, que são a sua fração visível e que dão a ideia de que esta mesma água é expelida pelo animal.

optou por se referir ao próprio na terceira pessoa, de modo a enfatizar o cenário onde tudo aconteceu.

Silva Y Figueroa era um homem que, para além do seu gosto pela espetacularidade da natureza, tinha muitos conhecimentos sobre a fauna existente nos vários oceanos, como é fácil de perceber pelas inúmeras referências que faz a clássicos antigos, ou pelas comparações do que encontra com o que era conhecido de outras regiões. Preparou cuidadosamente esta sua viagem, tendo levado consigo uma série de livros, podendo entre eles encontrar-se algum de Aldo Manuzio, um conhecido impressor veneziano dos séculos XV-XVI.⁵⁸³ A imagem de marca de Manuzio era um golfinho e uma âncora, simbolizando a velocidade e a confiança respetivamente, golfinho ao qual o embaixador compara a forma da cabeça do animal observado.



Figura 15 – Imagem de marca utilizada pelo impressor Aldo Manuzio ou Aldus Manutius, com a âncora e o golfinho característico.⁵⁸⁴

Este autor mostra assim, não só uma cultura naturalista, mas também um conhecimento de vanguarda face ao que se publicava na altura. Apesar de não ter identificado o que observou com nenhuma espécie conhecida, tudo indica tratar-se de um grande cetáceo como uma orca, principalmente pela referência à grande barbatana dorsal.

Por várias vezes refere que a admiração ao observar este animal, não era só por não o terem identificado, mas devido principalmente à sua “notável e monstruosa grandeza”. Este estranho “monstro” não foi presença única na viagem, aparecendo mais tarde um outro por entre a espuma branca da água do mar, que não tendo sido

⁵⁸³ Loureiro, R. M. (2011), p.55.

⁵⁸⁴ Imagem e informação retirada de: www.liberliber.it/online/aiuta/progetti/manuzio.

também ele identificado, foi alvo de uma descrição muito pormenorizada, com recurso à comparação com o que era conhecido, como era hábito nestes casos:

“...estando el Embaxador en la varanda de la caravela, (...) oyó un gran ruido por bonbordo, (...) vio como el agua del mar vénia por aquella parte moviendose com gran rruido, viniendo grandes espumas blancas delante de la manera que algun gran barco con buena chusma rompe el agua mauegando con mucho inpetu. Descubriose luego tras las espumas y agua impelida, poco mas de seis pasos de la varanda, un monstruo marino cuya forma no se pudo bien distinguir, (...)”⁵⁸⁵

O extenso relato começa mais uma vez com a referência de que o embaixador estaria na varanda da caravela quando se ouviu o estrondo provocado pelo “monstro marinho”. Fosse para dar mais ênfase a todo o cenário de relaxamento que se vivia até aparecer tamanha monstruosidade, ou porque uma parte destes comentários foram redigidos pela mão de outra pessoa, ainda que pelas palavras de Silva Y Figueroa. Relativamente à observação fugaz destes animais, que raramente eram observados na totalidade ou pelo facto de se tratar de animais com dimensões fora do vulgar ou com alguma característica diferente (defeito na barbatana, golpe...), fica mais uma vez a incerteza na correta identificação deste “prodigioso monstro marinho”. O animal observado era de cor escura, tinha as barbatanas peitorais pequenas, um pedúnculo caudal a fazer lembrar um tronco de uma árvore e a “água” que lançava não era como as baleias o faziam, mas semelhante aos golfinhos ou aos “*phisiteres*” que tinham observado na viagem de ida junto a Moçambique. Apesar desta referência, nos comentários referentes à viagem para Goa, não está relatado a observação de cachalotes nesta localização. Pela descrição apresentada e tendo em conta as espécies conhecidas atualmente é provável que se tenha tratado de um cachalote que apareceu naquelas águas.

Apesar de se tratar de um cetáceo com dentes, o cachalote é geralmente chamado de baleia, pela grande dimensão que pode atingir, com as fêmeas a medirem entre dez a doze metros e os machos a poderem atingir os dezoito metros, dimorfismo este que pode ser razão suficiente para que dois indivíduos observados sejam considerados espécies diferentes.⁵⁸⁶ O autor expressa não só a sua opinião, mas tem em conta a opinião de alguns dos seus criados e marinheiros, mostrando que a ignorância face ao que poderia ser este prodigioso monstro não era só sua, mas também dos muitos que

⁵⁸⁵ Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.544. A citação completa encontra-se em anexo, página 277 deste trabalho.

⁵⁸⁶ Os cachalotes (*Physeter macrocephalus*, Linnaeus, 1758) pertencem à subordem Odontoceti, família Physeteridae, sendo de todos os cetáceos aqueles que apresentam maior dimorfismo sexual. Há muitos milhares de anos esta família era composta por mais de vinte géneros, sendo que atualmente só se conhece um, o que também pode explicar que as espécies observadas e aqui descritas não tenham correspondência atual com o que se conhece. Para mais informação acerca destes animais consultar o guia Reeves *et al* (2002), p.238-247.

o acompanhavam na viagem, alguns deles muito experientes nestas derrotas. Apesar de todas as críticas que fazia aos pilotos portugueses, analisadas seguidamente, Silva Y Figueroa não deixa de reconhecer aqui a importância da experiência destes homens no conhecimento da fauna encontrada ao longo da viagem.

As descrições sobre os elementos naturais observados nestas viagens, especialmente os animais, são uma fonte de informação riquíssima e importante. Mas um outro aspeto muito interessante de sobressaiu na análise deste documento foram as considerações que o autor do mesmo faz relativamente aos marinheiros e pilotos portugueses, que não conseguimos obviamente obter na análise dos diários de bordo escritos pelos próprios pilotos. Não sendo estas referências objetivo primário de análise neste trabalho, não podemos deixar de as analisar pela mais-valia que representam na interpretação de todas as observações e registos efetuados pelos pilotos nos seus diários de bordo.⁵⁸⁷ Silva Y Figueroa refere-se por várias vezes aos pilotos e restantes homens do mar como sendo pessoas arrogantes e ignorantes, com pouca perícia e falta de conhecimentos matemáticos. Apesar de terem funções de grande responsabilidade a bordo, não sabiam manusear corretamente os poucos instrumentos náuticos que levavam a bordo para os auxiliar na navegação. Para Figueroa, estes homens mostravam arrogância quando eram questionados, para assim encobrirem a ignorância relativa aos assuntos abordados. Os instrumentos utilizados a bordo também não facilitavam a recolha de dados, pois segundo o embaixador, os astrolábios utilizados nas viagens eram muito pequenos, o que impossibilitava a obtenção de localizações rigorosas como vinham descritas nos roteiros. A informação que era recolhida em cada viagem era transmitida nas viagens seguintes, numa acumulação permanente de erros que podiam gerar alguma confusão aos pilotos e por conseguinte, acidentes. Por algumas vezes no discurso deste autor percebe-se que discordava das opções tomadas pelo piloto, que para colmatar as incertezas de localização dadas pelos instrumentos náuticos, se baseava muito nos sinais naturais que tinha como característicos de cada região. O simples facto de não observar os diferentes elementos naturais onde era costume acontecer, poderia levar a que assumisse uma outra posição, colocando em causa todo o investimento de uma viagem, cometendo erros de navegação, sem o admitir na maioria das vezes:

“...hallandose el Piloto y los demas honbres de mar con gran confusion, no auiendose hasta entonces visto ningunas senãles de tierra, auiendo sigun su estimativa y confrme al rezio tenporal que auia traído en popa auer ya doblado el Cabo de Buena Esperança (...) com tanta incertidunbre en todos los mas expertos marineros (...) se engano Gaspar Ferreira nuestro Piloto mayor, aunque tenido por tan gran marinero, en mas de 400 leguas. Deste erro, que para qualquiera sinple honbre de mar

⁵⁸⁷ As citações referentes às considerações de Silva Y Figueroa sobre os pilotos encontram-se transcritas em anexo, página 278-279.

*era muy grande, fue causa, demas de la mucha variedad y diferencias de las corrientes del Ocçeano, la falsa persuasion com que el Piloto Mayor vino desde que pasó la Equinoçial...”*⁵⁸⁸

Apesar de não indicar quais seriam os “sinais de terra” cuja ausência tanto confundia o piloto, é possível que se tratasse de aves e lobos-marinhos, característicos da zona do Cabo da Boa Esperança. Estes elementos eram frequentes de observar nesta zona e por isso os homens de mar habituados à Carreira da Índia tinham-nos por sinais certos de localização. Assim, o piloto e restante tripulação mostravam-se confusos, pois pensavam já ter dobrado o Cabo da Boa Esperança, mas os sinais de terra continuavam sem aparecer. Apesar de toda a experiência que o piloto pudesse ter, a instabilidade do meio onde se deslocavam fazia com que nenhuma viagem fosse igual e que a rota seguida nunca fosse a mesma, estando as embarcações à mercê dos ventos e das correntes dominantes. Segundo Silva Y Figueroa, Gaspar Ferreira não demonstrava ter consciência das alterações que estas correntes, ventos ou calmarias podiam ter numa viagem, adiantando ou atrasando a mesma relativamente a viagens anteriores. Para Figueroa, Gaspar Ferreira era relutante em duvidar dos sinais observados, afirmando que os instrumentos apenas iriam confirmar o que os sinais indicavam:

*“...era falta y quiebra de su reputacion dudar algo, siendo esto suma ignorância y locura, jamas quiso hazello, diciendo muy enojado que perdia su honrra si echando la sonda no hallase el fondp que buscasse. Y no consideraua que com tan siguras señales y de parage tan conoçido y sabido no auia ya neçesidad de sondar... (Cabo de las Agujas)”*⁵⁸⁹

O embaixador continua, referindo que apesar da boa opinião que todos tinham acerca do piloto Gaspar Ferreira, nesta viagem ele não tinha sido uma exceção à maioria dos pilotos, partilhando a ignorância característica do povo português em geral, mas que era mais acentuada nos homens do mar.⁵⁹⁰ Esta arrogância que refere fazia com que pilotos e marinheiros quase preferissem sofrer um naufrágio, a ouvir a opinião dos companheiros de viagem. Por este relato conseguimos ter uma perceção de como seria o comportamento dos pilotos face à observação dos elementos naturais e da interpretação da informação que os mesmos pudessem transmitir. No entanto, com a salvaguarda que esta era a opinião de um letrado espanhol e ao serviço da coroa espanhola, não sendo por isso a opinião mais imparcial e favorável acerca dos marinheiros portugueses. Apesar de Gaspar Ferreira ser uma boa exceção pela sua grande experiência, o embaixador discordava várias vezes das opções por ele tomadas,

⁵⁸⁸ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.47.

⁵⁸⁹ Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.63.

⁵⁹⁰ A citação referente à opinião de Silva Y Figueroa sobre os pilotos em particular e os portugueses em geral, encontram-se transcrita em anexo, página 279.

ao mesmo tempo que fazia comentários náuticos muito semelhantes aos presentes no roteiro de navegação da Carreira da Índia publicado por este piloto em 1612.⁵⁹¹

Apesar destes comentários não terem sido escritos por um piloto e homem de mar, mas sim por um passageiro muito culto, a sua análise é muito importante essencialmente para mostrar como o mesmo cenário era observado, interpretado e descrito por diferentes olhos. Por essa razão, foi dedicada especial atenção a esta análise, estando várias das extensas citações colocadas em anexo. Com uma cultura completamente diferente da de Silva Y Figueroa, os pilotos portugueses faziam também descrições muito ricas em termos biológicos, não sendo no entanto tão extensas. As grandes diferenças deviam-se essencialmente ao facto de estes homens não irem embarcados com a função de descrever o mundo natural observado e a sua instrução ser muitas vezes quase nula. Embarcavam sim com o propósito de levar as naus seguras ao seu destino, identificando sinais naturais que os ajudassem a fazer uma boa viagem. E eram esses sinais que tinham de registar no momento em que os observavam, de forma clara e objetiva, não dispondo de tempo que lhes permitisse alongar nas descrições. Como foi perceptível através de algumas passagens analisadas, o embaixador passava muito tempo da viagem nas varandas do navio, o que lhe permitia ter uma visão abrangente e descontraída do meio envolvente. Quando algo surgia, tinha a oportunidade de fazer extensas e detalhadas observações, com a mais-valia de as enriquecer com informação adicional que obtinha de outras viagens ou obras que consultava. Há uma parte considerável dos comentários que à primeira vista parece não ter sido escrita por Silva Y Figueroa, já que se refere ao embaixador na terceira pessoa. Não conseguindo perceber porque é que tal acontece, o discurso utilizado aqui é semelhante ao de todo o restante relato, pelo que pode ter sido o caso de Figueroa ter ditado as cenas para alguém redigir, ou referir-se “ao embaixador” para dar mais ênfase a toda a situação vivida.

6.2 – Descrições em Contexto de Naufrágio

Se é notória a diferença entre as descrições efetuadas por pilotos ou por passageiros cultos a bordo durante as viagens náuticas, como se viu anteriormente, maior é a diferença encontrada quando se analisam relatos feitos posteriormente às viagens. Por essa razão, serão também analisados um outro tipo de relatos, diferentes mas igualmente ricos em informação relativa a elementos naturais marinhos, que são os

⁵⁹¹ Loureiro, R. M. (2011), p.58.

textos que davam conta de viagens atribuladas, muitas delas terminando em naufrágio. Escritos posteriormente aos acontecimentos, normalmente em forma de carta ou com um destinatário definido, descreviam os acontecimentos de forma detalhada e por vezes algo fantasiosa, de modo a aumentar o interesse pelo sucedido e cativar mais audiência. Os relatos de naufrágios eram feitos por testemunhos dos acontecimentos que iam a bordo, variando a sua autoria entre cartógrafos, boticários, religiosos ou anónimos, passando a dada altura a ser um género literário específico. Na maioria das vezes estes relatos não eram feitos diariamente, como acontecia nos diários de bordo, mas posteriores ao desenrolar de toda a ação, como já referido, o que por si só já é um fator de diferenciação dos relatos feitos pelos pilotos. Apesar destas diferenças em termos de contexto, autoria e destinatários, são documentos importantes cuja análise pode ajudar a perceber como era feita a descrição dos elementos naturais no mar, com que propósito e como variava esta descrição ao longo do tempo. Pelas suas características, a análise aos elementos naturais neste caso será feita relato a relato, segundo a sua função e dentro destas, elemento a elemento.

Neste grupo os relatos, os mais conhecidos são aqueles que estão presentes na *História trágico-Marítima* (HTM). Esta é uma compilação de doze notícias e relações de naufrágios que aconteceram durante as navegações portuguesas entre 1552 e 1602 e que foi publicada em dois volumes por Bernardo Gomes de Brito em 1735 e 1736. Apesar da sua publicação impressa ser já tardia e fora do período de estudo deste trabalho, alguns dos relatos aqui incluídos foram publicados anteriormente em opúsculos individuais, circulando amplamente como literatura de cordel ainda no século XVI, daí a importância da sua análise para este trabalho. A análise efetuada será contextualizada para o período em que as viagens foram realizadas – e por conseguinte relatadas – e não para o momento da sua publicação na HTM.

Em nove dos relatos contidos nesta coletânea, os elementos naturais são uma presença constante, sendo descritos com mais ou menos pormenor aves, mamíferos marinhos ou plantas que passavam arrastadas pelas correntes. É também neste tipo de narrativa que se identificam mais elementos supersticiosos e indicadores de mau presságio, pois em comum têm o facto de as viagens não terem corrido bem. A confiança da tripulação nos homens que comandavam os destinos das naus era também fundamental para a ocorrência de episódios mais ou menos fantasiosos, que eram posteriormente associados a prognósticos de desgraça. É um exemplo destes que se verifica numa passagem da relação de viagem à Índia por Manoel Mesquita Perestrello, em 1553:

“(...) dia que o piloto faleceu, se nos mudou o bom vento que trazíamos à proa, e posto que logo começou pesado, (...) que começando de lhe haver medo, pela pouca confiança que na nau tínhamos, determinámos ir-lhe fugindo com uma moneta posta ao redor dos castelos:

*e querendo pôr mãos a isto, senão quando **um marinheiro**, de dous que aí estavam na gávea, recolhendo os aparelhos, **começou a se benzer, e chamar pelo nome de JESUS muito alto**, e perguntando-lhe algumas pessoas, que era aquilo, **lhe mostrou pela banda do estibordo uma onda, que de muito longe vinha levantada por cima das outras todas em demasiada altura, dizendo, que diante dela via vir uma grande folia de vultos negros, que não podiam ser senão diabos**. Enquanto com o alvoroço disto a gente começou a recrescer aos brandos para **ver cousa tão espantosa, chegou este mar**, que por a nau estar morta, sem lhe podermos fugir, **nos alcançou pela quadra de estibordo, e foi o ímpeto e peso dela tamanho, que quase nos soçobrou daquele primeiro golpe...**"*⁵⁹²

Segundo este cartógrafo, a morte do piloto da Nau São Bento foi entendida como o motivo do descalabro e da perda de confiança da tripulação, sendo também um mau presságio para tudo o que de mal acabaria por acontecer. A tempestade onde entraram foi encarada como obra do demónio, presente nas próprias ondas que atingiam a embarcação. Os relatos de naufrágios têm como uma das características principais serem escritos *a posteriori*, pelo que é mais fácil atribuir a causa de todas as desgraças de que eram alvo a observações de elementos pouco frequentes ou desconhecidos.

No relato do naufrágio da Nau Santiago em 1585, escrito por Manoel Godinho Cardozo, há a referência explícita aos sinais "*prognósticos de ruim viagem*", quando a tripulação da referida nau avista um estranho "peixe" que ninguém conhecia. Este suposto peixe acompanhou a embarcação durante algum tempo, "*lançando grandes refolhos de água*", como que a avisar a tripulação do naufrágio que acabaria por acontecer mais tarde:

"Da Ilha de Martim Vaz por diante começaram a ter alguns prognósticos de ruim viagem; porque aqui deram com um peixe, que ninguém soube determinar que peixe era. A feição era de uma baleia não muito grande, fusco e mal encarado, o qual logo afugentou todo o outro peixe que vinha com a nau; e nunca os desamparou até a noite, em que se perderam; porque ainda aquela tarde antes da perdição houve homens que o viram ir diante da nau lançando grandes refolhos de água, como que folgava, ou avisava do que havia de suceder"⁵⁹³

⁵⁹² Brito, B. G. (1735a), *Relação summaria da viagem que fez Fernão D'Alvares Cabral, desde que partiu deste reyno por capitaão mór da armada que foy no anno de 1553. às partes da India athè que se perdeu no Cabo de Boa Esperança no anno de 1554. Escrita por Manoel de Mesquita Perestrello que se achou no ditto naufrágio. (Nau S. Bento). História Trágico-Marítima*, p.81.

⁵⁹³ Brito, B. G. (1735a), *Relação do naufragio da Não Santiago no anno de 1585. E itinerario da gente que delle se salvou. Escrita por Manoel Godinho Cardozo. E agora novamente acrescentada com mais algumas noticias*, p.440.

No caso desta descrição, possivelmente estariam perante uma baleia diferente ou pertencente a uma espécie não conhecida destes homens, já que descrevem as suas feições como *“de uma baleia não muito grande, fusco e mal encarado”*. A sua associação à fatalidade que aconteceu à nau pode não ter sido imediata quando o animal foi observado, mas sim posteriormente ao acontecimento, na tentativa de arranjar uma explicação sobrenatural para o sucedido. Há outra referência neste relato à observação de *“um baleato”* como que a avisar que iriam ter problemas na viagem:

“Das Ilhas de Martim Vaz até o Baixo, em que a nau tocou, a seguiu (como já disse) um baleato, e o dia em que se a nau perdeu, foi diante dela, como que a guiava para alguma desventura”.⁵⁹⁴

Apesar de estar mais à frente no discurso, o autor está a referir-se ao episódio anteriormente referido, como faz questão de salientar entre parênteses. Mais uma vez fica patente que neste tipo de relatos os factos eram apresentados com avanços e retrocessos consoante eram lembrados pelo autor, não seguindo necessariamente a ordem cronológica dos mesmos. As grandes baleias, pela sua dimensão, comportamento e meio onde vivem, são animais para os quais há uma série de significados para a sua observação. Pela análise deste relato parece que o autor acreditava que a observação destes animais era sinal de mau presságio, já que o facto de ter aparecido à frente da nau fez com que a mesma se perdesse numa *“desventura”*.

Perante um cenário de naufrágio, as prioridades iniciais da viagem eram alteradas, com a obtenção de alimento a ser uma das necessidades básicas para que a maioria destes homens pudessem sobreviver e continuar a viagem, mesmo que por terra. Por isso, tudo quanto pudesse servir como alimento era descrito nestes relatos, tanto para mostrar as dificuldades pelas quais tinham passado, assim como para mostrar a diversidade de produtos que podiam ser encontrados e consumidos nos vários locais. Se por terra as frutas, as folhas ou os tubérculos eram descritos com pormenor, com o objetivo de um desconhecido facilmente os identificar, junto à costa os pássaros, os peixes ou outros elementos marinhos também ocupavam lugar de destaque nas descrições. Numa viagem da Nau Conceição em 1555, que acabou por naufragar nuns baixios a norte de Madagáscar (Baixos de Pero dos Banhos), Manoel Rangel dá vários exemplos de como saciavam a fome de quem ia a bordo:

“Neste tempo havia muitos pássaros que comíamos escondidamente, com que a gente toda andava muito rija e valente: e seriam dez ou doze mil pássaros, e em obra de vinte e quatro ou vinte e

⁵⁹⁴ Brito, B. G. (1735a), *Relação do naufragio da Não Santiago no anno de 1585. E itinerario da gente que delle se salvou. Escrita por Manoel Godinho Cardozo. E agora novamente acrescentada com mais algumas noticias*, p.447.

cinco dias não ficariam mais que dous mil: e eles nos deram tanto trabalho pelo mau regimento que tinham...”.⁵⁹⁵

É impressionante a quantidade de pássaros referida e a velocidade a que eram dizimados, a uma média de trezentos a quatrocentos por dia, para suprir as necessidades alimentares de quem ia embarcado. Apesar de serem números que podem à primeira vista parecer absurdos, não deixam de revelar que seriam muitos os pássaros existentes e também grande a quantidade dos que eram capturados. Mas esta captura não era fácil, assim como não era a pesca de pargos e tubarões, tendo por vezes estes homens de recorrer a outros recursos alimentares:

“Os peixes que o batel trazia eram desta qualidade, vermelhos de tamanho de gorazes, aos quais nós chamávamos pargos, e tubarões, como os da costa da Guiné; eram muito ruins de pescar, porque lhe levavam as linhas, e anzóis, e para isto tivemos grande ardil para que os pescadores não deixassem de ir todos os dias ao mar: (...) Quando o tempo era ruim tínhamos então grande trabalho, e quinze dias se faziam, que o batel não podia ir pescar, e neste tempo nos socorríamos das raízes das ervas, e as assávamos, e aos caranguejos, os quais eram poucos (...)”.⁵⁹⁶

Várias espécies de peixes eram consumidas, comparando o autor algumas delas às existentes na Costa da Guiné. O autor refere a dificuldade que por vezes sentiam ao capturá-las, chegando a ficar com o material utilizado na pesca danificado ou mesmo sem ele. Quando não era possível a saída para a pesca, raízes de árvores ou mesmo carangueijos eram a alternativa de consumo, mesmo que existindo em pouca quantidade. Nem sempre estes alimentos estavam em escassez, acontecendo por vezes o contrário. Mesmo com a abundância de peixe, quando aparecia algo de diferente não era rejeitado:

“... porém deu-nos Deus tanto peixe neste tempo, que mandávamos pelas choupanas perguntar a quem queria mais peixe, e nestes dias nos saiu um lobo-marinho, e uma tartaruga, e os pusemos a secar ao sol, e os ovos, que foi grande remédio para passarmos alguns dias”.⁵⁹⁷

⁵⁹⁵ Brito, B. G. (1735a), *Relação do naufragio da Nao Conceyção, de que era capitão Francisco Nobre, a qual se perdeu nos baixos de Pero dos Banhos aos 22.dias do mez de Agosto de 1555. Escrita por Manoel Rangel, o qual se achou no dito naufragio: e foy depois ter a Còchim em Janeiro de 1557*, p.150.

⁵⁹⁶ Brito, B. G. (1735a), *Relação do naufragio da Nao Conceyção, de que era capitão Francisco Nobre, a qual se perdeu nos baixos de Pero dos Banhos aos 22.dias do mez de Agosto de 1555. Escrita por Manoel Rangel, o qual se achou no dito naufragio: e foy depois ter a Còchim em Janeiro de 1557*, p.160.

⁵⁹⁷ Brito, B. G. (1735a), *Relação do naufragio da Nao Conceyção, de que era capitão Francisco Nobre, a qual se perdeu nos baixos de Pero dos Banhos aos 22.dias do mez de Agosto de 1555. Escrita por Manoel Rangel, o qual se achou no dito naufragio: e foy depois ter a Còchim em Janeiro de 1557*, p.164.

Também aqui há a referência ao consumo dos lobos-marinhos como recurso alimentar da tripulação, assim como a carne e os ovos das tartarugas. Tal como aconteceu nos comentários de Silva Y Figueroa, também através deste tipo de relatos conseguimos retirar algumas informações acerca dos pilotos das embarcações, já que não eram os próprios os autores dos relatos. O boticário da corte Henrique Dias faz uma descrição de uma série de elementos naturais, juntamente com considerações acerca do piloto da viagem onde seguia, de seu nome António Dias:

*“Ao primeiro de Novembro, **tomado o Sol**, ficaram **todos os que o tomaram** em trinta e seis graus; e até o outro dia se faziam com as ilhas de Tristão da Cunha por seus pontos, como de feito ao outro dia, por estarem em sua altura, e serem com elas, **vimos muitos sinais de terra de umas ervas**, como as que chamam **coriolas**, **muita ciscalhada**, **muitos gaivotões**, e **entonais**, e o **mar coberto de outros pássaros**, e não tomaram o Sol por andar o dia toldado de muita neblina, e de muitos chuveiros (...) porque **não bastou termos estes sinais cinco dias contínuos**, até seis que foram do mês, **de muitas ervas**, e **ciscalhadas**, e **pássaros**, e **lobos-marinhos**, que **são certos sinais de terra**, para o nosso piloto querer fazer seu caminho, e correr pela altura em leste, até se pôr norte, e sul com Ceilão, como fez o **piloto desta própria nau da outra vez**, que partindo do Reino, veio ter, como nós, à Baía, e dali partiu para ir invernar à Índia. **Ele só foi o primeiro, desde que a Índia é descoberta, que este caminho cometeu e fez**; e assim o trouxe Nosso Senhor à Índia em Janeiro, **sem saber ler, nem escrever; porque como conheceu os sinais das ilhas...**”⁵⁹⁸*

Este excerto pertencente à relação da viagem e naufrágio da Nau S. Pedro em 1560, também incluída na HTM. Há uma série de informações que dele se podem retirar, muito importantes para este estudo. Logo no início percebe-se que a função de “*tomar o sol*” para se conhecer a latitude a que navegavam não era específica de uma só pessoa a bordo. É possível que várias pessoas com funções distintas a bordo, desde que soubessem escrever, tomassem os seus apontamentos relativos à viagem, de acordo com os seus interesses ou mesmo com o propósito pelo qual iam embarcados. Neste caso concreto o autor deste diário era o boticário da corte, não devendo ser este o diário “oficial” da viagem. Nestes últimos, as anotações deveriam ser mais simples e diretas, no seguimento do que se verificou nos diários analisados anteriormente neste trabalho. De qualquer modo, Henrique Dias deveria estar encarregue de fazer chegar ao reino informação sobre o que se passava na viagem. Há referência à imensidão de “*sinais de terra*” observados, como os lobos-marinhos, aqui num discurso mais fluente

⁵⁹⁸ Brito, B. G. (1735a), *Relação da viagem, e naufragio da nao S. Paulo que foy para a India no anno de 1560. De que era capitão Ruy de Mello da Camera, mestre Joaõ Luis, e piloto Antonio Dias. Escrita por Henrique Dias, criado do S. D. Antonio Prior do Crato*, p.304.

e articulado, não se resumindo às informações mais simples como acontecia nos diários de bordo analisados, a maioria da autoria dos pilotos das naus.

O autor deste texto faz também referência ao facto do piloto da nau, Antonio Dias, não ter total confiança nos sinais de terra que observava, necessitando de os complementar com a posição dada pela leitura do sol. Por outro lado, enaltece a perícia e a experiência do primeiro piloto que fez aquele caminho até à Índia com sucesso, mesmo sem saber ler nem escrever. Apesar de não ter instrução, soube ler os “*sinais das ilhas*”, que segundo o boticário era a linguagem mais importante para que as naus chegassem a bom porto, mostrando aqui quão importante achava ser o conhecimento destes sinais para a navegação por parte dos pilotos. O próprio boticário parecia ter conhecimento dos diferentes tipos de sinais que eram ou não esperados de observar nas várias zonas, ficando admirado de ver sinais de terra em zonas onde as cartas de marear não os indicavam, o que o confundia:

“Ao outro dia vimos umas ervas, a que chama cama-de-bretão, como as que achámos nas ilhas de Tristão da Cunha, que são mostras e sinais certos de terra, que nos causou novo temor, e nos meteu novo espanto, por não sabermos onde estávamos, estando tanto metidos dentro na grandeza do mar, nem na carta haver aí terra, ilha, ou baixo nenhum até ao presente descoberto. Assim que com estes sinais e receios, dobrando-se-nos o cuidado, e com ele a vigia mui esperta...”⁵⁹⁹

Ao observar as ervas que eram consideradas sinais certos de terra ficaram todos apreensivos, pois não conseguiam entender de onde pudessem surgir. Mesmo quando pelas cartas se faziam longe de terra e aparecia algum sinal característico dela, a atenção era redobrada, não fosse algo estar mal sinalizado e não serem apanhados de surpresa. Neste caso parecia que o piloto da nau não dava muito crédito aos sinais naturais observados, ao contrário de outros homens que iam embarcados.

A referência à existência de baleias por aquelas paragens também é frequente neste relato, onde pareciam existir em grande quantidade e de grandes dimensões:

“Por aqui foram todos estes dias em nosso caminho e companhia muitas baleias, em que havia muitas tamanhas como barcas de Aldeia Galega. Seríamos cem léguas a ré do Cabo (da Boa Esperança) em trinta e cinco graus, e dous terços...”⁶⁰⁰

⁵⁹⁹ Brito, B. G. (1735a), *Relação da viagem, e naufragio da nao S. Paulo que foy para a India no anno de 1560. De que era capitão Ruy de Mello da Camera, mestre Joaõ Luis, e piloto Antonio Dias. Escrita por Henrique Dias, criado do S. D. Antonio Prior do Crato*, p.317.

⁶⁰⁰ Brito, B. G. (1735a), *Relação da viagem, e naufragio da nao S. Paulo que foy para a India no anno de 1560. De que era capitão Ruy de Mello da Camera, mestre Joaõ Luis, e piloto Antonio Dias. Escrita por Henrique Dias, criado do S. D. Antonio Prior do Crato*, p.306.

Apesar de terem avistado muitas baleias durante alguns dias nas imediações do Cabo da Boa Esperança, a referência às mesmas é feita sem espanto. No entanto, é curiosa a expressão utilizada como termo comparativo do tamanho das baleias observadas; “Aldeia Galega do Ribatejo” ou “Aldegalega” era o nome pelo qual era conhecida a cidade do Montijo até início do século XX⁶⁰¹, podendo o autor estar a comparar o tamanho das baleias observadas com o das embarcações que existiam na altura a navegar no rio Tejo, para mais facilmente o interlocutor perceber a sua dimensão.

Não eram só os animais em si que eram avistados, mas também sinais da sua presença, como as “*manchas de ovas delas*”:

*“O vento era oés-noroeste, como os passados, à popa, e de todas as velas, e era o mar tão chão (...). Também nesta paragem vimos **muitas baleias, e o mar todo cheio de manchas de ovas delas...**”.*⁶⁰²

Nesta altura estes animais ainda eram por muitos considerados peixes, pelo que não conseguimos perceber ao certo o que seriam estas manchas a que se referem. Há várias hipóteses que podemos considerar, desde âmbar, rede de bolhas ou a espuma resultante de algum comportamento destes animais. O âmbar cinzento é uma substância rara que se forma no estômago e intestinos de cachalotes (*Physeter macrocephalus*) e que é posteriormente regurgitada ou defecada, ficando a flutuar.⁶⁰³ Por ser raro, não parece que pudesse existir em quantidade suficiente num mesmo local para que enchesse um mar de âmbar cinzento. As baleias-corcunda ou de bossa (*Megaptera novaeangliae*) utilizam uma técnica de alimentação muito peculiar que consiste na formação de uma rede de bolhas de ar que vão subindo até à superfície e que servem para encurralar as suas presas, bolhas essas que poderiam ser confundidas com as chamadas ovas.⁶⁰⁴ As fezes destes animais ou outra secreção resultante da sua fisiologia também poderia ser uma explicação para estas “ovas”, mas pouco tempo depois de serem expelidas dissolvem-se na água, desaparecendo por completo ao fim de pouco tempo. Quando estes grandes mamíferos marinhos dão os seus saltos à superfície, o seu batimento na água pode formar uma espuma branca ou amarelada que fica à superfície durante algum tempo, pelo que a hipótese mais plausível é de que as “*manchas de ovas*” a que o autor se refere não seria mais que a espuma resultante de um comportamento desta natureza por parte dos animais.

Um dos textos incluídos na História Trágico-Marítima que contém descrições muito ricas sobre o meio natural é a relação de viagem da Nau S. Francisco, razão pela qual

⁶⁰¹ Seminário Republicano Regionalista. Diretor M. Paulino Gomes. 30 outubro 1932. Ano II, N.º 96, p.1.

⁶⁰² Brito, B. G. (1735a), *Relação da viagem, e naufragio da nao S. Paulo que foy para a India no anno de 1560. De que era capitão Ruy de Mello da Camera, mestre João Luis, e piloto Antonio Dias. Escrita por Henrique Dias, criado do S. D. Antonio Prior do Crato*, p.312.

⁶⁰³ Brito et al, (2015), *Ambergris as an overlooked historical marine resource: its biology and role as a global economic commodity*, p.1.

⁶⁰⁴ Wiley et al, (2011), *Underwater components of humpback whale bubble-net feeding behavior*, p.576.

será aqui feita uma análise mais detalhada do mesmo. Sabe-se que este relato faz parte das narrativas que não foram impressas até serem reunidas na HTM, sendo possível que circulasse anteriormente em forma de manuscrito ou oralmente. A sua fonte original parece ser uma longa carta remetida pelo padre Gaspar Afonso de Évora, a 21 de junho de 1599, destinada ao superior da Companhia de Jesus (padre João Álvares) e que se encontra no Arquivo Romano da Companhia de Jesus – Vaticano. Há uma outra carta redigida por Gaspar Afonso que se encontra na Biblioteca Pública de Évora, que segundo vários investigadores se destinava à evangelização de um público mais alargado por parte dos jesuítas, e esta sim, a fonte mais acessível ao relato existente na HTM.⁶⁰⁵ Relativamente ao conteúdo da relação de viagem, o padre Gaspar Afonso pretendia:

“contar parte dos horrendos casos por que passara desta peregrinação tão nova, e de si tão meritória, à qual foi Nosso Senhor servido dar fim depois de três anos e dezanove dias...”.⁶⁰⁶

Através desta citação, Gaspar Afonso pretendia cativar a atenção de um grande número de pessoas, chamando a atenção para os *“horrendos casos”* pelos quais tinham passado durante a viagem. Ao longo deste discurso são frequentes as descrições muito completas de vários elementos naturais, entre paisagens, frutas e animais, abrindo uma janela das terras longínquas a quem nunca as tinha visitado. A viagem inicia-se em Lisboa em abril de 1596, com uma nau *“tão carregada de uma banda, e tão pouco da outra”*, e logo *“passada a Linha Equinocial”* este padre refere:

*“os **grandes rebanhos de peixe grande, e pequeno**, que de dia com grandes festas, e danças seguem a nau, e com maiores, e mais alegres de noite pela ardência da água”*.⁶⁰⁷

Para além de referir o modo como eram pescados, refere algumas espécies de peixes, descrevendo:

*“os que chamam **voadores, que são de um palmo, maiores e menores**”*.⁶⁰⁸

⁶⁰⁵ Para informação detalhada sobre a HTM, consultar Koiso, K., (2009), *História trágica do mar: navegações portuguesas nos séculos XVI, XVII e XVIII*; Kioko, K., (2010), *Factos e Fantasias: Uma nova abordagem da História Trágico-Marítima*.

⁶⁰⁶ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596*. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ”. *História Trágico-Marítima*, p. 64.

⁶⁰⁷ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596*. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ, p.641.

As características anatómicas e comportamentais dos mesmos são também mencionadas, comparando por vezes o comportamento observado com o que “**faziam também alguns pássaros**”.⁶⁰⁹

Outros peixes serviam não só de alimento, mas também para divertir quem ia a bordo:

“os **tubarões, peixe fero, e carniceiro** (...) para com sua visita aliviar a moléstia dos navegadores...”.⁶¹⁰

Estes tubarões, que refere serem ferozes, raramente eram observados sozinhos, sendo frequentemente acompanhados por rémoras, cujo comportamento era descrito ao pormenor, como já observado nos relatos dos pilotos e nos comentários de Silva Y Figueroa.⁶¹¹

“Andam sempre pelo mar acompanhados de uns peixinhos muito pintados, que chamam **romeiros** (rémoras)”.⁶¹²

Tal como nos roteiros e diários de bordo, há referência aos sinais de localização que encontravam na derrota:

“E indo assim em **demanda daquele grão cabo, e com pássaros dele, que chama teijões** (feijões) pousados na água, na esteira da nau”.⁶¹³

Por aqui é perceptível que Gaspar Afonso tinha conhecimento da fauna observada durante as viagens e dos elementos que eram considerados sinais de localização de determinados locais. Após um primeiro acidente com a embarcação, o padre descreve como era o colégio da Companhia de Jesus que os acolheu na Baía de Todos os Santos, no Brasil, dando destaque à localização e à vista privilegiadas sobre o porto:

⁶⁰⁸ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p.641.

⁶⁰⁹ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p.642.

⁶¹⁰ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p.642.

⁶¹¹ Para comparação com outras descrições de tubarões e rémoras feitas por pilotos e por Silva Y Figueroa, consultar páginas 109 e 169 deste trabalho.

⁶¹² Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p.643.

⁶¹³ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p.644.

*“onde **por quatro meses** do ano, que são os **do Verão**, ou Estio, (...) se puderam alugar nossas janelas para a contínua, e **alegre vista de muitas baleias, que por particulares respeitos seus se vêm recolher este tempo no recôncavo daquela baía, e o gastam em contínuas festas, saltos, e danças; que não fora pouco impedimento do estudo, se não fora tão contínuo**”.*⁶¹⁴

Enquanto recuperavam das suas doenças neste colégio da Companhia, a observação do comportamento destes grandes animais parecia ser frequente e atrair a atenção de muita gente, durante os meses de Verão. A descrição do comportamento destas baleias não era aqui feita por uma questão utilitária, mas pelo espetáculo em si, estando este comportamento de acordo com o que ainda hoje se observa nas baleias-corcunda que passam por aquelas águas:

*“elas, que o fazem com tanto ar, e graça, que para que se não perca volta sua que não seja vista, tanto que de lá do fundo chegam à superfície da água, lançam para cima um gracioso e grande borrifo, como de uma pipa de água; e captada assim a atenção aos olhos se vai levantando e empinando mui direita para o céu, até que impedindo-lhe a natureza ir por diante, e tomar mais do elemento alheio, dá com aquela grão torre de carne ou peixe davesso, e a estende sobre a água com uma sonora pancada”.*⁶¹⁵

O comportamento de saltos fora de água que estes animais apresentam é aqui descrito, não só com pormenor, como também recorrendo a elementos que ajudam a captar a atenção do leitor. Sendo o Padre Gaspar Afonso um homem culto é interessante observar o seu comentário sobre as baleias serem “carne ou peixe”, o que indicava ainda a indefinição de classificação destes animais à altura.

Quando o percurso era feito por terra, também as descrições dos locais, dos costumes e da diversidade de fauna e de flora eram muito detalhadas, de modo a informar o destinatário da missiva não só dos perigos pelos quais passaram, mas também da disponibilidade de alimento que lhes permitiu sobreviver a tal intempérie. Num episódio interessante, aquando da partida do Brasil, Gaspar Afonso menciona que a mesma foi contra o parecer de uma “celebérrima feiticeira daquela cidade”⁶¹⁶ que

⁶¹⁴ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p.648.

⁶¹⁵ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p. 648.

⁶¹⁶ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p.660.

profetizou que a nau não havia de chegar a Portugal, como na realidade se veio a confirmar. Durante a descrição de mais um acidente durante a atribulada viagem, Gaspar Afonso interrompe a cronologia dos acontecimentos para se referir a uma situação passada uns dias antes, e para a qual chamou a atenção por envolver um “peixe de portentosa grandeza”:

*“Esquecia-me de referir por graça uma grande questão, que oito ou dez dias antes de chegarmos aqui, se me propôs na nau, e foi: Que por dous, ou três dias a horas de véspera nos aparecia um **peixe de portentosa grandeza, e rodeando a nau algumas vezes, desaparecia até o outro dia seguinte às mesmas horas. E como semelhante monstro não fosse visto, nem conhecido nunca por nenhum dos que vinham na nau, ainda que tão cursados e experimentados na carreira deste vasto oceano, assentaram alguns, que era a feiticeira, de que acima falei, e que vinha dar ordem ao cumprimento da sua profecia; e assim fui consultado muito de siso, se lhe poderiam fazer um tiro, e disparar uma peça nele. A que eu respondi affirmative; porém ele se soube guardar de executar nele a resolução do caso, até que nos deixou. Tudo isto é cousa de riso, mas não deixa de dar ocasião a imaginativos, de cuidar porque seguiria este monstro esta nau, e outro tão feio como ele à do padre Pedro Martins, antes de dar e assentar sobre os baixos, que acima disse, a nau Santiago.**”*⁶¹⁷

Este é um exemplo claro de como os acontecimentos muitas vezes não eram narrados logo após a sua ocorrência. Aqui, o Padre Gaspar Afonso refere um episódio que teria acontecido cerca de dez dias antes e porque estariam a atravessar uma fase mais atribulada na navegação. Na investigação desenvolvida por Kioko Koiso há referência a este episódio, através da citação do manuscrito conservado na Biblioteca Pública de Évora. O discurso é muito idêntico, com exceção de uma frase final que é omissa na versão de Bernardo Gomes de Brito:

*“O seu pintou muito bem o padre Manuel Dias que nella hia, em huma carta que de sua viagem, e naufragio escreveu, Do nosso podíamos nos dizer *Tristius haudillo monstrum, necsoevior ulla Pestis, et iva Deum stygijs se se extulit vndis*”*⁶¹⁸.

Por aqui percebe-se que Gaspar Afonso tinha conhecimento da descrição feita anteriormente por um outro padre de um grande peixe que apareceu à nau Santiago antes do seu naufrágio. Não é no entanto perceptível se o “monstro” que apareceu

⁶¹⁷ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p.666.

⁶¹⁸ Kioko Koiso na sua tese de doutoramento faz referência a este episódio, transcrevendp-o tal como está no manuscrito conservado na Biblioteca Pública de Évora. Koiso, K., (2009), p.25.

também à nau S. Francisco seria semelhante ao anteriormente descrito, sendo pelo menos *“tão feio como ele”*. Estamos perante um exemplo de como a informação prévia que os autores dos relatos tinham referente à ocorrência de situações semelhantes poderia influenciar a maneira como eram descritos os eventos presenciados nas viagens. Por ter conhecimento de um episódio anterior semelhante, Gaspar Afonso refere mesmo que o facto de este “monstro” ter aparecido às duas embarcações, poderia dar *“ocasião a imaginativos”* sobre a sua aparição, ou seja, podia levar a tripulação a pensar que o seu destino seria o mesmo que o da nau Santiago. Este tipo de associação é inexistente nos registos dos diários de bordo anteriormente analisados, mesmo que existisse na mente de quem ia embarcado.

Estes relatos feitos *a posteriori* tinham um público específico que apreciava a espetacularidade, pelo que tendiam a ficar mais fantasiosos, eram como que embelezados em terra para atrair uma maior audiência. O facto de vários destes relatos serem da autoria de padres e religiosos fazia com que observações de elementos desconhecidos fossem atribuídas ao poder divino e como tal, descritas com uma espetacularidade por vezes exagerada. No caso dos diários das viagens da autoria dos próprios pilotos, todos dizem respeito a viagens que correram bem, não havendo exemplos que poderiam servir de prognósticos de um mau acontecimento, nem estes documentos davam espaço a esse tipo de observações.

Já em Santo Domingo e por ser diferente, também o manatim ou peixe-boi é descrito por este padre com muito pormenor, pois em Portugal não os havia para se poder comparar. No entanto, também o facto de ser uma fonte de proteína na alimentação humana não é aqui descurado:

“vimos na cidade de Santo Domingo uma mãe, e um filho vivos; não têm mais semelhança de boi, que uma pouca no focinho, (...) podia o filho só dar de comer a um par de centos de homens, e sobejar para convidar a outros poucos; e com seu tamanho ainda mamava, porque por não deixar a teta foi tomado também com a mãe: cousa nova, e muito de notar em peixe estranho, e que eu nunca tinha lido, nem ouvido de outro”.⁶¹⁹

Apesar do nome “peixe-boi”, este padre alerta os interlocutores que a sua semelhança com os bois era muito pouca, resumindo-se à zona do focinho. A cria observada, apesar de mamar, já tinha um tamanho considerável que daria para alimentar muitos homens. Este comportamento era desconhecido de Gaspar Afonso, que nunca o tinha observado nem sequer ouvido falar de tal. Continua a descrição do manatim comparando-o a uma vaca por dar leite, pela posição do peito, falando da anatomia externa do animal e do modo de parir do mesmo:

⁶¹⁹ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p.694.

“parir seus filhos já formados, que é também cousa rara em peixes, e que eu não sabia mais do que dos tubarões”.⁶²⁰

De notar que este mamífero marinho é, como de esperar para a época, chamado de peixe, tal como anteriormente o padre já tinha feito para as baleias. Por isso estranhava que as crias nascessem já formadas, como só sabia acontecer nos tubarões. Segue-se uma descrição de como se poderia cozinhar este peixe-boi, semelhante ao que se fazia com a carne de vaca, à qual se assemelhava no sabor.

Durante a viagem por mar, mais uma vez são referidos sinais de que estariam perto de costa:

“encontrarmos no mar madeiros, e árvores, que o grande rio da Madalena traz do monte, e alija no mar, entendemos que estávamos avante...”.⁶²¹

Este tipo de elementos eram as chamadas imundices de terra nos diários de bordo, mas que eram também muito importantes como sinais indicadores de proximidade a terra. Também assim o entende Gaspar Afonso, que após a observação destas árvores entende estar mais avançado do que previa anteriormente. Chegados a Havana, a *“chave das Índias”*, este padre dedica um grande parágrafo a falar do sargaço, a alga que é repetidamente referida como um sinal de proximidade de terra nos diários de bordo das viagens dos Descobrimentos. Também ele refere onde era comum encontrar o sargaço:

“Nesta infinidade de baixos, e ilhéus, e dos mais com que a natureza tem salpicadas todas estas Antilhas, deve de nascer aquela erva, a que os navegantes chamam sargaço, e de que também aquele mar fronteiro toma o nome, chamando-se mar de Sargaço, por andar coberto dela, que achamos que vimos da Índia, e do Brasil, e de Índias, e de outras partes de doze graus aquém da Linha, até junto às ilhas Terceiras, sem os pilotos atégora saberem, onde ela possa nascer, e andar em tanta abundância, como em grandes mantas (como eles chamam) pelo mar com suas raízes, flores, e fruto, que é uns grãos pequenos, e tanta frescura, como se daquele elemento tomara ela toda sua sustância, como as outras ervas a tomam da terra. Porque com nós navegarmos alguns

⁶²⁰ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p.694.

⁶²¹ Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p.713.

meses por entre ele, e tirarmos muitas vezes alguns pés, e ramos, nunca mais vi algum seco".⁶²²

Gaspar Afonso dedica uma parte considerável do seu discurso a descrever os locais onde era possível encontrar a erva à qual os marinheiros chamavam sargaço. Apesar de existir em vários locais, existindo inclusive um mar com o seu nome, o padre achava possível que a origem destas ervas fossem as antilhas e todos os baixios e ilhéus existentes. Faz também referência à ocorrência desta alga junto dos Açores, como alguns pilotos também mencionavam nos seus diários e roteiros.

Nesta relação de viagem da Nau S. Francisco, o padre Gaspar Afonso, cuja missão a bordo era *"confessar, dizer missa seca, ensinar a doutrina aos meninos e pregar aos grandes"* acaba por fazer uma descrição pormenorizada dos locais, costumes, animais e plantas com que se depara no decurso de uma atribulada viagem. O facto de se tratar de um relato posterior, escrito mais de três anos depois do início da viagem, pode fazer com que algumas das situações sejam algo exageradas, se não mesmo fantasiosas. Por outro lado, e dada a precisão com que são apresentadas as localizações e a sequência dos acontecimentos, é de esperar que o padre Gaspar Afonso tivesse algo semelhante a um diário, onde ia anotando o que se passava durante os dias de viagem. É frequente neste discurso a inclusão de citações em latim e a referência a clássicos antigos, que algumas vezes são postos em causa pela limitação do seu saber. No que toca à descrição dos elementos naturais, a maioria são-no devido ao seu carácter utilitário para o homem, maioritariamente como fonte de alimento ou com alguma aplicação à medicina. No entanto, animais ou frutos que poderiam colocar em perigo a integridade também eram referidos. É frequente a comparação do que era observado nestas terras distantes com aquilo que se encontrava em Portugal e que era conhecido, numa tentativa não só de aproximar as realidades, mas também de mais facilmente explicar o novo e o diferente a quem nunca o tinha visto. A espetacularidade é outro dos critérios que aqui encontramos para que algo seja descrito, mesmo que não fosse útil à viagem.

Este é um exemplo de um relato especialmente rico em informações sobre elementos naturais que merecia uma análise mais aprofundada por si só. Mais uma vez, por aqui fica bem clara a versatilidade destes documentos, cujas informações que contém não foram necessariamente referidas com o propósito com que atualmente são estudadas. Neste relato, embora também existam, as referências a sinais de localização são em menor número, prevalecendo as referências ao que podia servir de alimento ou a algo desconhecido ou espetacular.

⁶²² Brito, B. G. (1735b), *Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ*, p.724. O autor faz referência ao sargaço como sinal de proximidade da Índia, mas que também era comum encontrar junto ao Arquipélago dos Açores.

Outros relatos de naufrágios que não estão incluídos nesta coletânea fazem igualmente referência a vários elementos naturais, maioritariamente quando estes eram utilizados na alimentação. Esta característica é muito acentuada mesmo quando o percurso era feito por terra, pois a alimentação era uma necessidade básica e diária que tinha de ser acautelada.

No relato de Frei Nuno da Conceição referente a uma viagem entre Goa e Lisboa, cuja embarcação naufragou no Cabo da Boa Esperança em 1622, há referência à carne de “cavalo-marinho”:

*“A vinte e um deste mês (...), chegámos a um rio que passámos em espaço de dous dias, (...). e da outra banda dele achámos uns cafres caçadores, os quais **nos venderam uma pouca de carne de cavalo marinho, que foi para nós grande alento**, e a este rio pusemos o nome de o dos **Camarões, por nele nos venderem muitos**.”*⁶²³

O cavalo-marinho que aqui é referido é na verdade um hipopótamo. Nesta época os hipopótamos eram comparados a cavalos que andavam na água, daí o nome pelo qual eram conhecidos. São também referidos os camarões, que eram comprados em grande quantidade naquele local e que serviam para alimentar aqueles homens.

Mais tarde, no relato de um naufrágio ocorrido em 1635, é feita uma descrição muito pormenorizada destes chamados cavalos-marinhos, não só por serem caçados para servir de alimento, mas também por serem animais de grande porte. Mais um exemplo de que os “monstros” podê-lo-iam ser pelo seu tamanho e bravura e não só por se tratar de um ser desconhecido e quase sobrenatural:

*“Em uma tarde de Novembro, (...) veio um negro avisar ao mestre que **vira três cavalos-marinhos deitados em um mato** (...). É este animal **mais grosso do corpo que três grandes touros, com os pés e mãos mui curtos**, em tanto que os alarves fazem covas nos caminhos por onde costumam andar, e as cobrem por cima sutilmente, e, como algum cai com pés e mãos, se não pode mais sair, e ali os matam para comerem como nós, que **nos souberam a mui bons capões cevados; a pele é tão dura**, que um pelouro de mosquete a não passou, antes caiu amassada no chão, **mas pela barriga é mais delgada; têm todos uma estrela branca na testa, as orelhas pequenas e como de cavalo, a cabeça mui disforme, porque têm uma boca grandíssima, com uns beiços virados para fora que deve pesar***

⁶²³ Sérgio, A. (1958), *Viagem de Goa a Lisboa (naufrágio no Cabo da Boa Esperança), nau S. João Baptista, com caitão-mor Nuno Álvares Botelho, 1 de março de 1622. Relato de Frei Nuno da Conceição, frade franciscano da Congregação da Terceira Ordem*, p.20.

cada um mais de arroba; e vão comer ao mato como qualquer outra fera. E com este monstro entretivemos aquela tarde...”.⁶²⁴

Como já percebemos ser habitual, neste tipo de descrições era frequente a comparação dos hipopótamos com outros animais conhecidos, quer quando descrevia a sua anatomia, como quando o descrevia enquanto alimento. Assim, touros, capões ou cavalos, animais conhecidos de praticamente todas as pessoas, eram utilizados como termo comparativo para várias características destes cavalos-marinhos, quer se tratasse de descrever a sua dimensão ou o seu sabor.

Se atualmente um arrojamento de um mamífero marinho numa qualquer praia é motivo de curiosidade, há vários séculos atrás parecia ser encarado com mais naturalidade, como se percebe pelo relato de um Cavaleiro da Ordem de Cristo em 1647:

“Ao outro dia chegámos a outro rio de mui fresco arvoredado cerrado na boca, em que se **achou um baleato dado à costa da praia, de que cada qual chegámos a cortar o seu pedaço para comer**”.⁶²⁵

Neste relato não há qualquer motivo de espanto por terem encontrado um baleato arrojado na costa. Significava antes a obtenção de alimento sem grande esforço, mesmo sem saberem há quanto tempo poderia estar o animal naquelas condições. Como já foi referido, é neste tipo de relatos que as superstições estão mais presentes, pois há quase sempre algum elemento que é observado e que parece ser indicador de mau presságio para a viagem, seja porque anuncia temporal ou porque faz a nau naufragar. O facto de os relatos serem feitos depois dos acontecimentos e de modo a acentuar as dificuldades por que passaram os seus intervenientes, leva a que a fantasia ou o exagero sejam uma componente muito forte nestes testemunhos:

“(...) ninguém julgou nunca chegar ao que então víamos, que era estar em navio à vela, outra vez em demanda do Cabo da Boa Esperança (...); mas este ânimo lhes durou pouco, porque, vindo com o tempo claro e bom vento Levante correndo a terra para o **Cabo da Boa Esperança**, trazendo o balão à toa, **pelas quatro da tarde apareceu um peixe a que chamamos orelhão, e sempre que se vê se segue logo borrasca, e assim nos aconteceu, porque saltou de improviso o vento Noroeste, com muitos trovões, e logo ao Oeste, e tornámos a voltar para dentro, vendo-nos aqui no maior perigo de todos os que tínhamos passado (...)**”.⁶²⁶

⁶²⁴ Sérgio, A. (1958), *Naufração da nau nossa senhora de belém no ano de 1635 – relato de ??*. viagem de regresso ao reino, p.118.

⁶²⁵ Sérgio, A. (1958), *Naufração das naus sacramento e n.ª s.ª da atalaia no cabo da boa esperança no ano de 1647 (regresso ao reino), por Bento Teixeira Feio, Cavaleiro da Ordem de Cristo*, p.149.

⁶²⁶ Sérgio, A. (1958), *Naufração da nau nossa senhora de belém no ano de 1635 – relato de ??*. viagem de regresso ao reino, p.123.

Em nenhum relato analisado até ao momento há a referência a este peixe “orelhão”, cuja observação parecia antever mau tempo, apesar de parecer ser uma observação frequente. Como que a confirmar o prognóstico, o mau tempo apareceu, não se sabendo se a associação ao avistamento do peixe foi feita no imediato ou só após a confirmação da “borrasca”.

Em 1693 Francisco Corrêa descreveu um episódio pelo qual passou durante a viagem do patacho Nossa Senhora da Candelária, que acabaria por naufragar junto à Ilha da Madeira:

*“... ainda mal se divisava a luz quando vimos sair das águas uma mulher matinha e com tanta ligeireza entrou em terra e subiu ao monte que não tiveram todos os companheiros o gosto de a verem. Tinha todas as perfeições até à cinta que se discorrem na mais formosa e somente a desfeavam as grandes orelhas que tinha, pois lhe subiam à distância de mais de meio palmo por cima da cabeça. Da cinta para baixo toda estava coberta de escamas e os pés eram do feitio de cabra, com barbatanas pelas pernas. Tanto se viu no monte, pressentindo ser vista, deu tais berros que estremecia a Ilha pelo retombo dos ecos e saíram tantos animais de tão diversas castas que nos causou muito medo. Arrojou-se finalmente ao mar pela outra parte com tal ímpeto que sentimos nas águas a sua veemência. Todos se assustaram menos eu, pois já tinha visto outra no Cabo de Gué e tinha perdido o medo com outras semelhantes aparições; e me lembro que junto a Tenerife vi um homem marinho de tão horrendo feitio que parecia o mesmo Demónio. Tinha somente a aparência de homem na cara; na cabeça não tinha cabeços mas uma armação, como de carneiro, revirada com duas voltas; as orelhas eram maiores que as de um burro; a cor era parda, o nariz com quatro ventas, um só olho no meio da testa, a boca rasgada de orelha a orelha e duas ordens de dentes; as mãos como de bugio, os pés como de boi e o corpo coberto de escamas mais duras que conchas. Uma tempestade o lançou em terra e tais bramidos deu que entre eles expirou e para memória se mandou copiar a sua forma e se conserva na Casa da Cidade daquela ilha.”*⁶²⁷

O autor relata este episódio com algum detalhe e, tal como em exemplos anteriores, recorre a comparações com outros elementos conhecidos. Por todo este pormenor, esta citação acaba por ser muito extensa, mas no entanto muito importante, pois refere-se a algo que consideravam ser monstruoso e revelador de mau presságio. A “mulher” que observaram a sair da água teria a aparência de uma mulher perfeita até à cintura, com exceção das feias e grandes orelhas que lhe tiravam a beleza. Na parte posterior, a aparência era uma mistura entre peixe e cabra, não sendo perceptíveis as

⁶²⁷ Ferreira, J.P. (1980), *Naufrações, viagens, fantasias e batalhas*, p.24.

vocalizações que emitia. Apesar de ter sido um episódio que assustou quase todos os que o presenciaram, o autor deste relato não parece ter ficado impressionado, pois não seria a primeira vez que via semelhante criatura, o que dava mais credibilidade ao avistamento. Junta à descrição um episódio semelhante presenciado pelo próprio em Tenerife, envolvendo uma criatura com a aparência de homem, da qual faz uma descrição detalhada. Para que não restassem dúvidas da veracidade desta situação, refere que foi feito um desenho do monstro que ficou para memória futura nessa mesma localidade. Este é um dos excertos analisados que relata uma das situações mais fantasiosas, onde o autor parece inspirar-se em lendas antigas que existiam há vários séculos, nas quais aparecem criaturas míticas como as sereias ou os homens-monge. É um relato feito também em contexto de naufrágio no final do século XVII, onde muitas vezes a introdução de episódios que relatavam encontro com seres diferentes ou que descreviam lutas e situações perigosas, aumentavam o interesse e a audiência, ao mesmo tempo que glorificavam ainda mais quem tinha passado por tamanha provação. A introdução de testemunhos na primeira pessoa ou de alguém credível aumentava a veracidade das histórias que se contavam, por muito fantasiosas que pudessem ser. Face a todas as histórias que se contavam e conheciam acerca do desconhecido existente para lá dos Cabos agora ultrapassados, não era difícil para quem não realizava estas viagens acreditar nas notícias que lhes chegavam. Se os roteiros e os diários de viagem eram escritos para alcançar um público mais técnico, mesmo que iletrado, as histórias de naufrágios e acidentes ocorridos ao longo das grandes viagens rapidamente chegavam a um público menos instruído, com um imaginário mais permeável ao fantasioso. Com esta presença tão forte e tardia destas histórias e dos seus personagens, consegue-se perceber um pouco o porquê da presença de seres enigmáticos e monstruosos nas histórias que chegam aos dias de hoje.

7 – Natureza e Localidade

Como se pode perceber, desde a antiguidade clássica que há informação compilada acerca dos animais que habitavam os mares e oceanos, misturando por vezes características de animais reais com animais imaginários. Apesar de esta informação não chegar de igual modo a todos os estratos sociais, estando muita dela reservada à elite letrada, uma parte considerável era transmitida através da tradição oral, com lendas e mitos a integrarem esta cultura popular. Já muitas das observações feitas por Aristóteles correspondiam à realidade como hoje a conhecemos e serviram de ponto de partida para uma série de outras obras que se foram escrevendo nos séculos seguintes. No século XVI vários naturalistas escreveram sobre a fauna marinha existente, classificando praticamente tudo o que existia no meio marinho como peixes. Conrad Gessner foi um dos exemplos aqui referido, mas também Belon ou Aldrovandi compilaram obras importantes que abordavam esta temática. Mas ainda nesta altura a influência das obras de Aristóteles ou de Plínio era marcada, com a *Naturalis historia* de Plínio a ser reeditada por 50 vezes no século XVI.⁶²⁸

Portugal esteve intimamente ligado ao imaginário marítimo, quer pela sua localização geográfica, quer pelo seu passado histórico de pesca, baleação e viagens de Descobrimentos, onde o mar fez sobressair sentimentos contraditórios como o medo e a conquista, a felicidade e a tristeza ou o perigo e a sedução.⁶²⁹ As viagens de quinhentos e seiscentos foram uma grande escola de aprendizagem da realidade e dos seus conteúdos, interferindo diretamente na transformação da imagem que se tinha do mundo até então.⁶³⁰ Os marinheiros, os pilotos e os que iam a bordo das embarcações escreviam os seus relatos, ou memorizavam as suas histórias e muita desta informação chegava a Portugal aquando do seu regresso do mar, espalhando-se

⁶²⁸ Brito, C. (2009), p.259.

⁶²⁹ Tomás, J. (2013), p.5.

⁶³⁰ Soler, I. (2003), p.11-103.

pelo país e também pela Europa. Este conhecimento era assim difundido, mas não quer dizer que chegasse da mesma forma a todas as pessoas.⁶³¹

Estas viagens tiveram um enorme impacto nos mais diversos domínios, desde o geográfico ao comercial, passando pelo político e religioso. Através de todo o empreendimento denominado Descobrimentos, Portugal contribuiu também para o desenvolvimento da ciência e da técnica, tendo alcançado conhecimentos novos que foram introduzidos em vários ramos do saber, como a astronomia, a geografia, a cartografia, a construção naval, a economia, a medicina ou a botânica. A criação da náutica astronómica, o traçar de mapas com as primeiras representações da maior parte da terra, a capacidade de construir navios adequados à prática das grandes viagens oceânicas e o conhecimento e a transferência de plantas e animais desconhecidos ou mal conhecidos dos europeus, são alguns exemplos de iniciativas dos portugueses que alcançaram larga repercussão internacional.⁶³² E são também estes os exemplos mais estudados quando se fala das grandes navegações portuguesas.

No que aos animais diz respeito, o interesse demonstrado pelo que era diferente e exótico tinha quase sempre como alvo espécies encontradas nos destinos distantes e que se podiam transportar para que outros pudessem confirmar e validar a sua existência. Para a Coroa Portuguesa, a posse de espécies exóticas tinha o valor simbólico de representar o domínio, não só sobre essa natureza exótica, como sobre todo um império distante.⁶³³ E é sobre essas espécies que serviam de ostentação, que eram exibidas em gabinetes de curiosidades, que eram acessíveis não só ao círculo da elite colecionadora, mas a uma audiência muito mais ampla, que os estudos se centraram essencialmente.

No entanto, as inúmeras viagens portuguesas potenciaram o acesso não só ao exótico e ao exuberante existente em territórios distantes como África, Ásia ou América, mas também a espécies que existiam no caminho que estes marinheiros percorriam até lá chegar. E esse caminho era inicialmente o “mar tenebroso”, onde se pensava que habitavam criaturas que motivavam o medo de navegar para além do conhecido. O mesmo mar que mostrou depois ser o “mar companheiro” de meses de viagem. Nesse mesmo mar dúbio, era possível encontrar elementos naturais que auxiliavam a navegação, elementos esses objeto central desta investigação.

As viagens portuguesas para os quatro cantos do mundo ajudaram a ultrapassar fantasias e mitos existentes, legado de um imaginário medieval, que nunca deixou de

⁶³¹ Leitão, H.S. (2004), p.15-53.

⁶³² Garcia, J. M. (2012a), “O Infante D. Henrique e o início da globalização 1415-1460”. *O mundo dos Descobrimentos Portugueses*, p.9.

⁶³³ Egmond & Dupré, (2016), *Embattled territory – the circulation of knowledge in the Spanish Netherlands*, p.204.

estar totalmente ausente nos séculos posteriores. Quanto mais distante e desconhecida era uma região, maior a facilidade em criar um universo fantástico e fabuloso. Até meados do século XIII, os europeus conheciam cerca de um terço da superfície terrestre e uma ínfima percentagem dos mares e oceanos, realidade que começou a mudar após as viagens iniciadas em quinhentos.⁶³⁴ Com vários territórios a serem descobertos e a verificação de que não eram habitados por criaturas tão fantásticas e assustadoras como se pensava, o imaginário do fabuloso e do monstruoso passaria a estar maioritariamente no mar profundo e inacessível. As viagens dos Descobrimentos Portugueses integraram um processo histórico que foi decisivo para o progresso da humanidade como um todo, através da contribuição para o conhecimento do mundo e do relacionamento entre as suas civilizações.⁶³⁵

Apesar deste estudo se centrar nas viagens portuguesas, Espanha também levou a cabo uma série de eventos associados à expansão marítima dos séculos XV e XVI. Em conjunto, estas ações tiveram uma grande importância na história da Europa, tendo recebido a denominação de “ciência ibérica”. O início da navegação oceânica de longa distância, que possibilitou posteriormente o estabelecimento de rotas comerciais com as novas terras descobertas, mudou a história da Europa. No entanto, afetou também a história de todos os continentes.⁶³⁶ Estas alterações estiveram associadas a práticas científicas e tecnológicas específicas e no caso concreto do estudo da natureza, possibilitaram a emergência de novas classes profissionais que serviam de intermediários entre os eruditos e os artesãos, reconfigurando a estrutura social conhecida.⁶³⁷ Embora até há algum tempo atrás não lhe fosse dado o devido crédito na grande narrativa histórica mundial, atualmente é imprescindível reconhecer a importância do papel desta “ciência ibérica”. Um papel imprescindível não só na descoberta de novos mares e terras, mas também no aparecimento de novas metodologias de estudo e de descrição do mundo natural. A chegada de portugueses e espanhóis a novos mundos descobertos possibilitou uma nova maneira de fazer ciência. Nos dias de hoje, é difícil compreender a história científica da Europa moderna sem considerar as transformações que tiveram lugar na Península Ibérica essencialmente durante o século XVI.⁶³⁸

A descoberta do Novo Mundo confrontou os intelectuais com a surpresa da existência de espécies até então desconhecidas, que alteraram os sistemas de classificação animais utilizados. Com as expedições pelo Novo Mundo, foi recolhida nova

⁶³⁴ Gimenez, J. C. (2001). “A presença do imaginário medieval no Brasil Colonial: descrições dos viajantes”. *Acta Scientiarum*, Maringá, 23(1):207-213, p.208.

⁶³⁵ Garcia, J. M. (2012a), p.7.

⁶³⁶ Leitão & Sánchez, (2017), *Zilsel's thesis, maritime culture, and Iberian Science in Early Modern Europe*, p.200.

⁶³⁷ Leitão & Sánchez, (2017), p.203.

⁶³⁸ Leitão & Sánchez, (2017), p.201.

informação acerca da fauna estranha e exótica existente nesses locais.⁶³⁹ Logo houve quem tentasse procurar uma explicação para as diferenças encontradas entre os animais do Velho e do Novo Mundo, ou entre os que existiam nos continentes e nas ilhas. Uma das explicações mais adequada para esta diferença encontrada foi a variação do clima existente entre os diversos sítios.⁶⁴⁰

Esta produção de novo conhecimento escrito posteriormente às descobertas, em gabinetes longe do mar, estava condicionada pelos juízos pré-concebidos existentes e por toda a informação que chegava através de lendas ou histórias existentes desde a antiguidade ou mais tardiamente através de obras com conteúdos de história natural. Não é por isso de estranhar, por exemplo, que ainda fossem referidos avistamentos de sereias um pouco por todo o mundo entre os séculos XVI e XVIII,⁶⁴¹ pois estas já eram referidas em vários clássicos, desde Plínio até aos tratados medievais e bestiários, onde apareciam com um carácter moralizador.⁶⁴² Ao circularem por novas rotas marítimas, os navegadores recorriam às suas noções herdadas do passado acerca da fauna marinha. Um ser nunca antes visto ou com características diferentes das usuais podia resultar em descrições fascinantes e imaginativas de monstros marinhos.⁶⁴³ Os animais são organismos mais complexos que as plantas, sendo também mais difíceis de observar e de analisar, pelo facto de se moverem e da sua tendência para se esconderem, o que é ainda mais acentuado nos animais marinhos.⁶⁴⁴ Por esta razão, muitas histórias de desgraças foram retomadas após a observação de grandes peixes ou baleias, baseados nos mitos antigos de seres maravilhosos e monstruosos que constavam nos bestiários medievais.⁶⁴⁵ Mas é também característica do homem de qualquer época a sua propensão para deformar, ficcionar e mitificar, quer seja por interesse ou mesmo por excesso de imaginação.⁶⁴⁶ Esta característica poderia também estar influenciada pelas condições em que decorria a viagem, com problemas de acondicionamento de pessoal e de material, com falta de alimentos e água ou relacionada com as doenças que iam surgindo ao longo da viagem e que eram responsáveis pela redução da tripulação.

No século XVI e até meados do século XVII, o pensamento humano sofreu um difícil exercício de substituição da ideia do mundo como um todo ordenado e finito, pela

⁶³⁹ Enenkel & Smith, (2007), *Early Modern Zoology: The construction of animals in science, literature and the visual arts*, p.1.

⁶⁴⁰ George, W. (1980), p.100.

⁶⁴¹ Brito, C. (2009), p.55.

⁶⁴² Peinado, L.R. (2009), p. 53.

⁶⁴³ Lopes, P. (2009), p.237.

⁶⁴⁴ Enenkel & Smith, (2007), p.3.

⁶⁴⁵ Brito, C. (2009), p.271.

⁶⁴⁶ Soler, I. (2003), p.161.

ideia da existência de um universo indefinido e sem limites,⁶⁴⁷ pelo que naturalmente também o modo de observar e descrever a natureza foi alterado. A nova realidade natural observada passa a ser credibilizada através do testemunho próprio “eu vi”, por o ouvir dizer de “alguém digno de fé”, alguém credível e com uma posição social relevante. Deste modo, questionava-se a autoridade dos sábios da Antiguidade, que mesmo assim continuavam a ser evocados, como nos casos inquestionáveis de Aristóteles ou de Plínio. A informação veiculada por não-instruídos – marinheiros, pilotos, viajantes, soldados e comerciantes – foi assim tomada como digna de crédito a ponto de poder questionar ou reprovar os sábios, numa nova forma de validação da informação sobre a natureza.⁶⁴⁸ O imaginário marítimo europeu sofreu uma mudança gradual, com o mito oceânico do mar tenebroso a ser gradualmente derrubado, mudança para a qual contribuiu a dobragem dos Cabos Bojador e da Boa Esperança.⁶⁴⁹ O mar, embora perigoso, funcionava como um meio de acesso a muitas riquezas terrestres e distantes. Em Portugal, as conquistas feitas através das viagens realizadas na época dos Descobrimentos foram as responsáveis por esta mudança de mentalidades, de ver a natureza e de a descrever aos outros. O mar possibilitou aos seres humanos percorrer e transportar mercadoria por longas distâncias, chegando ao outro lado do mundo. Mas para que isso fosse possível, muitos tiveram de entregar o seu destino aos “mares nunca antes navegados” e à incerteza de poderem retornar à pátria. Confiavam fortemente na proteção divina, pelo que a atividade religiosa a bordo era prática corrente.⁶⁵⁰

Estas viagens abriram não só as rotas que permitiram as ligações intercontinentais e transoceânicas, como também a criação de uma cartografia que suscitou uma nova visão do mundo. A cartografia dos séculos XV e XVI, não só a portuguesa como a estrangeira que das viagens lusas dependeu, constituiu um dos mais notáveis reflexos desta época, revelando a nova geografia do mundo que então se passou a conhecer.⁶⁵¹ Muitos dos mapas conhecidos desta época, eram ornamentados com imagens de grandes monstros marinhos, sem no entanto se saber muito bem o seu significado. É possível que para alguns conhecedores destes mapas a localização dos monstros marinhos poderia indicar a presença real de criaturas consideradas monstruosas por esses oceanos, já que também continham informação atualizada e verídica acerca da nova geografia conhecida. Para outros serviriam apenas como elemento enriquecedor da beleza dos mapas, não indicando a presença ou mesmo a real existência dessas criaturas. Certo é que muitos destes mapas eram autênticas obras de arte que ajudavam a construir uma imagem de poder social e político, pelo que a introdução de

⁶⁴⁷ Soler, I. (2003), p.11-104.

⁶⁴⁸ Leitão, H.S. (2013), p.30.

⁶⁴⁹ Tomás, J. (2013), p.36.

⁶⁵⁰ Koiso, K. (2004), p.437.

⁶⁵¹ Garcia, J. M. (2012d), “O mais longínquo Oriente 1515-1555”. *O mundo dos Descobrimentos Portugueses*, p.119.

objetos de grande valor e animais raros e exóticos nessas telas refletiria distinção e estatuto para quem os adquirisse. Não seriam certamente esses os mapas que iam a bordo, onde a leitura das cartas tinha de ser rápida, clara e o mais acertiva possível. Os elementos decorativos e que não acrescentavam informação pertinente à navegação, não podiam distrair a tripulação.

Não eram só os mapas que continham novidades acerca do mundo geográfico. Estas novidades estavam também registadas num conjunto de documentos escritos associados a estas viagens marítimas. Os pilotos transmitiam as ordens de navegação aos marinheiros após consultarem bússolas, astrolábios, guias náuticos e cartas de marear, sendo da autoria de muitos os diários de bordo das referidas viagens.⁶⁵² São alguns destes diários que fazem parte do corpo documental analisado, juntamente com relatos e relações de viagens feitas maioritariamente por portugueses nos séculos XV a XVII. Durante este período foram realizadas as viagens mais emblemáticas da história da Expansão Portuguesa e aquelas às quais mais estudos foram dedicados. Partiam do Reino todos os anos cerca de 15 navios até ao ano de 1510 e entre 5 a 6 já na segunda metade do século XVI, navios estes destinados a alimentar uma complexa rede de posições e interesses económicos, políticos, militares e religiosos.⁶⁵³

A literatura ibérica relacionada com os descobrimentos marítimos no período compreendido entre os séculos XV e XVII demarca-se das autoridades clássicas. O novo conhecimento deixa de ser adquirido através de silogismos lógicos ou raciocínio dedutivo, e passa a sê-lo através da experiência, através de evidências empíricas diretas. Marinheiros, soldados, missionários ou viajantes tornam-se portadores de nova informação acerca da natureza, desafiando a informação transmitida durante séculos pelos mais conceituados autores clássicos, alterando assim a hierarquia de conferir autoridade e autenticidade à informação veiculada.⁶⁵⁴

Os navegadores portugueses dos séculos XV e XVI produziram assim um corpo literário significativo de manuais e diários de bordo, corpo este que nunca foi bem conhecido fora do país, pois muitos destes documentos não chegaram a ser editados ou traduzidos, ou foram-no em edições de circulação limitada. Este espólio constitui um importante contributo para o entendimento dos tempos de transição entre a Idade Média e a Modernidade, confirmando a importância que Portugal teve em todo este processo.⁶⁵⁵

Não se conhece documentação referente a todas estas viagens, porque simplesmente não existiu, porque se perdeu ou porque ainda não foi identificada. A viagem de Vasco da Gama que abriu não só as portas marítimas à Índia, mas a todo um mundo de

⁶⁵² Garcia, J. M. (2012d), p.11.

⁶⁵³ Garcia, J. M. (2012d), p.7.

⁶⁵⁴ Leitão & Sánchez, (2017), p.208.

⁶⁵⁵ Almeida, O.T. (2009), p.78.

exploração geográfica e comercial, foi responsável também pela abertura de um caminho de observação do mundo natural existente nos oceanos até então distantes e desconhecidos.⁶⁵⁶ E o que é novidade nesta abordagem é que esta observação era feita, não por naturalistas ou homens nomeados para essa função específica – que também a fariam, certamente – mas inicialmente por pilotos e marinheiros que liam os céus e os mares para se orientarem, recolhendo informação sobre vários elementos naturais existentes, em diversas zonas, mais ou menos conhecidas. Surpreendente também é que esta informação recolhida por estes homens deitava por terra muitos dos mitos existentes. Chegava a questionar as autoridades clássicas – e mesmo assim era digna de crédito – acompanhando todas as mudanças que o mundo estava a presenciar.

Após a análise cuidada dos documentos referentes a algumas destas viagens, que representam obviamente uma ínfima parte do existente, as descrições foram divididas por categorias de acordo com a função que era dada aos elementos observados e referidos. Uma das obras que foi analisada que não estava prevista no contexto do *corpus* principal deste estudo foi *Os Lusíadas*. Apesar de esta ser uma verdadeira obra literária, achou-se pertinente a sua análise não só pelo tema abordado, mas por alguns dos episódios narrados por Luís de Camões embarcarem certamente nas viagens da Carreira da Índia, tendo em conta o sucesso deste clássico. Como se verificou, face à dimensão da obra as referências a animais marinhos reais ou mesmo fantasiados são muito poucas, mas não deixam de estar presentes. Focas, aves e golfinhos habitam o mesmo meio que sereias ou que o mítico Adamastor e é este cenário que alguns homens embarcados esperam e temem encontrar. O facto de a narrativa assentar na realidade histórica das viagens efetuadas pelo povo português, acaba por dar uma dimensão mais real a todos os seres mitológicos intervenientes, enfatizando também os perigos inerentes a estas viagens, que eram assim associados à presença de terríveis monstros que os causavam. O conhecimento destas histórias por parte de quem viajava podia potenciar descrições de animais sem estabelecer uma fronteira definida entre o que hoje consideramos real ou imaginário. Se observavam as focas ou os golfinhos referidos nesta obra, porque não poderiam existir as sereias ou os terríveis “Adamastores” ao dobrar um cabo ou a causar uma tempestade ou outra desgraça? A fantasia criada em torno de muitos dos “monstros marinhos” que eventualmente amedrontavam quem embarcava devia-se certamente à observação de animais marinhos reais, que apareciam parcialmente e por pouco tempo à superfície, atenuando ainda mais essa fronteira entre o que era ou não real.

Nos restantes documentos analisados, várias são as referências a um sem número de elementos naturais. Independentemente de se tratar de uma ave pousada ou em voo, de um tronco a flutuar ou de um mamífero marinho, todos são referidos com mais ou

⁶⁵⁶ Garcia, J. M. (2012c). “O conhecimento do Índico e a chegada ao Pacífico 1500-1514”. *O mundo dos Descobrimentos Portugueses*, p.10.

menos pormenor, sendo a sua utilidade a razão principal da sua referência nestes textos. Diários referentes a viagens de sucesso ou crónicas de naufrágios, em comum têm a descrição de vários elementos naturais ao longo da narrativa, sendo por imposição do reino para darem conta dos sinais que encontrassem, por vontade própria do autor ou como forma de informar instituições religiosas de tudo o que se passava durante as viagens. Indicadores das paragens onde estavam ou pensavam estar, como previsão do tempo ou como fonte de alimento, a função destes elementos era a de serem úteis à navegação e à sua tripulação. As anotações serviriam depois para melhorar as viagens que se seguiam, num complemento aos instrumentos náuticos utilizados e às cartas de navegação que iam a bordo, de modo a facilitar a navegação não só a pilotos menos experientes, como na preparação de viagens com mais rigor.

Teria Vasco da Gama conseguido o sucesso na abertura do caminho marítimo para a Índia sem as informações sobre ventos e correntes recolhidas por Bartolomeu Dias nas suas explorações pelo Atlântico Sul?⁶⁵⁷ Não conseguimos responder a esta questão com certeza, mas é provável que tal não fosse possível, pelo menos com a “tranquilidade” com que decorreu a viagem de 1498. Mas não era só o conhecimento dos ventos dominantes ou da força e direção das correntes marítimas que eram importantes para uma boa navegação; tudo o que poderia servir de ajuda na localização das naus, como alimento ou como potencial perigo a evitar era descrito com mais ou menos pormenor nestes textos. Numa época em que apenas uma coordenada geográfica era determinada com alguma segurança, e onde a sensibilidade dos instrumentos náuticos não era a mais precisa, todos os elementos passíveis de auxiliar na localização do navio eram assim alvo de atenção e de registo pela tripulação.

Por vezes as descrições não eram feitas com este propósito, mas sim devido a relatarem algo diferente, quer pelo espetáculo que era a sua observação, quer pela sua raridade. Quando confrontados com algo novo, independentemente do motivo que tivesse levado à sua descrição – singularidade, dimensão, novidade, alimentação – a comparação com o que se conhecia era frequente e inevitável. E o que era chamado de “monstro” também o era devido a várias causas. As baleias são um exemplo de que a monstruosidade associada ao animal muitas vezes não o era devido ao fator novidade ou originalidade, algo nunca antes visto, mas mais ao fator dimensão, algo que de tão grande se tornava monstruoso e ameaçador. Através destes exemplos podemos ver a importância da informação relativa à história natural contida em documentos pouco habituais, como nestes diários de bordo ou nas relações de viagens, onde há descrições do mundo natural longínquo impressionantes e baseadas na experiência e na observação direta de quem não tinha essa função principal. São

⁶⁵⁷ Garcia, J. M. (2012b). “D.João e os rumos da expansão 1469-1495”. *O mundo dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, p.85.

por isso estes documentos fontes de estudo importantes, abandonando-se a ideia de que só as fontes eruditas e dedicadas ao estudo específico de determinada matéria podem ser objeto de estudo em História da Ciência.

Neste trabalho foram analisados essencialmente três tipos de documentos, que permitiram levantar um pouco o véu ao modo como era vista a natureza por diferentes olhos e dependendo das circunstâncias da viagem. Os diários de bordo e os relatos de viagens escritos por pilotos, homens geralmente com pouca instrução mas com mais ou menos experiência de navegação; os *Comentários* de Silva Y Figueroa, homem culto e com interesse pela natureza, embaixador ao serviço da coroa espanhola, numa viagem com um piloto português; os relatos de naufrágios feitos posteriormente às viagens, geralmente da autoria de boticários ou padres.

No caso dos diários escritos pelos pilotos, o olhar diferente e especial para a natureza, por quem aparentemente não tinha essa função, fornece-nos dados importantes acerca da aquisição de conhecimento sobre o mundo natural e como é que este conhecimento circulava posteriormente. Na falta dos verdadeiros naturalistas a bordo das naus que partiam para esta aventura náutica, muitos eram aqueles que faziam descrições muito reais do que era visto noutras terras e noutros mares nunca dantes navegados. A experiência, mais que a posição social, passava a ser um critério de validação da informação do que estava distante, em substituição da antiga tradição de obtenção desta validação através de clássicos. Iniciava-se assim um processo de reajustamento dos tradicionais modos de conferir credibilidade ao saber sobre o mundo natural. Nesta época, o ver ou o ouvir dizer de alguém digno de fé eram condição suficiente para validar a informação contida num relato, mesmo que aparentemente narrassem algum acontecimento mais estranho.

O objetivo principal com que os elementos naturais eram descritos nestes documentos era devido à sua função como sinais que auxiliavam os pilotos na localização da embarcação. Aves, peixes e lobos-marinhos, borboletas, cobras e caranguejos ou mesmo troncos de árvores, raízes ou frutos arrastados pelas correntes, serviam de indicadores da proximidade de terra e eram mencionados em praticamente todos os diários. São notórias as diferenças no discurso das descrições aqui apresentadas e analisadas, sendo estas diferenças maioritariamente inerentes ao sujeito que as fez e não tanto à época em que foram feitas. Há autores que são mais descritivos, outros mais sucintos, uns que pareciam dar mais importância a mamíferos marinhos, outros mais aos elementos provenientes de terra. Mas de um modo geral, só quando alguma espécie desconhecida era avistada é que havia mais algum pormenor na sua descrição. Caso contrário, os elementos avistados eram apenas enumerados, tal como definido pela ordem dada aos pilotos da Carreira da Índia, formalizada no início do século XVII, mas aplicada muito antes.

Gaspar Ferreira, aparentemente o piloto mais experiente cujos relatos foram analisados, parecia dar muita importância às aves e às “imundices de terra”, especialmente quando não conseguia perceber a sua proveniência. Apesar de considerar que a própria descoberta da Índia foi em muito devida ao papel divino, já que Vasco da Gama foi “*guiado mais por Deus Nosso Senhor, que por Roteiros nem informações que levasse a que parte do mundo a Índia estava*”,⁶⁵⁸ achou por bem escrever um roteiro onde a sua experiência de navegação fosse uma mais-valia para os que lhe seguissem:

“(...) e como eu fui o primeiro, que nestes nossos tempos tornasse a fazer este caminho, que os antigos faziam por dentro, me pareceu ser serviço de sua Majestade fazer êste Roteiro dos caminhos, e derrotas, e sinais, que nêle há, com a experiência de cinco viagens, que de Goa fiz para êste reino, todas em capitãcias por dentro de Moçambique e São Lourenço a salvamento, como farão com o favor de Deus todos os que fizerem êste caminho, seguindo o Roteiro que se segue com muita vigilância e cuidado, como convém, e é necessário.”⁶⁵⁹

Segundo o próprio piloto, ele teria sido o primeiro a replicar o caminho efetuado por Vasco da Gama e sentia-se assim na obrigação de escrever um roteiro onde deixasse registado as indicações recolhidas pela experiência de cinco viagens bem-sucedidas. Todos aqueles que seguissem este documento com a devida e necessária atenção teriam também sucesso nas próximas viagens realizadas.

Já o piloto João Ramos referia poucos elementos e de uma forma mais simples, enquanto Simão Castanho dava muito crédito aos sinais que encontrava, independentemente do que se tratasse.

Não é propósito deste trabalho comentar um a um estes documentos, nem tão pouco caracterizar os seus autores, até porque se desconhece a autoria de muitos dos relatos. Sendo estas diferenças de carácter mais subjetivo, vários fatores inerentes aos autores dos diários têm de ser considerados, sendo que a experiência seria um dos mais importantes. Quanto mais experiente fosse o piloto a realizar aquelas viagens, mais termo de comparação teria para os elementos que esperaria ou não encontrar nos vários locais, o que nem sempre seria uma vantagem. O maior ou menor interesse que os pilotos pudessem ter pelo mundo natural podia também influenciar o que referiam e o modo como o faziam. A realização da viagem numa altura diferente do ano ou as condições meteorológicas existentes na altura, seriam condicionantes suficientes para que os elementos naturais tidos como sinais fossem observados noutra local ou nem fossem de todo observados. Isto poderia confundir os pilotos que

⁶⁵⁸ Reimão, G.F. (1939), p.43.

⁶⁵⁹ Reimão, G.F. (1939), p.45.

confiavam excessivamente nestes sinais para se localizarem, que assim poderiam achar-se noutra localização e cometer erros de navegação.

Para esta avaliação as considerações feitas por Silva Y Figueroa relativamente ao piloto Gaspar Ferreira nos seus *Comentarios* são muito importantes, pois informação desta natureza não é, obviamente, encontrada nos diários escritos pelos próprios pilotos. E pode ajudar a interpretar melhor os diários da autoria dos pilotos. Durante a narrativa de Silva Y Figueroa, são várias as referências a incertezas de localização do piloto por dar demasiado crédito a sinais naturais como as aves, incertezas estas que poderiam fazer com que o desfecho da viagem fosse outro. Estas considerações vão ao encontro daquilo que está refletido nos diários deste piloto, que acreditava muito nas aves como indicador da proximidade de terra. Esta credibilidade de Gaspar Ferreira para com os sinais naturais encontrados durante as viagens devia-se também à sua experiência, pois era o piloto com mais viagens realizadas e anos de mar, inclusivamente nos relatos analisados. Por outro lado, Aleixo da Mota e Manuel Gaspar tinham algum cuidado na consideração de determinadas aves como sinais fiáveis de terra, pois o facto de estas se deslocarem para locais diferentes em busca de alimento, podia confundir os pilotos na localização correta da embarcação. Era esta característica de mobilidade que os fazia duvidar algumas vezes das localizações onde estavam, quer do local onde encontravam as aves, quer as embarcações onde seguiam.

Muitas foram as viagens que acabaram em naufrágio, nunca se tendo descoberto a sua causa nem documentação que ajudasse a perceber-la. O excesso de confiança de quem era responsável pela navegação, fosse nos sinais observados ou nas cartas e instrumentos náuticos utilizados a bordo, foram certamente a causa de alguns dos erros cometidos. Os baixos existentes essencialmente no Canal de Moçambique e no golfo que separa o Continente Africano do Asiático eram um dos maiores perigos para estes pilotos, pois era muito fácil encalhar nestes locais. Manobrar uma embarcação com as dimensões e tonelagem das utilizadas, essencialmente nas viagens para Oriente, não era fácil e as correntes e os ventos nem sempre eram favoráveis, pelo que em zonas de baixa profundidade os problemas adensavam-se. Não é por isso de estranhar que existisse um maior número de referências a sinais que ajudassem a identificar antecipadamente a proximidade destes baixos, como por exemplo os alcatrazes, para que as manobras adequadas fossem realizadas atempadamente, evitando estas formações e, por consequência, possíveis naufrágios.

As aves eram também mencionadas como sinais meteorológicos, com as indesejadas calmarias a afastarem as aves e com as trovoadas de terra a fazerem com que as mesmas fossem observadas em locais de onde não eram características. Gaspar Manuel referia também o comportamento das aves como indicador meteorológico; se estas estivessem “postas no mar”, isso seria sinal de tormenta. Outros locais

apareciam também muito referidos, devido aos seus sinais característicos e por serem escala frequente de abastecimento, como era o caso da Aguada de São Brás e dos lobos-marinhos que frequentemente lá se encontravam. O facto de a tripulação permanecer algum tempo neste local, fazia com que as descrições dos animais observados fossem mais cuidadas e precisas, pois o tempo de observação também era maior e não havia a preocupação de se estar a navegar. Diversas espécies de aves são, de todos os animais, as que mais vezes aparecem referidas, pois além de existirem em maior quantidade, a sua observação era também mais fácil devido ao meio onde se deslocavam permitir a sua observação na totalidade e por muito tempo.

Os peixes, principalmente os tubarões, também eram tidos como sinais, maioritariamente quando eram avistados entre o Cabo da Boa Esperança e o Canal de Moçambique, assim como as tartarugas o eram quando avistadas junto aos Arquipélagos da Madeira ou das Canárias. Relativamente aos mamíferos marinhos, e considerando o fascínio que a sua observação causa ainda nos dias de hoje, seria de esperar um número maior de referências, que acabam por não acontecer. Quando estes animais eram avistados, eram meramente referidos e por poucas vezes há alguma informação adicional que indicie terem algum tipo de função, com exceção para as baleias observadas como sinal da proximidade dos Açores e alguns golfinhos como indicador meteorológico. Como já referido, a principal razão pela qual os elementos naturais observados durante as viagens eram referidos nos diários de bordo e relatos da autoria dos pilotos, era terem alguma utilidade, essencialmente na ajuda da localização ou como fonte de alimento. Este é um factor que pode explicar o reduzido número de referências a estes mamíferos marinhos pelos pilotos, pois raramente eram considerados um elemento com alguma utilidade.

Por outro lado, há referências a elementos naturais como sargaço, borboletas ou outras imundices com origem em terra firme que surpreenderam inicialmente pelo detalhe com que eram por vezes descritos. Várias vezes com informação adicional relevante a ser muito importante para se perceber há quanto tempo estariam à deriva e por conseguinte, a sua distância à costa. O grupo de algas a que chamavam sargaço era um sinal típico do Arquipélago dos Açores, passagem e paragem quase obrigatória no torna-viagem. Mas este sargaço era também encontrado na costa africana ou já no oceano Índico.

A compilação de todas estas informações anotadas nos diários de bordo dava origem aos roteiros de navegação, documentos que serviam essencialmente como manual de conhecimentos do que era esperado encontrar em cada paragem. A informação que aqui estava presente não só validava o crédito que era dado às observações destes pilotos e marinheiros, como servia de veículo de transmissão deste conhecimento adquirido, se bem que num círculo mais restrito e técnico, para preparação das viagens seguintes. No entanto, também a informação presente nestes roteiros estava condicionada pelas

crenças dos seus autores, se davam mais ou menos crédito a determinados elementos naturais observados, assim como à sua interpretação.

Um outro aspeto a considerar nesta análise é a instrução dos autores destes documentos, numa tentativa de perceber a influência dos clássicos antigos ou das obras de história natural que circulavam na altura e das quais pudessem ter algum conhecimento. Estas obras seriam úteis por disponibilizarem a informação acerca das espécies já conhecidas e onde era possível encontrá-las, predispondo os pilotos a verem essas mesmas espécies nas suas viagens. Não se pode entender os autores destes diários como naturalistas ou com algum tipo de interesse pelo mundo natural – se bem que alguns o pudessem ter – nem era isso que se pretendia na altura. Como já foi referido, estes homens procuravam essencialmente sinais que os ajudassem na sua localização e a concretizar a sua viagem sem grandes percalços. É possível que durante estas viagens os pilotos se fizessem acompanhar de relatos anteriores, seus ou de outra autoria, manuscritos que juntamente com as cartas de marear eram uma preciosa ajuda à navegação. Há casos de relatos cuja autoria é atribuída a um autor, normalmente o piloto-mor da nau, mas que poderiam ter mais intervenientes na sua elaboração. Há anotações à margem que acrescentam informação ou reforçam a existente no corpo principal do texto, cuja identificação da autoria não se insere no âmbito desta investigação, pois foram utilizadas fontes impressas.

A alimentação que se fazia a bordo era muitas vezes deficiente, havendo escassez de vitaminas e produtos frescos, pelo que tudo quanto pudesse ser utilizado como alimento e facilmente conseguido no decorrer da viagem também era referido nos diários. Com este propósito há referências não só a peixes, como anchovas, albacoras, pargos ou dourados, mas também a algumas aves que eram capturadas para consumo da tripulação, com destaque para os pinguins, os corvos ou os alcatrazes. Cada viajante recebia mensalmente alimentos sólidos e era responsável pela sua confeção, com exceção dos fidalgos que tinham criados que lhes preparavam.⁶⁶⁰ Assim, o facto de episódios de caça ou de pesca não virem referidos nos diários, não significaria necessariamente que não ocorressem, apenas que o piloto não os achava relevantes ou nem tinha tido conhecimento que tinham acontecido. Ao não serem considerados elementos importantes para a navegação, não tinha a obrigação de os referir, pois estas eram capturas de circunstância, que independentemente de estarem referidas ou não nestes diários, iriam sempre ocorrer em viagens futuras, sempre que fosse oportuno e independentemente da localização ou da espécie em questão. Os lobos-marinhos representam os mamíferos marinhos referidos neste campo, sendo capturados essencialmente quando os navios se encontravam a fazer escala na Aguada de São Brás ou nas suas proximidades, embora golfinhos e toninhas também fossem consumidos.

⁶⁶⁰ Garcia, J. M. (2012d), p.13.

Durante estas viagens, os pilotos não se preocupavam em descrever as espécies animais observadas olhando para elas como estruturas biológicas. Esta categorização foi por nós feita quando se tratavam de descrições mais completas e que recorriam à comparação com alguma espécie conhecida, para melhor descreverem o que estavam a ver e que lhes era útil como sinal ou alimento. No entanto, há algumas das descrições efetuadas, essencialmente de aves, cujas características estão tão bem definidas, que ajudariam a identificar as espécies descritas com algum rigor. Neste caso, há que ter sempre em atenção aos nomes comuns utilizados para denominar as espécies observadas. Apesar de, em alguns casos, serem idênticos aos utilizados hoje em dia, não quer dizer que na altura correspondessem aos mesmos elementos que hoje conhecemos, com a ressalva de que também estes nomes poderiam variar de região para região.

Os terríveis e enigmáticos monstros adquiriram uma maior visibilidade a partir da segunda metade do século XV, devido essencialmente à cultura da impressão. Face à maior divulgação passaram a chegar e a prender o interesse de uma audiência muito mais vasta e variada, dos mais aos menos iletrados, existentes em diferentes estratos sociais.⁶⁶¹ Mas estes monstros estão praticamente ausentes nos relatos diários que os pilotos faziam da sua jornada, sendo quase um contracenso às histórias e lendas de criaturas fabulosas que se encontravam no mar e que se perpetuaram na historiografia ao longo do tempo. Colocados lado a lado, os relatos feitos pelos pilotos parecem ser referentes à navegação em mares completamente distintos dos que eram navegados pelos autores de histórias incríveis e lendas com animais monstruosos – muitos dos quais nunca saídos de uma secretária de um gabinete. Seriam estes últimos resultado da imaginação dos autores destas histórias ou não teriam os pilotos capacidade para observar e descrever corretamente o mundo que os rodeava?

Perante o confronto com novos mundos, novos povos e novas espécies animais e vegetais, surgem novos problemas a ultrapassar. Como já foi referido, o primeiro deles é a questão da observação no mar; após a observação de uma sombra, da parte de um animal que mal se conhece ou nunca se viu, como se fazia a sua reconstituição? Ultrapassado este problema estrutural, surgia a dúvida de como explicar a novidade a quem nunca a tinha visto. Que elementos descritivos se deveriam usar? Como eram estabelecidas as comparações? Atrairia mais atenção tudo o que tivesse uma dimensão “monstruosa”?

Com anteriormente referido, se estes monstros marinhos estavam presentes nas viagens dos Descobrimentos, não era nas águas navegadas pelos marinheiros e pilotos dos documentos analisados. Só uma referência foi encontrada com este sentido, quando um grande peixe desconhecido e mal observado bateu na embarcação de Pedro Lopes de Sousa na sua viagem pela costa do Brasil. Pelo contrário, a referência a

⁶⁶¹ Fontes da Costa, P. (2016), p.13.

animais de maior porte, nomeadamente as grandes baleias, era feita sem grande espanto e na maioria das vezes sem a referência a características adicionais. Conseguimos perceber se era um animal ou um grupo maior, mas raras são as indicações para além da dimensão, sem se ficar a saber mesmo o comportamento ou atividade que estavam a desenvolver. Os autores dos diários analisados não se alongavam na descrição das características dos grandes mamíferos observados, fosse porque os mesmos eram frequentes nas águas que navegavam, ou porque não representariam qualquer mais-valia para a viagem, não devendo assim ocupar tempo na sua observação atenta e posterior descrição. São também dos animais que mais vezes aparecem referidos nas notas laterais, à margem do texto principal, sem muitas vezes serem neste mencionados. Os homens que percorreram mares e oceanos durante o grande período das viagens dos Descobrimentos tinham ou adquiriram com isso grande experiência na arte de navegar. O processo de observação de tudo quanto fosse importante e diferente ao longo das rotas seguidas era vital para que as viagens corressem bem e os destinos fossem alcançados. Não havia espaço para distrações ou para imaginativos, pois o preço a pagar por isso poderia ser demasiado alto, poderia ser a própria vida e a de todos quantos iam a bordo.

Numa primeira análise, foi com alguma estranheza que se verificou que os grandes animais marinhos eram quase que simplesmente enumerados pelos pilotos, enquanto aves ou outros elementos que à partida pareciam não ter grande interesse, eram descritos com algum pormenor e referidos na grande maioria dos relatos de viagens. Foi quando o fator “utilidade” saltou à vista como sendo o denominador comum a todos estes elementos descritos mais frequentemente. Primeiro a localização; tudo quanto ajudasse os pilotos a se orientarem na imensidão dos mares onde estavam era procurado com alento e descrito quando encontrado. Os sinais de localização eram conhecidos e transmitidos de viagem em viagem através dos diários de bordo e das compilações posteriores nos roteiros ou guias de conhecenças. Nada podia ser descurado, mesmo que pudesse parecer irrelevante a quem não estava familiarizado com estes pequenos grandes pormenores. Ainda mais quando os erros de marcação eram comuns nas cartas utilizadas como auxiliares na navegação, com baixos e ilhas inexistentes a aparecerem marcados nas cartas, o que gerava alguma confusão aos pilotos. O contrário também era frequente, quando se deparavam com alguma formação que não estava representada nas cartas utilizadas a bordo, o que se tornava ainda mais perigoso.

As aves são o elemento que mais se destaca como sinal utilizado para proximidade a determinado local, pois além de serem abundantes, o meio onde se deslocavam permitia que a sua observação fosse mais demorada e atenta, chegando algumas delas a pousar nos navios e até a serem capturadas. Quando isto acontecia, os animais eram utilizados para satisfazer outra necessidade, a alimentação da tripulação ou de elementos pertencentes a estratos sociais mais favorecidos. Por muitos mantimentos

que os navios levassem, as viagens não tinham uma duração linear, pelo que poderiam durar muito mais tempo do que à partida estava estipulado. E a alimentação de todas aquelas pessoas era um fator extremamente importante, pelo que tudo o que pudesse servir de alimento e fosse possível de capturar durante a viagem era recebido com agrado. Aves e peixes eram assim capturados sempre que possível e consumidos no imediato ou preparados para durar alguns dias e serem consumidos posteriormente.

Longe da função com que foram inicialmente redigidos, estes textos refletem a aquisição de conhecimento sobre o mundo natural por pessoas não especialistas, normalmente de estratos sociais mais desfavorecidos e sem grande instrução. Era também através destes relatos que estes homens iam transmitindo este conhecimento adquirido a outros que se lhes seguiam na função. Mostravam assim ao mundo que a necessidade e a experiência os tinha feito olhar para o meio natural com outros olhos, treinando o seu olhar a observar os sinais que lhes eram úteis, num processo extremamente complexo como aqui se tentou mostrar. Observar não é um simples ato de olhar e quando o mesmo é feito no mar, são muitas as variáveis que condicionam o que é visto. Acabam os autores destes diários por ser atores invisíveis na recolha, transmissão e acumulação do conhecimento sobre o mundo natural distante e não acessível a todos. Conhecimento este que depois contribuiu para o enriquecimento das grandes enciclopédias naturais escritas posteriormente, passando a ser tido como uma referência.

Toda esta discussão só foi possível devido a uma grande rede de informadores que se estabeleceu, onde entravam pessoas locais e não locais de todos os estratos sociais, que transmitiam os seus saberes práticos. A sociedade foi-se tornando, aos poucos, um veículo de informação sobre a natureza. A aquisição do conhecimento pela experiência marcou o início de uma nova mentalidade, possível nos séculos XV e XVI, onde as pessoas tinham uma disposição diferente para aceitar a novidade que muitos experienciavam. Comparativamente com o que tinha acontecido nos séculos anteriores, esta mudança possibilitou uma nova dinâmica social de validação do conhecimento. Os anos de acumulação de conhecimentos feitos por portugueses e espanhóis, permitiram também que se escrevessem obras com conteúdos de matéria médica dos novos mundos descobertos, tornando possível a transmissão e a globalização desses mesmos saberes. Podemos dizer que a recolha e posterior disseminação da informação sobre o mundo natural encontrado durante as viagens marítimas seguiam uma abordagem tipo “*bottom-up*”, onde estratos mais baixos da sociedade recolhiam esta informação e a transmitiam, com credibilidade, a estratos sociais mais elevados.

Um tipo diferente de descrições foi encontrado em relatos efetuados por outros elementos não pertencentes à tripulação mas que iam embarcados, normalmente pertencentes à nobreza ou a ordens religiosas e com um grau de literacia superior.

Neste caso, os acontecimentos eram escritos com mais calma e posteriormente ao desenrolar dos mesmos, resultando em descrições muito detalhadas, já que o tempo de observação destes elementos era também superior e não existia a preocupação com tarefas relacionadas com a navegação.

Os *Comentarios* do embaixador Silva Y Figueroa são um documento muito rico em descrições de elementos naturais encontrados nas suas viagens de ida e volta ao Oriente, que tiveram como piloto Gaspar Ferreira. Uma parte considerável desta obra é dedicada à descrição, com grande pormenor, de vários elementos naturais observados. Tubarões, baleias, lobos-marinhos ou diversas aves não são meramente referidos. Há vários aspetos da sua biologia e etologia que são mencionados, evidenciando um interesse no exótico e um conhecimento do que já se conhecia na Europa, assim como uma capacidade de observação muito atenta e interesse pelo meio natural.⁶⁶²

No entanto, também descreve com algum destaque episódios relacionados com a arrogância do piloto e dos marinheiros portugueses, assim como com as deficiências dos instrumentos utilizados a bordo. Na opinião deste embaixador, era impossível os marinheiros fazerem leituras com a precisão de menos de meio grau em astrolábios tão pequenos, sendo por isso as informações colocadas nos diários de bordo imprecisas, podendo induzir em erro posteriores determinações de localização. Investigações realizadas já no século XX chegaram a esta mesma conclusão sobre os instrumentos náuticos utilizados na altura, constatando que, por muito bem construído que o instrumento estivesse, com condições meteorológicas ideais e com um piloto de visão muito acurada, estimativas de um terço de grau eram pouco confiáveis.⁶⁶³ Para Figueroa era também sinal de grande descuido alguns baixios existentes no canal de Moçambique não estarem assinalados nos roteiros utilizados pelos pilotos nestas viagens, ao fim de tantos anos de navegação por estas costas, o que poderia causar naufrágios que podiam ser evitados.⁶⁶⁴ Segundo as palavras do investigador Rui Manuel Loureiro, a obra de Silva Y Figueroa:

“é uma das melhores descrições da longa rota entre Lisboa e Goa, feita por alguém com um claro conhecimento de matemática e astronomia, que regista tudo o que acontecia a bordo: a posição do navio, medições de latitude, direção dos ventos, estado do tempo, cálculo de distâncias e também os eventos diários (...) Com um astrolábio na mão, o embaixador

⁶⁶² Brito, C. (2011). *Os “Comentários” de Silva y Figueroa sobre o mundo natural marinho: Perceção da natureza durante as viagens oceânicas no decorrer dos séculos XVI e XVII*, p.114.

⁶⁶³ Stuckenberg, B. (2000), *The location and identity of the Baixos da Judia: Portuguese historical cartography of the Mozambique Channel and its relevance to the wreck of the Santiago in 1585*, p.68.

⁶⁶⁴ Figueroa, G. S. (1903b), p.519.

*fazia as suas próprias medições, discordando frequentemente com o piloto da embarcação.”.*⁶⁶⁵

A análise feita a esta obra neste trabalho corrobora as palavras deste investigador no que toca aos elementos naturais observados durante as viagens. Não eram só às questões mais relacionadas com as técnicas de navegação que Silva Y Figueroa dava atenção. As descrições do que era observado são riquíssimas e podem mesmo ser uma importante fonte para estudos de história ambiental da época.

Pela posição de embaixador que levava nesta missão, Figueroa tinha o privilégio de se fazer acompanhar da sua biblioteca, com clássicos antigos e crónicas de viagens anteriores, que consultava e citava frequentemente. Devido às informações muito precisas que este relato contém, é perceptível que o autor terá atualizado e corrigido o mesmo ao longo da viagem, se não mesmo escrito algumas partes posteriormente.⁶⁶⁶ Todas estas informações adicionais são importantes para esta análise e não são obtidas nos diários de bordo analisados. Seria também uma mais-valia ter o diário de bordo de Gaspar Ferreira respeitante a estas viagens, de modo a estabelecer uma comparação sobre dois pontos de vista diferentes acerca do mesmo evento. Perante dois relatos de uma mesma viagem, mas de autoria diferente, seria interessante verificar se as referências aos elementos observados e descritos por Silva Y Figueroa seriam muito diferentes das anotadas pelo piloto nestas viagens, especialmente as descrições dos “monstros” que apareceram no decorrer das mesmas.

Os relatos feitos em contexto de naufrágio ou de viagens mais atribuladas, muitos dos quais incluídos na História Trágico-Marítima, são um outro exemplo de textos onde as descrições dos animais marinhos observados são muito mais ricas e extensas, descrevendo com algum detalhe características biológicas ou mesmo comportamentais destes animais. É também nestes relatos que o fantástico, o supersticioso e o monstruoso mais ocorrem, com animais observados a serem considerados um mau presságio das desgraças por que acabariam por passar, o que prendia mais a atenção aos possíveis destinatários destas missivas. Estes textos eram escritos em terra, *a posteriori*, muitos deles muito depois de os acontecimentos terem ocorrido, pelo que a veracidade dos relatos era facilmente alterada, mesmo que não propositadamente. Quanto mais dramático fosse o discurso, com mais peripécias ou observações fantásticas, maior seria a audiência dos relatos e por conseguinte, maior a probabilidade de estas histórias serem transmitidas oralmente. Não só pela articulação do discurso apresentado, como também pelas referências a obras clássicas ou ao conhecimento de outras viagens, consegue-se perceber que estes autores pertenciam a uma elite erudita e que o seu objetivo era também o de fazer sobressair esse

⁶⁶⁵ Loureiro, R. M. (2011), p.58.

⁶⁶⁶ Loureiro et al. (2011), *Don García de Silva y Figueroa, Comentarios de la Embaxada al Rey Xa Abbas de Pérsia (1614-1624) – parte 1*, p. ix.

conhecimento que tinham. Os sinais de localização são também referidos neste tipo de discurso, se bem que em menor quantidade, quando comparado com os diários de bordo dos pilotos, sendo mais abundantes as descrições de algo por servir de alimento, um bem ainda mais essencial quando tinham sofrido um naufrágio e perdido a carga que traziam. É possível que em alguns documentos o monstruoso e o fantasioso aparecessem mais como uma construção do autor, que deliberadamente alteraria as características de algo observado ou criasse uma criatura nova como um todo. Deste modo prenderia a atenção daqueles que buscavam a novidade na distância e no desconhecido, enaltecendo ao mesmo tempo a bravura de quem tinha vivenciado terrível experiência, pois não haveria forma de confirmar a veracidade dos episódios.

Quando falamos de plantas, a informação é mais fácil de recolher, pois são organismos mais simples e cuja observação é assim facilitada, podendo também ser transportados para estudos mais aprofundados, razão pela qual já nesta época abundavam os herbários, as descrições e os desenhos de várias espécies vegetais. Mesmo aquilo que era novo podia ser recolhido e mostrado ao vivo a quem estava distante. Por isso, quando se fala da descrição de animais marinhos, há aspetos que acabam por ser ainda mais relevantes, já que estes são organismos mais complexos e também mais difíceis de observar, ainda mais a partir de uma plataforma que se encontra em movimento e num meio tão instável como o mar.

O processo de observação no mar é estruturalmente muito complicado, sendo necessário imaginar aquilo que não se vê ou que se vê parcialmente ou durante pouco tempo. Os animais marinhos quando são observados, raras vezes o são na totalidade, numa observação quase sempre parcial e muito fugaz, sendo necessário fazer uma reconstituição mental do todo, reconstituição esta que vai variar consoante o sujeito que a faz. E isto é assim hoje, como o era há séculos atrás, com a condicionante de todas as limitações de conhecimento à época. As composições mais ou menos fantasiosas que originaram várias histórias sobre grandes monstros marinhos dependiam também da informação prévia existente sobre o que se podia encontrar no mar. E essa informação estava maioritariamente em fontes livrescas, não acessíveis a todos os que viajavam. Mesmo no caso de o observador já ter tido contacto com um grande animal marinho, quer através de pesca, quer por o ter visto arrojado na costa, as características desse mesmo animal estariam alteradas relativamente ao animal vivo. O próprio dimorfismo existente entre sexos ou entre indivíduos com estados de maturação diferentes, seria suficiente para classificar a observação como referente a algo monstruoso ou desconhecido. É possível que tenham sido aspetos biológicos a confundir alguns dos pilotos e dos viajantes quando observavam os grandes lobos-marinhos nas imediações do Cabo da Boa Esperança, achando que estavam em presença de espécies diferentes das conhecidas. E a sombra subaquática de um animal de grandes dimensões ou uma espécie um pouco diferente do que se conhecia poderia

ser o suficiente para dar largas à imaginação e à “invenção” de novos e temíveis monstros. Não é difícil compreender que estes seres monstruosos existiam na imaginação dos homens do mar de quinhentos, sendo fruto da observação furtiva de animais marinhos comuns nas águas por onde passavam e à sua posterior reconstituição mental. Mais fácil é se fizermos o exercício de estar no mar e descrever a outros o que conseguimos observar em segundos, mesmo com os conhecimentos faunísticos de hoje.

Como foi possível perceber, as descrições de alguns animais observados era detalhada o suficiente para se conseguir identificar a espécie em questão, segundo o que se conhece atualmente. Com um termo de comparação é mais fácil perceber quão fiéis eram as descrições efetuadas pelos diferentes intervenientes destas viagens. No entanto, este é um exercício que deve ser feito com muito cuidado e atenção, pois há a possibilidade de alguma das espécies observadas não corresponder ao que se conhece atualmente, não significando que as descrições efetuadas por estes homens não representassem bem o animal observado.

Principalmente a partir do século XVI, no auge das viagens dos Descobrimentos, a maior parte da informação que vinha do distante e desconhecido Oriente era alvo de interesse, não só da aristocracia do reino, mas também por parte dos populares em geral. De um modo mais ou menos direto, a maioria da população portuguesa estava ligada a este empreendimento, com pais, maridos, irmãos ou conhecidos a participarem nestas viagens, pelo que o desejo de notícias era grande. Daí também o sucesso de muitas histórias passadas a bordo que eram divulgadas através de folhetos, versos ou peças de teatro, que posteriormente alimentavam a imaginação de quem embarcava. Todos desejavam saber o que se passava com quem estava longe, desejo que era naturalmente acentuado se os episódios relatados tivessem algum teor de fantástico ou de perigoso.

As viagens dos Descobrimentos Portugueses foram assim responsáveis pela mudança da perceção da realidade natural, que apesar de assentar numa nova validação da autoridade, baseada na experiência vivida ou testemunhada por alguém credível, não estava livre das conceções medievais, como a associação dos fenómenos naturais no mar a algum ser monstruoso e maravilhoso. Foram também estas viagens que permitiram diminuir o medo e o desconhecimento relativamente ao que se sabia sobre o oceano, quer sobre as técnicas que melhor permitiam a sua navegação, sobre os locais que permitiam alcançar ou sobre os animais que nele habitavam, que passaram de seres misteriosos a seres admiráveis.

Apesar de todas as limitações existentes, pessoas com menos instrução faziam descrições e olhavam para a natureza na tentativa de a interpretar o melhor que conseguiam e do modo que lhes fosse mais útil, pelo que a sua descrição tinha de ser rigorosa. Parece quase existir um contrassenso entre o que era escrito pelos que

faziam das viagens o seu dia-a-dia e as histórias fantasiosas que se contaram até ao século XVIII. A curiosidade sobre o que não se conhece e se deseja conhecer é um desafio, sendo uma possível explicação para este facto o querer chamar a atenção não só de leitores eruditos e populares, mas também de investidores particulares que financiassem as viagens.⁶⁶⁷

Por estes motivos, Portugal acabou por ter um papel de ator invisível ou silencioso durante muito tempo nos progressos científicos alcançados nos séculos seguintes. A Revolução Científica não foi a única via de acesso à modernidade, pois já anteriormente os países ibéricos tinham vivido uma outra revolução com a descoberta da América e de novos mundos, numa verdadeira revolução geográfica, náutica e cartográfica e numa explosão surpreendente do conhecimento do mundo natural.⁶⁶⁸

Mais uma vez se reforça que este trabalho pretende ser uma abordagem nova ao estudo das descrições destes animais, tema novo no contexto científico português, onde se espera que estes primeiros passos possam tornar possível uma melhor compreensão dos animais marinhos que surgiam nos relatos de viagens portuguesas. O facto de não ser frequente a referência a monstros neste tipo de fontes, não contradiz estudos onde estas criaturas parecem ser abundantes. Apenas mostra que, consoante as fontes estudadas, o público-alvo destas mesmas fontes e os objetivos de quem as redigia, assim poderiam existir relatos envolvendo ou não seres fabulosos. Se no mesmo barco estivessem naturalistas, marinheiros ou padres, certamente que um mesmo episódio e uma mesma observação seriam narrados de forma diferente por cada um dos observadores, com componentes mais ou menos fantasiosos, consoante o objetivo de quem as faria.

A procura de informação nos registos históricos e a sua compilação é, como todos sabemos, um trabalho moroso mas muito gratificante, cuja dificuldade consiste em localizar os documentos que possam ser relevantes para a investigação e posteriormente filtrar as informações necessárias, integrando-as num texto coerente e organizado. Para este trabalho, a informação pretendida não se encontra em documentos dedicados às ciências naturais, mas num leque muito diversificado, que varia entre os diários e os relatos de viagem, os livros de marinharia ou até algumas cartas escritas para o reino a dar conhecimento de um sem número de situações passadas nas terras alcançadas devido às navegações.

Numa época em que o termo “globalização” tem tido um uso crescente, especialmente em termos económicos e com os grandes acontecimentos a serem analisados não só a uma escala local mas também global, podemos dizer que o processo de recolha de informação pelos pilotos e viajantes que participaram nas

⁶⁶⁷ Flor, M.A.F. (2011), p.46.

⁶⁶⁸ Sanchez, A. (2013), p.28.

viagens que ocorreram entre os séculos XV e XVII e a sua posterior disseminação foi também ele um fenómeno de globalização.

Cada viagem teve a sua história, as suas personagens, o seu lado fantasioso, embora só de poucas tenham ficado escritas memórias do que nela se passou e observou, registos estes condicionados pelas principais preocupações e conhecimentos de cada autor.⁶⁶⁹

⁶⁶⁹ Garcia, J. M. (2016), *Literatura de Viagens*, p.647.

8 – Considerações Finais

Quando pensamos acerca das ciências naturais ou da história natural no século XVI, é a ideia da expansão europeia e das descobertas que nos vem à memória. E estas descobertas estão muitas vezes associadas ao exótico, ao estranho, ao monstruoso, pois é esta a concepção que é transmitida pelos discursos que se perpetuaram no tempo.⁶⁷⁰ Ao longo dos séculos XV a XVII, várias foram as viagens marítimas efetuadas por portugueses um pouco por todos os mares e oceanos do globo. No entanto, as que tinham como destino o rico e outrora desconhecido Oriente foram as mais frequentes e o foco principal deste estudo. Durante estas viagens, alguns dos marinheiros ao comando das naus, assim como vários homens com outras funções a bordo, desenvolveram uma série de práticas que permitiram a recolha, organização e posterior disseminação da informação recolhida acerca das novas descobertas efetuadas.⁶⁷¹ Todo este processo, embora por vezes pouco reconhecido, foi fundamental para a evolução da ciência europeia destes séculos.

Apesar de muitas vezes ignorado, Portugal teve um importante papel de mediação na troca de informação sobre o mundo natural entre os séculos XV e XVII.⁶⁷² O movimento expansionista iniciado por Portugal e Espanha no século XV foi seguido por outras nações, dando lugar ao maior empreendimento expansionista da história da Europa, criando-se assim as condições para a produção de conhecimento artesanal.⁶⁷³ Mesmo sem grande produção nacional de trabalhos dedicados ao mundo natural,⁶⁷⁴ é possível encontrar informação sobre esta temática em documentos dedicados a outros temas, como os que foram alvo de análise neste trabalho.

⁶⁷⁰ Roque, A.C. (2018), *Towards a scientific approach of nature: Looking at southern Africa biodiversity throughout the 16th century Portuguese records on marine fauna*, p.76.

⁶⁷¹ Brito, C. (2016), *New science from old news*, p.25.

⁶⁷² Brito, C. (2016), p.37.

⁶⁷³ Leitão & Sánchez (2017), p.192.

⁶⁷⁴ Brito, C. (2016), p.41.

Este estudo teve como objetivo mais específico o tentar compreender as circunstâncias e a natureza do ato de observar durante as chamadas viagens dos Descobrimentos. O processo de observação no mar nos séculos XV a XVII era muito complexo. Os homens que embarcavam não foram previamente instruídos sobre este processo nem sobre a classificação dos elementos naturais que observavam.⁶⁷⁵ Para a sua compreensão foi necessário analisar, não só as condições em que as observações foram feitas, mas também por quem foram feitas e com que propósitos. Foram para isso utilizados como fontes essencialmente diários da autoria dos pilotos destas mesmas viagens, que os escreviam para terem uma utilização relacionada com os aspetos técnicos da navegação, mas que acabam por conter informação atualmente muito valiosa no contexto das ciências naturais e da história da ciência. Os relatos aqui analisados fazem parte de alguns dos diários de bordo e relatos de viagens ocorridas entre os séculos XV e XVII. Vários documentos foram consultados, entre diários, relatos e livros de marinharia, mas apenas os que continham informação pertinente acerca da observação do mundo natural foram considerados para esta análise. O corpus documental deste trabalho não resultou de registos sistemáticos nem de observações contínuas e dedicadas. No entanto, vários elementos naturais eram observados ao longo de todo o percurso, mas o modo como eram descritos e representados pelos diferentes atores variava um pouco.

A disparidade encontrada é especialmente notória quando a comparação é relativa à natureza descrita em livros de História Natural, pelos autores clássicos – que muitas vezes não tinham saído do seu gabinete. O aspeto mais evidente tem a ver com a importância e o papel do monstruoso, que, quanto a nós, deve ser analisado com mais precisão. Enquanto os grandes monstros marinhos, no seu sentido terrível e ameaçador, estão presentes em numerosos mapas, na literatura de cordel ou mesmo em obras clássicas de História Natural,⁶⁷⁶ praticamente não se encontram nos relatos dos marinheiros que foram analisados. Estes homens observavam a natureza com os seus próprios olhos e transferiam essas observações para o papel por uma questão essencialmente de necessidade. E nestes documentos, o monstruoso quando aparece é, na maioria das vezes, associado à dimensão do elemento observado e não por ser algo temeroso e desconhecido. Aqui, os elementos naturais descritos tinham uma função de utilidade para quem os descrevia, fosse como alimento ou como sinais de ajuda na localização das embarcações. Os monstros, tal como os conhecemos presentes nas obras de autores clássicos conceituados, existiriam possivelmente no imaginário de alguns dos que iam embarcados, mas isso não era transcrito para os seus relatos. E aquelas criaturas que ornamentavam muitos mapas, quer no mar, quer em terras distantes, não eram as que estavam presentes nas cartas náuticas que iam a bordo e que serviam de auxiliares à navegação.

⁶⁷⁵ Roque, A.C. (2018), p.77.

⁶⁷⁶ Roque, A.C. (2018), p.77.

No caso dos relatos efetuados pelos pilotos, é curioso verificar que, mesmo quando faziam a leitura dos céus, muitas vezes o significado dos sinais observados, fossem eles animais ou algas, se sobrepunha àquilo que os instrumentos astronómicos indicavam. A precisão reconhecida dos instrumentos náuticos, ou mesmo a informação anterior contida nas cartas náuticas que iam a bordo para auxiliarem a navegação, eram preteridas pela observação de aves ou outros animais. Os pilotos davam credibilidade a elementos naturais observados que certamente não teriam essa função inicialmente, mostrando a importância da experiência em todo este processo. Por isso, muitos dos animais que encontravam durante os longos meses no mar, mais que temidos, eram desejados. As observações eram feitas e registadas como auxiliar de atividades específicas relacionadas com a navegação, onde a fauna e flora marinha tinham um papel fundamental como sinais de localização.⁶⁷⁷ Não é por isso de estranhar que desde a viagem de Vasco da Gama que inaugurou o caminho marítimo para a Índia, que vários elementos fossem referidos por quase todos os pilotos, principalmente em locais mais emblemáticos da rota.

O sargaço e as baleias nos Açores ou os lobos-marinhos e os alcatrazes no Cabo da Boa Esperança e áreas adjacentes eram referências quase constantes ao longo dos diários analisados. Os tubarões, enquanto sinais, eram referidos na zona de Moçambique. Os baixos da Índia eram um local de difícil navegação e por isso os seus sinais característicos eram referidos por vários pilotos. Essencialmente aves como garajaus, alcatrazes, rabiforcados ou pardelas, são uma presença constante nos diários de bordo quando se procuram sinais indicadores da proximidade deste local. Mas também elementos naturais de menor dimensão, como o caso das borboletas que poderiam passar despercebidas aos menos atentos, eram referidas como sinal de proximidade à costa Indiana, juntamente com a observação de cobras.

O nosso estudo mostrou como estas observações a bordo estavam muito determinadas pelas condições de localidade em que eram levadas a cabo. “Observar” a natureza a partir de um navio neste período era um ato que não pode ser considerado equivalente a observar em outras circunstâncias ou em outros tempos. A ideia que muitas das fábulas sobre animais marinhos fantásticos derivavam do que os pilotos observavam nas suas viagens não é refletida nos seus relatos. Por exemplo as sereias, um dos mitos mais persistentes relacionado com o meio marinho, presentes em diferentes culturas, tradições, religiões e histórias⁶⁷⁸, não se encontram nos registos analisados. Todas estas viagens contribuíram para modificar o conceito de maravilhoso e de misterioso, onde os viajantes descreviam o que viam, sem incluir informação sobre o sobrenatural nas descrições.⁶⁷⁹

⁶⁷⁷ Brito, C. (2016), p.31.

⁶⁷⁸ Brito, C. (2018), *Connected margins and disconnected Knowledge: Exotic marine mammals in the making of Early Modern European natural history*, p.105.

⁶⁷⁹ Soler, I. (2003), *El nudo y la esfera – el navegante como artífice del mundo moderno*, p.206-219.

| Tipo de fonte | Características do relato |
|----------------------------|---|
| Diários e roteiros | Elementos descritos pela função de localização; Diferenças discurso inerentes ao sujeito; Descrições simples; Credibilidade pela experiência; Mamíferos marinhos muitas vezes em notas laterais; Sinais naturais mais fiáveis que instrumentos; Ausência de prognósticos e criaturas monstruosas. |
| Relato <i>a posteriori</i> | Descrições muito detalhadas; Sem preocupações de navegação → mais tempo de observação; Crítica aos instrumentos e pilotos portugueses; Supersticioso presente. |
| Relatos naufrágios | Elementos localizadores de locais perigosos; Sinais meteorológicos; Animais como alimento; Fantasioso e supersticioso. |

Tabela 1- Resumo das principais características relativas à referência e descrição de elementos naturais encontradas nos diferentes tipos de documentos analisados.

As fontes analisadas continham informação recolhida com um objetivo muito preciso e definido, tarefa levada a cabo por homens que até há pouco tempo não eram sequer considerados nas análises historiográficas. Na maior parte dos seus relatos, a referência ao que se via durante a viagem é bastante simples, não existindo monstros, gigantes ou animais maravilhosos. Na maioria das vezes não há sequer características adicionais que permitam identificar com precisão o elemento observado, não porque o sujeito que fazia as descrições não tinha capacidade para tal, mas porque simplesmente não era isso que se pretendia. O detalhe aparecia quando se referiam a algum elemento que pudesse ser menos conhecido dos demais, e não relacionado com o elemento observado em si. Ou seja, mamíferos marinhos, devido à sua dimensão, não têm descrições mais detalhadas que aves ou borboletas, acontecendo muitas vezes o contrário.

Marinheiros, missionários, soldados ou viajantes tornaram-se simultaneamente, fontes e barreiras acerca da nova informação transmitida sobre a natureza e o mundo natural. Não foram só os textos das autoridades clássicas que foram sendo questionados. Toda a hierarquia de autoridade acerca do mundo natural foi alterada. O conhecimento sobre esta realidade começou a surgir pela experiência direta de homens sem formação específica para tal, em detrimento do conhecimento tradicional contido nos clássicos.⁶⁸⁰ As viagens iniciadas no século XV pela Coroa Portuguesa e os relatos que destas resultaram, revelaram entre outros aspetos, o

⁶⁸⁰ Leitão & Sánchez (2017), p.208.

conhecimento adquirido sobre o mundo natural. Criaram-se assim oportunidades de interação em espaços até então desconhecidos, estabeleceram-se relações, num contexto que hoje chamamos de primeira globalização.⁶⁸¹

⁶⁸¹ Roque, A.C. (2018), p.82.

9 – Bibliografia

9.1 – Fontes

Albuquerque, L. (1991). *Jornal de bordo e relação da viagem da Nau “Rainha” (Carreira da Índia – 1558)*. Comissão Nacional Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Ministério da Educação, Lisboa. 44 pp.

Álvares, M. (1940). *Roteiros portugueses inéditos da carreira do Índia do século XVI*. Prefácio e anotações de A. Fontoura da Costa. República Portuguesa, Ministério das Colónias, Divisão de Publicações e Biblioteca, Agência Geral das colónias, Lisboa, 189 pp. Inclui os documentos:

- Colecção de Roteiros c.1545 de Manuel Álvares – Roteiro da navegação daqui para a Índia;
- Primeiro roteiro da carreira da Índia, c. 1577, de Vicente Rodrigues. Viagem de Lisboa para a Índia;

Aristóteles, (2006). *História dos Animais I*. Obras completas. Biblioteca de autores clássicos. Volume IV-Tomo I. Coordenação de António Pedro Mesquita. 315pp.

Ataíde, A. (1957a), *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino (1608-1612)*. Coligidos por D. António de Ataíde no século XVII. Volumes I. Agência Geral do Ultramar MCMLVII. Inclui os diários:

- Viagem da nau Santo António, do Reino para Goa, por dentro, no ano de 1608, por Sebastião Prestes, p.9-101;
- Viagem da nau Nossa Senhora da Penha de França, de Goa para o Reino, por dentro, no ano de 1610, por Sebastião Prestes, p.105-188;

- Viagem da nau Nossa Senhora da Piedade, do Reino para Goa, por dentro, no ano de 1609, por Simão Castanho, p.191-300.

Ataíde, A. (1957b), *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino (1608-1612)*.

Coligidos por D. António de Ataíde no século XVII. Volumes II. Agência Geral do Ultramar MCMLVII. Inclui os diários:

- Viagem da nau Nossa Senhora da Piedade, de Goa para o Reino, por fora, no ano de 1610, por Simão Castanho, p.9-93;

- Viagem da nau Nossa Senhora de Guadalupe, do Reino para Goa, por dentro, no ano de 1611, por Simão Castanho, p.97-177;

- Viagem da nau Nossa Senhora de Guadalupe, de Goa para o Reino, por fora, no ano de 1612, por D. António de Ataíde, p.181-273.

Belon, P. (1553). *Petri Bellonni Cenomani De aquatilibus, Libri duo cum [epsilon, iota] conibus ad viam ipsolum, quoad eius fieri potuit, expressis (...)*. Parisiis. Apud C. Stephanum, 448 pp.

Brito, B. G. (1735a), *História Trágico-Marítima* Vol.1, Edições Afrodite. Fernando Ribeiro de Mello. Coleção Clássicos. 1971. (1ª edição de 1735-36). Inclui os documentos:

- Relação summaria da viagem que fez Fernão D'Alvares Cabral, desde que partiu deste reyno por capitão mór da armada que foy no anno de 1553. às partes da India athè que se perdeu no Cabo de Boa Esperança no anno de 1554. Escrita por Manoel de Mesquita Perestrello que se achou no ditto naufrágio. (Nau S. Bento).

- Relação do naufragio da Nao Santiago no anno de 1585. E itinerario da gente que delle se salvou. Escrita por Manoel Godinho Cardozo. E agora novamente acrescentada com mais algumas noticias;

- Relação do naufragio da Nao Conceyção, de que era capitão Francisco Nobre, a qual se perdeu nos baixos de Pero dos Banhos aos 22.dias do mez de Agosto de 1555. Escrita por Manoel Rangel, o qual se achou no dito naufragio: e foy depois ter a Còchim em Janeiro de 1557;

- Relação da viagem, e naufragio da nao S. Paulo que foy para a India no anno de 1560. De que era capitão Ruy de Mello da Camera, mestre João Luis, e piloto Antonio Dias. Escrita por Henrique Dias, criado do S. D. Antonio Prior do Crato;

Brito, B. G. (1735b), *História Trágico-Marítima* Vol.2, Edições Afrodite. Fernando Ribeiro de Mello. Coleção Clássicos. 1971. (1ª edição de 1735-36). Inclui os documentos:

- Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitaõ Vasco da Fonseca, na armada, que foy para a India no anno de 1596. Escrita pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hiaõ;

Camões, L. (1984). *Os Lusíadas*. Primeiro volume das obras completas. Prefácio de Hernâni Cidade. Círculo dos Leitores. 490pp.

Castro, J. (1882), *Roteiro de Lisboa a Goa por D. João de Castro anotado por João de Andrade Corvo, Socio effetivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. 428pp.

Curley, M. J. (2009), *Physiologus, a medieval book of nature lore, 2nd edition, (1st edition 1979)*, University of Chicago Press, 144 pp.

Fernandes, B. (1940). *Livro de marinharia de Bernardo Fernandes: (cerca de 1548)*. Prefácio e anotações de A. Fontoura da Costa. Agência Geral das Colónias, Lisboa. 242pp.

Ferreira, J.P. (1980). *Relação do sucesso que teve o Patacho chamado N^a S^a da Candelária, da Ilha da Madeira, o qual vindo da Costa da Guiné, no ano de 1693, uma rigorosa tempestade o fez virar na Ilha Incógnita. Que deixou escrita Francisco Corrêa, mestre do mesmo Patacho e se achou no ano de 1699, depois da sua morte. Transladada fielmente do próprio original. Naufrágios, viagens, fantasias e batalhas. Prefácio e notas de João Palma-Ferreira*. Biblioteca Autores Portugueses, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.

Figuerola, G. S. (1903-1905a). *Comentarios de D. Garcia de Silva y Figuerola de la embajada que parte del rey de España Don Felipe III, hizo al Rey Xa Abas de Persia*. Sociedad de Bibliófilos Españoles, Madrid, 1903-1905. Tomo I.

Figuerola, G. S. (1903-1905b). *Comentarios de D. Garcia de Silva y Figuerola de la embajada que parte del rey de España Don Felipe III, hizo al Rey Xa Abas de Persia*. Sociedad de Bibliófilos Españoles, Madrid, 1903-1905. Tomo II.

Fonseca, Q. (1938), *Diários da navegação da carreira da índia... nos anos de 1595 a 1597, 1600 e 1603*. Dir. Quirino da Fonseca, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa publicado por ordem da mesma Academia. Inclui os documentos:

- Diário da navegação da nau S. Martinho em viagem para a Índia no ano de 1597, pelo piloto Gaspar Ferreira Reimão;

- Diário da navegação da nau Santa Maria do Castello em viagem de Goa para Portugal no ano de 1597, pelo piloto Gaspar Ferreira Reimão;

- Diário da navegação da nau S. Pantaleão da Índia para Portugal no ano de 1596, pelo piloto Gaspar Ferreira;

- Diário da navegação da Nau S. Mateus, em viagem do Cabo da Boa Esperança para Goa, no ano de 1603, pelo piloto Simão Castanho;

- Diário da navegação da Nau S. Mateus, em viagem do Cabo da Boa Esperança para Goa, no ano de 1603, pelo piloto Simão Castanho;

- Diário da navegação da nau S. Pantaleão, em viagem para a Índia no ano de 1595, pelo piloto Gaspar Ferreira;

- Diário da navegação da nau “N.ª S.ª da Conceição”, de Cochim para Portugal no ano de 1600, pelo piloto João Ramos.

Gessner, C. (1604). *Conradi Gesneri tigurini Historiae animalivm liber IV: Qui est de piscium & aquatiliu animantium natura (...)*. Francofurti, Bibliopolio Andreae Cambieri, 967 pp.

Pacheco Pereira, D. (1991). *Esmeraldo de Situ Orbis de Duarte Pacheco Pereira*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação. Comentado por Joaquim, Barradas de Carvalho. 868 pp.

Pacheco Pereira, D. (1892). *Esmeraldo de Situ Orbis*. Edição comemorativa da Descoberta da América por Christóvão Colombo no seu quarto centenário. Direção de Raphael Eduardo de Azevedo Basto. Lisboa. Imprensa Nacional.

Pereira, G. (1898). *Roteiros Portuguezes da Viagem á India nos séculos XVI e XVII*. Imprensa Nacional, Lisboa. Inclui os documentos:

- Viagem de Cochim para Portugal, ca 1594;

- Roteiro da carreira da Yndia, dos rumos a que se ade guovernar em toda ella e dos sinaes que em toda esta viagem se acham e em que paragem são particulares com as diferenças dagulha feito por Vicente Roiz piloto della, ca 1594;

- Roteiro e advertências da navegação da carreira da India feito por Gaspar Manuel de Villa do Conde, por elle mesmo emendado – Viagem de Cochim para Portugal. Signaes de terra;

- Roteiro navegação da carreira da India feito por Aleixo da Mota Piloto della segundo o que experimentou em trinta e cinco anos que há que navega pela dita carreira para a India aonde tem feito seis viagens de piloto, 1576;

Perestrelo, M.M. (1939). *Roteiro da África do Sul e Sueste desde o Cabo da Boa Esperança até ao das Correntes (1576)*. Anotado por A. Fontoura da Costa, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 95 pp.

Plínio, (1999). *Historia natural de Cayo Plinio Segundo. Tradadada y anotada por el doctor Francisco Hernández (libros 1º a 25º) y por Jerónimo de Huerta (libros 26º a 37º)*. Universidad Nacional de México, Biblioteca Filológica Hispana, 38. Visor Libros, Madrid.

Reimão, G.F. (1939). *Roteiro da navegação e carreira da Índia, com seus caminhos & derrotas, sinais, & aguageis & diferenças da agulha: tirado do que escreveu Vicente Rodrigues & Diogo Afonso, pilotos antigos*. 2ª Edição. Agência Geral das Colónias. Lisboa. 82p.

Rondelet, G. (1554). *Gvlielmi Rondeletii Libri de piscibus marinis, in quibus verae piscium effigies expressae sunt (...)*. Lugduni, apud Matthian Bonhomme, 242 pp.

Sérgio, A. (1958). *Naufrágios e combates no mar*. Textos selecionados, anotados e comentados por António Sérgio. Edição ilustrada, Editorial Sul Limitada, volume I, 1958, Lisboa, 271 pp. Inclui os documentos:

- Viagem de Goa a Lisboa (naufrágio no Cabo da Boa Esperança), nau S. João Baptista, com caitão-mor Nuno Álvares Botelho, 1 de março de 1622. Relato de Frei Nuno da Conceição, frade franciscano da Congregação da Terceira Ordem;

- Naufrágio das naus sacramento e n.ª s.ª da atalaia no cabo da boa esperança no ano de 1647 (regresso ao reino), por Bento Teixeira Feio, Cavaleiro da Ordem de Cristo

- Naufrágio da nau nossa senhora de belém no ano de 1635 – relato de ??.

viagem de regresso ao reino;

Sousa, P. L. (1867). *Diário da navegação de Pedro Lopes de Sousa pela Costa do Brazil até o rio Uruguay de 1530 a 1532... E livro da viagem da nao Bretoa ao Cabo Frio em 1511*, Rio de Janeiro, 111pp.

Vasconcelos, J.A.A.F. (1944). "Diário da Navegação da "Nau S. Francisco" de Goa para Lisboa em 1600-1601". *Separata dos "Anais"* – volume III, Lisboa.

Vicente, G. (1509). *Auto da Índia*. Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa – Biblioteca Digital. Porto Editora. 21 pp.

Velho, A., (1999). *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia*. Coleção Gâmica. II. Leitura crítica, nota e estudo introdutório por José Marques. FLU Porto, 1999. 243pp.

Zurara, G.E. (1841). *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné, escrita por mandado de ElRei D. Affonso V*. Officina Typographica de Fain e Thunot.

9.2 – Estudos

Adão da Fonseca, L., (1992), “O Imaginário dos navegantes portugueses dos séculos 15 e 16”, *Estudos Avançados*, 6 (16): 35-51

Albuquerque, L. (1978). *Escalas da Carreira da Índia*. Centro de Estudos de Cartografia Antiga. CX. Secção de Coimbra. Junta de Investigações Científicas do Ultramar. Lisboa. Separata da Revista da Universidade de Coimbra. Vol. XXVI

Allen, J.R., (1887). “Lecture VI: The medieval bestiaries”. Digital edition from *Early Christian symbolism in Great Britain and Ireland before the thirteenth century*. By David Badke, 2008. Whiting & Co., London, pp: 334-393. eBook of Project Gutenberg.

Almeida, O.T., (2009). “Science during the Portuguese maritime discoveries: A telling case of interaction between experimenters and theoreticians”, in Daniela Bleichmar eds., *Science in the Spanish and Portuguese Empires 1500-1800*, (California, Stanford University Press), pp. 78-92.

Anderson. F.J., (1997). *An Illustrated History of the Herbals*. Columbia University Press. pp.106-112.

Asúa, M. & French, R., (2005). *A new world of animals: early modern Europeans on the creatures of Iberian America*. Ashgate, 257 pp.

Barrera, A. (2002). “Local herbs, global medicines. Commerce, knowledge, and commodities in Spanish America”, In: Pamela H. Smith & Paula Findlen (eds.), *Merchantes & Marvels. Commerce, Science, and Art in Early Modern Europe*, Routledge, New York, pp.163-181.

Baxandall, M. (1988). *Painting and experience in fifteenth century Italy: A primer in the social history of pictorial style* (2nd edition). Oxford University Press. 183 pp.

Beaven, I.; Davidson, P. & Stevenson, J., (2011). *The Library and Archive Collections of the University of Aberdeen: an introduction and description*. Manchester University Press/University of Aberdeen.

Borges de Macedo, (1975). Livros impressos em Portugal no século XVI: Interesse e formas de mentalidade, *Arquivos do Centro Cultural Português*, IX: 183-221.

Braga, M. M. (2002). “O Bestiário nos cadeirais do coro do Convento de Santa Cruz de Coimbra e da Sé do Funchal”, em: M. Alarcão, L. Krus e A. Miranda (eds.), *Animalia: presença e representações*, Edições Colibri, pp.101-112.

Brasey, É. (2002), *Sereias e ondinas*, Publicações Europa-América, 168 pp.

Brehaut, E. (1912). Digital edition from *An encyclopedist of the dark ages: Isidore of Seville*. By David Badke 2003, Studies in history, economics and public law, Columbia University. eBook of Project Gutenberg.

Brienen, R.P., (2007). "From Brazil to europa: The zoological drawings of Albert Eckhout and Georg Marcgraf", in Karl Enenkel and Paul Smith eds., *Early Modern Zoology: The construction of animals in science, literature and the visual arts*, (Boston, Brill), vol.7, pp. 273-314.

Brito, C., (2006a). "Monstra Marina: Seres estranhos e desconhecidos nas viagens portuguesas de expansão e descoberta pelo oceano Atlântico", in Evans, J.; Crespo, O. And Kristensen. B. (eds.), *Essays on Atlantic Studies*, Instituto Galego de Estudos de Seguranga Internacional e da Paz, Rianxo, pp. 85-97.

Brito, C., (2006b). "A história do comportamento animal aplicado aos mamíferos marinhos: da época medieval ao século XVIII". *Anais de História de Além-Mar*, vol. VII, (Centro de História de Além-Mar, Lisboa), pp 41-53.

Brito, C., (2006c). Referências a mamíferos marinhos n'Os Lusíadas: A realidade biológica e o mundo natural na base da narrativa épica. In: Evans, Crespo & Kristensen (eds). *Estudos Atlânticos*, 35-47.

Brito, C., (2009). Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os séculos XV e XVIII: a evolução da ciência e do conhecimento. Tese de doutoramento em História. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 327 pp.

Brito, C., (2010). "Baleias e monstros, iconografia e repetições na história da história natural: representações visuais de animais marinhos na época medieval e renascentista". *Anais de História de Além-Mar*, vol. XI, (Centro de História de Além-Mar, Lisboa), pp. 7-30.

Brito, C., (2011). "Os *Comentários* de Silva y Figueroa sobre o mundo natural marinho: Perceção da natureza durante as viagens oceânicas no decorrer dos séculos XVI e XVII". In: Loureiro, R. M. et al (eds.), *Anotações e estudos sobre Don Garcia de Silva y Figueroa e os "Comentarios" da Embaixada à Pérsia (1614-1624)*, Coleção Estudos & Documentos, n.9, volume 3, CHAM-UNL, pp.113-124.

Brito, C., (2012). "Portuguese sealing and whaling activities as contributions to understand Early Northeast Atlantic environmental history of marine mammals", in Aldemaro Romero (Ed.), *New Approaches to the Study of Marine Mammals*, InTech, pp.207-222.

Brito, C.; Jordão, V.L. & Pierce, G.J. (2015). "Ambergris as an overlooked historical marine resource: its biology and role as a global economic commodity", *Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom*, p.1-12.

Brito, C. (2016). *New science from old news. Sea monsters in the early modern Portuguese production and transfer of knowledge about the natural world*. Scientia et Historia 1. Escola de Mar, Lisboa, 119pp.

Brito, C. & Costa, L. (2016). "Baleias em circulação: Uso de imagens na produção e transferência de conhecimentos de história natural marinha em Portugal do século XVIII". *Arquivos de Zoologia* – Museu de zoologia da Universidade de São Paulo. Volume 47(2):33-42.

Brito, C., (2018). "Connected margins and disconnected Knowledge: Exotic marine mammals in the making of Early Modern European natural history", in Polónia, A. *et al* (Eds.), *Cross-Cultural exchange and the circulation of knowledge in the first Global Age*. Edições Afrontamento, CITCEM, pp.103-124.

Burke, P. (2004). "Frontiers of the monstrous. Perceiving national characters in Early Modern Europe", in Laura Lunger Knoppers and Joan B. Landes (Eds.), *Monstrous bodies/ Political monstrosities in Early Modern Europe*. Cornell University Press, pp.25-39.

Camenietzki, C.Z. & Zeron, C.A.M.R., (2000). "Quem conta um conto aumenta um ponto: o mito do Ipupiara, a natureza americana e as narrativas da colonização do Brasil". *Revista de Indias*, vol. LX, 28: 111-134.

Cañizares-Esguerra, J., (2001). *How to write the history of the New World: histories, epistemologies, and identities in the eighteenth-century Atlantic world*. Stanford university Press, California. 450 pp.

Cañizares-Esguerra, J., (2004). Iberian science in the renaissance: ignored how much longer?, *Perspectives on Science*. 12(1): 86-124.

Carvalho, I.; Brito, C.; dos Santos, M.E. & Rosenbaum, H.C. (2011). The waters of São Tomé: a calvin ground for West African humpback whales? *African Journal of Marine Science*, 33(1): 91-97.

Collins, E. (2016). Pilotos e pilotagem. Em: F.C. Domingues (eds.), *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Círculo de Leitores. Lisboa. Vol.2, p.830-836.

Fontes da Costa, P. (2016). In: Cristina Brito (ed). *New science from old news. Sea monsters in the early modern Portuguese production and transfer of knowledge about the natural world*. Scientia et Historia 1. Escola de Mar, Lisboa, 119pp.

Fonseca, L.F. (2016). Fauna Exótica. In: F.C. Domingues (eds.), *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Vol.1, p.385-388.

Daston, L. & Park, K., (2001). *Wonders and the order of nature: 1150-1750*. Zone Books, New York. 1st edition 1998. 511 pp.

Debus, A. (2002). *O homem e a natureza no renascimento*. Porto editora. 153p.

Matos, J.S. (2016). Roteiros. In: F.C. Domingues (eds.), *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Vol.2, p.919-920.

Sousa, G. (2013). *História da Medicina Portuguesa Durante a Expansão*. Temas e Debates – Círculo de Leitores. Lisboa. 328 pp.

Domingues, F.C. & Guerreiro, I., (1988). “A vida a bordo na carreira da Índia (Século XVI)”. *Série Separatas*, 198. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa. Separata da Revista da Universidade de Coimbra. Vol. XXXIV. P.185-225.

Domingues, F.C., (2016). Em: F.C. Domingues (eds.), *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Círculo de Leitores. Lisboa. Vol.1, p.5-7.

Domingues, F.C., (2016a), “Descobrimento”. Em: F.C. Domingues (eds.), *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Círculo de Leitores. Lisboa. Vol.1, p.335-337.

Enenkel, K. & Smith, P. (2007) Introduction, in Karl Enenkel and Paul Smith (eds.), *Early Modern Zoology: The construction of animals in science, literature and the visual arts*, (Boston, Brill), vol.7, pp. 1-14.

Egmond, F., (2007). “Curious Fish: connections between some sixteenth-century watercolours and prints”, in Karl Enenkel and Paul Smith (eds.), *Early Modern Zoology: The construction of animals in science, literature and the visual arts*, (Boston, Brill), vol.7, pp. 245-272.

Egmond, F., (2010). “Precious nature: rare Naturalia as collector’s items and gifts in Early Modern Europe”, in Rengenier C. Rittersma (ed.), *Luxury in the Low Countries: Miscellaneous reflections on Netherlandish material culture, 1500 to the present*, (Brussels, Pharo Publishing), pp. 48-65.

Egmond, F., (2012). A Collection within a Collection – Rediscovered Animal Drawings from the Collections of Conrad Gessner and Felix Platter. *Journal of the History of Collections*. pp. 1-22.

Egmond, F. & Dupré, S. (2016). “Collecting and circulating exotic naturalia in the Spanish Netherlands”. In Sven Dupré et al eds. *Embattled territory – the circulation of knowledge in the Spanish Netherlands*. Academia Press. Ghent, p.199-227.

Findlen, P. (2002). *Inventing nature. Commerce, art, and science in the Early Modern cabinet of curiosities*. In: Pamela H. Smith & Paula Findlen (eds.), *Merchant and Marvels. Commerce, Science, and Art in Early Modern Europe*, Routledge, New York, pp.297-323.

Flor, M.A.F., (2011). “Los monstruos en el Nuevo mundo”. *Ubi Sunt?*, n.º26, pp.40-48

Fontes da Costa, P., (2002). The culture of curiosity at the Royal Society in the first half of the eighteenth century. *Notes and Records of the Royal Society of London*. 56(2): 147-166.

Fontes da Costa, P. & Leitão, H., (2009). “Portuguese imperial science, 1450-1800: a historiographical review”, in Daniela Bleichmar (eds.), *Science in the Spanish and Portuguese Empires 1500-1800*, (California, Stanford University Press), pp. 35-53.

Frade (1972). Os animais e seus produtos n’Os Lusíadas. *Garcia de Orta, Revista da Junta de Investigação Do Ultramar*. Número Especial Comemorativo do IV Centenários da Publicação de Os Lusíadas, 1-608: pp.285-321.

França, S.S.L. (2015), *De um “falsário” a outro, de patranhas viageiras a legados críveis (século XV)*. *História (São Paulo)* v.34, n.1, p. 92-108.

Gannier, O. & Gannier, A. (2005). *Sea monsters and cetaceans: slow emergence of science and persistence of imagination*. Abstract of the 19th conference of European Cetacean Society, La Rochelle, France.

Garcia, J.M. (2012a). “O Infante D. Henrique e o início da globalização 1415-1460”. *O mundo dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, QuidNovi. 125 pp.

Garcia, J. M. (2012b). “D.João e os rumos da expansão 1469-1495”. *O mundo dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, QuidNovi. 125 pp.

Garcia, J. M. (2012c). “O conhecimento do Índico e a chegada ao Pacífico 1500-1514”. *O mundo dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. VII, QuidNovi, 125 pp.

Garcia, J. M. (2012d). “O mais longínquo Oriente 1515-1555”. *O mundo dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. VIII, QuidNovi. 125 pp.

Garcia, J.M. (2016). *Literatura de Viagens*. Em: F.C. Domingues (eds.), *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Vol.2, p.645-649.

George, W., (1980). “Sources and background to discoveries of new animals in the sixteenth and seventeenth centuries”. *History of Science*, vol. 18, p. 79-104.

George, W. & Yapp, B., (1991). *The naming of the beast: natural history in the medieval bestiary*. London, Duckworth. 231pp.

Gimenez, J. C., (2001). A presença do imaginário medieval no Brasil colonial: descrições dos viajantes. *Acta Scientiarum*, volume 23, n.º1, pp.207-213.

Gonçalves, A. (2016). Atlântico. Em: F.C. Domingues (eds.), *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Círculo de Leitores. Lisboa. Vol.1, p.136-142.

Gonçalves, M. I. R. (2002). “Animais, imagens e símbolos nos poetas Greco-latinos”, em: M. Alarcão, L. Krus e A. Miranda (eds.), *Animalia: presença e representações*, Edições Colibri, pp.11-31.

Grudger, E. W., (1934), “The Five Great Naturalists of the Sixteenth Century: Belon, Rondelet, Salviani, Gesner and Aldrovandi: A Chapter in the History of Ichthyology”, *Isis* 22 (1):21-40.

Guadalix, M., (1998). *Coleccion iconográfica Van Berkheij, Siglo XVIII, Los dibujos zoológicos*. Tesis Doctoral. Museo Nacional de Ciencias Naturales de Madrid, CSIC.

Guinote, P. (2003). India Route Project: *Ascensão e declínio da Carreira da Índia*, <http://nautarch.tamu.edu/shiplab/>, Nautical Archaeology Program, Texas A&M University. Publicado em: *Vasco da Gama e a Índia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, vol. II, pp 7-39.

Hall, B., (1996). “The didactic and the elegant: some thoughts on scientific and technological ilustrations in the middle ages and renaissance”, in Brian S. Baigrie ed., *Picturing knowledge – historical and philosophical problems concerning the use of art in science*, (London, University of Toronto Press), pp. 3-39.

Hunt Jr., G. (1990). The pelagic distribution of marine birds in a heterogeneous environment. *Polar Research*, 8: 43-54.

Janeira, A.L., Borralho, L. & Fortes, M., (2005). A cartografia portuguesa mapeando a natureza brasílica. *Episteme*, 20 (suplemento especial): 19-30.

James, M. R., (1932). The bestiary. Originally published in *History: The Quarterly Journal of the Historical Association*. New series Vol.XVI, April, 1931- January, 1932, n.61, pp:1-11. Macmillan and Co., Limited, London. eBook of Project Gutenberg.

Koiso, K., (2004). *Mar, medo e morte: aspectos psicológicos dos naufragos na História trágico-marítima, nos testemunhos inéditos e noutras fontes*. Patrimonia Historica – Série Dissertações, Cascais, 2 vols., 705 pp.

Koiso, K., (2009). *História trágica do mar: navegações portuguesas nos séculos XVI, XVII e XVIII*. Doutoramento em História, especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2 vols., 1188 pp.

- Kioko, K., (2010). *Factos e Fantasias: Uma nova abordagem da História Trágico-Marítima*. Versão emendada da tese de doutoramento. Lisboa.
- Kuhns, L.O., (1896). Bestiaries and lapidaries. In: Charles Warner (Ed.) *Library of the World's best literature, ancient and modern*. Vol.4. eBook of Project Gutenberg.
- Kusukawa, S., (2010). The Sources of Gessner's Pictures for the *Historia animalium*. *Annals of Science*, vol.67, 3: 303-328.
- Kusukawa, S. (2012). *Picturing the book of nature: Image, text and argument in sixteenth-century human anatomy and medical botany*. The University of Chicago Press, 331 pp.
- Leitão, H.S. (2004). *O livro científico dos séculos XV e XVI: Ciências físico-matemáticas na Biblioteca Nacional*. Biblioteca Nacional, Lisboa.
- Leitão, H.S. (2013). "Um mundo novo e uma nova ciência". In: *360º Ciência Descoberta*. Catálogo da exposição. Fundação Calouste Gulbenkian. p. 16-39.
- Leitão, H.S. (2016). *Os Descobrimentos Portugueses*. Jaime Cortesão (ed.). Vol. I, Edição exclusiva Expresso, Lisboa. 175 pp.
- Leitão, H.S. & Sánchez, A., (2017). Zisel's thesis, maritime culture, and Iberian Science in Early Modern Europe. *Journal of the History of Ideas*, volume 78, Number 2 (April 2017): 191-210.
- Leonhard, K. (2007). "Shell collecting. On 17th century conchology, curiosity cabinets and still life painting", in Karl Enenkel and Paul Smith (eds.), *Early Modern Zoology: The construction of animals in science, literature and the visual arts*, (Boston, Brill), vol.7, pp. 177-214.
- Lopes, M.S. (2016). *Writing New Worlds. The cultural Dynamics of Curiosity in Early Modern Europe*. Cambridge Scholars Publishing. 287 pp.
- Lopes, P. (2006). *Os livros de viagens medievais*. Instituto de Estudos Medievais/FCSH-UNL. In *Memoriam Luis Krus*. Medievalista on-line ano 2, número 2.
- Lopes, P. (2009). *O medo do mar nos descobrimentos*. Tribuna, Lisboa, 319 pp.
- Lopes, P.E.C. (2012). *A noite no imaginário marítimo Português do final da Idade Média*. Instituto de Estudos Medievais/Centro de História de Além-Mar (CHAM) – FCSH-UNL. *Estudios Humanísticos. Historia*. Nº 110, pp. 9-34.
- Loureiro, R. M. (2011). "The Indian journeys of a Spanish ambassador: Don García de Silva y Figueroa and his *Comentarios* (1614-1624)". *ResAntiquitatis: Journal of Ancient History*, issue 2, January. P.51-69.

Loureiro, R. M. et al (2011). *Don García de Silva y Figueroa. Comentarios de la Embaixada al Rey Xa Abbas de Pérsia (1614-1624) – parte 1*. Coleção Estudos & Documentos, n.9, volume 1, CHAM-UNL, pp.ix-xxi.

Mota, A.T. (1974). *Instruções náuticas para os pilotos da carreira da Índia nos começos do século XVII*. XCIII. Centro de Estudos de Cartografia Antiga. Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa.

Macdonald, D. & Barret, P. (1993). *Mamíferos de Portugal e Europa*. Guias Fapas. 315 pp.

Mate, B., Lagerquist, B., Calambokidis, J. (1999). Movements of North Pacific Blue Whales during the feeding season off Southern California and thier Southern fall migration. *Marine Mammal Science*, 15 (4): 1246-1257.

Mruk, W. (2000), “The travels of Sir John Mandeville as one of the sources forming images of the Holy Land in Europe of the end of the Middle Ages and the beginning of Modern Time”, Institute of History of Jagiellonian University, Cracow, *Peregrinus Cracoviensis*, pp.101-110.

Nascimento. R.S.N. (2014). “Narrativas e literatura de viagens na Idade Média”, *Revista de História Helikon*, Curitiba, 1 (2): 114-125.

Nogueira, C. (2002). “A literatura de cordel portuguesa”. *eHumanista*: volume 21, p.195-222.

Osório, B. (1906). A Fauna dos Lusíadas. *Jornal Sciencias Mathematicas Physicas e Naturaes*, Academia das Sciencias, segunda série, volume VIII, n.º27, pp.175-208.

Outcharenko, O. (2012), “A historiografia dos descobrimentos portugueses nos séculos XV-XVI e a sua influência sobre o conceito de história em os Lusíadas de Luis de Camões”, *Actas da VI reunião internacional de camonistas*. Coordenação Seabra Pereira & Manuel Ferro. Imprensa da Universidade de Coimbra. Pombalina Coimbra University Press.

Park, K. & Daston, L., (1981). Unnatural conceptions: the study of monsters in sixteenth- and seventeenth-century France and England. *Past and Present*. 1: 20-54.

Peinado, L.R., (2009). “Las Sirenas”. *Revista Digital de Iconografia Medieval*, Vol.I, n.º1, pp.51-63.

Pereira, J.A.R. (1994). “Portugal e o senhorio do mar nos séculos XV e XVI”. Actas do I Simpósio de História Marítima – As navegações portuguesas no Atlântico e o descobrimento da América. Lisboa, 1992. Academia de Marinha.

Pereira, L. B. (2002). “Os Bestiários medievais franceses: origens e lições de sobrevivência”, em: M. Alarcão, L. Krus e A. Miranda (eds.), *Animalia: presença e representações*, Edições Colibri, pp.145-157.

Picanço, C.; Carvalho, I. & Brito, C. (2009). Occurrence and distribution of cetaceans in São Tomé and Príncipe tropical archipelago and their distribution to environmental variables. *Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom*, 89(5): 1071-1076.

Pinto, J. R., (1988). “Houve diários de bordo durante os séculos XV e XVI?”. Série Separatas 204. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa. Separata da Revista da Universidade de Coimbra. Vol. XXXIV. P.383-416.

Portuondo, M.M., (2009). “Cosmography at the *Casa*, *Consejo*, and *Corte* during the century of Discovery”. in Daniela Bleichmar (eds.), *Science in the Spanish and Portuguese Empires 1500-1800*, (California, Stanford University Press), pp. 57-77.

Ramos, A.M., (2008). *Os monstros na literatura de cordel portuguesa do século XVIII*. Ed. Colibri. Coleção “A IELTSar se vai ao longe”, IELT – FCSH/UNL, n.23, 353pp.

Reeves *et al* (2002). *Guide to Marine Mammals of the World*. National Audubon Society, p.238-247.

Richards, E., (1994). A political anatomy of monsters, hopeful and otherwise. Teratogeny, transcendentalism and evolutionary theorizing. *The History of science Society*. 85: 377-411

Roggen, V., (2007). “Biology and theology in Franzius’s *Historia animalium sacra* (1612)”, in Karl Enenkel and Paul Smith (eds.), *Early Modern Zoology: The construction of animals in science, literature and the visual arts*, (Boston, Brill), vol.7, pp. 121-146.

Roque, A.C. (2003). “Para uma outra leitura da carreira da Índia: a importância dos diários de navegação, roteiros e relatos de naufrágios para o conhecimento da costa Sul-Oriental de África no século XVI”. *Actas do V Simpósio de História Marítima – A Carreira da Índia*. Lisboa, 1998. Academia de Marinha.

Roque, A.C. (2018). “Towards a scientific approach of nature: Looking at southern Africa biodiversity throughout the 16th century Portuguese records on marine fauna” in Polónia, A. *et al* (Eds.), *Cross-Cultural exchange and the circulation of knowledge in the first Global Age*. Edições Afrontamento, CITCEM, pp.75-102.

Romero, A. (2012). “When whales became mammals: the scientific journey of cetaceans from fish to mammals in the History of Science”, in Aldemaro Romero (Ed.), *New Approaches to the Study of Marine Mammals*, InTech, pp.3-30.

Sánchez, A. (2013). *La espada, la cruz y el Padrón. Soberanía, fe y representación cartográfica en el mundo ibérico bajo la Monarquía Hispánica, 1503-1598*. Colección Universos Americanos. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid. 333 pp.

Seminário Republicano Regionalista. Diretor M. Paulino Gomes. 30 outubro 1932. Ano II, N.º 96.

Silvério, C. (2002). “O tópico dos animais nas memórias cronísticas sobre os reis da Dinastia de Borgonha”, em: M. Alarcão, L. Krus e A. Miranda (eds.), *Animalia: presença e representações*, Edições Colibri, pp.159-173.

Smith, P. & Findlen, P. (2002). “Commerce and the representation of nature in art and science”, In: Pamela H. Smith & Paula Findlen (eds.), *Merchantes & Marvels. Commerce, Science, and Art in Early Modern Europe*, Routledge, New York, pp.1-25.

Soler, I., (2003). *El nudo y la esfera – el navegante como artífice del mundo moderno*. Acantilado. 643 pp.

Stuckenberg, B. (2000). “The location and identity of the *Baixos da Judia*: Portuguese historical cartography of the Mozambique Channel and its relevance to the wreck of the *Santiago* in 1585”. *Natal Museum Journal of Humanities*, Vol.12, pp.51-78.

Tomás, J., (2013). *Ensaio sobre o imaginário marítimo dos portugueses*. CECS. Braga. eBook. 81pp.

Topper, D., (1996). “Towards an epistemology of scientific illustration”, in Brian S. Baigrie ed., *Picturing knowledge – historical and philosophical problems concerning the use of art in science*, (London, University of Toronto Press), pp. 215-249.

Van Duzer, C. & Dines. I. (2006), “The only Mappamundi in a Bestiary context: Cambridge, MS Fitzwilliam 254”, *Imago Mundi* 58 (1): 7-22.

Van Duzer, C., (2006), “From Odysseus to Robinson Crusoe: A survey of Early Western island literature”, *Island Studies Journal* 1 (1): 143-162.

Van Duzer, C., (2010), “A northern refuge of the monstrous races: Asia on Waldeseemüller’s 1516 *Carta Marina*”, *Imago Mundi* 62 (2): 221-231.

Van Duzer, C., (2012), “Hic sunt dracones: The geography and cartography of monsters”, In: Asa Mittman & Peter Dendle (eds.), *The Ashgate research companion to monsters and the monstrous*, pp.387-435.

Van Duzer, C., (2013), “The sea monsters in the Madrid manuscript of Ptolemy’s *Geography* (Biblioteca Nacional, MS Res. 255)”, *Word & Image*, 27 (1): 115-123.

Van Duzer, C., (2013), *Sea monsters on Medieval and Renaissance maps*, The British Library, 144 pp.

Verdcourt, B. (1989). *Flora of tropical East Africa*. Polhili, R.M. (ed.). A.A. Balkema.

Vieira, A. (1997). Sermão. “*Deus criou os monstros marinhos **Monstros e animais marinhos, bendizei o Senhor”, *Sermão de Santo António aos Peixes (Pregado na cidade de S. Luís do Maranhão em 1654. Padre António Vieira*. Notas de Padre Joaquim Ferreira Lopes. 1998. Parque Expo 98, S.A. Lisboa. 65pp.

Vieira, A. T., (2010). “O conceito de natureza em Plínio o velho”. *Anais de Filosofia Clássica*, Vol.IV, n.º8, p.60-69.

Walker, T., (2009). “Acquisition and circulation of medical knowledge within the early modern Portuguese colonial empire”, in Daniela Bleichmar (eds.), *Science in the Spanish and Portuguese Empires 1500-1800*, (California, Stanford University Press), pp. 247-270.

Weir, C. (2010). A review of cetacean occurrence in west Africa waters from the Gulf of Guinea to Angola. *Mammal Review*, 40(1): 2-39.

Wiley, D. et al (2011). “Underwater components of humpback whale bubble-net feeding behavior”, *Behaviour*, 148: 575-602.

Wittkower, R., (1942). Marvels of the east. A study in the history of monsters. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*. 5: 159-197.

Wright, T., (1845). The fabulous natural history of the Middle Ages. *The archaeological album; or, Museum of National Antiquities*, pp:174-186. Chapman & Hall. London. eBook of Project Gutenberg.

Anexo

Devido a algumas das descrições contidas nos *Comentários* de Silva Y Figueroa serem demasiado extensas ou devido a referirem aspetos que não se enquadravam no objetivo principal deste trabalho, foram reproduzidas neste anexo, pois não deixam de ser importantes para a análise efetuada.

Estas mesmas citações encontram-se devidamente assinaladas nas referências deste trabalho. Aqui será indicado novamente a referência em questão e a página a que diz respeito neste trabalho, assim como o volume e a respetiva página da obra consultada, onde se pode encontrar a citação.

Referência 558, p.196:

*“En el **Mediterraneo**, aunque ay **tanbien esta mesma especie de vitulos marinos, á quien los italianos llaman vitelos, son mucho menores sin conparacion que estos del Ocçeano, auiendo en aquel mar tanbien otros lobos mucho menores que los vitelos, á que propriamente los mesmos italianos llaman lupos, y de estos se hallan mas de ordinario.**”*
(Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.60).

Referência 561, p.197:

*“Deçian algunos de los marineros que se hallaron presentes, que el año de 1609 ern que vénia por capitan mayor de las naos de aquel viagem Don Manuel de Meneses, **paresçio en este mesmo parage del Cabo de Buena Esperança outro lobo semejante á este, aunque la gente de mar no lo conoçia por este nombre**, dandosele de monstruo por verse tan raras vezes, el qual lobo lleo á la proa de la nao Capitania, y sigun pareçio deuia de uenir muy cansado de nadar (...). **Creian muchos**, luego que paresçio*

este lobo, **que era**, segun su mucha grandeça y grosedad, **cauallo marino**, y esto por la mucha notiça que los portugueses tienen dellos, viendolos ordinariamente en los rios de Cuama, entre Çofala y Moçanbique, porque en este rio, que es de los grandes y famosos del mundo, se crían mucha cantidad de grandes hipopótamos ó cauallos fluuiatiles, sin conparaçion mayores y mas feroçes que los del Nilo (...). En el rio nadan com mucha presteza y agilidad, dando muchas vezes muestra de acometer las enbarcaciones que por el nauegan á las fortalezas de Sena y Jete, **pudiendose com mucha rrazon darle nonbre á estos grandes animales aquatiles, segun su forma y grandeza, de elephantes fluuiatiles, no teniendo mas aparencia de cauallos que la propriedade hinible, dando grandes relinchos como los cauallos de tierra, por cuya causa los griegos los llamaron hipopótamos, que es lo mesmo que cauallos de rio. Pues por auer visto los portugueses muchas [veces] los dichos hipopótamos en el rio de Cuama, y pareçiendoles que en lo que descubria el lobo marino sobre el agua, ansie n la grandeza como en la forma de la cabeça, no era muy diferente dellos, creyeron que de alguno de aquellos rios que [están] entre los Cabos de Buena Esperança, el Cabo Falso y el de las Agujas, uiesse algun hipopótamo entrado tan dentro del mar, lo qual es del todo muy contrario á su naturaleza dellos, no saliendo jamas del agua dulce de los rios sino en sus rriberas çercanas.**" (Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.60).

Referência 563, p.198:

"Estos animales que en tropas son tan çiertos en este Parçel, á que los marineros portugueses llaman lobos marinos, porque realmente no conoçen otros, se uieron este dia de la mayor parte de la gente de la nao, muy çerca della, como suelen parecer los delphines mucho juntos, mas de suerte que nadie pudo juzgar su forma y grandeza, mas de uerse sobre el agua levantados unos picos ó puntas de la forma que son las aslas ó pinas de los tiburones, sino que estos parecen de muchos pelos ó lana amassados y juntos como grandes vedijas de perros de agua. Los marineros mas cursados en este viagem dezian auerlos visto algunas vezes descubiertos todos sobre el mar y que eran del tamaño de alanos pequeños, aunque de menores cabeças, y que desde los honbros por ellos y todo el cuello estan cubiertos de unas vedijas como los perros de caça de rribera y á semejança de los leones, y desde los ombros abaxo lleuan forma y hechura de pescado, mas de ser el cuello cubierto de un pelo muy corto y espesso, acabando la cola en sus dos pontas ó alas como las de los demas pescados; y segun esto, lo que entonçes se uio de estos lobos ó

eran sus vedijas ó las puntas de las colas.” (Figueroa, G. S. (1903-1905a), p.64).

Referência 571, página 201:

*“...las primeras **islas de Quirinba**, tierra baxa y com algunos palmares. **Tomaronse** desde la proa **cantidad de dorados, y unos dellos de quatro pies de largo;**”* (Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.509).

Referência 571, página 201:

*“...muy proueidos de buen pescado por los **muchos dorados y albicoras** que cada dia **matauan**, siendo muchas de estas **tan grandes como atunes**, de manera que **apenas dos marineros podian con cada una dellas**, y los **dorados los mayores que hasta entonces se auian visto**, siendo algunos de **quatro y cinco pies de largo.**”* (Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.544).

Referência 579, página 204:

*“...ser la más cercana á la **bahia de San Blas**, y por uerse luego **algunos lobos marinos;**”* (Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.615).

Referência 579, página 204:

*“...le parecio al piloto tener ya doblado el **cabo de las Agujas** porque se **vieron entonces y dos dias antes cantidad de lobos marinos...**”*(Figueroa, G. S. (1903-1905b), p.616).

Referência 585, página 207:

*“...estando el Embaxador en la varanda de la caravela, siendo el dia casi calma oyó un **gran ruido por bonbordo**, como si muchos honbres juntos á un tiempo se lançasen al mar, y leuantandose á mirar lo que fuese (...) vio como el **agua del mar** vénia por aquella parte **moviendose com gran rruido, viniendo grandes espumas blancas** delante de la manera que algun gran barco con buena chusma rompe el agua mauegando con mucho*

inpetu. Descubriose luego tras las espumas y agua impelida, poco mas de seis pasos de la varanda, un monstruo marino cuya forma no se pudo bien distinguir, porque lo que del se pudo ver era el lomo, desde las agujas ó honbros hasta el fin del espinazo ó nasçimiento de la cola; lo que del se paresçio era mas grueso que un elefante y de mas de quatro braças de largo; el color como el mesmo elefante, y mas propriamente como la quilla buelta hazia arriba de alguna gran manchua, que son los mayores barcos que en la India se usan, com la quilla no angosta de la parte inferior, sino tunbada como la buelta de una boveda, mostrando aquel color negro como está breada. No mostro, aunque visto de tan cerca, ningun genero de ala ó perpetaña, como las vallas y demas pescados, antes parecía, de la manera que andaua y rrompia el agua, tener la hechura de animal terrestre, nadando com quatro pies, siendo increíble el ruido que hazia y el gran movimiento del agua al derredor del. En el fin del lomo, no descubriéndose nada de las caderas, tenia en lugar de cola una cierta cosa levantada derecha hazia rriba y algo mas inclinada hazia adelante, del mesmo color negro que el lomo, de media braza de largo y mas grueso que un hombre, la qual no feneçia em punta, sino como si se estuuiese un pedaço de viga rrolliza ó troncon de arbol grueso al traves, ó serrado ygualmente, no siendo esta forma de cola mas gruesa del nasçimiento que en su ponta ó extremidade, sino ygual en la grosura dicha de anbas partes; la cabeça, aunque nada della se pareçia, mostraua tenella muy junto á los honbros, como un puerco ó elefante, lançando desde allí gran cantidad de agua, no en caños como las vallas, sino muy esparçida, dando grandes bufidos como los dos pescados grandes en forma de delphines, y mas propriamente phisiteres, que á la ida se vieron entre Moçanbique y Cabo Delgado. Aviase primero descubierto este prodigioso monstruo por la proa, y corriendo algunos criados del Enbaxador y marineros á la varanda por vele mejor, afirmaron no se acordar nadie de auer vistro outra semejante, ni oydo que tal uvisse parecido en parte alguna. Aunque com tan poco viento y tan contrario, despues de auerse dexado por bombordo á Cabo Delgado...”(Figuerola, G. S. (1903-1905b), p.544).

Referência 587, página 209:

“El Piloto y los demas honbres de mar que tienen algun credito de su profesion, presumen y tienen por gran quiebra de su reputaçion si respomdieran á alguna de estas cosas que alguno les preguntasse, y las mas vezes esta apariençia de arrogância suya es com artifiçio, porque com

este silêncio y disimulación encubren su mucha ignorância, hallandose despues lo contrario de lo que uviesen dicho.” (Figuerola, G. S. (1903-1905a), p.4).

Referência 587, página 209:

“Tomose el sol en menos de 8 grados. Y aunque estas medidas las toman los Pilotos y algunos de los otros marineros, com astrolábios tan pequeños que no tienen un palmo de diametro, á donde escasamente se puede conoçer medio grado de diferençia, ponen en sus roteiros confiadamente no solo treçios y sesmos de grados, pero quatro y cinco minuos, no siendo posible tomarse precisamente esta cuenta sino con instrumentos sin comparación mucho mayores.” (Figuerola, G. S. (1903-1905a), p.9).

Referência 590, página 210:

“Esta peligrosa y obstinada ignorância auqnue es muy ordinária en todo genero y calidad de personas de la naçion portuguesa, causa de auerle sucedido grandes desgraçias, es sin conparaçion mayor en casi todos los pilotos y marineros, querendo antes perderse com la naue que gouiernan que tomar parecer de nunguno de sus conpañeros (...) mucha obstinaçion de los Pilotos. Y aunque no se le puede negar á Gaspar Ferreira, de quien se ua tratando, su mucha vigilância y cuydado, com el grande vso y conoçimiento de esta nauegaçion, tuuo en este presente uiage, por las causas que se na dicho, la mesma arrogância y vana presunçion que los demas Pilotos.” (Figuerola, G. S. (1903-1905a), p.49).